

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – ESTUDOS LITERÁRIOS

A escrita em línguas híbridas e a superação da tradição do silêncio dos sujeitos transfronteiriços: uma comparação entre a escrita literária em portunhol e em *spanglish*

Por Fernanda Arruda Abrantes

Orientação: Prof^a. Dr^a Silvina Liliana Carrizo

Juiz de Fora
Agosto 2018

Fernanda Arruda Abrantes

A escrita em línguas híbridas e a superação da tradição do silêncio dos sujeitos transfronteiriços: uma comparação entre a escrita literária em portunhol e em *spanglish*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Literatura, Identidade e outras manifestações culturais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Doutora em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Silvina Liliana Carrizo

Juiz de Fora
2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Abrantes, Fernanda Arruda.

A escrita em línguas híbridas e a superação da tradição do silêncio dos sujeitos transfronteiriços: uma comparação entre a escrita literária em português e em spanglish / Fernanda Arruda Abrantes. -- 2018.

237 f.

Orientadora: Silvina Liliana Carrizo

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2018.

1. Português. 2. Spanglish. 3. Fronteira. 4. Híbridação linguística. 5. Modos de Identificação. I. Carrizo, Silvina Liliana, orient. II. Título.

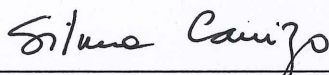
Fernanda Arruda Abrantes

A escrita em línguas híbridas e a superação da tradição do silêncio dos sujeitos transfronteiriços: uma comparação entre a escrita literária em portunhol e em *spanglish*

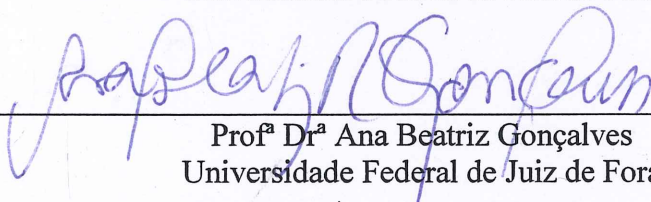
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Literatura, Identidade e outras manifestações culturais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Doutora em Letras.

Aprovada em 27 de agosto de 2018.

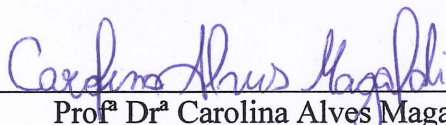
BANCA EXAMINADORA:



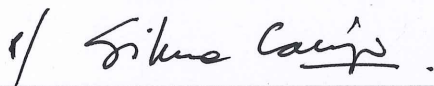
Profª Drª Silvana Liliانا Carrizo (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora



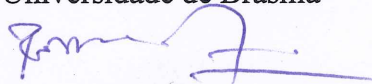
Profª Drª Ana Beatriz Gonçalves
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profª Drª Carolina Alves Magaldi
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Biagio D'Angelo
Universidade de Brasília



Prof. Dr. Rômulo Monte Alto
Universidade Federal de Minas Gerais

Agradecimentos

Ainda que se trate de um trabalho individual, requisito para obtenção do título de doutora em Letras, várias vozes se fizeram presentes aqui.

Primeiro, obviamente, a de cada teórico e crítico que, a partir de suas considerações iniciais, me ajudaram a compor os meus próprios argumentos.

Segundo, a voz da minha orientadora e amiga, Silvina, que me acompanha desde a graduação (passando pela especialização, mestrado e agora doutorado), obrigada pela parceria que incluiu puxões de orelha, “sessões de terapia”, conversas regadas a uma cervejinha e muito apoio.

Também à minha co-orientadora Elsa Leticia, agradeço pela leitura atenciosa, pelas dicas, as franquezas e também pela amizade que se construiu durante minha estadia no México.

À Ana Beatriz, que junto com a Silvina, seguiu meus passos desde a graduação em Língua Espanhola, agradeço por ter sempre um elogio a fazer e uma dica preciosa a dar para meus textos.

Ao Biagio, que me acompanha desde o mestrado, agradeço a leitura atenta, o otimismo para com a minha pesquisa e as críticas construtivas.

A vocês eu agradeço por terem acreditado no meu trabalho, me dando sugestões preciosas, me alentando e incentivando desde o mestrado, na qualificação do doutorado e, agora, na defesa.

Aos demais membros, Carolina Magaldi, Rômulo Monte Alto, Bárbara Simões, Ana Cristina dos Santos, Maria Aparecida Schmitt e Charlene Miotti, que conheceram meu trabalho mais recentemente, agradeço pela disponibilidade de aceitarem o convite e por fazerem parte da etapa final desta pesquisa.

Não posso deixar de agradecer à Dayane, de aluna a melhor amiga e conselheira, que mesmo a distância e com todos seus percalços da vida, esteve me apoiando e fazendo também sua leitura e críticas para me ajudar.

Agradeço a minha família por me apoiar.

Aos amores furtivos, que saíram da minha vida na hora certa, para que eu pudesse estudar.

Agradeço ao Fabián Severo que, mesmo sendo o objeto de pesquisa, mostrou-se sempre muito acessível e amável.

Agradeço a Deus por ter me ajudado a superar os medos, as ansiedades, os desânimos e a vontade de desistir!

À equipe do PPG- Letras: Alexandre Faria, Giselle, Daniele e Caio, obrigada pela disponibilidade e pronto atendimento às solicitações e demandas.

Um agradecimento especial à CAPES, pelo financiamento dispensado por meio do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), para que eu pudesse concluir uma fase de pesquisas na Universidad Autónoma de Zacatecas, México.

Resumo

A presente tese foi desenvolvida a partir do questionamento referente às possíveis formas de identificações para os sujeitos que vivem a experiência transfronteiriça, não só por habitar o espaço intersticial da fronteira, mas por sua vivência entre-línguas e culturas de mais de um país. Nossa atenção volta-se, inicialmente, para a fronteira Uruguai/Brasil, por reconhecermos que o processo de colonização do norte uruguaio se deu a partir do estabelecimento de uma população lusófona que teve seus descendentes alfabetizados em língua espanhola ao mesmo tempo em que sua língua materna era conservada em âmbitos domésticos, o que acabou por determinar o surgimento e a manutenção de uma língua híbrida resultado do contato entre o português e o espanhol. Apoiando-nos nos estudos sociolinguísticos desenvolvidos desde a década de 50, do século passado, pudemos observar a permanência da língua materna híbrida que foi combatida e silenciada durante as sucessivas políticas linguísticas adotadas no Uruguai, até o seu recente reconhecimento como segunda língua do país e a tentativa de considerar o portunhol como Patrimônio Cultural Imaterial pela UNESCO. Nossa pesquisa aponta para a literatura escrita em portunhol como forma de legitimação da língua híbrida e, a partir da seleção de uma série histórica do portunhol literário, optamos pela análise da obra do poeta artiguense Fabián Severo para comparar os procedimentos de escrita literária na mescla linguística. Baseando-nos no conceito de bi(pluri)linguajamento, proposto por Walter Mignolo (2003), consideramos que a experiência na mescla linguística estaria relacionada a um estilo de vida, assim, propusemo-nos a colocar em diálogo, através de uma perspectiva comparativista – método crítico próprio ao diálogo dentro das pesquisas em literatura e cultura do campo literário latino-americano –, a escrita literária em portunhol com a escrita em *spanglish* executada pela escritora chicana Gloria Anzaldúa para dar a entender como a língua se relaciona diretamente com os modos de identificação dos sujeitos transfronteiriços. Finalmente, abordamos como as políticas linguísticas vêm tratando do fato de que a língua nacional nem sempre é a língua materna de uma parcela da população.

Palavras-chave: Portunhol, *Spanglish*, Fronteira, Híbridação Linguística, Modos de Identificação.

Abstract

The present thesis was developed based on the inquiring of possible forms of identification for the subjects living the cross-border experience, not only because they inhabit the interstitial space of the border, but also because of their experience between languages and cultures of more than one country. Our attention is focused initially on the Uruguay / Brazil border, since we recognize that the process of colonization in northern Uruguay was based on the establishment of a Portuguese and maintenance - speaking population whose descendants were literate in the Spanish language at the same time as their language was preserved in domestic settings, which eventually determined the emergence of a hybrid language resulting from the contact between Portuguese and Spanish. Based on the sociolinguistic studies developed since the 1950s, we have been able to observe the permanence of the hybrid mother tongue that was combated and silenced during the successive linguistic policies adopted in Uruguay until its recent recognition as the second language of the country and the attempt to consider portunhol as an Intangible Cultural Heritage by UNESCO. Our research points to literature written in portunhol as a way of legitimization of the hybrid language and, from the selection of a historical series of the literary portunhol, we opted for the analysis of the work of the Artiguense poet Fabian Severus to compare the procedures of literary writing in the linguistic mix . Based on the concept of bi (pluri) language, proposed by Walter Mignolo (2003), we consider that the experience in the linguistic fusion would be related to a lifestyle, so we proposed to put in dialogue, through a comparative perspective - a critical method specific to dialogue within Latin American literary and literary research - the literary writing in Portuguese with the Spanglish script written by the Chicana writer Gloria Anzaldúa to imply how the language relates directly to the modes identification of cross-border subjects. Finally, we discuss how linguistic policies have dealt with the fact that the national language is not always the mother tongue of a portion of the population.

Keywords: Portunhol, Spanglish, Border, Linguistic Hybridization, Identification Modes

Resumen

La presente tesis ha sido desarrollada a partir del cuestionamiento referente a las posibles formas de identificaciones para los sujetos que viven la experiencia transfronteriza, no solo por habitar el espacio intersticial de la frontera, sino por su vivencia entre-lenguas y culturas de más de un país. Nuestra atención se volca, inicialmente, para la frontera Uruguay/Brasil, por reconocer que el proceso de colonización del norte uruguayo se dio a partir del establecimiento de una población lusófona que tuvo sus descendientes alfabetizados en lengua española al mismo tiempo en que su lengua materna era conservada en ámbitos domésticos, lo que acabó por determinar el surgimiento y la manutención de una lengua híbrida resultado del contacto entre el portugués y el español. Apoyándonos en los estudios sociolingüísticos desarrollados desde la década de los '50, del siglo pasado, pudimos observar la permanencia de la lengua materna híbrida que fue combatida y silenciada durante las sucesivas políticas lingüísticas adoptadas en Uruguay, hasta su reciente reconocimiento como segunda lengua del país y el intento de considerar el portuñol como Patrimonio Cultural Inmaterial por la UNESCO. Nuestra investigación apunta para la literatura escrita en portuñol como forma de legitimación de la lengua híbrida y, a partir de la selección de una serie histórica del portuñol literario, optamos por el análisis de la obra del poeta artiguense Fabián Severo para comparar los procedimientos de escrita literaria en mezcla lingüística. Basándonos en concepto de bi(pluri)linguajamento, propuesto por Walter Mignolo (2003), consideramos que la experiencia en la mezcla lingüística estaría relacionada a un estilo de vida, así, nos propusimos a colocar en diálogo, a través de una perspectiva comparativista – método crítico propio al diálogo dentro de las investigaciones en literatura y cultura del campo literario latinoamericano –, la escrita literaria en portunhol con la escrita en *spanglish* ejecutada por la escritora chicana Gloria Anzaldúa para dar a entender como la lengua se relaciona directamente con los modos de identificación de los sujetos transfronterizos. Finalmente, abordamos como las políticas lingüísticas están tratando del hecho de que la lengua nacional no siempre es la lengua materna de una parcela de la población.

Palabras-clave: Portuñol, *Spanglish*, Frontera, Hibridación Lingüística, Modos de Identificación.

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1: O portunhol da fronteira Uruguai/ Brasil.....	24
1.1 Breve histórico sobre a colonização oriental.....	25
1.2 Demarcando territórios geográficos e sociolinguísticos: reflexos sobre a fronteira	30
1.3 O espaço de enunciação fronteiriço	39
1.4 Políticas linguísticas: do idela de pureza ao reconhecimento da língua híbrida da fronteira.....	48
Capítulo 2: A série histórica do portunhol literário uruguaio.....	56
2.1 Agustín Ramón Bisio: o precursor da poesia fronteiriça	57
2.2 A poética riverense de Olynto María Simões	63
2.3 A questão fronteiriça em Saúl Ibargoyen Isla	71
2.4 O portunhol guachesco de Paco Trelles	77
2.5 A crítica à literatura em portunhol	81
2.6 A poética artiguense de Fabián Severo	86
2.7 A pequena literatura em portunhol e o mercado editorial	94
Capítulo 3: A poética de Fabián Severo: identidade, memória e afeto	105
3.1 Viver fronteiras: Artigas e o portunhol	105
3.2 Farejando rastros de vida	114
3.3 Poéticas da memória e do afeto	123
Capítulo 4: Comunidades transfronteiriças: uma comparação entre a fronteira Uruguai/ Brasil e a fronteira México/Estados Unidos	131
4.1 A crise da identidade (bi)nacional	131
4.2 A fronteira México/ Estados Unidos e a constituição do chicano	135
4.3 Fronteiras estendidas: a formação de comunidades chicanas no interior dos Estados Unidos	148

4.4 Língua e literatura chicanas	155
Capítulo 5: Portunhol e <i>Spanglish</i> : modos de identificação transfronteiriços e hibridação linguística	164
5.1 A crise da língua pátria	164
5.2 Bilinguajamento: experiências entre fronteiras linguísticas e espaciais	167
5.3 O peso de uma língua estigmatizada	183
Capítulo 6: Por uma política linguístico-literária para as línguas híbridas.....	194
6.1 A voz e vez dos silenciados: o resgate da língua mesclada	195
6.2 Educação bilíngue e o reconhecimento do português do Uruguai	205
6.3 A Literatura da Fronteira e a legitimação do portunhol	216
Considerações finais	221
Referências	225

Si los poetas somos como niños que juegan con las palabras, la frontera es una gran juguetería. Hay un río que riega dos países, puentes que llevan y traen, calles que hablan varias lenguas. Allí la sangre se mezcla, la lengua se entrevera, la vida se multiplica. Donde los mapas se unen o se despegan, donde alguien dibujó una línea sobre agua o un borde sobre tierra, la gente vive fronteramente y habla un limbo idiomático. La frontera soy yo que ni sé de dónde soy.

FABIÁN SEVERO

Because I, a *mestiza*
continuallity walk out of culture
and into another,
because I am in all cultures at the same time,
alma entre dos mundos, tres, cuatro,
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteada por todas las voces que me hablan
Simultáneamente.

GLORIA ANZALDÚA

En el mundo postmoderno en que habitamos, no hablamos de una identidad sino de identidades que coexisten, que se expanden y contraen según el contexto y el rol que desempeñamos. Somos capaces de amar muchas veces, y también de sentirnos pertenecientes a diversas comunidades. Sin embargo, el idioma nos delata, como la marca de Cain, y el acento acompaña nuestro deambular por el mundo. El lenguaje está en el exilio, y marca nuestro lugar sobre el puente.

GRACIELA SPECTOR-BITAN

Introdução

Mi lengua es lo que me define, es por medio de mi lengua que me manifiesto, me hace único y a la vez parte de otros, refleja mi visión del mundo, da cuerpo a mi forma de relacionarme con los demás. Estará fuera de los estándares lingüísticos de una monocromía oral impuesta, pero es mucho más vivo que cualquier catalogación académica – ENRIQUE DA ROSA¹, 2017

Nas últimas décadas, os termos “fronteira”, “identidade” e “território” vêm ganhando novas abordagens para referirem-se às mais diferentes situações e dimensões, convertendo-se em “metáforas conceituais” (GRIMSON, 2015), no entanto, propomo-nos a abordar esses termos também nos seus sentidos originais, entendendo a fronteira como a faixa divisória entre dois países, mas principalmente como o território compreendido entre o que o limite pretende separar, ou seja, toda a região que se forma da interação entre dois (ou mais) países na qual se observam interferências na cultura e língua de cada uma das nações envolvidas. A essa espacialidade formada pela interação entre diferentes países e pela interrelação entre as diferentes línguas e culturas, propiciada pelo contato e, em geral, pela aproximação geográfica, denominaremos região transfronteiriça². Essa região, produto da mescla, configura-se como um “Terceiro Espaço”, que desafia “nossa noção de identidade histórica da cultura como força homogeneizante, unificadora, autenticada pelo Passado originário mantido vivo na tradição nacional do Povo” (BHABHA, 1998, p. 67), ou seja, as regiões transfronteiriças, geográficas ou simbólicas, põem em xeque a utopia homogeneizante de pureza linguística e cultural, o que nos leva a questionar a noção de identidade nacional.

Com relação à cultura, devemos esclarecer que também esse termo vem ganhando novas acepções e que, por isso, o consideraremos aqui neste trabalho de

¹ Enrique da Rosa, gestor Cultural, gestor de Patrimônio Imaterial, Coordenador de Centros MEC Rivera e Coordenador do Jodido Bushinshe.

² Acrescentamos o prefixo trans ao adjetivo fronteiriço por acreditarmos que a condição dos sujeitos oriundos de fronteiras fluidas é de trânsito. Essa fronteira específica entre Uruguai e Brasil tem uma mobilidade que se configura na interação permanente, sem obstruções ao contato, a não ser por uma legislação que identifica os sujeitos de acordo com o lado da fronteira em que tenham nascido, sem que isso impeça o contato e interação. É importante mencionar que mantivemos a distinção entre os termos fronteiriço (referente à sua relação com a fronteira) e transfronteiriço (referente à condição de ser passível de transitar entre as culturas e línguas da fronteira e referente também a um modo de o sujeito se sentir identificado a partir da mescla, questionando assim a homogeneidade utópica das formas de identificações nacionais).

pesquisa a partir da concepção de “configurações culturais” (GRIMSON, 2015), por entendermos que, mesmo dentro de grupos que se pretendem homogêneos, a interpretação clássica de cultura já não dá conta de englobar as peculiaridades dos grupos afetados pelos processos de globalização e de (des)(re)territorializações (DELEUZE & GUATTARI, 1977). Assim, considerando os termos das configurações culturais, levamos em conta aspectos como “la heterogeneidad, la conflictividad, la desigualdad, la historicidad y el poder” que, segundo Grimson, são constitutivos de toda configuração cultural (GRIMSON, 2015, p. 187), pois a ilusão de homogeneidade e pureza há muito vem sendo questionada nas mais diversas esferas de conceitualização.

Nesse sentido, também quando queremos reconhecer uma “forma de identificação transfronteiriça”, não excluimos esses mesmos fatores divergentes que constituem as configurações culturais. No entanto, nosso objetivo é reconhecer as características convergentes que, a nosso ver, determinam que parte da comunidade fronteiriça apresente aspectos de semelhança entre si e que, por sua vez, se diferem dos demais habitantes do Uruguai e também do Brasil – países esses que formam a fronteira à qual dedicaremos a maior parte do nosso estudo. Nesse caso, ao coexistirem em um mesmo indivíduo atributos que o relacionam à identidade nacional uruguaia e brasileira, remetemos à expressão usada por Fernando Ainsa (2010), “lealtades múltiples”³, ou seja, no caso dos sujeitos transfronteiriços, ser leal a seu modo de identificação como uruguaio e também como brasileiro. Condição possível para quem vive “en medio” ou “en la grieta de dos mundos”.

Defendemos que, na região transfronteiriça, se verifica uma forma de identificação proveniente da mescla, na qual o sujeito apresenta características culturais e linguísticas que se relacionam com os países implicados na interação. Conforme observa Sonia Torres (1996), esses sujeitos têm seu lugar de fala determinado pela hibridação da linguagem e das tradições, opondo-se ao espaço monocultural tradicional. Por outro lado, verificamos que a tentativa de agrupar os indivíduos sob o critério da identidade acaba por conformar novas formas de fronteiras, as fronteiras simbólicas das identificações. Ainda assim, propomos aqui a existência de comunidades que se identificam mediante a interação e hibridação propiciadas pela experiência de viver na fronteira. Dessa forma, por meio da análise linguístico-literária, e da abordagem de conceitos referentes à sociolinguística, psicanálise, história, geografia entre outros,

³Ainsa menciona que o sentimento de lealdade múltipla é passível de acontecer também com os exilados, refugiados e imigrantes.

apresentaremos nossas considerações que buscam demonstrar que uma considerável parcela da população não se adequa aos moldes da “identidade e língua nacionais” por sentir-se, de certa maneira, pertencente a duas (ou mais) formas de identificações ao mesmo tempo, ou seja, indivíduos com identidades transfronteiriças, aspectos bi(pluri)culturais e línguas híbridas que mesclam vocábulos, sintaxe e fonologias das línguas oficiais dos países limítrofes entre si. Claro está que em todo e qualquer agrupamento é passivo de existir, numa análise individualizada, indivíduos que fogem ao padrão do traço distintivo que os caracterizam como grupo. Porém, segundo a noção de configuração cultural proposta por Grimson (2015, p. 183), consideramos que “cada grupo significa, valora y jerarquiza sus propias diferencias de manera distinta”; assim sendo, nossa intenção é tratar dos traços que os aproximam como grupo, e não dos traços que os diferenciam.

Através deste trabalho de pesquisa, pretendemos analisar a Literatura da Fronteira, a qual definimos não só a partir da região em que é produzida, mas também por meio da interação que põe em contato as tradições, culturas e línguas de países distintos devido sua proximidade, além da oralidade e escrita na língua mesclada produzida no contato entre as línguas nacionais dos países limítrofes, da constituição de imaginários coletivos e, ainda, pela possibilidade de se identificar o sujeito transfronteiriço, marcado pela bi(pluri)culturalidade inerente ao indivíduo que se constitui no trânsito constante entre as formas de identificações das nações envolvidas no processo.

Apesar de interessar-nos pelos movimentos migratórios e, muitas vezes, as hibridações linguísticas ocorrerem desse processo, elegemos tratar não do sujeito que atravessa a fronteira, mas, antes, do sujeito que é atravessado por ela. Dessa forma, referiremos em maior parte à região limítrofe entre o norte do Uruguai com o sul do Brasil, por considerarmos que o processo de colonização do primeiro se deu após o estabelecimento de luso-brasileiros em seu território, o que determinou, em grande medida, a formação de uma população com características linguísticas, sociais e culturais que as diferenciam do restante da população uruguaia e também da brasileira.

Portanto, situamos a referida pesquisa na fronteira, mas não a fronteira do senso comum compreendida como a separação entre regiões ou países, e sim em um âmbito histórico-geográfico e sociocultural mais amplo, como zona de trânsito cultural e linguístico. Especificamente, referimo-nos às terras compartilhadas entre falantes de espanhol e falantes de português ou, ainda, falantes de portunhol. No sentido assinalado

pelo linguista uruguaio Luis Ernesto Behares, essa fronteira não se circunscreve às margens imediatas dos limites entre Brasil e Uruguai, podendo ser representada espacialmente pelo mapa resultante da seguinte demarcação:

Tracemos una línea más o menos recta desde la desembocadura del Río Ibicuí en el Río Uruguay y la rivera norte de la Lagoa dos Patos, que atraviese todo el Estado de Rio Grande do Sul (más o menos como lo hace la *Rodovia da Integração*) y otra que coincida con el Río Negro en territorio uruguayo. El territorio comprendido en esa franja se caracteriza por ser una zona cultural y lingüísticamente híbrida, con rasgos propios que la diferencian de la cultura brasileña y de la cultura uruguaya, constituyendo un continuo sociocultural en muchos aspectos (BEHARES, 2007, p. 99).

Ainda que a região sul-brasileira apresente aspectos linguísticos interessantes que fazem com que a língua portuguesa adquira características próprias que a identificam como “português gaúcho” ou “português fronteiriço”, devido à influência do espanhol no léxico e na fonologia, nossa proposta para a referida tese é tratar do campo literário⁴ (BOURDIEU, 1996) uruguaio, através de um trabalho de historicização que abrange a formação da língua fronteiriça e também a sua inserção em obras literárias. Temas dos quais trataremos, sucessivamente, nos capítulos um e dois.

No primeiro capítulo, faremos um recorte historiográfico referente ao processo de colonização do Uruguai, ressaltando as interferências luso-brasileiras em seu território, as quais acabaram por determinar influxos sociolinguísticos na região norte uruguaia, ademais da configuração de uma língua de base portuguesa. Para tanto, basearemos-nos nos estudos de linguistas uruguaio e brasileiros RONA (1965), ELIZAINCIN (1975, 1979, 1987, 1992), BEHARES (1984, 1990, 2010, 2011, 2017), BARRIOS (1992, 1995, 1999, 2008, 2017), STURZA (2006, 2010), entre outros, que descreveram o processo linguístico que determinou a existência e uso do Português do Uruguai.

Já no segundo capítulo, procederemos à seleção de uma série histórica de obras escritas em portunhol literário, tomando como marco precursor a publicação, em 1947,

⁴Campo literário é um conjunto de práticas que vai muito além da escrita literária. Envolve os atores que produzem, divulgam e comercializam a literatura, que a põe em circulação através das traduções, críticas, entrevistas, que a leva para a academia. É um sistema de agentes que trabalham dentro do campo artístico-literário. Campo literário é conceito pelo qual Pierre Bourdieu procura explicitar a idéia de que o entendimento da criação artística só é possível através do mapeamento das mediações interpostas entre obra e público. O conceito de campo literário é uma possibilidade mais versátil de entendimento da engrenagem que envolve a produção, a circulação e o consumo do material artístico. Estreitamente vinculado à noção de valor, pressupõe tomadas de posição que definem a boa ou má acolhida das obras em seu interior e sua duradoura ou efêmera permanência na memória do sistema literário (COUTINHO, 2003, p. 54).

do livro *Brindis Agreste*, de Agustín Ramón Bisio. Na sequência, apresentaremos outras edições em portunhol que sucederam à obra inaugural até chegarmos à escrita de toda a bibliografia literária de Fabián Severo, objeto desta pesquisa. Com a referida seleção, objetivamos analisar os procedimentos de escrita em portunhol e comparar quando se dá o processo de inserção de palavras da língua portuguesa no (con)texto espanhol ou quando a escrita se produz na língua mesclada, identificando assim a hibridação linguística ou a alternância dos idiomas.

Segundo observa a pesquisadora Silvina L. Carrizo (2018), essa nova série literária em línguas híbridas perturba a série produzida na monoglossia das línguas nacionais canonizada pelas instituições legitimadoras, sendo esse um movimento importante e necessário para a legitimação também das línguas minorizadas (LAGARES, 2013). Em suas palavras, “a copresença de línguas pode ser observada como uma das bases de apoio de projetos literários que põe em conflito o monolinguismo do arquivo da literatura nacional e, por sua vez, questiona os limites do idioma e da prática artístico-literária” (CARRIZO, 2018); desse modo, defendemos que a formação cultural⁵ que vem se consolidando em torno das línguas híbridas e minorizadas atuam também como agentes problematizadores e ideológicos que ajudam na divulgação e consequente aceitação daquilo que se desvia da norma, sem, no entanto, ser de menor valor ou importância, acionando, assim, um novo “arquivo da literatura, que sobreposto ao nacional, estaria funcionando dentro da ‘presença’ de outras memórias linguísticas no continente” (CARRIZO, 2018). Dessa forma, passamos a ter acesso a uma literatura menor (DELEUZE & GUATTARI, 1977, p. 30) – mas não menos importante –, produzida no seio de duas línguas maiores modificadas por um “forte coeficiente de desterritorialização”, que permite ao poeta “arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária”, ainda que nem sempre tão sóbria, tal como defendiam os pensadores franceses. É sobre essa literatura menor – ou pequena literatura

⁵O crítico Raymond Williams propõe o conceito de formação cultural para denominar grupos de caráter relativamente laxo e com ausência de regras definidas nas relações de seus membros, ou, ao menos, a dificuldade de percebê-las, características essas que lhes atribui um ar informal de um grupo de amigos e os distingue de corpos regulados, como a Universidade ou as associações profissionais (sociedades de escritores, por exemplo). Ainda segundo o crítico, formação cultural é a denominação reservada para os movimentos, os círculos, as escolas, ou seja, a essa variada gama de formas de agrupamento intelectual através de cuja existência e atividade se manifestam algumas das tendências da produção artística e literária. As formações se distinguem das instituições pelo número reduzido dos seus membros e pela rapidez com que se constituem e se dissolvem (WILLIAMS, 1981, p. 85-6 apud ALTAMIRANO & SARLO, 1983, p. 97-8).

(CASANOVA, 2002) –, fronteiriça e híbrida que nos debruçaremos neste trabalho de pesquisa. Assim, ademais da série histórica do portunhol literário apresentada no segundo capítulo, procederemos à análise da obra e das declarações públicas de Fabián Severo no capítulo três, abordando aspectos biográficos (ARFUCH, 2010), traços autobiográficos e pactos de leitura entre o escritor e seus leitores (LEJEUNE, 2014), a experiência plurilíngue segundo a psicanálise (AMATI-MEHLER et al, 2005), além da relação que se estabelece entre a prática literária em portunhol e seu espaço de enunciação fronteriço (STURZA, 2006), que se expande através da língua que ignora os limites de cada país, e acaba por definir um multiterritório (HAESBAERT, 2007) ou uma região transfronteiriça, marcada pelas constantes interações e pelo trânsito de pessoas, línguas e costumes.

É ainda nossa intenção relacionar o processo linguístico-literário uruguaio a outras formações culturais latino-americanas afetadas pela condição fronteiriça. Dessa maneira, parece-nos relevante a escrita de todo um capítulo – o quarto – a respeito da língua, cultura e literatura chicanas, produzida fundamentalmente na fronteira México-Estados Unidos, por considerarmos que, em certa medida, o processo de expansão territorial dos Estados Unidos acabou por determinar que os mexicanos que permaneceram do lado norte adquirissem, com o passar do tempo, uma cultura, língua e formas de identificações marcadamente híbridas, pois a cultura ancestral indígena e mexicana foi sendo impactada pela cultura anglo através da educação formal em língua inglesa e da necessidade de adequar-se ao *American way of life*. Nossa intenção é por em diálogo, através de uma perspectiva comparativista entre as diferentes regiões e línguas, o processo norte-americano com o sul-americano, referente à fronteira Uruguai/Brasil, buscando problematizar a produção de literaturas em mix de línguas e em zonas transfronteiriças para identificar as formações culturais e suas emergências como produtos da história da colonização das políticas linguísticas e de certo conservadorismo do funcionamento dos campos literários.

Assim, a escrita do quinto capítulo se dará a partir da reflexão de uma suposta crise da identidade nacional (HALL, 1999 e TORRES, 1996 e 2001) e da proposição do processo de bi(pluri)linguajamento (MIGNOLO, 2003) para estabelecer que a questão da escolha linguística se refere antes a um modo de vida entre-línguas que, por sua vez, impacta nas formas de identificações dos sujeitos afetados pela sua condição transfronteiriça. Com esse intuito, procederemos à análise das referidas questões na obra

poético-ensaísta da escritora chicana Gloria Anzaldúa (1999) em (co)relação com as declarações públicas e a escrita poética de Severo.

Referindo-nos ao eixo condutor de nossa pesquisa, a literatura produzida na hibridação linguística oriunda da mescla entre português e o espanhol, especialmente aludiremos principalmente à região geográfica do norte uruguaio na qual se localiza a língua portuguesa modificada pelo contato com o espanhol oficial do Uruguai. Apresentamos a seguir um mapa em que as regiões destacadas referem-se à presença do portunhol falado pela população uruguaia.



Figura 1: Distribuição do português uruguaio⁶.

Mais que identificar a conformação de uma língua híbrida resultado do contato entre o espanhol e o português, propomo-nos a tratar de uma forma de identificação “reivindicada” pela população transfronteiriça através da língua que fala. Segundo a pesquisadora Eliana Sturza, a nova territorialidade construída a partir dos frequentes atravessamentos físicos decorrentes da mobilidade social da referida fronteira acabar por determinar que “a questão da identidade dos fronteiriços emerja e explicita-se também na língua, pois, na fronteira, as línguas (e aqui estamos tratando de duas línguas nacionais em contato) são constitutivas das relações dos sujeitos com o seu espaço social”, o qual Sturza denomina de Espaço de Enunciação Fronteiriço (STURZA, 2010, p. 85).

⁶Fonte: ANEP - Archivo Presidencia Gobierno de Uruguay, 09 mai 2008. Disponível em: http://archivo.presidencia.gub.uy/_web/noticias/2008/05/2008050910.htm. Acesso em: 04 mar 2017.

É importante ressaltar que na região assinalada em cores escuras no mapa, a situação sociolinguística da população é determinada pelo bilinguismo⁷, devido à coexistência de duas línguas em um mesmo ambiente geográfico, e também diglósica, pois existe uma hierarquização de valor e de uso das línguas. As línguas às quais nos referimos são o espanhol e o portunhol – reconhecido recentemente através da “Ley General de Educación”, de 2008, como segunda língua nacional⁸ do país, passando a denominar-se “Portugués del Uruguay”. Popularmente conhecida como portunhol⁹, nome que carrega em si um teor pejorativo, o português uruguaio é a língua materna de uma parcela considerável da população uruguaia que vive ao norte, e em menor medida, no nordeste do país.

Conforme assinala a pesquisadora Ana Maria Carvalho (2010), sem apoio institucional, o português uruguaio resistiu às políticas linguísticas que durante muitos anos impuseram a obrigatoriedade do espanhol e combateram a presença do português, motivados por uma ideologia que defendia fortemente o trinômio Estado-Nação-Língua. Além de língua materna, o português uruguaio é identificado também como “língua de herança”, uma vez que continua sendo preservado através das gerações, que o pratica em ambientes íntimos, mas que se diferencia da língua nacional da comunidade na qual está inserido.

É interessante destacar que, no processo de escolarização do sujeito fronteiriço, o portunhol vinha sendo totalmente excluído, sem sequer ser considerado como a língua materna do aluno, o que ocasionou uma série de problemas de aprendizagem, pois historicamente o ensino do espanhol foi oferecido como a língua nacional e única do

⁷ Faz-se necessário esclarecer que o termo bilinguismo será aqui empregado em distinção do termo bilinguagem, conforme a concepção dada por SALGADO (2008). Para a estudiosa, o bilinguismo se refere à situação de contato entre duas línguas, enquanto que a bilinguagem é a forma como se expressa o bilinguismo nas atividades humanas, ou seja, o nível individualizado do bilinguismo em cada sujeito.

⁸ É importante mencionar que o Uruguai é um dos poucos países a não estabelecer uma política linguística definidora de sua língua oficial. Desse modo, o espanhol é considerado a língua nacional e da educação pública, conforme atestam os documentos mais recentes sobre o estabelecimento de políticas linguísticas para educação pública no país: “En el caso uruguayo, a modo de ejemplo, podemos contraponer a la inexistencia de una Lengua Oficial (que debería ser declarada tal por la Constitución o por alguna ley complementaria) la existencia de una amplia gama de decisiones sectoriales dispersas en documentos que regulan la actividad social y administrativa: artículos del Código General del Proceso (donde se indica que los “escritos” deben presentarse en Español), leyes específicas referentes a la legalización de documentos provenientes del extranjero (que indican la traducción al Español certificada por Traductor Público), diseños curriculares oficiales en donde se da por sentado que el Español es la lengua oficial de la enseñanza, entre muchas otras de variadísimo tipo” (ANEP, 2006-2007, p. 8).

⁹ Apesar de reconhecermos a carga semântica negativa atribuída geralmente ao termo “portunhol”, optamos por empregá-lo nesse estudo, devido ao fato de a palavra portar em si a potência da língua, ou seja, reconhecemos individualmente cada uma das línguas (o português e o espanhol), mas também visualizamos a mistura. É com esse sentido pleno, que guarda o conflito e a mescla, que empregamos a palavra.

Uruguai e não como segunda língua, que é a posição que ocupa para esses indivíduos em questão. Vale ressaltar que “[e]m oposição ao ensino de línguas estrangeiras, no caso de ensino de línguas de herança, o papel da identidade permeia todo o campo, devido precisamente às relações intrínsecas entre identidade e língua (CARVALHO, 2010, p. 61). Desse modo, podemos considerar que o falante de português uruguaio, ao preservar sua língua, marca também seu lugar político, cultural e identitário.

Defendemos, ainda, que a escrita literária na língua hídrida questiona e põe em xeque a ideologia monolíngue proposta para configuração do Estado-Nação, uma vez que evidencia a existência de uma língua viva, matéria efetiva de comunicação doméstica e cotidiana e que identifica uma parcela da população que se expressa na mescla linguística sem o conflito da fala, que por longo período conviveu com a tradição do silêncio, por ter sua língua materna negligenciada no processo educativo e rejeitada pelo restante da população que não reconhecia outra língua nacional além do espanhol.

Apesar do descaso e também do combate ao português Uruguai, recentemente passa-se a se verificar uma tentativa de reconhecer e preservar a língua híbrida da fronteira. Nesse sentido, citamos as medidas adotadas pelo Ministério de Educação Uruguaio que, através de documentos oficiais, da nova “Ley General de Educación” e da implementação de políticas linguísticas que reconhecem as particularidades da região, vem implementando, desde 2003, projetos de educação bilíngue para os departamentos fronteiriços. Tais projetos objetivam resgatar uma cultura e língua que há muito vinham sendo negadas e combatidas devido às ideologias políticas de unificação linguística para controle da nação, ou seja, houve uma valorização da língua portuguesa, mas ainda há poucos projetos voltados para a valorização do portunhol. No sexto capítulo, deteremo-nos sobre essa questão referente à educação bilíngue, a permanência do portunhol na região fronteira e a escrita literária como forma de legitimação da língua e de sua comunidade de fala.

Consideramos que a literatura em portunhol, mais que um manifesto estético, é uma forma de identificação para o sujeito transfronteiriço. Portanto, seu resgate e a tentativa de agregar capital literário (CASANOVA, 2002) à literatura produzida em portunhol também se relacionam com a legitimação de uma língua, ora considerada erro e por isso estigmatizada, ora considerada ameaça à pureza linguística de uma nação e por isso combatida. Interessa-nos, também, pensar de que modo as obras escritas em portunhol relacionam-se com os conceitos de literatura menor, desenvolvido por

Deleuze e Guattari (1977), e de pequena literatura, proposto por Pascale Casanova (2002).

Baseando-nos nos postulados do teórico argentino Walter Mignolo, pretendemos, por meio do “pensamento liminar”, isto é, aquele que se desenvolve a partir do encontro entre as ciências humanas e a literatura, que a análise linguístico-literária aqui desenvolvida seja considerada não somente como um “estudo estético, linguístico ou sociológico”, mas como “produção de conhecimento teórico” e “reflexão sobre problemas de interesse humano e histórico”. Consideramos o aspecto linguístico, “não necessariamente em termos de gramática ou fonética, mas em termos de política da língua” (MIGNOLO, 2003, p. 305) e, como tal, requeremos um lugar de reconhecimento para a Literatura da Fronteira escrita em língua híbrida, seja oportunhol, o *spanglish*¹⁰ ou os demais repertórios linguísticos caracterizados pela mescla.

Acreditamos que a abordagem literária, juntamente com as considerações sociolinguísticas aqui aludidas, lança um novo olhar sobre a fronteira e o modo de identificação do sujeito transfronteiriço que se desenvolve nesse espaço de enunciação peculiar. Como a literatura é capaz de narrar as subjetividades e permite chegar aos pensamentos e sentimentos mais íntimos das personagens, consideramos que as análises literárias possam complementar a relativa objetividade das ciências sociais, em geral baseadas em estatísticas ou respostas objetivas e despersonalizadas, através de uma “perspectiva humanística das experiências” e dos “imaginários dos sujeitos [trans]fronteiriços” (OLSSON, 2016, p. 16). Apoiando-nos nas afirmações do crítico uruguaio Fernando Aínsa, propomos neste trabalho de pesquisa a análise de textos literários, juntamente com abordagem de outras áreas do conhecimento como a Linguística, Sociolinguística, Geografia e Psicanálise, como alternativa para tentar identificar as contradições e ambiguidades do sujeito transfronteiriço:

La narrativa [literaria] asume la problemática de la identidad en toda su complejidad y polivalencia, porque tolera más fácilmente que otros géneros las contradicciones y la ambigüedad que son propios de la realidad. Es así como en la literatura se verbalizan y simbolizan hechos y problemas que no

¹⁰ O termo *spanglish* será aqui empregado no mesmo sentido pleno que empregamos o termoportunhol, para que fique clara a presença das línguas espanhola e inglesa e, ao mesmo tempo, para que possamos visualizar a condição de contato e mescla entre as línguas. Nosso enfoque será dado ao espanhol chicano, referente à comunidade de origem mexicana, que se configura como uma das variedades do *spanglish*, tal como também o é a variante dos portorriquenhos, o nuyoricano. Portanto, o uso do termo *spanglish* referir-se-á à condição geral e mais abrangente da mescla entre inglês e espanhol, tal como oportunhol se refere à mescla do português com o espanhol.

siempre se han podido expresar libremente en el ensayo, en general más dependiente del modelo ideológico al que aparece referido. En ese sentido, puede afirmarse sin exagerar que la ficción literaria ha ido más allá que cualquier tratado de antropología o estudio sociológico en la definición de la identidad. Los datos estadísticos y las informaciones objetivas resultan muchas veces secundarios frente al poder evocador de las imágenes y las sugerencias de una metáfora (AINSA, 2010, s/p).

Conforme apregoa Aínsa (2010), através da relação entre Literatura e Geografia, é possível estabelecer relações espaço-literárias que identificam diferentes modos de caracterizar o comportamento humano e de re(a)presentar uma realidade. Assim, ao abordarmos a relação entre a fronteira e seus habitantes, acreditamos que, por meio da análise dos textos poéticos e das performances públicas de Severo, possamos caracterizar uma forma de identificação dos sujeitos transfronteiriços do limite específico entre Uruguai e o Brasil, pois defendemos que a linguagem é um dos fatores fundamentais para a identificação desses sujeitos em questão.

Ao refletir sobre esse espaço de interação entre povos distintos, de línguas e costumes diferentes, muitas indagações se apresentam como, por exemplo, é possível que uma divisão administrativa e política, que separa os países mas não as pessoas, consiga impedir que as línguas se mesquem? E se não, devemos considerar que a língua produto dessa interação é uma má formação? Tal como as línguas se misturam, existirão sujeitos culturalmente impactados pelas duas culturas de modo que não se sentirão mais uruguaios que brasileiros ou vice-versa? Ou no caso norte-americano, serão mais estadunidenses que mexicanos? Aceitas essas condições pluriculturais e plurilinguísticas, de que maneira esses indivíduos poderão se expressar e se fazerem notar se não por uma literatura que demonstre suas contradições e ambiguidades?

Seguindo os passos de Sonia Torres, no livro *Nosotros in USA* (2001) para a elaboração desta tese, entendemos que a literatura de subgrupos étnicos vincula-se ao valor cultural, histórico, e acrescentamos, sociolinguístico, exigindo uma abordagem que escape ao confinamento dos modos tradicionais de análise teórico-literária. Dessa forma, evadimos da análise do cânone, do centro e do nacional, uma vez que nosso foco é a fronteira e as formas de representação que surgem desse contexto peculiarmente à margem.

Escapando aos moldes convencionais da escrita de uma tese de doutoramento e articulando novos espaços abertos e livres de intolerância e xenofobia, que enchem os noticiários no mundo todo nos últimos tempos, optamos por fazer deste texto um contexto híbrido para as línguas das quais trataremos. Desse modo, optamos por manter

as citações em espanhol, portunhol e *spanglish* conforme verificadas nos textos de referência. Pretendemos, com isso, abrir espaço na academia para a hibridação linguística e, assim, promover o “amor ao bilinguajamento” (MIGNOLO, 2003).

Capítulo 1: O portunhol da fronteira Uruguai/Brasil

Ni de Uruguay ni de Brasil, ni en español ni en portugués. El portuñol es la lengua de las gónadas y del contrabando, del frío que cuaja el calor extremo que desciende sobre las personas y las cosas – JAVIER ETCHEMENDI.

A escrita deste primeiro capítulo marca o começo da nossa pesquisa, iniciada em 2015, sobre o portunhol¹¹ produzido na fronteira Uruguai/Brasil e sua apropriação como matéria literária pelo poeta artiguense Fabián Severo. Os estudos do portunhol dessa região têm sido bastante abrangentes na área da Linguística, da Sociolinguística e, mais recentemente, da Educação, mas, ao que parece, os estudos na Literatura ainda são escassos e quando encontramos referências literárias, essas foram utilizadas, em maior parte, como contexto para análise das práticas linguísticas, discursivas ou, ainda, para ilustração de aspectos sócio-históricos da região.

Nossa proposta para esse primeiro capítulo é fazer um recorte sobre o contexto geográfico e sobre as implicações históricas que podem ter interferido na formação de fenômenos sociais e linguísticos da referida fronteira. Em seguida, pretendemos discorrer sobre os estudos linguísticos desenvolvidos acerca da língua mesclada produzida nessa região, à qual convencionamos chamar portunhol, mas que aparecerá no decorrer do texto retomada por sinônimos como “dialecto fronterizo”, “Dialectos Portugueses del Uruguay” (DPU), denominações essas cunhadas por linguistas uruguaios e que, recentemente, consolidou-se como “Portugués del Uruguay”, a partir da “Ley de Educación General, de 2008”, passando a ser reconhecida como uma variedade da língua portuguesa falada em território uruaio.

Pretendemos lançar nosso olhar sobre a fronteira, de modo que a consideremos não em sua função de separar os limites de cada território, mas antes por sua condição geográfica que possibilita a aproximação em direção ao outro, abordando sua condição psicológica de permitir que o indivíduo se reconheça frente aos demais. Como espaço *sui generis* que funda novas realidades e simbologias, objetivamos, através dos estudos literários, revelar as contradições, similaridades e ambiguidades de uma região que, ao

¹¹Salientamos que o termo portunhol será utilizado durante todo o trabalho de pesquisa, sem que consideremos a carga semântica pejorativa que costuma ter quando atribuída à etapa de transição entre a língua portuguesa e espanhola no processo de aprendizagem de língua estrangeira. Ademais de portunhol, utilizaremos outros termos conforme forem apresentadas as denominações que recebeu a partir dos estudos linguísticos da região.

mesmo tempo que separa as diferenças, as coloca em evidência e incita ao contato e, com isso, torna-se terreno fértil para a hibridação de línguas, culturas e formas de identificações.

1.1 Breve histórico sobre a colonização oriental

A história da colonização uruguaia sempre esteve marcada pelas disputas frequentes entre espanhóis e portugueses e, posteriormente, entre brasileiros e argentinos. A primeira expedição espanhola, chefiada por Juan Díaz de Solís, chegou ao território em 1516, mas o país tardou muito em ser colonizado, segundo Lipsk (1996), devido à presença hostil dos índios charruas que mataram inclusive Solís e seu grupo e expulsaram os demais forasteiros que tinham intenção de explorar o território. Tendo sido exterminada essa população originária indígena, somente em 1624 foi estabelecida a primeira colônia espanhola chamada Soriano. Em 1680, colonizadores portugueses fundaram a Colônia de Sacramento com o objetivo de estender as linhas do Tratado de Tordesilhas até esse ponto e ter acesso ao Rio da Prata. Montevideu foi edificada pelos espanhóis entre os anos de 1724 e 1750 para neutralizar a presença portuguesa no país. Nesse mesmo ano (1750), foi assinado o Tratado de Permuta para que espanhóis e portugueses tentassem regularizar suas posses e demarcar seus limites. Em 1777, a partir da assinatura do Tratado de San Ildefonso, foi estabelecida uma zona neutra na região fronteira. Contudo, em 31 de julho de 1821, após batalhas iniciadas em 1817, o Uruguai foi ocupado e anexado ao território brasileiro, passando a ser denominado Província Cisplatina.

Mas, apesar do acordo de respeito à língua e costumes locais, os hispano-uruguayos, insatisfeitos com a anexação e sob a liderança de Juan Antonio Lavalleja, expulsaram os luso-brasileiros de seu território em 1825. A independência do país, proclamada nessa ocasião, só foi reconhecida por portugueses e espanhóis por meio da Convenção Preliminar de Paz, assinada em 1828.

Entretanto, mesmo com a proclamação e reconhecimento da independência do Uruguai, o país continuou sendo de interesse político e econômico tanto para brasileiros como para argentinos, principalmente, pelas terras produtivas e pela rota portuária, devido sua posição geográfica estratégica. Nas áreas limítrofes com o Brasil, e inclusive no norte do Uruguai, persistiu a presença de luso-brasileiros motivados primordialmente

pelas questões agropecuárias e comerciais. Segundo López (1967, p. 17), os habitantes do sul do Brasil, por lentos deslocamentos, foram colonizando o território uruguaio e formando núcleos mais ou menos densos de população. Junto com os luso-brasileiros, chegou também a sua língua. Nessa região, a predominância da língua portuguesa fez com que iniciativas nacionalistas fossem adotadas com o intuito de combater a presença da língua dos brasileiros e a hegemonia que ela desempenhava na região fronteiriça:

Representando uma ameaça potencial à soberania uruguaia, a presença massiva da língua portuguesa no norte do Uruguai foi tratada, nesse período, como o principal “problema fronteiriço”. O nacionalismo político impulsionou o surgimento de diversos projetos de “orientalização¹²” da região, buscando fazê-la mais uruguaia; portanto, menos brasileira (STURZA, 2006, p. 20).

As fronteiras definitivas entre Brasil e Uruguai foram promulgadas somente em 1851 com a assinatura do Tratado de Limites. Ao instituir esses limites, o governo uruguaio adotou uma política nacionalista obstinada em deter o avanço de brasileiros em seu território recém definido, estabelecendo assim, entre os anos de 1853 e 1862, a fundação de cidades uruguaias que inviabilizassem a expansão territorial do país vizinho. Em 1861 o parlamento uruguaio determinou que “familias del país” ocupassem as novas cidades e lá vivessem para refrear a expansão brasileira. Em troca do “sacrifício”, após cinco anos vivendo nessas terras, estas passavam a ser de propriedade da família. Dessa forma, as cidades de Cuareim, atual Artigas; Villa Artigas, atual Rio Branco; Santa Rosa, atual Bella Unión; Villa Ceballos, atual Rivera e Treinta y Tres foram instaladas na faixa de fronteira.

A fundação dessas cidades foi estabelecida por propósitos políticos de refrear a expansão luso-brasileira. No entanto, conforme afirma Elizaincín “estaba muy lejos del pensamiento de los propulsores de aquella iniciativa, el prever las consecuencias sociales, étnicas y lingüísticas que el surgimiento de dichos grupos urbanos produjeron con el paso del tiempo” (ELIZAINCÍN, 1975, p. 67).

Desse modo, mesmo que os limites entre um país e outro tivessem sido definidos pela fundação dessas cidades, a linha de fronteira continuou sendo uma faixa imaginária, determinada pela construção de monumentos e pontes que apenas demarcavam territórios, mas não inviabilizam o contato entre eles.

¹²Orientalização no sentido de fazer parte da República Oriental do Uruguai, assim denominada porque as terras do país ficavam às margens leste (oriental) do Rio da Prata.

A simples demarcação territorial não foi suficiente para estabelecer uma fronteira idiomática, portanto, não havia limite para a expansão da língua portuguesa. Segundo López, apesar de cada país tentar conter sua língua em sua extensão geográfica, “no hay limites para la expansión de la lengua y la frontera idiomática desaparece” (LÓPEZ, 1967, p. 17). Dessa forma, não se conseguiu evitar a hegemonia do português sobre o espanhol nem mesmo em território definido uruguaio¹³. Aliás, Luis Ernesto Behares, linguista uruguaio, ressalta que, na verdade, a língua portuguesa veio antes da fronteira e, ademais, na época da Colônia – séculos XVII e XVIII – e o último quarto do século XIX, o contingente populacional luso-brasileiro era superior ao espanhol (BEHARES, 1984, p. 12).

Em 1860 foi realizado o primeiro “Censo Nacional de la República”, a partir do qual se contabilizou uma população total de 100 mil pessoas, sendo 40 mil brasileiros vivendo no norte do país (segundo *Dirección General de Estadísticas*, 1863 in ELIZAINCÍN, 1992, p. 99). Outro dado que chama a atenção é o que se refere à ocupação territorial: calculava-se uma área de mais de 47 mil km² a soma das terras ocupadas por luso-brasileiros, dividida em mais de 400 estâncias, referentes a uma área total de 177. 508 km² do território uruguaio.

Em termos espaciais, o território que compreende essa faixa de fronteira, marcada pelo contato irrefreado entre os dois países, corresponde a um terço do território uruguaio. Segundo já afirmava Elizaincín, em 1975, “esa situación no podría haber culminado sino en la mezcla de lenguas, creando delicados problemas de bilingüismo, particularmente notables en el dominio de la educación” (ELIZAINCÍN, 1975, p. 68). Portanto, na tentativa de conter o avanço da língua portuguesa em território uruguaio, novas estratégias de “orientalização” do norte do país foram adotadas. Dentre elas, citamos a chamada “Ley de la Educación Común”, proposta pelo pedagogo e então chefe da “Dirección de la Instrucción Pública”, José Pedro Varela, segundo a qual se preconizava no “Artículo 38 del Decreto del 24 de agosto de 1877: [que] ‘En todas las escuelas públicas la enseñanza se dará en el Idioma Nacional’”

¹³ Não podemos dizer que somente a língua portuguesa influenciou o espanhol na região fronteiriça. No entanto, como nas cidades brasileiras a população era maior e as cidades mais bem estruturadas – já que as cidades ao longo da fronteira uruguaia foram aí instaladas depois que as cidades brasileiras se encontravam em um processo de desenvolvimento mais adiantado –, muitos uruguaios recorriam ao Brasil para fazer compras, ir a casas noturnas, entre outras atividades que não encontravam em suas próprias cidades. Nos anos subsequentes, também passaram a sofrer a interferência das rádios, com suas músicas e notícias e, décadas mais tarde, das telenovelas brasileiras. O acesso à televisão brasileira, principalmente às novelas, acaba por afetar o imaginário coletivo da população, pois estas muitas vezes ditam moda, comportamento e escolhas linguísticas, como jargões e expressões usadas pelos artistas.

(BARRIOS et al, 1992, p. 10), pois, segundo Varela, a língua “brasileira” constituía uma grande ameaça à nação Oriental:

La República Oriental tiene una grande amenaza y un gran peligro para el porvenir en lo difundido que se hablaba el idioma brasileiro, en los Departamentos que son limítrofes del Imperio. No es sólo que en esa importante zona de la República, una gran parte del suelo sea propiedad de ciudadanos brasileiros; no es sólo que éstos se encuentren allí en gran número, es que por la natural influencia que ejercen en su riqueza y por el amor que profesan naturalmente al idioma nativo, los hijos de brasileiros que nacen en la República sólo hablan el idioma de sus padres, y comparten con ellos las ideas, las aspiraciones y los sentimientos. En realidad, pues no tienen vínculo alguno que los ligue a nuestro país, que los haga verdaderamente nuestros compatriotas; son brasileiros nacidos en la República; y tan es así, que si preguntáis a la gran mayoría de los hijos de brasileiros que viven en los Departamentos del Norte, cuál es su nacionalidad, contestan que “son brasileiros” y no ocultan, sin embargo, que han nacido en tal o cual punto de la República. Hay más todavía; la misma población de origen nacional que vive en esos Departamentos se ve casi obligada, en sus transacciones, en sus trabajos, en sus quehaceres diarios no a valerse del idioma nacional, sino del brasileiro; llega a menudo el caso de que las autoridades subalternas, Jueces de Paz, Comisarios de Policía, Celadores, etc., hablen y escriban cuando saben hacerlo, en brasileiro. Los sumarios que levantan los Jueces de Paz de Salto, de Tacuarembó, Cerro Largo, Maldonado y Paysandú, y que remiten a Montevideo, suelen venir en brasileiro, y, en una palabra, puede decirse sin exageración alguna, que el idioma predominante en grande escala en esa vasta sección de la República no es el nacional (VARELA, 1877 in PINTOS, 1990, p. 113-114).

Com o propósito de acabar com a “grande ameaça linguística”, Eliana Sturza (2006) destaca a implantação do projeto educacional que determinou a instalação de escolas ao longo da faixa de fronteira com o Brasil, com o objetivo de tornar o estudo da língua espanhola obrigatório e, com isso, promover o apagamento das interferências da língua portuguesa.

A alfabetização das comunidades fronteiriças tinha por objetivo a obrigatoriedade do ensino do idioma nacional, ou seja, do espanhol. Desse modo, o acesso à educação resultou em uma bem-sucedida ação político-linguística de contenção da língua portuguesa nas comunidades fronteiriças. Colocou-se em prática uma política de apagamento das marcas luso-brasileiras da região, deslocando o português, língua materna de uma maioria, para o lugar de língua minoritária na região (STURZA, 2006, p. 20).

Como consequência da aplicação da “Ley de Educación Común”, esperava-se que toda população uruguaia se tornasse monolíngue em espanhol, principalmente a população fronteiriça lusófona, que passou a ser alfabetizada no idioma oficial, para que fosse atendido o ideal nacionalista de “uma nação, uma língua”. Paradoxalmente, o que se originou, de fato, na fronteira foi uma sociedade bilíngue. A coexistência dos dois

idiomas produziu, ainda, uma situação de “línguas em contato”, na qual o português e o espanhol passaram a influenciar-se mutuamente. A permanência da língua híbrida representava o rompimento com o ideal monolígue e com o argumento de discursos nacionalistas que, em geral, vinculam a unidade nacional à pureza da língua pátria.

É verdade que a obrigatoriedade dos estudos de língua espanhola, que incrementou o número de bilíngues na região, também ajudou a diminuir a presença dominante da língua portuguesa em solo uruguaio; entretanto, as práticas de intercomunicação e interação nos dois idiomas acabaram por determinar o surgimento de uma nova variedade linguística à qual linguistas uruguaios denominaram inicialmente como “dialecto fronterizo¹⁴”. Estudos linguísticos preliminares consideravam que se tratava de “un dialecto lusitano que evidencia fuertes influencias del español tanto en fonología, como en morfosintaxis, léxico y semántica” (ELIZAINCÍN, 1979a, p. 15). Portanto, esse dialeto, tal como foi considerado num primeiro momento, passou a ser observado como a língua íntima e afetiva adotada nos âmbitos pessoais pela população fronteiriça, constituindo-se, assim, a língua materna da região, pois era a língua aprendida em casa e passada de geração em geração, – nesse sentido também pode ser considerada como língua de herança. Dessa forma, o espanhol, que é a língua da educação e administração, não é necessariamente a língua materna de uma grande parcela da população uruguaia, principalmente ao norte do país.

Segundo Sturza, a confirmação da existência e uso do dialeto fronteiriço motivou a criação de uma nova área de estudos, denominada Linguística Fronteiriça. Nossa intenção é incentivar também que seja implementado, ou ao menos incrementado, os estudos na área da Literatura da Fronteira, visto que podemos considerar a existência de uma formação cultural (WILIAMS, 1981, p. 85-6), motivada pela experiência na fronteira, pelos deslocamentos migratórios, e pela configuração de uma linguagem proveniente dessa vivência entre línguas, que teima em aparecer ao longo dos séculos. Para efeito de exemplificação, podemos citar, além de uma breve história do portunhol literário da região fronteiriça uruguaia que aqui pretendemos apresentar, os estudos sobre a poética em portunhol selvagem de Douglas Diegues, na

¹⁴ Existem várias denominações para o dialeto fronteiriço, dentre as quais destacamos: Dialectos Portugueses del Uruguay – DPU, assim denominados no plural devido ao fato de apresentar-se em diversos níveis, determinando, portanto, que sejam considerados diferentes dialetos; portunhol/portuñol – denominação por nós escolhida para adjetivar a literatura produzida na mescla linguística entre o português e o espanhol; além de denominações locais mencionadas pelos seus falantes: brasileiro, bayano, carimbao, carimbão, basano, misturado, entreverado, atravesado, etc.

fronteira Brasil/Paraguai¹⁵ ou, ainda, os estudos sobre o *spanglish* resultante originalmente da interação fronteiriça entre o espanhol dos mexicanos e chicanos com o inglês norte-americano (tema que será retomado no 4º capítulo), que poderiam fazer parte dessa formação cultural em torno das línguas híbridas e da literatura da fronteira que se produz em mescla linguística.

Ao dar a conhecer o contexto histórico do norte do Uruguai, relacionado às políticas educacionais, podemos entender a presença da língua portuguesa como substrato¹⁶ – termo da linguística que se refere à língua primeira de um povo –; o espanhol, ainda que em território de colonização espanhola, aparece como superstrato, ou seja, a língua imposta e, conseqüentemente, o portunhol atuaria como uma espécie de adstrato, uma vez que funciona tanto do lado da fronteira brasileira como da uruguaia numa relação de bilinguismo com esses idiomas nacionais.

O ambiente enunciativo da fronteira caracteriza-se por um sistema de trocas e empréstimos linguísticos instáveis e oscilantes de uma língua nacional para outra. Conforme Sturza, a “presença das duas línguas em um mesmo enunciado significa a permanência contínua do lugar do encontro, que pode ser o do conflito. A instabilidade também faz com que as línguas funcionem discursivamente em um constante processo de mistura” (STURZA, 2010, p. 75), do qual se origina o portunhol. Essa situação de mescla de línguas está caracterizada pela instabilidade gramatical e semântica, própria do estado de formação instável em que se encontram na fronteira geográfica e linguística.

1.2 Demarcando territórios geográficos e sociolinguísticos: reflexões sobre a fronteira

¹⁵ A respeito dessa formação cultural, recomendamos a leitura de ABRANTES (2010).

¹⁶ No *Dicionário de Linguística e Gramática*, Mattoso Câmara Junior (1981), podemos encontrar as seguintes definições para os termos substrato, superstrato e adstrato:

a) *substrato* – nome que se dá à língua de um povo que é abandonada em proveito de outra que a ela se impõe, geralmente, como consequência de uma conquista política;
 b) *superstrato* – nome que se dá à língua de um povo conquistador, que a abandona para adotar a língua do povo vencido;
 c) *adstrato* – toda língua que vigora ao lado de outra (bilinguismo), num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos.

“Quedan anuladas las constituciones y las leyes de cada país y a partir de ahora elaboraremos la normativa que refleje la realidad de este territorio tan particular llamado frontera” – JOSÉ FELICIO¹⁷.

Conforme afirma o linguista estadunidense John Lipski em seu livro *El español de América*, a situação linguística do Uruguai está diretamente relacionada com sua história de colonização disputada entre lusos e hispanofalantes, pois segundo declara “la nación de Uruguay fue creada oficialmente como zona intermedia entre dos naciones más grandes” (LIPSKI, 1996, p. 370) – Brasil e Argentina – de modo que sofreu influência linguística das duas (tanto que a variedade de espanhol produzida por uruguaios da região metropolitana do país se assemelha bastante à variedade do espanhol portenho de Buenos Aires, a ponto de os próprios falantes não identificarem as diferenças) e, ao norte, a língua apresenta similaridades com o português do sul do Brasil.

A diversidade étnica e linguística apresentada no norte do Uruguai representava para o governo um “perigo à unidade nacional”. Além do mais, em decorrência de sua situação geográfica afastada do centro político de Montevideo, a região norte sempre ocupou uma posição marginal no país, apesar de sua importância histórica, econômica e social, pois foi nessa região que se desenvolveram as guerras pela independência e a produção açucareira e agropecuária. Ainda assim, a região permanece sendo uma das mais pobres do país.

O processo histórico de conformação da fronteira Uruguai-Brasil apresentou algumas peculiaridades, marcadas por sua posição histórico-geográfica de espaço intermédio, que fizeram com que se constituísse uma cultura e língua originais, pautadas pela associação cultural e idiomática de ambos os países e pelas práticas de contrabando de mercadorias e de línguas, pelas crenças e ritos religiosos e pelos costumes e tradições de cada país.

Sua característica de fronteira seca, ou seja, sem obstáculos que inviabilizem o contato, faz dessa região um cenário peculiar de transfronteirização e fluidez das interações locais. Segundo o diplomata Adriano Silva Pucci, a singularidade dessa fronteira “foi construída ao longo dos séculos e revela-se tanto na historiografia oficial

¹⁷Frase proferida, em tom de humor, pelo embaixador brasileiro no Uruguai, José Felício, durante visita à cidade de Artigas, em 2007, dizendo que a legislação da fronteira deveria começar com as palavras acima mencionadas. Fonte: <http://www.mides.gub.uy/innovanet/macros/TextContentWithMenu.jsp?contentid=891&site=1&channel=innova.net>. Acesso em: 19 ago. 2015.

do Prata como na história subjacente dos laços sociais, econômicos e culturais formados na esteira desse processo” (PUCCI, 2010, p. 20).

O limite entre Uruguai e Brasil, que antes mesmo de serem descobertos por seus colonizadores, já havia sido sinalizado no mapa pela linha de Tordesilhas, ora retratando Santa Catarina como último território brasileiro e ora considerando a área que se estende até Colônia de Sacramento como parte do Império Português. A linha divisória entre os dois países foi finalmente demarcada pelo Tratado de Limites, assinado em 1851, estendendo-se “por 1.069 km, ao longo de 749 km de rios, canais e lagoas e 320 km de fronteira seca” (PUCCI, 2010, p. 27). Vale ressaltar que, em termos jurídicos, “o limite é a linha que separa o território de dois Estados, a fronteira é a região ao redor do limite” (MELLO, 1986 apud PUCCI, 2010, p. 28).

Tau Golin (2002) assinala, entretanto, que diferentemente da objetividade técnica para se definir o limite como a linha político-territorial do Estado-nação, não existe clareza na definição do termo fronteira, pois outros fatores interferem para sua imprecisão. Golin vale-se de muitas definições, em seu livro *A fronteira: Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina*, para tentar dar conta do conceito¹⁸: “as fronteiras são zonas ou faixas de território” (MOODIE, 1965); “uma área compartilhada, moldada por uma história comum” (RECKZIEGEL, 2000); “as fronteiras são realidades tangíveis, ou seja, como realidades efetivas e realidades do pensamento, são o resultado de relações de poder”, “são também elementos simbólicos carregados de ambiguidades, pois, ao mesmo tempo que impedem, permitem ultrapassar” (MÉLO, 1997); “a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade”, “à primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si” (MARTINS, 1997). Valemo-nos da definição proposta pelo crítico literário Fernando Aínsa (2002, p. 26), para o qual a fronteira se define “como limite protector de diferencias” e “como espacio de encuentro y transgresión”. Para o poeta e ensaísta uruguaio, a fronteira, ao mesmo tempo que separa e divide, também atrai e

¹⁸As referências citadas por Golin são: MOODIE, A.E. *Geografia e política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965, p. 83. RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. O micro e o macro: a região nas relações internacionais. In: KERN, Arno Alvarez (Org.). *Sociedades ibero-americanas*. Reflexões e pesquisas recentes. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p.48. MÉLO, José Luiz Bica de. Reflexões conceituais sobre fronteira. In: CASTELO, Iára Regina (Org.). *Fronteiras na América Latina: espaços em transformação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997, p. 68-69). MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. In: __ *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 150-151. MARTINS, Rui Cunha. Portugal e Brasil: modernidade e fronteiras. In: KERN, Arno Alvarez (Org.). *Sociedades ibero-americanas*. Reflexões e pesquisas recentes. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 138-139.

incita ao contato entre aqueles que estão de um lado ou outro da linha divisória, “aunque sea con tensiones y confrontaciones”. Assim, ainda que proteja e propicie contatos, “la frontera funda nuevos espacios en sus propios límites”, onde se desvanecem as diferenças mais flagrantes e são elaboradas novas realidades linguísticas, sociais, étnicas e culturais, nas chamadas “zonas fronterizas” (AINSA, 2002, p. 27).

Apesar de advertir sobre a falta de precisão técnica para se definir a fronteira, Golin cita três classificações propostas por Laurelli (1997)¹⁹, salientando que a fronteira Uruguai/Brasil englobaria os dois primeiros aspectos:

1. Fronteira comum, quando possui a mesma economia e uma mesma identidade étnica em ambos os lados da divisória.
2. Fronteira ativa, em que cada lado realiza atividades diferenciadas e complexas, ainda que em ambientes similares, podendo ser complementares ou não, na qual se promovem maiores ou menores níveis de intercâmbio; caracteriza-se pela existência de núcleos urbanos em ambos os lados da linha, as chamadas cidades-pares.
3. Fronteira de trânsito, em situações em que existe apenas infraestrutura de transportes, sem intercâmbio (LAURELLI, 1997 apud GOLIN, 2002, p. 15-16).

No caso uruguaio há outra peculiaridade, pois o país inteiro pode ser considerado uma fronteira ou país-fronteira, como sugere Hugo Achugar, no artigo “Uruguay, el tamaño de la utopía”, de 1992. Segundo o crítico e ensaísta uruguaio, “Todo país, toda nación presupone la frontera. Fronteras espaciales, lingüísticas, raciales o culturales. Pero Uruguay es o ha sido hasta el presente la frontera misma” (ACHUGAR, 1992, p. 22).

Ao tentar definir a identidade do povo uruguaio associada à extensão do país, Achugar reafirma sua pequenez, ou até sua insignificância, em meio aos países maiores que o circundam: “Uruguay es un país pequeño y es un país frontera. Es difícil ser pequeño. Peor es ser pequeño y saberse frontera. Peor aún saberse pequeña frontera entre dos gigantes y quizás todavía peor sentirse petizo²⁰” (ACHUGAR, 1992, p. 13). E

¹⁹ LAURELLI, Elsa. Reestructuración económica en América Latina: ¿Integración o fractura de los territorios fronterizos? In: CASTELO, Iára Regina (Org.). *Fronteras na América Latina: espaços em transformação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997, p. 180.

²⁰ Segundo Achugar, o caracterizador “petizo” carrega uma carga semântica mais negativa que “pequeno”. “El ‘país petizo’ es una variación enferma de la pequeñez” (ACHUGAR, 1992, p.14). Conforme suas próprias palavras: “No creo que es posible explicar la ‘pequeñez’ de nuestra cultura solo como resultado de lo material y de lo geográfico. Esa pequeñez existe y no hay duda de ello, pero esa pequeñez física o material se vivió/se vio, se vive/se ve reforzada por un horizonte mental restringido al barrio, a la cuadra, al microclima. Y cuando el barrio o la cuadra es la única oferta, el ser humano no logra crecer. Al no crecer, la pequeñez se vuelve arrogante, imperial, dictatorial, autoritaria. Al no

complementa sua visão sobre a condição inferiorizada do Uruguai: “Un país petizo que tiene por vecinos a dos gigantes. Un país que necesita compensar, de alguna manera, su vivencia de inferioridad; es decir, el sentir su realidad física como una minusvalía y recubrirla de soberbia” (ACHUGAR, 1993, p. 15).

No sentimento assinalado pelo crítico em relação ao tamanho do país, subjaz um possível entendimento do que seria a identidade do cidadão uruguaio, “esmagado” pela hegemonia dos países vizinhos. Sob nosso ponto de vista, essa sensação de esmagamento estaria mais acentuada entre os habitantes da fronteira que vivem mais intensamente as influências do país com o qual faz limite e, dessa maneira, se sentem mais ameaçados e subjugados. Ainda conforme observa Achugar:

Y Uruguay es una frontera, un lugar de paso. [...] Pasaje hacia otras tierras, tierra de nadie, suburbio del mundo. Estas tierras nuestras no fueron en sí ni siquiera para los propios indios que las habitaban ya que ellos mismos eran la periferia del universo tupí, los remotos confines del Incaico, los arrabales del mundo amerindio y los arrabales de la colonia española y portuguesa. En verdad, solo empezamos a tener sentido cuando nos convertimos en límite, en zona de disputa entre dos culturas y dos imperios; [...]. Desde el inicio fuimos campo de batalla entre europeos y americanos, entre bárbaros y civilizados, entre españoles y portugueses, entre argentinos y brasileños (ACHUGAR, 1992, p. 21-22).

Apesar da suposta irrelevância em relação ao seu tamanho, o Uruguai acaba por definir-se como uma extensa e importante área de fronteira, na qual são constituídas seis “cidades gêmeas”²¹, assim denominadas porque a relação de interdependência entre cada cidade fronteiriça, não raro, é maior que com as cidades vizinhas no próprio território nacional e, por isso, em muitos casos, faz-se necessário que medidas governamentais sejam tomadas em comum acordo, intensificando o intercâmbio binacional.

Na tentativa de delinear essa extensa região de fronteira, cabe destacar que o Brasil perfaz uma área de 320 km de “fronteira seca” com o Uruguai. Já com a Argentina a área comum é de apenas 25 km. Além das seis cidades-gêmeas mencionadas, o Brasil possui mais cinco cidades que limitam com o Uruguai – Santa Vitória do Palmar, Erval, Bagé, Dom Pedrito e Uruguaiana. Enquanto que do lado uruguaio, ainda podemos citar os departamentos de Treinta y Tres, Rocha e Cerro

airearse el país pequeño se hace tribu, clan, barra, patota, mafia” (ACHUGAR, 1992, p. 18). Achugar ainda ressalta a “clásica reducción de Uruguay igual a Montevideo”.

²¹ Na região fronteiriça entre Brasil e Uruguai, são formadas seis cidades-gêmeas. São elas: Santana do Livramento/Rivera; Jaguarão/Rio Branco; Aceguá/Aceguá; Chuí/Chuy; Quaraí/Artigas e Barra do Quaraí/Bella Unión.

Largo. Sem falar que uma dessas fronteiras é tríplice, formada por Barra do Quaraí (Brasil), Bella Unión (Uruguai) e Monte Caseros (Argentina).

Se ainda consideramos a faixa de fronteira²², que na legislação brasileira pressupõe 150 km para dentro do país, temos um espaço geográfico próprio que se caracteriza pelas interações favorecidas pela inexistência de obstáculos, já que a região não conta com rios intransponíveis, cadeias montanhosas ou florestas que inviabilizem o contato. Ao contrário, o que se percebe é uma aproximação que se dá em âmbito social, cultural e até mesmo econômico. Nessa região específica, “a fronteira geográfica é vivenciada pela população mais como um espaço binacional do que como limite internacional” (PUCCI, 2010, p.46).

Para efeito de exemplificação e para que seja possível, ao menos, imaginar como se dá a interação entre as cidades fronteiriças, citamos o caso de Quaraí (Brasil) e de Artigas (Uruguai) que estão ligadas pela Ponte Internacional da Concórdia (1968), construída sobre o rio Cuareim, na qual não há intervenções de segurança para refrear o acesso de uma cidade para a outra.



Figura 2: Puente de la Concordia entre las ciudades de Quaraí y Artigas²³.

Mencionamos também as cidades de Santana do Livramento (Brasil) e de Rivera (Uruguai) que estão “separadas” somente por um “marco arquitetônico”, um obelisco situado na praça binacional, denominada Parque Internacional, na qual se encontram a bandeira de cada país, e que divide um lado da rua para cada nação.

²² A faixa de fronteira brasileira percorre 15.719 km de limites terrestres. Abrange 27% do território nacional, em 11 Estados e 588 municípios da Federação, onde vivem cerca de 10 milhões de habitantes. Se a faixa de fronteira fosse um país. Seria o décimo segundo em tamanho (PUCCI, 2010, p.31-32) se comparado aos demais países do mundo.

²³ Arquivo pessoal. Foto de jan. 2017.



Figura 3: Obelisco entre las ciudades de Santana do Livramento y Rivera²⁴

Tal como a linha imaginária que separa Santana do Livramento de Rivera, também as cidades homônimas de Aceguá/Aceguá e Chuí/Chuy são espaços contíguos demarcados por uma rua e por uma avenida, respectivamente. E, da mesma forma que Artigas/Quaraí, também são interligadas por pontes Jaguarão e Rio Branco, pela Ponte Internacional Barão de Mauá (1930), e Barra do Quaraí e Bella Unión que se ligam por meio de uma ponte ferroviária contruída em 1915.

Devido às particularidades de espaço intermédio, Pucci propõe, em seu livro *O Estatuto da Fronteira Brasil-Uruguaí* (2010), a criação de leis que regulem e rejam as demandas dessa região específica, visto que a legislação promulgada tanto em Brasília como em Montevideu não abrange a realidade local da fronteira, fazendo com que atividades cotidianas, como simplesmente fazer compras no mercado da cidade vizinha, fossem caracterizadas como atos infracionais, caso houvesse necessidade de se cruzar a fronteira.

Essa visão negativa de ilegalidade e de associação da fronteira com o contrabando e, este, às práticas ilegais da infração e da transgressão, pode ser observada nas palavras de Achugar: “Frontera y contrabando. El límite y su infracción. La ley y su transgresión. Hemos vivido en un ir y venir con y sin pasaporte, a través de la frontera que es nuestro destino manifiesto como país” (ACHUGAR, 1992, p. 22).

Cabe destacar o que menciona o diplomata Pucci sobre uma visível “evolução” do cidadão fronteiriço, que não mais aceita “a posição periférica a que foi

²⁴ Fonte: Wikipedia: Fronteira da Paz. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fronteira_da_Paz. Acesso em 22 out. 2015.

historicamente relegado na formulação de políticas públicas. Em seu lugar, reivindica ações de governo diferenciadas e propugna a articulação com outros países para o encaminhamento das demandas *sui generis* da fronteira” (PUCCI, 2010, p.28). Pucci assinala, ainda, que entre as reivindicações do cidadão da fronteira está o reclamo pela “integração das políticas públicas de cada país, para que não reste cerceado o exercício dos direitos econômicos e sociais no plano transfronteiriço” (PUCCI, 2010, p. 63).

Pucci sugere que a aproximação e interação frequente entre os habitantes da região fizeram com que se constituíssem também uma identidade [trans]fronteiriça de modo que o cidadão que habita o outro país é considerado antes de tudo um vizinho, e não um estrangeiro. De um lado e outro dessa fronteira compartilhada, os indivíduos são ligados pelos laços históricos, políticos, sociais, familiares, econômicos, culturais e, também, linguísticos.

Faz-se necessário destacar, ainda, outro fenômeno resultante dessa interação que é o da dupla nacionalidade, denominada *doble chapa*²⁵, e que traz consigo vantagens para quem consegue essa certificação, pois passa a usufruir de benefícios referentes à previdência, saúde e educação de ambos os lados, além da possibilidade de participar do pleito eleitoral dos dois países, conforme assinala a pesquisadora Cristiane de S. M. Adiala:

Enquanto o Uruguai vige o *ius sanguinis*, fazendo com que o filho de uruguaios seja considerado uruguaio, seja ou não nascido em território oriental, no Brasil vale o princípio do *ius soli*, segundo o qual o local de nascimento determina a nacionalidade. Para o fronteiriço, a possibilidade de usufruir de benefícios de ambos os países, como a aposentadoria, leva muitos pais a registrarem seus filhos em ambos os lados, com o auxílio de testemunhas. Analogamente, em tempos de eleições, vêm-se carros de som e panfletagem dos dois lados do limite internacional, e candidatos de uma e de outra cidade se oferecem apoios recíprocos, em caráter informal (ADIALA, 2006, p. 58).

Quando os limites são tão facilmente transpostos, as interferências de uma cultura na outra são mais acentuadas. Interferências essas que serão sentidas também nos hábitos, crenças, costumes e na língua. Em seu livro, Pucci exemplifica como o ato de atravessar a fronteira, e continuar sentindo-se em seu próprio país, pode ser tão corriqueiro e natural:

²⁵ O termo *doble-chapa* surgiu a partir da prática comum entre cidadãos fronteiriços que registravam seus automóveis nos dois lados da fronteira e, portanto, portavam chapa (placa) dupla.

O turista brasileiro que, caminhando pela Rua dos Andradas, em Santana do Livramento, cruza a praça internacional e adentra a avenida *Sarandí*, na vizinha Rivera, mal percebe que cruzou a fronteira. Essas avenidas complementam-se reciprocamente e são perpendiculares à linha imaginária, como que desafiando a divisão. Compreendido em seu idioma, ou em “portunhol”, sobe no ônibus e pode pagar em reais, se quiser. Em meio aos pedestres, sente dificuldade em discernir seus compatriotas dos demais: os traços físicos, a indumentária, o hábito de tomar mate, o gosto pelo assado confundem-nos num só elemento humano, o *gaúcho* (PUCCI, 2010, p. 84).

Ademais das razões expostas anteriormente, podemos considerar que aspectos de diversas naturezas contribuíram para a formação da nova língua da fronteira. Os fatores históricos que se relacionam aos aspectos linguísticos são mais detalhadamente explicados por Elizaincín (1979b), quando este afirma que a língua portuguesa é anterior à língua espanhola em grande parte do norte do Uruguai e que, mesmo após o estabelecimento dos uruguaios nessa área de habitantes predominantemente brasileiros, ainda houve momentos na História do país em que a corte portuguesa dominou o país vizinho:

Ya desde la época de la Colonia, el establecimiento de colonos portugueses en el territorio de la así llamada “Banda Oriental” es un hecho bien documentado. Prácticamente unas dos terceras partes del territorio de la antigua “Banda” fue poblado por luso-hablantes, configurándose así una base étnica predominantemente lusitana. Añádase a esto la dominación brasileña del territorio uruguayo entre 1816 y 1825, más otros hechos como el establecimiento del portugués en el SO [sudoeste] del territorio – la “Colonia del Sacramento” – y se tendrá una idea aproximada de la importancia de este factor (ELIZAINCÍN, 1979, p. 122).

Com relação aos aspectos políticos, podemos considerar que o fato de a fronteira perfazer uma área de aproximadamente 1.000 km, mas configurar-se como uma “fronteira aberta”, devido à falta de obstáculos naturais, e, principalmente, devido aos interesses recíprocos entre Brasil e Uruguai, determinaram, conforme Elizaincín, “la lentitud y complejidad de los tratados diplomáticos entre ambos países, tratativas que se han extendido por más de un siglo” (ELIZAINCÍN, 1979b, p. 122).

Pucci menciona que, no período em que as demarcações de áreas de cada país já haviam sido estabelecidas, os assentamentos urbanos do lado uruguaio obedeceram, primordialmente, à função de defesa nacional. “O homem fronteiriço era a primeira sentinela da pátria, encarregado da missão de proteger a ‘fronteira interior’ do País, separada do inimigo externo por uma zona *buffer* (zona tampão), estrategicamente isolada, física e economicamente, do resto do território nacional” (PUCCI, 2011, p. 56).

Mas, apesar das pretensões políticas de defesa da pátria contra o “inimigo” estrangeiro, o que se originou foi uma grande interação social devido à grande identificação das gentes de um lado e outro da fronteira. Dessa forma, as singularidades da fronteira aproximaram os povos da região que, apesar das disputas frequentes, se identificavam mutuamente como fronteiriços, pois sofreram das mesmas privações e ainda assim mativeram o sentimento de nacionalismo e orgulho de pertença à fronteira:

Enquanto a história econômica da fronteira brasileiro-uruguaia lança luzes sobre a etiologia do fronteiriço, para quem o nacional do outro país que coabita na região é um vizinho, antes de ser um estrangeiro, a história militar ajuda a explicar a identidade da fronteira, o orgulho que tem seus cidadãos, de ambos os lados, em pertencer a uma fronteira que não encontra paralelo no continente, rica em tradições culturais e imbuída de um sentido de nacionalidade testado em gloriosas batalhas, travadas ao vento e sob indizíveis privações (PUCCI, 2010, p.79).

Elizaincín salienta, também, como aspecto sociolinguístico da época, a grande desproporção do número de falantes do espanhol com relação ao número de falantes do português que, “como piensan muchos planificadores lingüísticos, [...] es (entre otros) un factor importante en el predominio y prestigio de una lengua, no cabe duda que la presión que ejerce el portugués en la frontera es algo más que una metáfora” (ELIZAINCÍN, 1979b, p. 123). Fatores socioeconômicos também podem ser verificados, pois, por ser a língua do país comercialmente mais desenvolvido, não só pelo atravessamento frequente para fazer compras, mas também para conseguir emprego no lado brasileiro, os norte-uruguayos aprendem a língua portuguesa nas suas relações com a vizinhança brasileira ou em curso de português como língua estrangeira²⁶ e conservam-na como a língua das oportunidades econômicas e laborais. Esses fatores continuam sendo fundamentais para a manutenção do processo de hibridação linguística, pois apesar da escolarização em espanhol padrão, o contato entre as línguas permanece motivando a criação de novos repertórios híbridos.

1.3 O espaço de enunciação fronteiriço

“Eu falo brasileiro” (...) “Falar abrasilerado” vale como “fala mesturada”, habla mezclada, que no es “ni una cosa ni otra” es decir, ni español ni

²⁶ No sexto capítulo trataremos da questão do ensino bilíngue de espanhol e português na fronteira. Nessa nova abordagem, o português deixa de ser considerado língua estrangeira e passa a ser tratado como língua materna para uma parcela da população uruguaia.

portugués y, por lo tanto, desechable - ELIZAINCÍN et al., 1987.

Devido à proximidade entre os países e da já mencionada falta de obstáculos que inviabilizariam o contato entre os habitantes do Brasil e do Uruguai, é de se esperar que ocorram situações comunicativas em que falantes de português interajam com falantes de espanhol sem que para isso um necessite falar a língua do outro. A frequência com que esse tipo de comunicação ocorre faz com que, na maioria dos casos, a língua portuguesa seja perfeitamente compreensiva para o uruguaio fronteiriço, bem como a língua espanhola para o brasileiro que habita a fronteira e interage com o vizinho, dando origem a um processo de intercompreensão linguística, tal como é possível observar no exemplo citado pela linguista Eliana Sturza em seus estudos sobre o contato entre as línguas portuguesa e espanhola no, que ela denomina, Espaço de Enunciação Fronteiriço²⁷:

Muitos vendedores que trabalham no comércio local [Rivera] são brasileiros, falam em português com os colegas uruguaio e estes, por sua vez, quando nos atendem, aos brasileiros, falam também em português. Em seguida, continuam falando, em espanhol, com seus colegas vendedores brasileiros. Este é um quadro em que as línguas se entrecruzam (STURZA, 2010, p. 89).

Entretanto, esse é somente um exemplo dos tipos de interação linguística que ocorrem no espaço de enunciação fronteiriço. Sturza propõe que, nesse espaço de enunciação peculiar, as línguas estão em constante estado de relação umas com as outras, a ponto de entrarem em um processo de contaminação e de mescla, funcionando de modo diferente de como funcionam em outros espaços enunciativos nacionais. Conforme sugere o “cruzamento das línguas” se dá de dois modos: “pela presença concomitante das duas línguas nacionais em um mesmo enunciado, ou pelo resultado da mistura dessas línguas que se materializa em uma outra prática linguística” (STURZA, 2010, p. 74), o portunhol.

O linguista uruguaio José Pedro Rona, ainda na década de 50, durante o I Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia, ocorrido em Porto Alegre, sugeriu a existência de três variedades linguísticas no norte do Uruguai. A primeira se referia aos falantes da língua portuguesa; a segunda seria a dos falantes de castelhano (espanhol) e

²⁷ Segundo a pesquisadora, “o espaço de enunciação fronteiriço se define como um espaço no qual se enunciam dizeres sobre as línguas. Esses dizeres têm sentidos políticos que determinam uma distribuição para as línguas, atribuindo-lhes uma hierarquia” (STURZA, 2006, p. XII).

a terceira corresponderia àquilo que “los mismos habitantes de esta región llaman *dialecto fronterizo*” (RONA, 1965, p. 7 – grifo do autor). Segundo Rona, devemos ter em mente que

la base étnica y, en consecuencia, lingüística de toda esta zona es portuguesa, no española. Cuando estudiamos los orígenes de los actuales dialectos fronterizos, debe tenerse en cuenta que no se trata de una influencia del portugués sobre el castellano (ya que no había aquí población hispánica antes de la llegada y establecimiento de los brasileños), sino, al revés, de la influencia del castellaño sobre una base portuguesa (RONA, 1965, p. 8).

Nesse espaço peculiar, caracterizado como uma zona de trânsito linguístico-cultural, em que as possibilidades linguísticas se multiplicam, torna-se difícil precisar até que ponto se trata de situações em que ocorre um bilinguismo (entendido aqui como a capacidade de se expressar nos dois idiomas alternadamente), ou um ato de fala em que a língua portuguesa sofre interferência, principalmente, de vocábulos do espanhol e, ainda, o contrário, um ato de fala em castelhano com interferência de portuguesismos lexicais e morfológicos – fenômeno conhecido no processo de aquisição de língua como *code swiching* (mudança de código) –, além, é claro, do fenômeno que mais nos interessa: a formação e uso do dialeto fronteiriço, que mais tarde foi reconhecido como língua materna²⁸:

Para determinar el sistema fonológico del “fronterizo”, se tropieza con las dificultades propias de un dialecto mixto, es decir, con la necesidad de establecer las oposiciones dentro del “fronterizo” puro, evitando los engañosos casos de bilingüismo o de simple coexistencia de palabras castellanas y portuguesas (RONA, 1965, p. 27).

Em seu livro de 1959, *El Dialecto “fronterizo” del Norte del Uruguay*, Rona declara a “existencia de un dialecto mixto, con base aparentemente portuguesa” que, com frequência, “resultaba ininteligible tanto para brasileños como para uruguayos” (RONA, 1965, p. 7). Nos anos que se seguiram à sua participação no congresso, o linguista continuou suas pesquisas acerca desse dialeto²⁹, acrescentando que “algunas de sus características son, en fin, totalmente independientes, es decir, diferentes tanto del

²⁸ Com o processo de escolarização em língua espanhola e com a expansão dos uruguaios para essa região fronteiriça, a língua de base portuguesa começou a modificar-se com as interferências do espanhol, dando origem ao portunhol, até então considerado dialeto, que passou a ser reconhecido como a língua materna da maioria dos fronteiriços.

²⁹ Cabe destacar que os estudos iniciais sobre o portunhol caracterizavam-no como dialeto. Dessa forma, manteremos a designação dialeto cronologicamente até o ponto em que passa a ser considerado língua.

portugués como del castellano, aunque resultan de la interacción de esos sistemas” (RONA, 1965, p. 27).

Outros linguistas também desenvolveram pesquisas sobre o dialeto fronteiriço. Adolfo Elizaincín escreveu, em 1975, um artigo intitulado “El bilinguismo de la frontera uruguayo-brasileña”, no qual salienta que nenhuma língua falada em um determinado país reconhece seu limite nos limites políticos. Apesar de parecer óbvia a afirmativa, o linguista esclarece que somente a partir dos estudos seminais de Uriel Weinreich sobre as línguas em contato, no início da década de 50, é que se passou a evidenciar a mescla linguística (ELIZAINCÍN, 1975, p. 65). No livro *Dialectos en contacto*, de 1992, no entanto, Elizaincín esclarece que, através de Weinreich, passou-se a difundir o termo “línguas em contato” para referir-se à coexistência tempo-espacial de duas ou mais línguas, mas que estudos concomitantes, ou até mesmo anteriores, sobre pidginização, criolização, línguas mistas (Mischsprachen), subs-, super-, adstrato, empréstimos, calcos, interferências, bilinguismo e diglossia, variação e variabilidade, em certa medida, tratavam do mesmo processo (ELIZAINCÍN, 1992, p. 19-20).³⁰.

Em áreas fronteiriças entre dois países de línguas diferentes em que a haja interação entre os habitantes de cada país, verifica-se a situação de “línguas em contato”, processo também abordado nos estudos psicanalíticos que afirmam que podem coexistir no indivíduo. Os psicanalistas Jacqueline Amati-Mehler, Simona Argentieri e Jorge Canestri, no livro *A Babel do Inconsciente*, salientam que “a existência de duas ou mais línguas em contato no mesmo indivíduo não tem como não trazer consequências, no sentido de mudanças ou caracterizações de cada uma das línguas faladas”. Essas interações quando se dão de forma generalizada, de modo a se considerar a existência de uma comunidade bilíngue, “o contato linguístico pode provocar mudanças no próprio sistema, isto é ‘na língua’” (AMATI-MEHLER et al, 2005, p. 238). Elizaincín e os demais linguísticas que desenvolveram os estudos da língua da fronteira puderam comprovar que essa situação de contato no espaço geográfico provocou alterações no sistema linguístico na região fronteiriça, quando comparado com a língua espanhola falada no restante do país.

³⁰ Esclarecemos que nossa intenção não é explicitar, ou mesmo analisar, a formação do portunhol e o fenômeno linguístico ao qual se associa. Nossa intenção é, antes, identificar o fenômeno como uma hibridização linguística dada a partir de fatores geográficos, históricos, sociológicos, econômicos e culturais que determinaram o contato entre as línguas espanhola e portuguesa e o surgimento de uma terceira língua, o portunhol, que, por sua vez, motivou a formação de uma literatura que pudesse dar conta do registro dessa língua viva que persiste apesar do descaso e das tentativas de seu “apagamento”.

Outra importante questão, discutida nos estudos psicanalíticos, sobre o tema das línguas coexistentes em um mesmo indivíduo, refere-se ao fato de as palavras de cada idioma portarem relações de sentido diferentes para o falante, o que de certa forma estaria mais associado ao indivíduo polilíngue e não ao poliglota. Na abordagem que fazem sobre a relação do polilíngue e a psicanálise, salientam que “a língua, além de ter um valor comunicativo e de veicular uma mensagem, tem um valor expressivo”. Citando Sándor Ferenczi, os autores afirmam que “ele zelosamente nos faz entender, que a certas experiências correspondem palavras específicas: nomes, expressões, sotaques, estilos, que deixaram marcas profundas na vida do sujeito” (AMATI-MEHLER et al, 2005, p. 71). Os autores deixam claro a diferenciação que fazem entre o poliglota (aquele que aprendeu outras línguas em uma idade na qual já tinha seu sistema de pensamento linguoespeculativo formado) e o polilíngue (aquele que aprendeu mais de uma língua desde a primeira infância). Mantendo a mesma compreensão sobre o último termo, optamos por denominar plurilíngue aos fronteirizos escolarizados em espanhol, com aprendizado de português e com o portunhol como língua materna.

Em 1979, no livro *Algunas previsiones sobre los dialectos portugueses del Uruguay*, Elizaincín elaborou uma “bibliografia” sobre o tema da hibridação linguística do português com o espanhol, contendo as referências aos trabalhos desenvolvidos até aquele ano, na qual enumera os estudos pioneiros de José P. Rona iniciados com sua participação no Congresso de 1958 e a publicação do primeiro livro sobre o tema em 1959. Na sequência, cita a tese de doutoramento de Frederick Hensey de 1972, na qual o autor propõe que o índice e grau de bilinguismo, ou seja a bilinguagem do falante (SALGADO, 2008), apresentavam-se, já naquela época, em expansão devido ao avanço da educação primária e ao fato de as crianças passarem a ser competentes também em espanhol, o qual, apesar de ser a língua nacional, deveria ser oferecido ao aluno como segunda língua, já que todos provinham de uma base linguística aportuguesada. Elizaincín cita ainda uma breve referência ao tema feita por H. Di Marsilio em 1969 e, finalmente seus próprios trabalhos iniciados em 1973 com a publicação de seu primeiro relatório “*Algunos aspectos de la sociolingüística del dialecto fronterizo*”³¹.

³¹Nem toda a bibliografía apontada por Elizaincín foi utilizada neste trabalho, no entanto, julgamos pertinente disponibilizá-la aqui:

RONA, J. P. *El Dialecto “Fronterizo” del Norte del Uruguay*. Universidad de la República, Dpto. de Lingüística, Montevideo, 1959.

HENSEY, F. *The Sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan Border*. Mouton, La Haya-París, 1972.

MARSILIO, H. D. El lenguaje de los uruguayos. In: *Nuestra Tierra*: 24. Montevideo, 1969. P. 38-39.

Os estudos dos referidos linguistas possibilitaram (e continuam possibilitando) que visões tradicionais e preconceituosas como as citadas por Elizaincín, a seguir, fossem repensadas e combatidas. Uma vez que as autoridades locais consideravam a plurilingüidade como um problema e propunham

la enseñanza bilingüe como solución a los problemas que afectan a las poblaciones limítrofes de dos países con distintos idiomas [...] esa medida permitiría la integral conservación de la pureza idiomática y evitaría las deformaciones extrañas y perjudiciales (*El Día*, 1978, p. 13 apud ELIZAINCÍN, 1979a, p. 6).

Também os docentes da região idealizavam que “a través de reales y efectivos trabajos multidisciplinarios se logre[se] encarar con éxito los *trastornos del lenguaje* eliminando o disminuyendo esa *deformación idiomática* provocada por la penetración de otra lengua en la zona fronteriza” (ELIZAINCÍN, 1979a, p. 7 – grifos do autor).

Em uma entrevista realizada por Elizaincín, um professor de ensino médio afirmou que “los alumnos bilingües, en esta frontera, practican *imperfectamente* las dos lenguas y como no las dominan se expresan *pobremente* y con frecuentes *irregularidades* en la construcción, *deficiencias* fonéticas, o *uso indebido* de otra lengua” (ELIZAINCÍN, 1979a, p. 18 – grifos nossos). Essas citações demonstram o modo preconceituoso com o qual a questão do bilinguismo e da hibridação linguística era tratada por agentes do governo e da educação no Uruguai.

Definitivamente, as políticas linguísticas, que efetivaram o oferecimento do espanhol como disciplina obrigatória, tiveram consequências na maneira com a qual se comunicava a população fronteiriça. Se antes o português era a língua local e predominante, com o incremento do espanhol obrigatório na educação pública, muitos passaram a ser bilíngües, ou seja, passaram a ter acesso formal a outro repertório linguístico que, diferentemente do que se esperava – substituir o português materno –,

ELIZAINCÍN, A. *Algunos aspectos de la sociolingüística del dialecto fronterizo*. (Temas de Lingüística: 3). Montevideo, Universidad de la República, 1973.

_____. El bilingüismo de la frontera uruguayo-brasileña. In: *Letras de Hoje*: 20. Porto Alegre, 1975. P. 65-75.

_____. The emergence of bilingual dialects on the Brazilian-Uruguayan Border. In: *International Journal of the Sociology of Language*: 9. La Haya, 1976. P. 123-134.

_____. Estudios de actitudes docentes hacia el bilingüismo fronterizo. *Punto* 21:2, 1. Montevideo, 1976. P. 7-16.

_____. Bilingüismo y problemas educativos en la zona fronteriza uruguayo-brasileña (Ponencia al IV Congreso del ALFAL, Lima, enero, 1975). In: *Actas del IV Congreso de ALFAL*. Universidad Nacional de San Marcos, Lima, 1978.

determinou uma situação na qual os dois idiomas passaram a coexistir no mesmo indivíduo³²:

La educación primaria ha hecho llegar a más niños uruguayos la lengua española, creando así bilingües [...]. Esta situación, que puede parecer paradójica (es decir, el hecho de que el niño uruguayo se transforme en bilingüe no al adquirir una lengua “extranjera”, sino la oficial del país en que vive) se relaciona con algunas características de la sociedad uruguaya; entre otras, una movilidad social relativamente ágil lograda a través de niveles superiores de educación, con el consiguiente cambio de status socio-económico. Esta movilidad favorece, también el proceso de urbanización (ELIZAINCÍN, 1975, p. 70).

No estudo realizado por Graciela Barrios, Luis Behares, Adolfo Elizaincín, Beatriz Gabbiani e S. Mazzolini, por meio do departamento de psico e sociolinguística da “Universidad de la República”, em Montevideu, sugere-se que a alternância de governos na região acabou por determinar que se constituísse “una zona bilingüe-diglósica entre una lengua estándar (el español) y un dialecto subestándar del portugués fuertemente desestabilizado, variable y con un franco desprestigio” (BARRIOS et al, 1992, p. 11). Esclarecemos que, a partir das pesquisas por nós realizadas para elaboração desta tese, podemos perceber que a população é considerada bi(pluri)línge porque a maioria dos falantes tem a autonomia para escolher entre uma língua e outra (seja o espanhol ou o português do Uruguai – o portunhol – e, ainda, o português brasileiro) e diglósica, pois o falante ainda tem a possibilidade de escolher a língua segundo suas diferentes funções sociais. Por exemplo, a escolha do português ou espanhol padrão cumpre a função de línguas oficiais, usadas em âmbitos públicos e comerciais, meios de comunicação e instituições de educação; já a escolha pelo portunhol cumpre uma função mais coloquial, usado nas atividades mais afetivas, intrafamiliares e entre amigos. É importante assinalar que o portunhol encontra-se em situação socialmente estratificada, com presença maior entre os setores mais humildes e menos urbanizados da região fronteiriça, portanto, nem sempre existe a escolha de se expressar em outra língua que não seja o portunhol, pois muitas vezes seus falantes não tiveram acesso à educação formal.

Por um longo período, o fenômeno do bilinguismo esteve associado à idade escolar, pois somente os mais jovens tinham acesso à aprendizagem do espanhol na escola. Porém, é possível afirmar que hoje a maioria da população é capaz de se

³²Adotamos aqui a concepção da psicanálise que identifica a coexistência de mais de um idioma no mesmo indivíduo em situação de línguas de contato.

comunicar tanto em uma como na outra língua. No entanto, entre os mais antigos e mais pobres, que não tiveram acesso à educação formal, ainda persiste a situação monolíngue em portunhol, conforme menciona Elizaincín: “Las clases altas suelen preferir una u otra de las lenguas disponibles, según la situación en que se desarrolle el acto de habla. Las clases bajas, en su mayoría son monolingües en *fronterizo* (que ellos llaman “brasileiro”) (ELIZAINCÍN, 1979b, p. 136 – grifo do autor). Situação essa que perdura nos dias atuais e que provoca, até mesmo entre os habitantes da fronteira, um preconceito linguístico muito acentuado em relação à fala em portunhol e, um certo desconhecimento ou descaso sobre a existência da língua fronteiriça entre os habitantes da capital.

Enquanto as políticas linguísticas favorecem a construção do status de prestígio do espanhol como a língua nacional, língua da pátria e das tradições uruguaias e do português como a língua das oportunidades laborais, “do país maior e mais desenvolvido”, o portunhol é relegado à condição de língua do pobre, de quem não tem formação acadêmica e como uma deformação das duas línguas nacionais.

No obstante, el portugués fronterizo es sentido por la mayoría de los habitantes de la zona como una “deformación”; en consecuencia, es necesario evitarlo, pues su uso, en ciertas situaciones, desprestigia al individuo. Coinciden en este aspecto nuestras encuestas en la frontera con la opinión de uno de los entrevistados de Hensey (1972, p. 30) “El niño siente vergüenza de hablar su verdadero idioma”. Probablemente, esta actitud, ahora común, ha sido iniciada por la clase más alta de la sociedad riverense que ve en el fronterizo la lengua “pobre” y “abrasilerada” de los niveles más bajos de la población (ELIZAINCÍN, 1979, p. 137 – grifo do autor).

Elizaincín comenta que os sentimentos de orgulho e lealdade que costumam ocorrer para com a língua nacional não ocorrem com o portunhol. Ao contrário, um sentimento de vergonha e dúvida se instaura por conta da instabilidade linguística do portunhol. O linguista esclarece que tais sentimentos são passíveis de ocorrer devido ao complicado processo de consolidação do dialeto como língua, pois conforme assinala:

la mezcla más o menos indiscriminada y la inseguridad del hablante en muchos casos son síntomas que creemos inequívocos del proceso de surgimiento de una nueva entidad dialectal. Que ella llegue a consolidarse es otra cuestión. Los procesos de consolidación y posterior normalización son consecuencia de causas históricas y sociales. Ellas llevan a un dialecto determinado a adquirir estabilidad y, eventualmente, a generalizarse como lengua de una región, o aun de una nación (ELIZAINCÍN, 1992, p. 142-143).

A partir das nossas pesquisas, observamos que o dialeto fronteiriço funciona como a língua das relações cotidianas e familiares de grande parte da região norte do Uruguai, mas não como uma língua uniforme, padronizada, pois, conforme propôs Rona em seus estudos precursores de 1965, o dialeto pode apresentar-se em pelo menos quatro variedades de acordo com a região em que é formado, dividindo-se, de acordo com as seguintes variedades: **artiguense** (Departamento de Artigas e parte do Departamento de Salto); **melense** (Departamentos de Melo e Cerro Largo); **yaguaronense** (margens do rio Yaguarón e da Laguna Merín) e variedade **tacuarembense** (Departamentos de Tacuarembó, Rivera e a parte oriental de Salto e Artigas). No entanto, Elizaincín sugere que a zona de Rivera seria a área mais influenciada pela presença da língua portuguesa na mescla com o espanhol. No livro que escreveu em 1987, juntamente com Luis Behares e Graciela Barrios, a classificação proposta por Rona passou a ser questionada, pois os autores não acreditavam que a situação linguística fosse tão facilmente classificável e simétrica.

Em 1987, Elizaincín, Behares e Barrios se juntaram para escrever o livro *Nós falemo brasileiro – Dialectos portugueses en Uruguay* com o objetivo de apresentar uma descrição linguística dos dialetos portugueses do Uruguai (DPU). Os autores explicam a escolha pela denominação DPU devido ao fato de acreditarem que o termo “dialecto” é o mais neutro para designar a “forma de hablar peculiar de una zona determinada del territorio nacional” e justificam o emprego no plural devido à visão que têm do fenômeno “como una situación intrínsecamente variable” (ELIZAINCÍN et al., 1987, p. 13). Hoje em dia, a partir de 2008 e da assinatura da “Nueva Ley de Educación”, oportunhol deixou de ser considerado como dialeto e passou a denominar-se “portugués uruguayo”, demonstrando assim a sua permanência como língua viva, sem gramática ou padronização, que teima em resistir ao descaso e às tentativas de eliminá-lo.

O livro retoma considerações feitas por Rona (1965) e Hensey (1972) para confirmá-las ou contestá-las, sem deixar de lado uma exposição dos aspectos históricos já mencionados neste trabalho de pesquisa. O foco principal do livro é fazer uma análise morfossintática dos DPU a partir de entrevistas realizadas com fronteiriços, relacionando dados referentes ao grau de escolaridade, sexo e idade dos entrevistados com a região geográfica em que ocorrem as variações linguísticas.

Desse estudo realizado há mais de trinta anos, percebe-se que as políticas de apagamento das marcas luso-brasileiras tiveram consequências outras que a

homogeneidade da língua espanhola, serviram antes para demarcar fronteiras linguísticas:

Si bien no se ha logrado hasta el momento el ideal de país monolingüe relacionado con la homogeneización y unificación (equiparables a los procesos de estandarización lingüística en cuanto a las funciones requeridas), la política lingüística llevada adelante por el Estado ha logrado la demarcación de fronteras lingüísticas (función separatista) (BARRIOS et al, 1992, p.13).

Assim sendo, podemos considerar que as medidas políticas propostas para assegurar uma unidade nacional, paradoxalmente, tiveram uma função separatista de demarcar as fronteiras linguísticas e não unificá-las, na direção contrária da permanência ambígua, instável e variável dessa “língua viva”, materna e de herança.

1.4 Políticas linguísticas: do ideal de pureza ao reconhecimento da língua híbrida da fronteira

Después, na época que hice la escuela, me quisieron hacer creer que los que hablábamos misturado éramos pobre, sucios, burros [...] cuando viene algún dono da língua a nos decir que tenemos que aprender a hablar como otros, que nuestra fala está mal, nós se miramo entristecido, porque si nos cambian las palabra, nosotros ya no vamos saber ni qué somos - SEVERO, 2017.

Graciela Barrios, no artigo “Discursos hegemónicos y representaciones lingüísticas sobre lenguas en contacto y de contacto: español, portugués y portuñol fronterizo”, de 2008, brinda-nos uma interessante reflexão acerca dos efeitos das políticas linguísticas implantadas no Uruguai em diferentes períodos históricos.

Para seu texto, Barrios toma como referência o período da ditadura militar uruguaia (1973-1985), momento em que a repressão à língua portuguesa juntamente com a obrigatoriedade do estudo do espanhol representavam um ideal nacionalista de hegemonia e pureza linguística do idioma oficial, pois entre os governantes apregoava-se a máxima de “un Estado, una lengua” (BARRIOS, 2008, p. 80), além de defenderem que a identidade nacional era sinônimo de homogeneidade que garantia “*nuestra forma de ser uruguayos*” (BARRIOS, 2008, p. 82 – grifos da autora).

Durante este período [da ditadura militar] se instrumentaron dos campañas idiomáticas. Una apuntó a defender el *estatus* del español frente a la “amenaza” del portugués (campaña de “lucha contra el portugués” iniciada en 1978); la otra, a una defensa del *corpus* del español (campaña purista de 1971). En el primer caso se estigmatizaba a todo uruguayo que no hablara español; en el segundo a todo uruguayo que no hablara un español correcto (BARRIOS, 2008, p. 82).

Pelo acima exposto, podemos perceber que a política linguística não só reprimia o falante de português, mas também aquele que não dominava o espanhol considerado correto, padrão, incorrendo num preconceito linguístico que ignorava questões sociais, regionais e até mesmo econômicas, pois o acesso ao ensino do espanhol, seguramente, não era efetivado da mesma maneira na capital e nas áreas mais periféricas, como a fronteira, nem entre os mais ricos e os mais pobres. No caso específico da zona fronteira, somam-se dois fortes motivos para a discriminação: o fato de grande parte da população “hablar una lengua que no es el español” e, ainda, “usar un español particularmente ‘incorrecto’ porque involucra la condición de mezcla” (BARRIOS, 2008, p. 84).

É importante salientar que a linguagem tem papel preponderante na educação e, sendo ela em zona de fronteira, deve-se levar em consideração que a diversidade linguística tornará ainda mais conflituoso o processo de ensino/aprendizagem.

En ella [la escuela primaria], el lenguaje es el protagonista: el maestro alfabetiza, socializa y educa a través del lenguaje. No solo – como un observador superficial podría suponer – cuando específicamente enseña “Lenguaje” sino constantemente, a lo largo de toda jornada escolar. Ahora bien, ello no constituye un problema grave en comunidades estables lingüísticamente, es decir, en el caso de escuelas asentadas en comunidades monolingües y en las que la extracción social del educador y la del educando son similares. Pero, cuando este ideal no se da, cuando la comunidad no es “estable” sino “lingüísticamente problematizada”, los conflictos y problemas no tardarán en aparecer (ELIZAINCÍN et al, 1987, p. 10 - grifos do autor).

A permanência do discurso nacionalista e xenófobo, que valoriza a língua espanhola ao mesmo tempo em que reprime os “dialetos portugueses” praticados na fronteira, fecha os olhos para o fato de que, segundo Barrios, “el lenguaje en tanto reflejo e instrumento [contribuye a] la construcción de identidades regionales que se superponen a las nacionales” (BARRIOS, 2008, p. 80). Enquanto se defendia que “uruguaiio é quem fala espanhol”, os falantes dos dialetos fronteiros eram considerados antipatriotas: “se insiste en considerar que el uso de los dialectos

portugueses del Uruguay es un hecho antinacional, que debe ser combatido y contrarrestado” (BARRIOS et al, 1992, p. 12).

Em campanha divulgada em 1979, pelo Ministério da Educação e Cultura, insistia-se que “el buen uso de su idioma es uno de los más significativos índices de la cultura de una nación”. Nessa concepção ficam excluídos não só o não-falante de espanhol, mas aquele que não domina uma variedade considerada legítima dentro dos padrões estabelecidos pelo governo:

La aplicación de requisitos tan estrictos acentúa la discriminación lingüística de los grupos no hispanohablantes, pero también de cualquier hablante que no maneje la variedad estándar. Son múltiples y variados los canales de discriminación social que se ponen en marcha a partir de este tipo de emprendimiento político-lingüístico (BARRIOS, 2008, p. 84).

Ainda assim, essa minoria linguística resistiu às políticas educacionais e à persistência do governo em não reconhecê-la. Em outras palavras, continuaram à margem das propostas político-educacionais.

A partir dos anos 90 e da ebulição das discussões sobre globalização e implantação do MERCOSUL, organismos internacionais, na tentativa de catalogar as línguas oficiais dos países do bloco, acabam lançando luz sobre as minorias linguísticas e, por consequência, sobre a diversidade cultural e étnica. Segundo Barrios (2008), os contextos globalizantes, paradoxalmente, iniciaram uma homogeneização cultural através dos meios de comunicação em massa, ao mesmo tempo em que acentuaram os antagonismos, ressaltando as diferenças culturais. Por outro lado, entre os entusiastas ascendeu o ímpeto de defender os direitos culturais e linguísticos das minorias e “entre los organismos internacionales se instala un discurso de la diversidad como patrimonio cultural y punto de partida para la paz internacional” (BARRIOS, 2008, p. 86).

Abre-se, então, um espaço para discussões sobre os dialetos fronteiriços e a presença da língua portuguesa em território uruguaio sob um novo ponto de vista, dessa vez não tão negativo, mas, infelizmente, nem tão progressista como se podia esperar.

Barrios cita a “Declaración de los Derechos Lingüísticos³³”, promulgada na Espanha, em 1996, e faz referência à temática educacional já presente nos textos fundadores do Tratado de Assunção, de 26 de março de 1991, que deram origem ao Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

³³ Declaración de los Derechos Lingüísticos, disponível em: <http://www.unesco.org/cpp/sp/declaraciones/linguisticos.htm>. Acesso em: 14 nov. 2015.

Nos mencionados textos encontramos referência à valorização da diversidade cultural e linguística, respeito às diferenças e às minorias, e o consequente repúdio à discriminação linguística e à imposição de idiomas hegemônicos, conforme destacamos a seguir. Dentre as preliminares consideradas para a execução dos artigos que compõem a Declaração dos Direitos Linguísticos, citamos:

- *todos los pueblos tienen derecho a expresar y a desarrollar su cultura, su lengua y sus normas de organización y, para hacerlo, a dotarse de las propias estructuras políticas educativas, de comunicación y de administración pública, en marcos políticos diferentes;*
- *Considerando que la mayoría de las lenguas amenazadas del mundo pertenecen a pueblos no soberanos y que los factores principales que impiden el desarrollo de estas lenguas y aceleran el proceso de substitución lingüística son la falta de autogobierno y la política de Estados que imponen su estructura político-administrativa y su lengua;*
- *Considerando que la invasión, la colonización y la ocupación, así como otros casos de subordinación política, económica o social, implican a menudo la imposición directa de una lengua ajena o la distorsión de la percepción del valor de las lenguas y la aparición de actitudes lingüísticas jerarquizantes que afectan a la lealtad lingüística de los hablantes; y considerando que, por estos motivos, incluso las lenguas de algunos pueblos que han accedido a la soberanía están inmersas en un proceso de substitución lingüística por una política que favorece la lengua de las antiguas colonias y antiguos poderes imperiales;*
- *Considerando que diversos factores de orden extralingüístico (políticos, territoriales, históricos, demográficos, económicos, socioculturales, sociolingüísticos y de actitud colectiva) generan problemas que provocan la desaparición, marginación y degradación de numerosas lenguas, y que, por tanto, hace falta que los derechos lingüísticos se planteen desde una perspectiva global, para que se puedan aplicar en cada caso las soluciones específicas adecuadas (DECLARACIÓN DE LOS DERECHOS LINGÜÍSTICOS, 1996 - grifos nossos).*

Também dentro das propostas do Mercado Comum do Sul foram planejadas ações relacionadas às políticas linguísticas, efetivando na criação do SEM³⁴ – “Sector Educativo del Mercosur” – com objetivo de promover a integração e o desenvolvimento da educação em toda a região dos países associados e apresentando como “Visão” e “Missão” as seguintes atribuições:

VISIÓN - Ser un espacio regional donde se brinda y garantiza una educación con equidad y calidad, *caracterizado por el conocimiento recíproco, la interculturalidad, el respeto a la diversidad, la cooperación solidaria, con valores compartidos que contribuyan al mejoramiento y democratización de los sistemas educativos de la región y a generar condiciones favorables para la paz, mediante el desarrollo social, económico y humano sustentable.*

³⁴Informações sobre o “Sector Educativo del Mercosur” disponíveis em: <http://edu.mercosur.int/es-ES/mercosul-educacional/o-que-e.html>. Acesso em: 14 nov. 2015.

MISIÓN - Conformar un espacio educativo común, a través de la concertación de políticas que articulen la educación con el proceso de integración del MERCOSUR, estimulando la movilidad, el intercambio y la *formación de una identidad y ciudadanía regional*, con el objeto de lograr una educación de calidad para todos, *con atención especial a los sectores más vulnerables en un proceso de desarrollo con justicia social y respeto a la diversidad cultural de los pueblos de la región* (MEC, 2017, p. 36 - grifo nosso).

Apesar de os discursos apresentarem-se mais positivos em relação à preservação e valorização das minorias linguísticas, os gestores da educação uruguaia ainda vacilam em relação à forma de se expressar sobre a língua híbrida, pois somente interpretam que o ensino/aprendizagem de português e espanhol nas escolas permitiria a correção doportunhol, que permanece com o estigma do “mal falar” as línguas hegemônicas. Desse modo, ao aceitarem a diversidade linguística do Uruguai, há um reconhecimento da legitimidade das línguas estándares, mas não há o reconhecimento do caráter vernáculo da língua fronteiriça, persistindo-se na discriminação de seus falantes.

Conforme ressalta a linguista artiguense Carla Custodio, a adesão do Uruguai ao MERCOSUL fez com que o país voltasse os olhos novamente para as questões de ordem linguística e, principalmente, para as questões fronteiriças e para a língua que persistiu na região, apesar das tentativas de homogeneização do idioma nacional. Porém, esse posicionamento continuou sendo conservador, objetivando o combate ao “dialeto” e a purificação da língua nacional:

el Estado uruguayo comenzó a cambiar su postura frente al portuñol luego de su ingreso al Mercosur, cuando tuvo que asumir la “cuestión fronteriza” y abrirse a las distintas manifestaciones lingüísticas. Entre otras medidas de peso implementó en 2003 la enseñanza del portugués en las escuelas de ciudades fronterizas, iniciativa que para los docentes incluye implícitamente el discurso del “purismo” lingüístico a través del cual se sigue buscando combatir al dialecto, y responde a necesidades “nacionalizantes” que acaban por reproducir dicotomías (CUSTODIO in ACOSTA, 2015, s/p) .

No entanto, Barrios cita declarações, que reproduzimos a seguir, nas quais se sinaliza um desejo por preservar a diversidade linguística. Um exemplo é o pronunciamento do então presidente Dr. Tabaré Vázquez realizado no Teatro Galpón, de Montevideú, em 4 de outubro de 2004:

... hay que respetar y promover la diversidad cultural, porque la diversidad cultural es un factor de inclusión social, de identidad de la nación y de construcción consciente de la soberanía. [...] Si el Uruguay es a la vez Montevideo y el litoral y el Norte del portuñol y la costa atlántica; si igualmente uruguayos son los riverenses, los maragatos o los fernandinos,

también igualmente uruguayos son las expresiones de sus distintas singularidades (territoriales, generacionales, étnicas) (VÁSQUEZ in BARRIOS, 2008, p. 89).

Outro discurso animador com relação à preservação e importância das minorias linguísticas foi o proferido pela deputada Nora Castro, ao assumir o cargo de presidente do novo parlamento uruguaio em 15 de fevereiro de 2005, o qual inicia em português:

Mas a nação necessita de todos e todas, pero la nación necesita de todos y todas, porque tenemos que aprender también que este país no es país de una sola lengua, y reconocer esas existencias, y no una sola lengua hablada, el español y esto que hoy sabemos se llama dialectos portugueses en el Uruguay, sino también esta lengua de señas (CASTRO in BARRIOS, 2008, p. 90).

Discursos como o do presidente Tabaré Vázquez e da deputada Nora Castro suscitaram outras formas de manifestação em defesa do portunhol, como a transmissão no Canal TV10 de Rivera, no dia 18 de abril de 2006, em comemoração à Semana Farroupilha e ao “Mes del patrimonio”, na qual se proclama o portunhol como patrimônio cultural: “El homenaje será al Portuñol y al Peón Rural, es fundamental que sean destacados como ese Patrimonio Inmaterial que nos pertenece” (BARRIOS, 2008, p. 90).

Barrios destaca, ainda, o papel dos linguistas na construção dessa nova consciência que valoriza a identidade e língua fronteiriças e reproduz um trecho da nota intitulada “Portuñol de Rivera pasó de estigma a riqueza lingüística”, escrita pelo jornalista Freddy Fernández, publicada no jornal *El País* digital, em 16 de março de 2005:

Durante décadas en el sur del país quienes hablaban con el característico acento fronterizo, producto de la influencia brasileña, se hacían acreedores al calificativo de bayano. Esta definición peyorativa llevaba a que los muchachos nacidos en la frontera con Brasil hablaran lo mínimo posible, perdiendo identidad y alejándose de sus raíces culturales. Pero la Facultad de Humanidades logró probar la riqueza lingüística del portuñol. [...] Merced a ese trabajo, lo que en el pasado tenía connotaciones de estigma pasó a ser considerado como una riqueza lingüística que merecía un tratamiento científico y definitivo. Esa riqueza que el poblador de la región heredó se conoce como carimbao, abrasilero, portuñol o misturado (*El País* digital, 16/3/2005 in BARRIOS, 2008, p. 91).

Entretanto, apesar dos discursos positivos com relação à diversidade linguística e cultural, Barrios destaca que o que permanece mesmo são os posicionamentos puristas e preconceituosos por parte das autoridades ligadas à educação. A inclusão do ensino de língua portuguesa no currículo escolar uruguaio mostra-se vinculada ao interesse pelo

Brasil como mercado de trabalho, e a inserção do português no mundo tecnológico, científico e artístico. Também aparece mencionada a necessidade de incluí-lo, principalmente, nas zonas de fronteira para que se aprenda a falar “bem” o idioma, ou seja, pretende-se ensinar o português para erradicar o portunhol e, dessa forma, ignoram-se as razões históricas, sociolinguísticas e culturais que justificam sua presença em solo uruguaio. Para exemplificar, citamos a declaração do ex presidente do Conselho Directivo Central de Administración Nacional de Educación Pública, Javier Bonilla, ao referir-se ao plano piloto de ensino de português nas escolas da fronteira: “A nosotros nos preocupa fundamentalmente la zona de frontera donde mejorem un alumnado que se maneja con el famoso portuñol, lo que queremos es que manejen un mejor portugués y español” (BARRIOS, 2008, p. 94).

Todo esse histórico de visão tradicionalmente nacionalista, purista e preconceituosa acabou por influenciar a grande maioria dos próprios falantes dos dialetos fronteiriços a reproduzirem os discursos do bem falar espanhol e português e, lamentavelmente, a associação do portunhol a problema linguístico, que acarreta o sentimento de insegurança e vergonha em relação à própria língua materna. Barrios conclui seu estudo, afirmando, que

los dialectos portugueses, en tanto variedades no estándares discursivamente concebidas como de mezcla, siguen generando representaciones diversas y valoraciones contradictorias, que van desde la consideración como estigma a eliminar, hasta una aún tímida apreciación como patrimonio que debe ser protegido y culturalmente reivindicado (BARRIOS, 2008, p. 101).

Esse posicionamento permanece desde a época dos estudos de Elizaincín, iniciados na década de 70 do século passado, pois o linguista havia realizado uma entrevista com seus alunos universitários da região fronteiriça para saber com qual língua escreveriam se fossem poetas. A opção da maioria dos alunos (90% deles) pelo espanhol era, na época, compreensiva pelo fato de não haver literatura escrita em portunhol com exceção de 2 ou 3 poetas locais (ELIZAINCÍN, 1979b, p. 19). Hoje em dia, vemos que esse quadro vem mudando, com a publicação mais recente de obras literárias na língua híbrida.

Os tais poetas localistas citados por Elizaincín seriam Agustín Ramón Bisio e Olynto María Simões, considerados os precursores da literatura fronteiriça escrita em portunhol. Ambos escreveram suas obras na década de quarenta/cinquenta do século passado, descrevendo, através de suas “vozes poéticas entreveradas”, uma realidade

social e cultural fronteiriça que até então estava silenciada. Consideramos que ambos os poetas, além daqueles que se seguiram, problematizam, através das variedades de portunhol com as quais escrevem suas obras, questões referentes a essa hibridação não só da linguagem, como também da cultura, costumes, tradições e na maneira como se identificam os habitantes dessa região, marcada pela condição de entremeio, de interstício que traz consigo a fronteira.

Segundo María Jesús Fernández García, professora de Filologia galega e portuguesa da Universidade de Extremadura, Espanha, a literatura produzida em portunhol deixa entrever, através da linguagem literária, a translação da linguagem real produzida na fronteira e, assim, a reivindica como marca de identificação de uma comunidade, pois conforme afirma:

Más allá de las variantes dialectales fronterizas, el portuñol es un producto de futuro, sobre todo en el área de MERCOSUR, cuya evolución hoy sólo podemos vislumbrar en la incipiente eclosión de manifestaciones artísticas que reivindican la frontera como seña de identidad para insistir en su función como punto de encuentro (FERNÁNDEZ GARCÍA, 2006, p. 576).

E, como intuito de apresentar algumas das práticas artísticas que reivindicam a fronteira como ponto de encontro, é que apresentaremos, no próximo capítulo, uma seleção de escritores com suas escritas literárias motivadas pelas experiências de hibridação linguística e pela vivência no espaço de enunciação fronteiriço, que apresenta-se como uma produtiva zona de trânsito cultural e linguístico.

Ainda, conforme adverte Fernández García, propomos que a escrita literária em portunhol das obras selecionadas no capítulo II, desta tese, deve ser considerada como uma “recreación lingüística que los autores experimentan siguiendo estrategias diferentes en cada caso: desde la traslación más o menos realista, hasta la pura invención, pasando por la búsqueda del simple efecto humorístico” (FERNÁNDEZ GARCÍA, 2006, p. 561), além da tentativa de recriar um sistema escrito para uma língua ágrafa, sem gramática ou regras, mas que é a língua da comunicação íntima, afetiva e efetiva de uma parcela considerável da população da fronteira Uruguai/Brasil.

Nossa intenção é apresentar uma série histórica que remonta desde aquela que é considerada a primeira obra escrita em portunhol até a produção literária atual de Fabián Severo – sem a pretensão de analisar todas as entradas da língua portuguesa em obras uruguaias escritas em espanhol –, destacando os níveis de hibridação linguística ou, ainda, de inserção de vocábulos de um idioma no texto escrito em idioma distinto.

Capítulo 2: A série histórica do portunhol literário uruguaio

¿En qué lengua hablamos los poetas? ¿Qué gramática besa nuestros pensamientos? ¿Qué diccionario usamos para pintar los ladridos que no nos dejan dormir? ¿En qué mapa calcamos los versos de aire? ¿De dónde somos los poetas? ¿Somos de acá y de allá, ilegales, marginales, indocumentados, ciudadanos del mundo?- SEVERO, 2012³⁵.

O livro *Lenguaje fronterizo en obras de autores uruguayos*, escrito em 1967, pela então professora de ensino médio e preparatório Brenda L. López, reúne informações sobre a inserção de portuguesismos ou “portunholismo” na obra dos poetas Eliseo Salvador Porta, Agustín Bisio e José Monegal. Segundo López “por razones histórico-geográficas, voces y giros luso-brasileños han penetrado por diferentes vías en nuestra lengua oral y muchos de ellos se pueden registrar en toda la literatura uruguaya” (LÓPEZ, 1967, p. 17). López organizou uma espécie de guia na qual identifica todas as entradas de palavras do português, de origem africana (muitas delas relacionadas à culinária e práticas religiosas) e indígena (em maior parte referentes a topônimos ou acessórios e utensílios utilizados pelos índios) e outras tantas palavras já modificadas pelo contato com o espanhol na obra dos mencionados poetas.

Nossa proposta, no entanto, é utilizarmos o livro de López como referência para identificar quem seriam os precursores na escrita de suas poéticas em portunhol, uma vez que foi produzido na mesma época em que os estudos de Linguística também começaram a demonstrar interesse pelo portunhol. Curiosamente, conforme citado em López e nas demais referências que encontramos, a primeira obra em portunhol teria sido escrita por Agustín R. Bisio somente na década de 40, do século passado, o que nos faz questionar essa lacuna na literatura – não há menção à literatura oral em portunhol –, produzida na mescla linguística. A seguir, apresentaremos uma série histórica na qual, após inúmeras referências, optamos por considerar que a poética de Bisio e a escrita do poema “Brindis agreste”, em homenagem à sua cidade natal Rivera, como a primeira mostra de portunhol literário escrito, proveniente da fronteira Uruguai/Brasil.

³⁵ Discurso proferido durante o “Encuentro de Jóvenes Escritores de América Latina y Caribe en la Feria Internacional del Libro”, em Havana, Cuba, 2012.

2.1 Agustín Ramón Bisio: o precursor da poesia fronteiriça

Agustín Ramón Bisio³⁶ nasceu no dia 1º de fevereiro de 1894, em Rivera, cidade uruguaia que faz limite com a cidade brasileira de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul.

Sua principal obra poética, *Brindis Agreste*, foi publicada em 1947, assim intitulada com o nome do poema que escreveu em homenagem à Rivera e pelo qual recebeu o prêmio “Remuneración Literaria del Ministerio de Instrucción Pública”. O crítico uruguaio Carlos Zum Felde, escreveu um artigo que foi publicado em 1936, na revista *Frontera*, sobre a escrita do poema “Brindis Agreste”, que, mais tarde, serviu de prólogo para o livro de Bisio, no qual fez a seguinte declaração sobre o poeta e sua obra:

Como poeta no sería exagerado decir que es el creador de un género de poesía que sería preciso hacer conocer y difundir: la poesía fronteriza. Fronterizos los temas, las descripciones, los sentimientos y, sobre todo, ese lenguaje fronterizo, mezcla de gauchesco y portugués. ¡Y qué cosa sentida y tocante cuando el tema tiende a lo emotivo a lo triste, que maravilla de gracia pintoresca cuando va a lo descriptivo y humorístico! ¡Y, que novedad y que interés le agrega esa especie de dialecto gaúcho brasileño! Sí, creo que es una creación, una cuerda nueva en nuestra lira (LÓPEZ, 1967, p. 54).

Sua poética fronteiriça mescla uma provável versão rural do espanhol – rural pelos temas, descrições e personagens – com uma provável versão afro-brasileira³⁷ do português –, digo afro-brasileira porque muitas das palavras inseridas no texto se referem à culinária, práticas religiosas e tarefas domésticas do universo feminino, que ainda à época eram exercidas pelas negras remanescentes da escravidão mais tardia no Brasil.

O livro está composto por 38 poemas divididos em seis partes. A primeira, “Pórtico”, apresenta um único poema, “Brindis Agreste”, escrito em homenagem a

³⁶ Aos 16 anos, então aluno do Instituto Aramburú, recebeu o diploma de mérito literário pela composição *Días de gloria* (1910), que foi publicada nos jornais *La Razón*, *La Democracia* e *El Día*, e impressa em folhetos que foram distribuídos em todo o país. Mudou-se para Montevidéu para cursar Agronomia, curso que não concluiu por haver discutido com um de seus professores. Retornou a Rivera e dedicou-se a cargos públicos, exercendo a função de presidente do Conselho Departamental e defendendo sempre a cultura da região, tanto que, sem apoio governamental, fundou um museu em sua própria residência, abastecido também pelas esculturas em madeira que ele mesmo fazia. (Informações recompiladas de RANGEL, 2011; PINTOS, 1990; BOLIVAR, 1955; BORDOLI, 1966)

³⁷ Ainda que tenhamos a consciência de que inúmeros escravos, oriundos da África, entraram na República do Uruguai até o final da escravidão no ano de 1842 e ali permaneceram e constituíram uma grande diáspora africana no país, sugerimos que as palavras destacadas nos poemas de Bisio (e de seus contemporâneos) são de origem afro-brasileiras porque são palavras correntes da língua portuguesa e não foram incorporadas ao léxico do espanhol uruguaio.

Rivera: “Bebe agua de Rivera,/ de las sierras nativas,/ parto de gloria que la luz bautiza,/ aun parece que venga saturada/ de sabor aborigen” (BISIO, 1966, p. 11-12).

Ao que parece, a segunda parte do livro “Estampas fronterizas” é escrita em homenagem aos moradores da fronteira, pois todos os poemas dessa seção estão dedicados a uma pessoa que é descrita nos textos. Entre as personagens se encontram a parteira Mãe Bemvinda, o “carretero”, o índio Maneco-Pescador, o negro artesão de gamelas, Doña Juanita e o velho tropeiro.

O primeiro poema dessa seção é em homenagem à Mãe Bemvinda, parteira da região. Nele encontramos palavras comuns ao léxico da língua portuguesa sendo inseridas no texto escrito em espanhol. Para o poema, Bisio escreve uma nota explicativa na qual orienta que os termos “pai” e “mãe”, antepostos ao nome próprio, eram muito utilizados para nomear os negros velhos, assim como a sua homenageada. No referido poema, temos retratado o cotidiano da doméstica e parteira, e de seus ritos religiosos e de “curandeiria”, e por isso, utiliza palavras que remetem a esse campo semântico:

Mãe Bemvinda está siempre en movimiento/
desde que sale el Sol, hasta su puesta, /
y hasta en la bochornosa hora de la siesta /
no cesa ni un momento.

Y... la edad de esa negra es un misterio...
Ella misma no sabe de su infancia;
diz, pero hay dudas, que nació en la estancia
de un “Seu Barón”, en tiempos del Imperio.
[...]
Es perita en las artes de cocina
siendo maestra en platos especiales
ciñéndose prolijos delantales
cuando hay trajín de harina

Sabe estallar “pipoca” almibarada
y también hojaldrar ricos pasteles
en las tortas cosecha sus laureles
y se luce en la clásica “fejjoada”.

Es dicha en artes de curar mil males,
pues, no resiste el mal sus “benceduras”,
si le fallan los yuyos en las curas
y los ungüentos hechos en rituales.
[...]
Toda fué así su vida! /
pero es negra perdida, /
si no echa un trago y si no fuma en chala (BISIO, 1966, p. 15-16).

No poema a seguir, dedicado ao índio “Maneco-Pescador”, encontramos palavras referentes à fauna, entre elas a palavra “yundiá”, de procedência guarani, que significa “bagre negro”. Dessa forma, o poeta, no poema em homenagem ao índio, rememora sua língua originária:

[...]
 Cuando zambulle, y aparece luego
 entre espumas y círculos,
 semeja a “ariraña”, esa cabeza
 que se sacude melenuda y lacia
 dando bufidos.

Creo que hasta tenga piel gelatinosa
 el cuerpo de ese indio,
 como el “yundiá” de los arroyos hondos
 que glisa entre las algas y entre el limo.
 [...] (BISIO, 1966, p. 21-22).

A terceira parte “Paisajes norteños”, trata das paisagens da fronteira: os “caminos rojos de Rivera,/ alfombrados de polvo de ladrillo” (BISIO, 1966, p. 38); das paisagens serranas: “Como una gigantesca caravana/ de enormes dromedarios, que reposa,/ la sierra se diluye en la lontana/ oscuridad, solemne y silenciosa” (BISIO, 1966, p. 39). No último poema dessa seção, são rememorados os grupos que constituíram a população fronteiriça – os imigrantes, os negros, os índios e os mestiços:

Y fué el tesón de un estanciero criollo
 el que rayó en los campos ese cerco,
 donde amasó su inteligencia “el gringo”
 con el sudor de los esclavos negros.

Segos de teru-teros,
 saetas de libélulas,
 y hasta nostalgias de un arduar charrúa,
 pasan ante los ojos asombrados,
 acelerando el fuego de las venas;
 que ese escenario aún clama por la piedra,
 que, atada a un tiento, vuela,
 mientras flamean las plumas de una vincha
 en la salvaje libertad de América! (BISIO, 1966, p. 48-49).

A quarta parte, “Los simples motivos”, se refere à temática do cotidiano, temas triviais que servem de título para os poemas, como a “sandia”, o “sombbrero”, o “burrito llorón”, o “pájaro cautivo”, os “tamboriles”, entre outros. No poema “Rondas de mi patria chica”, aparecem inseridas algumas poucas palavras da língua portuguesa no poema escrito em espanhol: “Ronda, ronda de ‘Saudades’/ bajo el plácido ‘luar’/ que

también danza la luna/ en el patio vecinal” (BISIO, 1966, p. 78). No poema “Tamboriles”, encontramos referências ao carnaval, aos negros e às suas danças, e algumas palavras são grafadas em português:

Que el Bataque y el Candombe,
ha tiempo los desterró,
eso de “puxar cordones”
tangos, zambas y foxtrots.

“¡Toque-toc, toc-toc, toque-toc, toc-toc!”

“Fantasiada” de Gitana,
la mulata Encarnación,
es reina de la jarana
y princesa del salón (BISIO, 1966, p. 74).

Na quinta parte, “Agua de quebradas”, os temas são variados. Chamou-nos a atenção dois poemas nos quais são inseridas palavras de origem indígena, como as que podemos observar na descrição da “Muchacha serrana”: “Sus rulos oscuros,/ son como el plumaje de los *caraiúes*,/ y, negros sus ojos, cual los *guaviyúes*, cuando están maduros [...] tiene el gusto agreste de la miel silvestre/ de las *lechiguanas* y los *camoatíes*” (BISIO, 1966, p. 83, grifos nossos) e, também, em “La lavanderita del Cuñapirú³⁸”, onde se lê: “La lavanderita/ del *Cuñapirú*,/ de los ojos negros/ como el *guaviyú*,/ de la boca roja/ como el *cumbarí*,/ la llevó un tropero/ para *Yaguarí* (BISIO, 1966, p. 91, grifos nossos). Apesar do emprego de termos de origem indígena, não há menção alguma sobre a influência do índio e de seu léxico na formação doportunhol fronteiriço.

Da sexta parte, “Acordeon de mis sierras”, citamos o poema “Va’ encomenzar el baile”, no qual aparecem algumas palavras, provavelmente, em uma versão rural da mescla português e espanhol, como se pode notar já no título e também na estrofe: “Las mozas se acicalan y se empolvan/ y una a una en la sala ‘se apresientan’/ sentándose enfiladas/ contra de las paredes,/ ‘mesmo qu’ en los estantes, las boteyas’!”, e também em outros versos, como: “preguntale a Gaudencio,/ y se acerciorin de que no los cuidin/ y nos dejín de quecho...”, ao qual Bisio escreve a seguinte nota explicativa: “‘y nos dejin del quecho: corrupción del portugués ‘e nos deixem do queixo’. Traducción: Y nos dejen de la quijada; es decir, ‘y nos hagan la pera’, o ‘ nos dejen colgados’” (BISIO, 1966, p. 97).

³⁸Cuñapirú (do guarani, mulher magra) é o nome de um arroio que nasce na cordilheira Cuchilla Negra e atravessa o departamento de Rivera, desembocando no rio Tacuarembó.

No poema “Benceduras”, as palavras do ritual de benzeção contra o “cobreiro” são reproduzidas em português e, em seguida, a voz começa a expressar-se em portunhol:

Palabras de ritual
 “Con agua da fonte
 e rama do monte,
 pra que non cresças
 nem enveleças,
 te corto a cola
 e a cabeça”
 [...]
 Asin se bence el cobrero
 [...]
 Si al cabo del tercer día
 non yegase a mejorar,
 se cura con “sempatía”,
 escribiendo sobre el mal
 y a l’inversa: “¡Ave María!”
 pos, si non cura, alivía,
 y...¡ya’stá! (BISIO, 1966, p. 100).

Nessa sexta parte, os doze poemas que a compõe são escritos na versão ruralizada do portunhol de Bisio como, por exemplo, em “Preparativos”, onde se lê: “Todos stán di acuerdo/ que non s’envite al Fiuusa ni al Clemente,/ pos, mesmo, francamente,/ son negros bagaceras,/ que non sabin istar entre la gente” (BISIO, 1966, p. 119). Também citamos o poema “Mboi-tata” sobre rituais de “mandinga” e com a nota explicativa escrita por Bisio sobre a origem no guarani do Mboi-tata, significando “culebra de fuego, luz mala, fuego fatuo” (BISIO, 1966, p. 122).

A sétima e última parte, “Varias”, apesar do título, pode-se considerar como sendo em homenagem a Rivera, como os poemas sugerem: “Naranjos de Rivera”, “Mi tierra gaucha”, “Himno a Rivera”, “Saludo a la recitadora Débora Valiente con motivo de su viaje a Rivera”, entre outros. Nessa última parte, podemos considerar que a escrita se dá em espanhol padrão, salvo no último poema, “Panta-Manuel”, que tem um índio por personagem, as vozes voltam a se pronunciar em portunhol.

Bisio morreu no dia 23 de julho de 1952, mas sua família mandou publicar postumamente o segundo tomo de *Brindis Agreste*, em 1955, conforme o próprio poeta já havia organizado. Esse segundo tomo mantém uma formatação similar à anterior, no qual os 41 poemas são divididos em três partes, antecedidas de um texto de O. M. Bolívar, escritor brasileiro que escreveu sobre os traços biográficos de Bisio, prólogo de

Montiel Ballesteros, um poema em sua homenagem, de Lalo Mendonça, e um poema de Bisio em formato de epígrafe.

Já no primeiro poema do livro podemos assinalar algumas características do portunhol de Bisio:

Y, ¡qué yanta jué aquella!
 que aquello no jué yanta;
 ¡jué un derroche de puras cosas güeñas...!
 Había lechón asao, gallinas patos,
 resendiendo a perfumes de tempero;
 [...]
 Esas cosas que ya parecen cuentos
 y que conocen los gurices de áura...
 [...]
 Había otras mesas, pra la gente rica
 Ande staban los novio...
 [...]
 Olsequiaron más tarde con charutos,
 y ella se guardó uno; y, ¡de los güenos!
 “pra el Tío Cisnando, el pobre negro viejo,
 que quedó de casero...”
 ¡Dispués!... de aquí, pra Allá; diba y venía
 con un pucho apagao, hecho chupeta,
 atrapayando el tránsito a la gente
 que servía nuevas mesas (BISIO, 1955, p. 23).

Sobre o trecho anteriormente transcrito do poema “Crónica: del casorio de los Mesa”, podemos fazer as seguintes considerações: recorrência de palavras comuns ao léxico da culinária brasileira, como janta, tempero, feijoada e canjica (p. 25), pirú relleno (p. 26) e pie-de-muleques (p. 27). As palavras “janta” e “fue” são grafadas com ortografia subvertida pelo poeta, numa provável tentativa de aproximar-se da forma oral em portunhol. Enquanto a primeira fica mais aspirada (yanta) na versão de Bisio, a segunda, que é mais aspirada em português, passa a ser mais gutural (jué). A maneira como escreve “perfume” y “dispués”, nos remete à maneira mais ruralizada de se pronunciar. É interessante notar ainda como a palavra “guri” (originária do guarani) passa a ter outra forma no plural que se difere da norma geral de pluralização do espanhol³⁹. As palavras “güeñas” e “güeños” provavelmente se refere a “buenas(os)” com uma pronúncia estilizada. Outra característica que nos chama a atenção é a pluralização do determinante (artigo) e a não-pluralização do substantivo: “los novio”. A aspiração da sílaba “es” do verbo estar também é frequente no portunhol de Bisio, em

³⁹ Na norma geral de pluralização, as palavras terminadas com I tônico pluralizam com acréscimo de ES, o que resultaria no plural “guríes”. Essa forma plural da palavra “guri” aparece também em outra fronteira, na província de Corrientes, na Argentina, por exemplo.

“stá”. O emprego de “y” para reproduzir o som peculiar da pronúncia de “ll” ou do próprio “y” do espanhol rioplatense que, por sua vez, se assemelha do [ʃ]⁴⁰ do português, como em “yanta”, “atrapayando”.

É interessante ressaltar que Bisio escreve muitas notas de rodapé nas quais explica o significado de algumas palavras em português ou portunhol, indica a origem de algumas, além de advertir para a pronúncia, como em “las letras que llevan acento circunflejo deben pronunciarse como en portugués” (BISIO, 1955, p. 67). Observamos, ainda, que o poeta emprega as aspas para marcar a presença de palavras ou expressões da língua portuguesa ou da sua versão de portunhol.

Entre as temáticas mais recorrentes estão as que se referem aos habitantes de Rivera, muito provavelmente pessoas reais com as quais convivia ou sobre as quais se escutava falar, também são frequentes as descrições de paisagens locais e os relatos da vida pública e privada na fronteira com seus costumes e rituais.

2.2 A poética riverense de Olyntho María Simões

Ainda que não tenha feito parte da seleção de poetas fronteiriços organizada por López, a qual mencionamos no início deste capítulo, encontramos outras menções segundo as quais Olyntho María Simões⁴¹ aparece, junto a Bisio, como sendo precursor da escrita em portunhol no Uruguai.

Simões nasceu em Rivera, no dia 5 de junho de 1901. Sua vida sempre esteve dedicada às atividades culturais, literárias e educacionais. Em 1930, em decorrência de sua participação em um concurso organizado pelo governo municipal, obteve o prêmio máximo com seu “Canto a Rivera”, que acabou se tornando o hino da cidade. Em 1950

⁴⁰ O fonema [ʃ] representa o som de X ou CH da língua portuguesa, que por sua vez, se assemelha à pronúncia rioplatense de Y/LL.

⁴¹ Simões começou a trabalhar como tipógrafo ainda muito jovem e aos vinte anos já publicava seus próprios textos no semanário *El Lechuza*. Em 1922, fundou juntamente com um amigo o jornal *La Cachiporra*. Durante toda sua vida esteve vinculado às atividades culturais e educacionais de sua cidade natal, tendo, inclusive, fundado o primeiro *Ateneo* de Rivera, em 1936, no qual se desenvolveu ampla atividade artística. Integrou várias comissões de fomento escolar, foi fundador e secretário da *Asociación de Padres de Alumnos Liceales*, por 13 anos e, ainda, foi um grande incentivador para que a cidade inaugurasse o Instituto Normal, que atualmente é o Instituto de Formação Docente. Trabalhou na comissão diretiva da *Escuela Taller de Artes Plásticas*, desde a sua inauguração em 1956 até a data de seu falecimento em 09 de outubro de 1966 (Informações reunidas de RANGEL, 2011, VELOSO, 1976). Seu nome aparece grafado de diferentes formas: Olynto, Olinto e Ollinton. Optamos pela forma como aparece no seu livro, mas mantivemos as formas como aparecem nas citações.

publicou o livro *La sombra de los plátanos*, em alusão aos pés de bananeira existentes nas ruas de sua cidade natal.

O livro é composto por 26 poemas, divididos em três partes: “Alucinaciones”, “Varias” e “Versos olvidados”. Podemos considerar que os poemas são escritos primordialmente em espanhol, com a inserção de palavras do português – para elas, Simões elabora um glossário no início do livro. Em seus poemas, tal como nos de Bisio, figuram cenas e personagens populares que habitaram, e que talvez ainda habitem, a região fronteira, com seus costumes e práticas sociais e religiosas:

En los viejos fortines en ruinas
 en mis tiempos de alegre muchacho,
 hice más de un tiritito a la taba
 y jugué mis partidas al sapo...
 Conocí a Juan Barullo de cerca;
 intimité con Ciriaco
 y la negra María Das Dores
 enseñóme a "benzer" el "quebranto"
 y a cortar con el filo del hacha
 los vientos más bravos
 Ya sé cantar "terços"
 y lo mismo pasar contrabando (SIMÕES, 1963, p. 13).

No trecho do poema acima, “Riverense”, com o qual inicia seu livro *La sombra de los plátanos*, Simões faz uma espécie de autobiografia poética, na qual deixa transparecer sua proximidade afetiva com a cidade de Rivera, suas experiências de menino em meio a algumas personagens com as quais, provavelmente, teria convivido: Juan Barullo, Ciriaco e a negra María das Dores. Dessa última, temos as referências que a relacionam às práticas religiosas afrodescendentes: benzer, quebranto, terços, que são retomadas em outros textos. Há um poema intitulado “Nenena”, nome de sua filha, tal qual aparece na dedicatória do livro. Também publica um poema em homenagem a Bisio, seu compadre, por haver batizado seu filho.

Como dado cultural e regional da fronteira aparece uma menção à atividade de contrabando, também observável em outros poemas, como: “Nunca fui contrabandista./ Cuando tuve un bolichito/ solo compraba en la línea/ yerba, azúcar, cana y vino”. (SIMÕES, 1963, P. 31) – a expressão “comprar en línea” se refere a compras feitas do lado brasileiro, conforme esclarece o próprio poeta. No entanto, os produtos mencionados no poema não se enquadram entre os produtos considerados contrabando. Metaforicamente, podemos sugerir que nessa região não só as mercadorias são

contrabandeadas, mas também os costumes e as línguas, fazendo da fronteira – Rivera – um “mundo aparte”:

– El tal de pariente ese
me dice, dice el muchacho,
que es Rivera un mundo aparte
y que más bien que uruguayos
parecemos brasileiros
por el habla que empleamos,
y que en vez de trabajar
vivimos del contrabando;
que no respetamos leyes
y que nos llevan “arriados”
a votar; que no tenemos
conciencia de ciudadanos
y de la función del voto
en un país democrático,
y tantas “lorotas” más
que ya me estaban inflando...
– ¿Y usted m’hijo qué le dijo?
(pregunta el viejo a su vástago
con viva curiosidad).
– Le dije: *Ta te bobiando* (SIMÕES, 1963, 58-59).

A aproximação entre as cidades acarreta um sentimento de pertença a ambas, ou seja, vai se originando uma relação afetiva que não faz distinção entre os dois países: “¡Yo soy más, mucho más de Rivera/ que el Cerro de Marco” (p. 13) e “Calle Brasil, vivo unido/ a ti por muchos recuerdos” (p. 14). A cidade gêmea com Rivera, Santana do Livramento, é inclusive inspiração para um poema, no qual se intercalam palavras da língua portuguesa ao texto escrito em espanhol:

Yo te canto, también, Santana viejo
– grata ciudad de mi ciudad hermana –
pues vivo unido a ti por un añejo
amor que data de mi edad temprana. [...]
¡Santana viejo de las serenatas
Al pie de la ventana “da guría” [...]
¡Oh, aquellos bailes de la “rúa empedrada” [...]
¡“Vísperos” bravos de la “rúa de piola” [...]
¡Viejo Santana de “María pentiada”
– la célebre morena “benzedora”; – [...]
con profunda emoción de fronterizo
yo te canto también, sinceramente,
pues vivo unido a ti por el hechizo
que emana del pasado tu presente! (SIMÕES, 1963, p. 46).

É interessante notar que as palavras da língua portuguesa inseridas no texto em espanhol são marcadas pelo uso de aspas e, juntamente com expressões idiomáticas, são elucidadas no glossário no início do livro. Assim, se explica que guría é namorada,

vísperos é bingo, lorota é mentira, etc. Entre as expressões contidas no glossário estão “mandar a Santana”, mandar comprar no armazém do Santana, do lado brasileiro; “jaia jaia”, a galopes e “ta te bobiando”, estás falando besteira. Inclusive encontramos a alusão a um provérbio popular brasileiro: “Se cumplió, pues, nuevamente/ una vieja profecía/ que asegura que el toma/ agua da Bica, fica” (SIMÕES, 1963, p. 52).

A temática religiosa é recorrente na poética fronteiriça de Simões. No poema “Un ‘terço’”, observamos a passagem da língua espanhola para a língua portuguesa quando o poeta começa a descrever uma cena de religiosidade popular:

Alrededor de una tumba, / en el Cementerio Viejo / diez personas de color / con unción cantan un “terço” / [...] / Actúa de Capelona/ doña Lorenza Remedios / que goza de justa fama / por el cabal desempeño / con que ejerce sus funciones / como tal, en nuestro medio / [...] *Abríuse o Sepulcro / saíu o Senhor fóra, / receber esta alma / que vai para a Gloria / As contas de meu rosário / são balas de artilharía / para combater os infernos / rezando os aves María / La vein a Nossa Senhora / decendo u Monte Carvaio / levando Nosso Senhor / inxugando cun a tuaia. / Meu Anjo da Guardia / Bem Aventurado, / que sempre convosco / me tenhas pegado. / Cuando eu for chamado / por Nosso Senhor, / livraime meu Anjo / de todo o pavor. / Si um pavor levar / muinto he de sentir / me ajuda meu Anjo / aos céus subir./ Cerrando la ceremonia,/ si no mienten mis recuerdos,/ a la memoria del muerto,/ en la forma que traduzco/ bien o mal en estos versos:/ *Anima bendita/ que estáis en el Cielo, tus deudos te ofrecen/ llorando este terço. Que Dios para siempre/ te tenga a su lado,/ y que El nos aparte/ de todo pecado./ Que me perdone el lector/ si he padecido algún yerro,/ pues falla muy a menudo/ la memoria de los viejos* (SIMÕES, 1963, p. 53-54).*

No poema em questão, quando Simões se refere à prática religiosa da personagem afro-brasileira⁴², o sujeito poético passa a se expressar na língua portuguesa numa forma de registro que denuncia a precariedade da língua tanto pela condição social como pela influência do espanhol na língua da benzedeira. Essa passagem de um idioma para o outro representaria a alternância de interlocução das personagens: da narração da cena, passa-se diretamente para a oração, representando o discurso direto da benzedeira.

⁴² Sugerimos que a personagem é afro-brasileira e não afro-uruguaia devido ao fato de sua língua ser o português. A presença negra no Uruguai, estimada hoje em dia em cerca de 10% da população total, formou-se originalmente por africanos de diferentes etnias - Congos, Ngolas, Benguelas, Nganguelas, Quissamas, Cabindas, entre outros, - levados a Montevideu, durante o período em que servia de porto negreiro na segunda metade do século XVIII. Segundo Oscar Montaña, o país recebeu de 50 a 60 mil africanos, entre os anos 1752 e 1842, a maioria com destino a outros países como Argentina, Peru ou Bolívia. Poucos permaneceram em Montevideu, mas o suficiente para transfigurar a cidade, chegando a constituir, segundo senso de 1824, 31% da população oriental. No entanto, como a escravidão no Uruguai foi abolida em 12 de dezembro de 1842, os escravos fugidos do Brasil que alcançavam a região fronteiriça eram recebidos como cidadãos livres no Uruguai, desse modo, a região ao norte do Uruguai recebeu muitos afro-brasileiros, já que no Brasil a abolição só aconteceu 46 anos mais tarde, em 13 de março de 1888, passando a constituir 35% da população fronteiriça (MONTAÑO, 2007, p. 104).

Acrescentamos, ainda, em relação à linguagem – material dos poemas acima citados, que fez com que o poeta Agustín Ramón Bisio recebesse o reconhecimento de ser o criador de um gênero poético, a Poesia Fronteiriça –, que tanto Bisio como Simões empregam uma variedade de portunhol que se refere primordialmente à inclusão de palavras da língua portuguesa, muitas delas de raízes afro-brasileiras⁴³, nos poemas escritos em espanhol, criando interferências e um processo de intercompreensão linguístico-poética. Percebemos ainda uma forma de variedade coloquial, oral, diríamos inclusive ruralizada, que dá voz a personagens do povo, em geral, pessoas mais simples que vivem do trabalho doméstico e do campo e que têm hábitos alimentares e religiosos diferentes daqueles adotados pela maioria dos uruguaios, os da capital Montevideu e adjacências. Em certos vocábulos, constatamos ainda uma escrita que aproximaria à pronúncia de palavras, reciprocamente, “contaminadas” pela coexistência das duas línguas nacionais em um mesmo ambiente linguístico, principalmente na escrita de Bisio, onde se evidencia uma escrita em portunhol, não só a partir da alternância entre os idiomas, mas por meio de construções lexicais que demonstram a mistura: “com’una palabra/ qui non sei prenuciar; creio qui es... milancuría/ pos, ¡azín! er’el tocar” (BISIO, 1966, p. 150).

Aproximadamente 60 anos separam o fim da escravidão no Brasil e a escrita dos livros dos poetas fronteiriços; assim, acreditamos que os costumes, ritos e língua dos negros que permaneceram no Brasil influenciaram o léxico da língua portuguesa, que por sua vez, influenciaram inclusive o léxico da região da fronteira. É isso o que parece sugerir o professor de História Regional da Universidade de Passo Fundo, Carlos Roberto da Rosa Rangel (2003), quando afirma que uma das razões para o hibridismo religioso e linguístico está no fato de as poesias de Bisio e Simões remontarem à época recente, para os poetas, da escravidão no Brasil. Quanto à escravidão no Uruguai, Rangel acredita que a influência tenha sido em menor proporção, uma vez que essa foi extinta pelo menos 40 anos antes que no Brasil.

Como no início do século XX a passagem do Brasil para o Uruguai era constituída de limites precários e frágeis, “sujeito[s] a toda sorte de transgressão, permitindo uma permeabilidade e uma coexistência cotidiana que extrapola[vam] a rigidez dos tratados internacionais” (RANGEL, 2003, p. 34), não raro, escravos

⁴³ De maneira alguma estamos negligenciando a influência africana na cultura uruguaia, mas especificamente nos textos em que as falas dos negros aparecem retratadas na língua portuguesa, consideramos que a base linguística seja afro-brasileira e não afro-uruguaia.

brasileiros fugiam para o país vizinho, fazendo com que novos tratados entre os países fossem estabelecidos para conter essas fugas e garantir a extradição dos fugitivos. Entretanto, por contrariar a constituição uruguaia que não previa mais a escravidão depois de 1842, não fazia sentido a prisão e extradição dos escravos, uma vez que em território uruguaio eles não deveriam ser considerados com tal.

As diferentes leituras que as autoridades brasileiras e uruguaias faziam desse[s] tratado[s] deram margem a inúmeros incidentes e arbitrariedades envolvendo escravistas sul-rio-grandenses e negros libertos no Uruguai, os quais acabaram por se estabelecer[em] nos departamentos mais ao Norte, introduzindo ali suas crenças e práticas religiosas que contribuíram para reforçar um certo ecumenismo distante do dogmatismo católico (RANGEL, 2003, p. 35)

Conforme assinala Rangel, as práticas de religiosidade “profanas” e “anticatólicas” abrangentes na região fronteira se devem a diversos fatores, entre eles à escassez de igrejas e padres – até 1886, os nativos dessa região tinham que ser batizados por padres brasileiros e, assim, recebiam documentos que os convertiam em cidadãos do Império Português – e, ao mesmo tempo, conviviam com uma relativa abundância de rituais afro-brasileiros: “na região de fronteira com o Brasil ocorreu um interessante hibridismo religioso entre a fé católica – com seus santos, rezas e cantilenas – e as práticas de fundamentação mágica, trazidas pelos representantes das etnias africanas” (RANGEL, 2003, p. 35).

De acordo com o artigo publicado por Rangel na revista *Métis: história e cultura*, em 2003, em um censo realizado na cidade de Rivera, em 1895, para contabilizar dados referentes à religião e cor de pele dos habitantes, uma informação que nos chama a atenção é o número expressivo de brasileiros que viviam na região: 2586 frente a 2536 uruguaio, ou seja, a população brasileira era maior que a de cidadãos uruguaio. Referindo-se a dados do início do século XX, o historiador menciona que a quantidade de estrangeiros em relação aos uruguaio diminuiu, caindo para 25,29% em 1900 e 20,78% em 1908. Entretanto, o historiador comenta que a influência das populações negra e mestiça – mistura de negros e brancos – já haviam sido determinantes na configuração cultural da região ao norte do território uruguaio.

Consideramos que os textos literários podem ser fonte de dados históricos comprometidos com a verossimilhança, uma vez que também os historiadores fazem suas próprias leituras dos fatos narrados nos referidos textos. Assim verificamos que, na tentativa de resgatar elementos da história cultural da região fronteira entre Brasil e

Uruguai e de caracterizar a identidade regional da época, Rangel faz referência aos poemas de Bisio e Simões e conclui que, através de seus textos, tem-se recobrada

uma memória popular que estava encoberta por um *esquecimento* proposital, incentivado pelo aparato técnico e burocrático do Estado, o qual tomava a presença das benzedoras afro-brasileiras como uma infiltração cultural nociva aos esforços de controle sobre os corpos e mentes dos segmentos sociais mais subalternos. Entretanto, as obras poéticas de Bisio e Simões não se limitaram a proclamar uma diferença cultural da região Norte do Uruguai apenas pela religiosidade popular. O estigma de contrabandista e de protonacional é denunciado ao mesmo tempo [em] que é reivindicado como marca de alteridade com o mundo culto e próspero de Montevideo (RANGEL, 2003, p. 40 – grifo do autor).

A escrita de Bisio e de Simões apresenta um caráter nativista, uma vez que sua poesia, estruturada a partir da oralidade campestre, descreve os sentimentos e costumes da comunidade fronteira que, principalmente à época dos escritores, poderia ser considerada de base predominantemente rural. Os procedimentos de escrita demonstram a intenção política, de base linguística, ao fazer do repertório linguístico fronteiriço matéria escrita e literária para abordar a vida, os costumes e a língua da fronteira norte-uruguia e, assim, simbolizar o local do qual e sobre o qual escrevem.

Simões morreu em 1966. No aniversário de 10 anos de sua morte, em homenagem ao poeta, foi publicado o livro *Hojas sueltas*, no qual foram reunidos 13 poemas remanescentes, com o texto “A manera de prólogo”, escrito por seu amigo pessoal F. Raúl Veloso e um texto crítico sobre a obra do poeta, assinado por Bernardo Ferreira Avila, intitulado “La poesía lugareña de Simões”. O livro póstumo é assinado por Simões sem ser mencionado na edição quem compilou os poemas ou a nota que reproduzimos abaixo:

Estas “Hojas Seltas”, que quedaron desprendidas de “La sombra de los plátanos”, son poemas informales hechos por Olyntho, con el propósito de divertir a los amigos. Al cumplirse los diez años de su fallecimiento, van para esos amigos estas hojas, como un emocionado recuerdo del tiempo que se fue, pero que sigue siendo presente en el corazón (SIMÕES, 1976, p. 33).

Dentre os 13 poemas, destacamos dois nos quais o poeta reproduz um jogo com a linguagem, por meio da aliteração com as consoantes B e X, respectivamente. Citamos “El boema de la B”: “Bulso la lira de mi bertenencia,/ la de mi bertenencia y simbatía,/ bara cantar la B de breferencia/ de la colonia de la batria mía” (SIMÕES, 1976, p. 49) e,

no poema, “Sin xota” (X representando o som do [ʃ]⁴⁴ rioplatense): “El viexo/
Clavixo/se encuentra perplexo:/Alexo,/ su hixo,/le hizo un barbixo/ al negro Gramaxo;/
y éste, que no es floxo,/ ni manco ni coxo,/ coxiendo un vergaxo,/ a Alexo de cuaxo/
extráxole un oxo” (SIMÕES, 1976, p. 56).

Os outros poemas que nos interessam em relação à língua adotada são “A Edgardo Ribeiro”⁴⁵, feito em homenagem ao pintor e outros artistas de seu ateliê, em razão da exposição que realizaram de suas obras na “Escuela Taller de Artes Plásticas”, dirigida por Simões: “Vamos dá pra u seu Ribeiro/ aunque u home se incomode,/ uma faca bein afiada/ pra mode afeitada u bigode./ E daremos a Clarina /que tá muito esmirriadinha./ Lisado de coração/ pra que fique redondinha (SIMÕES, 1976, p. 40). O outro poema é “Lisado de corazón”⁴⁶: “Minha sogra se achava grave/ d’uma doença nu istama,/ i fazia mais d’um anno/ tava nu fundo da cama./ Cumu a veia já boquiava/ vi um dotor muito sabido,/ i u desgraçado me dice:/ Éste es un caso perdido” (SIMÕES, 1976, p. 58). Consideramos que os poemas em questão foram escritos em uma variedade da língua portuguesa fronteiriça que se diferencia do procedimento mais comumente adotado por Simões referente à alternância dos idiomas. Nesses dois últimos poemas, o predomínio da língua portuguesa fica evidente, apesar de percebermos a interferência do espanhol, arriscaríamos em dizer que esses dois poemas foram escritos numa versão de português da fronteira, e não em portunhol.

⁴⁴ Empregamos o fonema [ʃ], da língua portuguesa, para reproduzir o som semelhante produzido, normalmente, pela letras Y ou LL na variedade rioplatense, conforme explicamos na nota nº 40.

⁴⁵Reproduzimos na íntegra os dois poemas de Simões para que se possa perceber a presença predominante do português:

Vamos dá pra u seu Ribeiro/ aunque u home se incomode,/ uma faca bein afiada/ pra mode afeitada u bigode./ E daremos a Clarina /que tá muito esmirriadinha./ Lisado de coração/ pra que fique redondinha/
Fiquem sabendo tambein/ que pra Betty na ocasião,/ todos de comum acordo/ vamos dá um nome cristão./Pra u Ribeirinho daremos/ pra vé cumu fica nele,/ depois que u veio se afeite/ u bigode du pai d’ele./U seu Berruti terá/ u mesmo dia que quera,/ uma passagem de avião/ de parte de dona Vera./Uns oculos bein da pontinha, au Saldain darão,/ mode que u moço nao fique/ cum cara de curujão./Uma noiva pra u Jorgito/ trataremos de arranjar/ pra que u mocinho/ nao sinta saudades do doce lar./Y pra u Leite, meus sinhores/ pra que viaje más ufano,/ vamos darle uma garrafa/do seu nome in castilhano./Y a todos pra que se lembrem/ de esta gente que aquí fica,/ vamos dar um garrafão/ cheio cum agua da Bica (SIMÕES, 1976, p. 40-41)

⁴⁶Minha sogra se achava grave/ d’uma doença nu istama,/ i fazia mais d’um anno/ tava nu fundo da cama./ Cumu a veia já boquiava/ vi um dotor muito sabido,/ i u desgraçado me dice:/“Éste es un caso perdido”./Nu meio du disispero/ vi um caboco sabichão/ i u negó atinó a dizé:/“Va perparando u caxao”./Mas porém me aconselharam/ mode carmá minha aflição,/ que desse prá pobre veia/ lisado de coração./I tao só cum cinco toma/ desses pó du Federico,/ a danada da minha sogra/ já andava de mixirico./I u día que levantouse/ cum a cara de carranca,/ de marvada que ela é/ me bateu cum a tamanca./ Iscute, seu Federico,/ um coração que le roga:/ Se você tein sentimento/ nao dé remedio pra sogra (SIMÕES, 1976, p. 58-59).

2.3 A questão fronteiriça em Saúl Ibergoyen Isla

O poeta, contista, tradutor, jornalista cultural, editor, professor e promotor de oficinas literárias Saúl Ibergoyen Islas nasceu em Montevideu, em 1930. Perseguido durante a ditadura militar uruguaia, erradicou-se no México em 1979, onde vive até hoje. Sua produção literária compreende mais de 100 títulos entre novelas, contos, poesias, ensaios, uma peça teatral infantil e publicações em antologias.

Durante os anos 60, ainda no Uruguai, trabalhou como professor de literatura hispano-americana no norte do país, na zona fronteiriça com o Brasil. Em entrevista a Lucio Muniz (1994), Ibergoyen Isla fala sobre essa experiência na fronteira e sobre o contato com os temas, com a paisagem que lhe serviu de cenário e com a língua híbrida, que anos mais tarde empregou para a escrita de algumas de suas novelas e contos:

Bueno, y en la frontera hay muchos temas a flor de piel que siempre me parecieron fascinantes, porque es un mundo absolutamente distinto que corresponde a una región muy rica culturalmente. Eso, más allá de cómo la han cambiado los free shop y toda esa forma de modernización, pero las temáticas de ese mundo, que son cotidianas, que yo no diría mágico, pero sí un mundo donde la realidad no está vista de un modo científico, sino de un modo muy práctico, donde la imaginación más desatada se aplica también con un sentido práctico. Entonces, cuando regresé después de unos años y vine a Montevideo, me dediqué a la poesía escribiendo sin que los temas tuvieran nada que ver con el entorno social ni con mis experiencias vividas, ni tampoco con el uso del idioma ni del conocimiento que pude tener de la frontera, porque puedo decir que la conozco bien (IBARGOYEN ISLA in MUNIZ, 1994, s/p).

O poeta declara que, em seu retorno imediato a Montevideu, dedicou-se à escrita da poesia com temas outros que não sobre seu entorno social ou sobre a experiência na fronteira. No entanto, tempos depois, com seu afastamento no tempo e no espaço, Ibergoyen Isla retoma os temas com os quais teve contato na fronteira e escreve dez contos que foram reunidos e que ganharam menção honrosa em um concurso. Na entrevista a Muniz já mencionada, o poeta fala sobre seu processo de criação, sobre a escolha do nome do protagonista e também sobre a língua de seus alunos da fronteira, que foi empregada na escrita dos contos:

Yo tenía algunos alumnos que hablaban un lenguaje mixturado y eso originaba algún problema cuando se daba a un Lope de Vega, por ejemplo. Y para mí ese tiempo fue un reencuentro con “El Quijote”, con “Martín Fierro”, con Garcilaso. Fue un encuentro con la lengua castellana y fue el descubrimiento del portugués, que yo conocía pero sin la práctica que entiendo que es insustituible. Un día — ni yo sé por qué — empiezo a

escribir un cuento que se llama: “La María, el viento”, y me salió de un tirón, con un personaje que inventé y que llamé Joaquim Coluna. Coluna, porque aparte de que en portugués quiere decir: columna, había un jugador de fútbol muy bueno en el seleccionado de Portugal y que integraba el Benfica, en los tiempos de Eusebio. Me gustó ese nombre porque significa el sostén de algo, y el nombre Joaquim, que es bíblico, y que como todo el mundo sabe quiere decir: “el que establece o funda alguna cosa”, Y me dije “aquí está el nombre” y escribí ese cuento que está narrado en primera persona, lo cual facilita mucho el flujo del relato. Después escribí otros cuentos y en un mes y algo reuní diez y los mandé al concurso de “Casa de las Américas” (IBARGOYEN ISLA in MUNIZ, 1994, s/p).

Em 1973, durante uma viagem à Europa, Ibarгойen Isla escreveu mais três contos, juntou aos dez anteriores e enviou o material ao editor Benito Avila em Caracas. Reunidos, os contos foram publicados em 1975 com o título de *Fronteiras de Joaquim Coluna*. Sobre o protagonista, o poeta declara que “Joaquim Coluna, va y viene. En realidad yo hago que el personaje repita mi propia vida, ya que me paso yendo y viniendo. Claro, que de eso, me di cuenta después, porque le estaba dando al personaje una característica que me es propia” (IBARGOYEN ISLA in MUNIZ, 1994, s/p). Essas idas e vindas do protagonista se dão nos quatro livros escritos posteriormente que acabaram por formar parte de uma antologia sobre a fronteira escrita já no seu exílio no México.

No referido livro, temos uma seleção de treze contos cujo personagem principal é Joaquim Coluna, fronteiro, contrabandista, que nos conta suas memórias na fronteira por meio de uma língua que mescla o espanhol com vocábulos em português. Muitas vezes, palavras da língua portuguesa são escritas de modo que sua leitura se aproximaria da maneira como um falante de espanhol tentaria falar em português, ainda que a escrita não se refira nem ao espanhol nem ao português, como é o caso das palavras yeito, béin, morsego, ficaba, sinvergoña, lensol, vermello, suciera, estregada, siora, etc. Com o mesmo fim de se aproximar ao modo como falam os brasileiros, Ibarгойen abusa do sufixo “iño/ iña” para formar o diminutivo, recorrente no português brasileiro: maisiña, momentinho, limpiña, ventinho, cafesiño, etc.

Em uma provável tentativa de reproduzir a língua fronteira, Ibarгойen recria inúmeras palavras, algumas vezes escreve a mesma palavra de formas distintas (suciera/ suyera, pulicía/pulisia, también/tambéin, galiña/gallina, caballo/cavalo/cabalo/cabaliño, hijo/filio/filiño), talvez para marcar os diferentes modos de se expressar em portunhol. Também é possível perceber a mescla linguística nos usos das formas de tratamento: seu Joaquim, moza, mosiña, vosés; ou, ainda, nas expressões usadas para fazer cumprimentos: “– ¡Bon día, seu Poletto!” “– ¡Bom día, siora Miúda...!” (IBARGOYEN

ISLA, 1973, p. 71) e também em: “– Tudo bon, tudo bom...!” (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 80).

Essa experiência linguístico-literária de escrita em portunhol, iniciada em 1973, com os contos de *Fronteras de Joaquim Coluna*, foi retomada entre os anos 1982 e 2000 – mesmo estando vivendo no México e, portanto, muito longe desse espaço físico peculiar que é a fronteira Uruguai/Brasil. Nesse período escreveu uma saga fronteiriça com paisagens e personagens que retratam a fronteira e o modo como falam seus habitantes: *La sangre interminable* (1982), *Noche de espadas* (1987), *Soñar la muerte* (1993) e *Toda la tierra* (2000).

Como nossa intenção é traçar um panorama sobre as obras escritas em portunhol no campo literário uruguaio, optamos por apresentar uma pequena análise somente do primeiro livro de Ibarгойen, haja vista que a escrita da saga fronteiriça se deu em período e lugar muito afastados da sua experiência no norte uruguaio – ainda que o fato de estar situado fora da fronteira não constituir, a nosso ver, condição impossibilitante de se falar da ou na língua fronteiriça –, serviu-nos somente para selecionar uma obra em meio aos cinco livros que o autor escreveu em portunhol – pois, tal como o próprio escritor afirma, em entrevista, sobre seu distanciamento físico da fronteira:

el alejamiento físico de la frontera aleja también de mis orejas el ruido de los sonidos, los ritmos, las pausas y las respiraciones de ese “portuñol”, que tanto me ayudó a inventar lenguajes y personas de tinta y papel. Aunque por otro lado, siento que habla dentro de mí, arraiga la cultura del lenguaje, la recuperación de la memoria por las tradiciones, que son parte profundo de uno mismo (IBARGOYEN ISLA, 2000 in MUÑOZ, 2000, s/p).

Em *Fronteiras de Joaquim Coluna*, além dos treze contos, há um glossário ao final do livro. Nele, os narradores se alternam, sendo Joaquim Coluna o principal narrador e personagem. A maioria dos textos é composta por discursos diretos. Os temas são variados, prevalecendo a temática do cotidiano na fronteira: com suas personagens fronteiriças e relatos de algum momento de suas vidas. Como o conto que abre o livro, “La María, el viento”, que trata da fase final da vida da personagem e de algumas reflexões sobre as escolhas que as pessoas fazem e, também, sobre a ida de María da fronteira para a capital Montevideu:

Y allá, en *Montevideú*, ¿cómo fue que anduvo ella, la María? De eso contó muy poquito. Tenemos gente de la frontera, por allá, ni sé bien cuántos. Gente que no pierde su *saudade*, ni el mate amargo, que vive allá sin irse de

acá. Yo *mesma* estuve, de curiosa, casa de una hermana, un par de meses. Viaje largo, en segunda, horas y horas. ¡No se imagina lo que fue aquello! Los huesos blandos, sin corazón, así llegué. Se *estraña*, una se cansa, tanto ruido, mejor es andar despacio con los pies en el polvo amarillo. De *chinela*, por lo de la piel, que le dije. A mi gente también le gusta eso de pata en el suelo, yo no. La María ¿se acuerda, don Coluna? De zapato *ruin*, pero zapato, o alpargata blanca, nada de olores malos. ¡Si la viera *agora*, en esa cama, toda *estregada* por la enfermedad! (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 12-13 – grifos nossos).

Do fragmento acima citado, grifamos palavras perfeitamente escritas em português (Montevideú, saudade, mesma, chinela, agora – sem mencionar palavras homógrafas) que são inseridas no texto primordialmente escrito em espanhol, além de outras palavras para as quais, acreditamos, houve-se a intenção de aproximar-se da escrita da língua portuguesa: *ruin*, *estregada* e *estraña*, essa última possivelmente no significado espanhol de “sentir saudade”, mas também compreensível no sentido português de “parecer raro, estranho, esquisito”.

Esse mesmo processo de criação compõe os treze contos do livro: a escrita em espanhol com inserção de palavras da língua portuguesa, muitas delas perfeitamente grafadas, outras um intencional neologismo, como em “yustiño”, “aralfabeiticos” e, ainda, expressões da língua portuguesa escritas em espanhol ou “oportunholadas”, como por exemplo, “Dicen que usted era fuego en la ropa” (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 12).

Ibargoyen retoma algumas temáticas já exploradas por Bisio e Olynto, como a referência ao ritual afrodescendente da macumba: “una galiña muerta, colocada en la esquina, quién apaga su velita, quién saca la garrafa” (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 12), ou ainda à reza católica: “Meu Deus de los pobres, meu Pai Santo de los tristes nosotros, ayuda al gurí, filio de yente con sus trabajos de sacrificio. ¡Ayuda, meu Pai Santo, que este doctor cure donde vos le digas!” (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 120). Também encontramos referência à culinária afro-brasileira: “una anduvo siempre batiendo el pilón, buscando agua en su lata, midiendo la faraña, feiyuada negra sin arroz blanco, alguna pipoca, algún mocotó” (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 14); e, ainda, ao contrabando: “Fui a la frontera, a la línea, pasando unos cueros en carros, estaba en eso...” [...] “...yo contrabadeando para él, aquí se usa mucho” (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 65).

Aliás, os próprios Bisio e Simões (Olynto) foram mencionados em um dos contos como sendo poetas que cantam a fronteira:

Y ese poeta, hombre de versos como Bisio o don Olinto, que se zambulló con un amigo por los buracos de la tierra, que yo ni sospechaba... Pero usted no es de por acá, otro día se lo voy diciendo, hasta lo que enseña mi compadre el del diario, mientras escucho todo eso. ¡Sobran y faltan tantos cuentos, faltan y sobran tantas historias! Yo, Joaquín Coluna soy, sigo en mi nombre (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 66-67).

As peculiaridades da fronteira e também de sua língua são mencionadas em alguns contos: "... esta frontera de dos líneas moviéndose como una víbora, hoy la boca mordiendo por aquí, ayer la cola mordida por allá" (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 32).

No fragmento citado a seguir, um fronteiriço se incomoda com o estranhamento sentido pelo forasteiro mediante sua forma de falar, ao que lhe responde: "¿Qué por qué hablo así? Como usted no es de por acá, no le pregunto a qué vino, con tanto vigarista y contrabando, una tienda hoy, macoña al otro día" (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 57). Em outro trecho menciona-se a falta de entendimento pelo uso do idioma fronteiriço: "—Muito obrigado, meu amigo amigo, muito obrigado...! / Dijo en su idioma de él, el hombre solo entendió el barbullo de las palabras" (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 84).

No conto que trata do carnaval na fronteira, encontramos uma referência à cidade de Porto Alegre, que Ibarгойen ironicamente a transforma em "Porto Triste": "Carnaval, boa mistura aquella, las tales timbas, ropas que son un lujo, telas que ni una bandera, venidas de Porto Triste o más lejos..." (IBARGOYEN ISLA, 1973, p. 104). Outro trocadilho criado por Ibarгойen com os nomes de cidade é o que faz com Santana do Livramento (Brasil) e Riveira (Uruguai), que deu origem à cidade de "Rivamento", um dos cenários dos contos.

Ademais das mostras literárias a respeito da língua recriada no portunhol de Ibarгойen, apresentamos a seguir um fragmento da entrevista que o escritor concedeu ao poeta, historiador e crítico de arte mexicano Miguel Ángel Muñoz, publicada no jornal *El financiero*, em fevereiro de 2000. Quando perguntado sobre a língua de suas personagens, Ibarгойen respondeu:

—No es inventar, sino una mezcla viva y cambiante —de ahí lo importante de rescatar lenguas muertas— del español del norte uruguayo con el portugués del sur brasileño. Añado que esta mixtura idiomática tiene mucho más tradición histórica que literaria. El español como idioma oficial fue, por décadas, menos real que declarativo. La situación de estos últimos años —Mercosur mediante— está provocando, curiosamente, una ratificación de las muestras lingüísticas y dialectales que eran apenas aceptadas —o soslayadas— tanto por el discurso oficial como por la lengua culta de la intelectualidad. Por mi lado, *Toda la tierra* se apega a los planteamientos iniciales de mi escritura narrativa, no sólo en el sentido de una escritura

fronteriza de un “fronterizo cultural”, sino en cuanto a presentarse como un producto ajeno a la macrocefalia del país y a la sacralización posmoderna de la lengua culta (IBARGOYEN ISLA in MUÑOS, 2000, s/p).

Ibargoyen defende seu portunhol literário como língua viva e mutante, e enfatiza sua tradição histórica, apesar da pouca tradição literária, ainda que não somente ele, mas também os demais escritores que empreenderam o desafio de escrever em portunhol, estejam trabalhando, conscientes ou não, para a ampliação da literariedade da língua híbrida, ou seja, estão promovendo e incrementando o capital literário (CASANOVA, 2003) do portunhol. É interessante ressaltar o que o poeta afirma sobre as consequências de o MERCOSUL colocar em evidência as mostras linguísticas e dialetais que estiveram negligenciadas pelo discurso oficial e pela língua culta da intelectualidade.

Finalmente recordamos que o fato de Ibargoyen escrever a partir do seu exílio no México e da sua não naturalidade fronteiriça não serem fatores impeditivos para que consideremos sua produção literária um exemplo de literatura produzida em portunhol do campo literário uruguaio, pois conforme observa o crítico e ensaísta uruguaio Fernando Aínsa, o importante é que os escritores se sintam “dentro da linguagem”, independente da sua posição espacial:

Desde el momento en que [dichos autores] no se sienten fuera, sino dentro del lenguaje, no se trata de “copiar” un sistema con verosimilitud sociológica, como hacían regionalistas y realistas sociales, sino de “crear”, a partir de su realidad plurisémica, una dimensión literaria que desborde los límites de una comunidad marginada para hacerla parte de la “totalidad” (AINSA, 1986, p.105-106).

E, “sentindo-se dentro da língua da fronteira”, Saúl Ibargoyen Isla conseguiu dar voz a uma parcela da população que há muito vinha sendo negligenciada devido à sua forma de expressão. Segundo Aínsa, o poeta estabeleceu uma espécie de “identidade fronteiriça” para aqueles que permaneciam ignorados do restante do país pelos seus governantes, pela maioria dos escritores que só tinham olhos para a capital e também pelo resto da população uruguaia. Nas palavras do crítico:

Al crear ese universo fronterizo rico en experiencias y fluidez lingüística, el autor trata de dar una voz a sus habitantes y de hacer reflexionar al lector sobre la existencia de esos “otros” ignorados. Su vida transcurre a caballo sobre una frontera que cumple con dos papeles contradictorios: frontera como límite protector de diferencias y frontera como espacio de encuentro y transgresión (AINSA, 2002, p. 26).

Silvina Liliana Carrizo, no artigo “Projetos literários: subjetividades, linguagens e territórios”, analisa a relação entre as linguagens literárias inventadas com o território, que é visto como a “soma complexa de relações existenciais, afetivas, simbólicas e de imaginário com um local cultural e espacial não necessariamente físico” (CARRIZO, 2010, p. 25). É nesse sentido que, ainda estando afastado da fronteira da qual se origina a língua híbrida de seus textos, Ibargoyen Isla mantém uma relação afetiva e simbólica com o território que aparece recorrentemente nos seus cinco livros escritos em portunhol. Conforme ressalva a pesquisadora:

O território do portunhol é incomensurável. O portunhol é, nesse sentido, mais um conflito que uma afirmação, ou se queremos, é a afirmação de um conflito, e com isso, constitui toda uma discussão com a monoglossia, as línguas nacionais, as formas de bilinguismo, da diglossia e da tradução. É também a afirmação de um conflito de subjetividades, rasgando, dessa maneira, os conceitos de território como local fixo, de fronteira como limite e de línguas nacionais como única possibilidade de criação literária (CARRIZO, 2010, p. 31).

O portunhol de Ibargoyen Isla segue vivo para além da fronteira Uruguai/Brasil e, com isso, a produção poética em portunhol tem seu campo literário expandido (CARRIZO, 2016) para outros territórios marcados pelas relações subjetivas e simbólicas que definem o projeto escritural do poeta.

2.4 O portunhol gauchesco de Paco Trelles

Las sombras del Yaguarón – Relato de la vida, el amor y la amistad de un hombre de la frontera é o livro, publicado em julho de 2013, escrito pelo poeta Francisco Melchor Trelles⁴⁷, mais conhecido como Paco Trelles. Nascido em 1940 na

⁴⁷Paco Trelles (Montevideo, 1940 – Piriápolis, 2014) – neto do poeta “gauchesco” José Alonso y Trelles, mais conhecido como “el Viejo Pancho –, teve uma longa trajetória artística e cultural vinculada ao folclore uruguaio. A partir dos anos 70, começou a gravar discos, dos quais era o compositor de músicas, em parceria com Manuel Capella e, mais tarde, no grupo “Los Solitarios y Paco Trelles”. Seus discos gravados são: “Luces malas”, “Boliche e’ Frontera”, “Recuerdos del Cielo Viejo”, “De nuevas maderas”, e “Sin Apuro por Andar”. Antes da novela escrita em portunhol, escreveu dois livros de poemas: *Recuerdos del Cielo Viejo* e *Historias del Yacaré* (Informação recolhida de LANDI, 2013 e de *La prensa*, 12 ene. 2014 – “Murió ‘Paco’ Trelles: el poeta popular falleció a los 73 años”. Disponível em <http://semanariolaprensa.com/murio-paco-trelles-el-poeta-popular-fallecio-los-73-anos-de-edad/> Acesso em 12 mai. 2016.

cidade de Montevidéu, Trelles reuniu as histórias do protagonista “Correntino” em sua primeira novela escrita em português (como se lê na capa do livro). Apesar de apresentar um protagonista de outro nome e até de outra nacionalidade (argentina), sugerimos que as histórias fizeram parte das memórias e experiências de Trelles no campo, pois, aos dezessete anos de idade, foi viver junto à fronteira com o Brasil – mesma idade do protagonista. Segundo se lê na “orelha do livro”: “Estas vivencias supusieron para el joven una forma sorprendente de transformarse en un adulto, a la fuerza”.

Jorge Landi, radialista e apresentador do programa “Desde la Cruz del Sur”, da Rádio Rural, do Uruguai, é o autor do prólogo do livro. Conforme afirma: “no es una obra más sobre la frontera de los contrabandistas de tiempos no tan lejanos. Es un verdadero tratado sobre la vida cuasi cerril de aquellos hombres crudos, duros, de armas gatilladas siempre, pero dueños de códigos inviolables” (LANDI, 2013, s/p - *sic*).

A modo de conclusão de seu prólogo, Landi sugere que:

... esta obra es un verdadero tratado fronterizo, donde por supuesto no falta ni la religiosidad propia de la frontera, ni el espíritu quijotesco de aquellos hombres fogueados a punta de revólver, a filo de cuchillo y sin más familia que sus compañeros de comparsa (LANDI, 2013, s/p).

Segundo nosso ponto de vista, a narrativa, escrita muito recentemente, rememora as histórias gauchescas, que também encontramos do lado brasileiro, sobre os peões e suas aventuras nas planícies sulinas e uruguaias, ao mesmo tempo em que remete a outras histórias de peões (“gauchos”) nos pampas argentinos, como por exemplo a tradicional obra argentina de José Hernández, *Martín Fierro*. Entre as características comuns à literatura gauchesca, que podemos encontrar também na obra de Trelles, temos: o cenário campestre, o peão ou “gaucho” como protagonista sempre acompanhado de seu cavalo, descrição da vida e costumes do campo e a tentativa de reproduzir o modo como falam essas personagens simples e rurais.

O enredo se refere às aventuras do protagonista “Correntino” – assim denominado por ser natural de Corrientes, Argentina – junto a Colón, empregado da fazenda do tio do protagonista, que havia sido demitido sem justificativa aparente. Ao recolher seus pertences para seguir seu caminho fora da fazenda, Correntino resolve deixar sua vida de menino rico e acompanhar o capataz em suas aventuras. O livro foi escrito, predominantemente, em discurso direto, evidenciando, a partir das vozes, as diferentes formas de se expressar das personagens e seus níveis sociais.

Nosso interesse pelo livro recai sobre o trabalho com a materialidade da linguagem e sobre o modo como atribui literariedade para a hibridação linguística, pois, como já mencionado, anuncia na capa tratar-se de uma novela em portunhol. Cabe destacar que a variedade de portunhol adotada por Trelles, em sua novela, pareceu-nos uma mescla de uma versão rural do espanhol com inserções de palavras do português, em geral também na variante mais coloquial, como nos fragmentos de diálogos transcritos a seguir:

- Mejor, ansi empezamos en un empate cero a cero, pero después de comer, *falamos*. ¡Ahora mirá! Ya viene el Gilbertinho con *os pratos* y *as colhers*, galletas en una bolsa de arroz y el cucharón (TRELLES, 2013, p. 19 – grifos nossos).

- Pero al dotor no lo toca naidés... y si tenís que desgraciarte por “él” ¡hacélo! *Manhã*, ella *dentra as oito*, vos la acompañás hasta la isla de transparentes... al lao deya, pero sin *boberas*... ella va pal centro y vos a los galpones, ¿tendistes? (TRELLES, 2013, p. 23 – grifos nossos).

No fragmento citado, encontramos palavras na variedade popular e rural do castelhano recorrentes na literatura gauchesca, como por exemplo: “ansi”, “naidés”, “tenís”, “al lao deya” e “tendiste” e, ainda, palavras escritas em português, na norma padrão – “falamos”, “os pratos” e também numa variedade mais popular e própria da oralidade, como por exemplo: “as colher”, “manhã” (para amanhã), “boberas”, “dentra as oito”.

Em determinado trecho do diálogo entre Colón e o Correntino, este questiona o amigo devido às palavras em portunhol que lhe foram proferidas e, principalmente, devido a uma conversa que teve com o contrabandista, Gilberto, da qual não entendeu muita coisa:

- ... *Sim... si Deus quizer... jua, jua, jua, che hermano*.

- ¿Qué dijiste? Pregunté porque en toda la charla de la tarde solo había comprendido pequeñas partes y el resto lo adivinaba, entonces no aguanté más...

- Esta is uma lengua que vas a teer que imprender, *is portuñol, idioma da frontera*, atravesado como *cú* de lagarto, vate acostumbrando que in deiz o veinte años aprendés... - Y largó la risa (TRELLES, 2013, p. 23 – *sic* – grifos nossos).

As diferentes formas de se expressar, em espanhol ou em portunhol, marcam uma diferença social. Correntino representa a família do fazendeiro, dos donos de terra

e por isso emprega seu idioma espanhol no registro padrão da língua, e Colón representa a fala do empregado, contrabandista que se expressa por meio da variedade menos valorizada da mescla. Assim, no decorrer da história, quando Correntino passa a falar em portunhol, de certa forma, também representa um ritual de passagem de menino para homem corajoso do bando de contrabandistas: “Acomodándose el bigote abayanado, Colón abrió el fuego ¿*tudo bom?*; y hasta yo contesté ¡*Sim!*; y ahí la risa del Giberto jua, jua, jua; ‘miralo al tal Correntino *falando* portuñol” (TRELLES, 2013, p. 29 – grifos nossos).

No trecho transcrito a seguir, temos a fala dos contrabandistas – Colón, Cuellito, Thío Shico e Gilberto – e a tentativa do Correntino de adotar a língua dos seus comparsas:

- “Tonces nos vemos manhã”.
- ¿Gilberto?
- Me quedo in er garpón a improsiar con Thío Shico...
- Cuellito a vos no te impregunto nada, pero manhã as oito ehhe; y vos ¿qué hacés Correntino? ja, ja, ja...
- “Capáz que me quedo en el galpón a acompañar la prosa”...
- “Ansi te va dir con la rubia”
- “Até manhã”.
- Sim Deus si quizer – le contesté.
- ¿Cómo decís... Sim Deus si quizer?...
- Me ingusta decirlo asim...
- Maís iso istá mao – dijo Colón – Se dice Si Deus quizer...
- ¿Andi istá er diccionario in portuñol que me diga iso?
- Não hay.
- Intó que invenís a yoder... o te olvidas que eu soó Casteao y si quero decir si Deus si quizer o digo. ¡Caralho!
- Vate a puta que te parió! (TRELLES, 2013, p. 30 - *sic*).

Por se tratar de um tema regional com linguagem regional, pareceu-nos um livro de leitura difícil, não só pelo emprego do portunhol, mas principalmente pelo vocabulário referente às aventuras de peões e da paisagem local, como se pode perceber na passagem em que o bando de Correntino, da comparsa de contrabandistas de Juan Fierro, para para descansar antes de seguir viagem:

- Apurate a hacer cama con el recaio que se hace a noite, maneá el podrido y átaló en cualquier pique pero siempre de abajo. Yo voy a poner nel fueguito unas ramas de chilca secas, y en de mientras verdeamos nosotros también... manoteá un tiento fino y cerrále la boca al poncho que insinó s’enfria el chigolo y manhã te pasás mishando. ¡Dáme el chisquero ...y si mimijito pa’sufrir vamos a impezar agora (TRELLES, 2013, p. 52).

Ao analisarmos o livro de Trelles a partir das características que foram apontadas nas demais obras, percebemos uma manutenção da tentativa de recriar a oralidade do campo, conforme os moldes da literatura tradicional gauchesca escrita tanto nos pampas argentinos, como nas planícies brasileiras e uruguaias. Trelles escreve sobre as aventuras das gentes do campo, da lida com cavalos e gados, fazendo uso de vocabulário próprio da vida rural. E assim recria um espaço campestre com suas paisagens peculiares e com personagens reproduzindo a língua oral da região, além dos costumes e da cultura e até mesmo o folclore fronteiriço, retratados em sua obra.

Las sombras del yaguarón é a primeira e única novela de Paco Trelles escrita em portunhol. Escreveu antes dois livros de poemas e compôs músicas. Faleceu meses depois do lançamento deste livro. Por ser tratar de uma única obra escrita em portunhol por Trelles – que recebeu a ajuda da argentina Ana Cecilia Guchea na edição do livro –, não é possível afirmar que a sua escrita literária estivesse vinculada, de alguma forma, à experiência linguística na fronteira ou se a escrita do livro foi uma experimentação única. O que se sabe é que o poeta teve a oportunidade de conviver com a língua fronteiriça durante os anos em que viveu na fronteira na sua juventude e, mesmo em idade mais avançada, o portunhol serviu-lhe de matéria literária para recriar as memórias daquele tempo.

2.5 A crítica à literatura em portunhol

A partir da série anteriormente apresentada, podemos considerar que o portunhol, como matéria literária, remonta as décadas de 40/50 do século passado no Uruguai. No entanto, a partir do trabalho por nós desenvolvido no curso de mestrado⁴⁸, pela mesma instituição, Universidade Federal de Juiz de Fora, pudemos averiguar que, no campo literário brasileiro, o indício da inserção do portunhol na literatura, em conjunto com outras línguas, se deu por meio do legado de intertextualidade atribuído a Sousândrade, com a escrita, no século XIX, de *O Guesa*.

Cabe recordar, fora do contexto uruguaio, as considerações do poeta e antropólogo argentino, Néstor Perlongher, que se exiliou em São Paulo devido à

⁴⁸Para conhecer mais sobre a escrita literária em portunhol e outras linguagens híbridas no campo literário brasileiro, sugerimos a leitura da dissertação de mestrado, *Portunhol Selvagem: hibridação linguística, multiterritorialidade e delírio poético* (ABRANTES, 2010).

ditadura argentina e que foi um dos percursores em advertir sobre o valor cultural e estético do portunhol. No livro *Papeles Insumisos*, de 1990, Perlongher dedica dois ensaios – “Nuevas escrituras transplatinas” (1988) e “El portuñol en la poesía” (1984) – ao uso do portunhol como língua franca e literária. Pertinente ao tema tratado no capítulo I sobre as políticas linguísticas e ao combate ao portunhol, retomamos o que menciona Perlongher sobre o “constrangimento” de se expressar na língua híbrida perante “os detentores do saber”:

Las veces que tengo que discursar en portugués suelo comenzar disculpándome por el hecho de proceder a una destrucción simultánea de dos lenguas. Esa destrucción que procede el portuñol nos es familiar por lo temido, ya que constituye el horror de los profesores de español como una interferencia o ruido. Ese carácter de error, atribuido por principio al portuñol desde el pulido y fijo esplendor de las lenguas constituidas, le es constitutivo a la jerga, condenada a una difusión marginal. Marginalidad en cuanto a su status académico... y también en cuanto a sus usuarios (PERLONGHER, 2004, p. 247).

Apesar do estatuto de equívoco assinalado por certos linguistas e de constituir uma espécie de ruído ou interferência combatida pelos professores de espanhol, no contexto da década de 80, Perlongher sugere que o portunhol foi reatualizado e que, na literatura, reivindica um espaço na ação poética e política, pois enquanto língua da fronteira identifica uma parcela da população que se expressa em portunhol nas suas relações afetivas e cotidianas.

É nossa intenção combater o status de marginalidade no meio acadêmico. Assim, essa pesquisa objetiva, justamente, trazer para a academia considerações sobre essa “mala lengua”, conforme ironiza Perlongher, do ponto de vista literário, abordando questões sociolinguísticas, das políticas das poéticas e da crítica literária.

Acreditamos que os textos literários podem servir, em certo sentido, de documentos legítimos para comprovação da existência de línguas, dialetos ou registros linguísticos autênticos e que, por meio da pesquisa acadêmica desse material, temos ampliada a literariedade de línguas minorizadas (LAGARES, 2011) e de suas comunidades de fala. Dessa forma, sugerimos que o poeta e o escritor passam a ter uma importância maior para além dos Estudos Literários, pois seus textos não raro são aproveitados para análises do campo da Linguística, da História, da Geografia, da Sociolinguística, entre outros.

Retomando as considerações sobre o campo literário uruguaio desde uma nova perspectiva, a da literatura regional, citamos a declaração do poeta e crítico Diego

Recoba, em artigo sobre a nova poesia uruguaia, na qual afirma que o tema rural, referente à forma “gauchesca” e à exaltação do homem do campo como herói nacional, deixou sequelas na literatura uruguaia devido à exaustão com que foi abordado, e tornou-se tema proibido para as editoras do país:

Es cierto, la gauchesca y todo lo que tuviera que ver con el mundo rural dejó secuelas negativas en la literatura de los últimos años, una cursilería asociada a la exaltación de que lo rural es lo genuino y lo cosmopolita un montón de maricones europeizados, una casi nula innovación del trabajo con el lenguaje o de las formas tradicionales (...), y un patriotismo bastante conservador, que generaron que para las nuevas editoriales y la nueva crítica, todo lo que tuviera un cierto tufillo a rural era palabra prohibida. Quizás ese hecho impidió la publicación de poetas valiosos del interior, que no tenían necesidad de hablar de espuelas ni campo, ni gestas patrióticas para generar una poesía absolutamente ligada con el lugar de enunciación y la cosmogonía de su autor (RECOBA, 2014, s/p).

À literatura gauchesca sucedeu-se uma variante do regionalismo latino-americano que, segundo Rocca, também foi denominada literatura “criolla”, “nativista” ou “campera”, até que houvesse uma “operación de desmontaje del discurso rural” que na Argentina se deu nos anos 20 do século passado e que no Uruguai demorou pelo menos mais 30 anos (ROCCA, 2000, p. 7-8). O discurso rural foi banido e em seu lugar ascendeu-se o discurso urbano: “cerrado el ciclo de la gauchesca, la lengua de la literatura es lengua urbana” (SARLO apud ROCCA, 2000, p. 8).

O período histórico-literário que deu origem à “Geração de 45” na América Latina, com uma importante corrente uruguaia, da qual formavam parte escritores, pintores e outros artistas, como Carlos Maggi, Ángel Rama, Carlos Martínez Moreno, Mario Benedetti, Amanda Berenguer, Tola Invernizzi, entre outros, fez com que as atenções se voltassem mais para as questões sociais, político e cultural ligadas à cidade e não mais ao campo ou ao discurso nacionalista relacionado à natureza. Felizmente, o rechaço pelo rural e interiorano não impediram que as obras dos poetas fronteiriços elencados fossem publicadas, já que foram escritas nesse período de efervescência urbana. Mas, muito provavelmente, não tiveram a atenção que mereciam.

Passados mais de 60 anos da publicação inaugural dos poemas escritos em portunhol por Bisio e Simões, em 2010, o jovem poeta artiguense Fabián Severo publica seu livro *Noite nu Norte: poemas en portuñol*. No caso de Severo, certo é que muitos anos já haviam passado após a exaustão da temática rural ou interiorana, mas segundo o próprio poeta, ainda assim, seu texto não foi publicado facilmente, não só pela

abordagem da vida na fronteira e por se tratar de poesia, mas também (e acreditamos que principalmente) pela escrita em portunhol, não houve interesse das editoras em publicar o livro. A primeira tiragem de 500 exemplares de seu livro foi financiada pelo próprio poeta. E a segunda edição teve que passar por “ajustes” exigidos pela editora.

Na resenha que escreve e publica sobre o livro *Noite nu norte* (2010), o poeta Elder Silva declara que, depois de Bisio e Simões, havia um hiato de mais de meio século com tentativas “falidas” de se retomar o portunhol na literatura e que, apesar das novas tecnologias “puede sonar medio raro que un escritor se dedique a recorrer pequeñas cosas de la vida de una ciudad de Uruguay, una ciudad casi una aldea, y las coloque a la altura de los grandes acontecimientos”. Aliás, é nesse sentido em que Elder Silva compara a obra de Severo com a de Bisio:

Es curioso, pero en el “Brindis agreste” de Bisio hay dos secciones (“Los rilatos” y “Estampas”) que apuntan a lo mismo, a las pequeñas acciones cotidianas que convierten a los hombres en inmortales. No sé si Severo leyó ese libro, pero es bueno en última instancia que su obra se haga fuerte en el relato de esas tragedias cotidianas y mínimas (SILVA, 2015, s/p).

Em sintonia com o que diz Elder Silva, acrescentamos as considerações do crítico argentino Walter Mignolo, em seu livro *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* (2003), sobre a relação entre o local e o global no mundo transnacional em que vivemos. Para o Mignolo, necessitamos de uma nova forma de pensar que supere os modelos teóricos resultantes da colonização, bem como repensar as línguas para além do ideal homogeneizante criado para atender aos interesses coloniais. Dessa forma, o crítico propõe o pensamento liminar como uma forma de teorizar a partir da margem e de uma perspectiva subalterna como uma possibilidade de produzir saber acadêmico fora das línguas hegemônicas, mas também nas línguas subalternas, ou ainda na hibridação das línguas, provocando rupturas e deslocamentos e entendendo a prática literária como produção, e não somente, como objeto de conhecimento.

Nosso objetivo, com a seleção das obras e poetas do século passado e outros contemporâneos, no presente trabalho, é dar a conhecer os procedimentos pelos quais a escrita marcadamente fronteiriça se caracteriza. Consideramos que não só a linguagem bi(pluri)línque e diglósica, como também os registros das experiências entre uruguaios e brasileiros motivaram um hibridismo linguístico, religioso e, porque não dizer, identitário, pois conforme ressalva Mignolo, a experiência entre línguas se refere a um

estilo de vida pautado no bilinguajamento ou plurilinguajamento, que é condição fundamental para o pensamento liminar e uma forma de denúncia contra a colonialidade do poder e do saber (MIGNOLO, 2003, p. 315).

A partir dessa seleção de escritores e textos que marcaram o nascimento do gênero literário aqui por nós proposto, a Literatura da Fronteira, incluiremos nessa seleção o trabalho com a linguagem elaborado por Fabián Severo nos seus livros escritos em portunhol.

Severo aparece no cenário atual uruguaio a partir da escrita do livro *Noite nu Norte*: poemas em portuñol, em 2010. O poeta assumiu o desafio de escrever e divulgar sua língua materna, produzindo seus textos integralmente em portunhol, mesmo sabendo que encontraria dificuldades para a publicação de sua obra. Sua escrita, em certa medida, difere-se das demais apresentadas neste trabalho, uma vez que, tal como já mencionamos, a maioria dos procedimentos analisados com a hibridação linguística se constitui da alternância das línguas, enquanto que em Severo a língua flui mesclada e com uma certa padronização na sintaxe e na fonologia, pois segue um estilo próprio que assumiu para escrever em uma língua tradicionalmente oral e que, segundo afirma o linguista Behares, se refere à variedade artiguense da origem do poeta. Esse estilo próprio de escrita em portunhol deixa transparecer um coeficiente de instabilidade da língua sem gramática, com erros intencionais de concordância e alternância de vocábulos dos idiomas, retratando a origem precária, humilde e de pouca escolaridade das personagens fronteiriças, por meio da escrita de seus livros ou, ainda nas leituras que realiza nos eventos e aparições públicas para divulgação de sua obra. Diferentemente da maioria das obras analisadas, o cenário é urbano, o que marca uma diferença na tradicional maneira de retratar o interior como rural. Artigas, cidade natal do poeta, é o cenário no qual se passam as narrativas poéticas⁴⁹ de seus livros *Noite nu Norte* (2010 e 2011), *Viento de Nadie* (2013) e *NósOtros* (2014) e do narrador de *Viralatas* (2015)⁵⁰ que, juntamente com a maioria de suas personagens são de origem

⁴⁹ Apesar de tratar-se de livros de poemas, consideramos que se referem a poemas narrativos que, em sua seleção, constituem a narrativa da vida na fronteira poetizada na voz pueril de seu sujeito poético. Considerando os poemas como narrativas poéticas, optamos por chamar personagens às vezes que se verificam nos textos. O próprio Severo admite, em entrevista a Foffani, uma certa vacilação na hora de definir seus textos como poemas ou microrrelatos (FOFFANI, 2012, p. 44).

⁵⁰ As citações referentes aos textos de Severo serão identificadas com o nome e número da página de cada livro para facilitar a identificação. Portanto, procederemos da seguinte maneira: *Noite* (para a 2ª edição do livro *Noite nu Norte*), *Viento* (para identificar as citações de *Viento de Nadie*) e *Viralata* (para o livro homônimo). Optamos por não citar trechos de *NósOtros* pela razão explicitada adiante.

humilde e habitantes do bairro Centenário, em Artigas. A seguir apresentaremos nossas considerações sobre a obra de Fabián Severo.

2.6 A poética artiguense de Fabián Severo

Vo iscrevé las lembransa pra no isquesé.
SEVERO, 2010

Fabián Severo nasceu em 1981, na cidade uruguaia de Artigas, que faz limite com a cidade brasileira de Quaraí, ao sul do país. A fronteira entre ambas as cidades se faz por uma ponte, construída sobre o rio Cuareim, e o contato entre elas se dá livremente pela simples transposição dessa ponte. É grande a influência comercial, cultural e linguística sobre os habitantes de um lado e outro da fronteira. No caso de Fabián Severo, a influência do português no espanhol oficial de seu país produziu um portunhol afetivo, língua materna e de herança que é praticada em casa e pelos amigos, e que serve de matéria literária para seus quatro últimos livros⁵¹. Em 2004, o poeta mudou-se para Montevideú, onde lecionava literatura para alunos do ensino médio e promovia oficinas de escrita literária. Em março de 2016, mudou-se para a cidade de Atlântida, no departamento de Canelones, onde dá continuidade aos ofícios de professor, escritor e promotor das oficinas literárias.

Severo publicou seu primeiro livro *Noite nu norte*: poemas em portuñol, em junho de 2010, pela editora Del Rincón, Montevideú. A primeira edição era composta apenas por 57 poemas escritos em portunhol com dois prefácios, um de Javier Etchemendi, com o título “Un lugar donde el agua no toca la tierra” e outro de Luis Ernesto Behares, “Transliteraciones fronterizas”. Já no ano seguinte, com o livro esgotado, foi lançada uma segunda edição, com alterações impostas pela nova editora, Rumbo Editorial, que além de alterar o título para *Noite nu norte/ noche en el norte*:

⁵¹ Além dos três livros acima mencionados, Severo publicou seus poemas em livros coletivos: *Labriegos del papel II* (Rumbo, 2005), *Las vocês del mundo III* (Centro Hispanoamericano de Artes y Letras, 2007), *La fantástica casa de las palabras errantes* (Rumbo, 2008), *Príncipes del Talión. Muestra de escritores uruguayos* (2009). Também compilou textos de seus alunos do liceu de Toledo para *Fruto del desierto* (Rumbo, 2008), *Huellas de viento en la arena* (Rumbo, 2009) e *Los Soles de la Tormenta* (Rumbo, 2010), publicações declaradas de Interesse Educativo pelo MEC. Informação disponível em: <<http://fabiansevero.blogspot.com.br/2011/02/quiero-ser-daqui-elder-silva.html>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

poesía de la frontera⁵², e acrescentar mais um poema ao livro, exigiu a tradução para o espanhol dos agora 58 poemas.

Noite nu norte trata-se de uma seleção de poemas curtos, alguns de apenas um verso, que compõem uma narrativa fragmentada, na qual encontramos muitas referências à cidade de Artigas, tematizada já no poema de número dois como: “Artigas e uma estación abandonada/ a esperansa ditrás de um trein que no regressa/ uma ruta que se perde rumbo ao sur” (*Noite*, p. 20) e também sobre a vida dos que ali habitam: “ein Artigas/ viven los que tienen apeyido./ Los Se Ninguéim/ como eu” (*Noite*, p. 21). A progressão dos acontecimentos é percebida mais pela progressão numérica dos poemas (numerados do *uno* ao *sincuenticioito*) que pela sucessão dos fatos, pois a vida na fronteira parece não ter movimento ou evolução, tal como um dia de folga: “Artigas e domingo” (*Noite*, p. 24), é uma cidade perdida no tempo e no espaço: “Artigas e uma terra pirdida nu Norte/ qui noum sai nus mapa” (*Noite*, p. 29).

A voz poética dos poemas nos dá a impressão da inocência de menino, mas, aos poucos, vamos inteirando-nos que se trata de um adulto que poetiza suas próprias memórias e também as histórias que lhes foram contadas sobre seus vizinhos, parentes e amigos. Suas personagens, ou seja, as vozes que se impõem nos poemas, são outros moradores da fronteira que, como ele, tiveram uma vida sofrida, de pobreza e resignação, que parece ser a sina do fronteiriço. Sobre a voz pueril, Severo admite em entrevista ao crítico e escritor argentino Enrique Foffani (2012) que essa escolha para a escrita de seus livros se deu para que pudesse compor um tom inocente para tratar de um tema relativo à pobreza e outras questões sociais sem que parecesse panfletário:

Yo busqué (no sé si lo he logrado) un tono inocente que respondiera a una voz que recuerda como si fuera un niño. Esa elección tenía que ver para que no tendiera al panfleto. Que tocara temas sociales, que hablara de la pobreza pero sin llegar al panfleto. Que esa voz de niño pudiera crear la plaza en la que vivió. Además, el intento de crear ese tono se liga a otra dimensión: la de lo “tragicómico” que es un tono característico de la frontera, el hecho de decir las cosas más dramáticas con una dosis de humor. La frontera dicha por un niño no es tan trágica como podría ser la mirada de un adulto frente la miseria, al hambre (SEVERO in FOFFANI, 2012, p. 50).

Em 2013, Severo publicou *Viento de Nadie*, com prefácio do poeta fronteiriço brasileiro Aldyr Garcia Schlee, “O portuñol do coração de Fabián Severo”. O livro é composto por 32 poemas escritos em portunhol.

⁵²Pela publicação desse livro, Severo foi o ganhador do *Premio Morosoli de Bronce*, 2012, e merecedor de uma repercussão considerável.

Nesses poemas, novamente a voz poética é a de um fronteiro que rememora o passado ao mesmo tempo em que fala de seu presente na fronteira. São recriadas poeticamente as memórias que já nem sabe se ele viveu ou se lhe contaram: “Las imajen se mueven/ i eu noum sei si las vi vivir/ si alguien me contó que vivió o soñé/ porque na frontera también se sueña/ aunque no aiga con que” (*Viento*, p. 31). Outra vez o cenário é Artigas, que novamente aparece como lugar estagnado, onde nada acontece: “Nada cambió pur aquí./ Desde que sinventó el ombre/ las caye siguen intrando nas casa./ Ayá cada tanto,/ alguien dis que veim u futuro/ mas el polvo tapa las palabra./ A isperansa e uma orasión prus dumingo/ i u lunes nunca yega (*Viento*, p. 21). Também a vida do sujeito poético permanece estagnada não só no tempo, mas também no espaço: “Mi vida impiesa aí i termina ayí./ Más ayá, pra mim, no ai nada” (*Viento*, p. 35), bem como a de seus conterrâneos que passam a vida esperando que os governantes cumpram promessas para que as condições melhorem, mas nada acontece na fronteira: “Nestas tierra/ la jente vive isperando u vitumen/ para que a polvareda/ no enyene los ojo de tristesa./ Us visiño se arrodiyan/ atrás de Dios/ mas el noum ispera a nadies” (*Viento*, p. 36). E são esses os sentimentos mais presentificados no livro: a solidão, a tristeza, o desalento provocados pela pobreza, carência e abandono. Sentimentos de quem permanece na fronteira, apesar de que, para alguns que se arriscam e vão para a capital na esperança de ter uma vida melhor, a tentativa muitas vezes se vê frustrada:

Eu vi tristesa nus plato
fome nus ojo
soledá en las boca.
Cuñesí us que ficárum
i soñé los que se fueron.
Descubrí que la jente
morre na vereda
mordendo um pastito
resein arrancado (*Viento*, p. 44).

Em 2014 foi lançado *NósOutros*. Trata-se de uma coletânea de poemas dos dois primeiros livros de Severo e, ainda, de poemas inéditos em espanhol, escritos para a obra de dança de Leticia Ehrlich, “El mundo en un lugar”, estreada no Teatro Solís em setembro de 2013, e que passaram a compor a segunda e última parte do livro. Apesar de trazer poemas inéditos na segunda parte desse livro, consideramos que esses poemas diferem-se dos demais textos de Severo devido, não somente ao fato de terem sido escritos em espanhol, mas, principalmente, por se tratar de uma obra encomendada para um espetáculo de dança com objetivos outros que tratar da fronteira e da língua

fronteira. Não consideraremos, portanto, a obra encomendada em espanhol, bem como a primeira parte do livro para efeito de análise por se tratar de uma seleção de poemas já publicados em *Noite nu Norte e Viento de Nadie*.

*Viralata*⁵³, publicado em 2015, difere-se das demais obras por apresentar-se escrita em prosa. No entanto, essa prosa assemelha-se bastante aos poemas, porque o livro está dividido em relatos curtos, que retomam o tema da vida na fronteira, com a mesma língua misturada e mantendo o tom melancólico e sonoro dos versos. Segundo Débora Quiring, “esta novela se define por la hibridez, tanto en función de la oralidad mestiza como por la cultura de la frontera móvil y su carácter eminentemente lírico (QUIRING, 2016)⁵⁴”.

E, apesar de o músico Ernesto Díaz afirmar, no posfácio (nota de contracapa) que escreve para o livro, que *Viralata* não tem narrador ou personagens, não daqueles grandes personagens como os do “*Grande Sertón*”, não há nenhum “Pedro Páramo” ou qualquer daqueles tipos que se encontram na “arte pop” ou “na rádio”, acreditamos que os tipos comuns da fronteira fazem parte da memória desse narrador desacreditado, e que nem por isso deixa de demonstrar uma força e sensibilidade tremendas que nos fazem experienciar seus relatos.

O próprio Severo, em entrevista televisionada ao jornalista Alfredo Fonticelli, condutor do programa “Café Literário”, exibido em 07 de julho de 2016, fez uma declaração sobre esse narrador que tenta recordar suas memórias e que é atropelado pelas vozes de outras personagens que também narram e se narram (SEVERO in FONTICELLI, 2016). A través das redes sociais, o poeta também procura atestar a autenticidade do autor, dizendo não ser ele o único autor do livro, pois seus relatos se referem às histórias contadas pelos vizinhos e amigos:

Hace unos meses, publiqué un libro que se llama “Viralata”, en la tapa dice que soy su autor, pero no es cierto, los autores son todos los vecinos que se

⁵³É interessante mencionar que esse livro traz o glossário de algumas palavras, entre elas está viralata. Em nota de pé de página, Severo explica que o termo se refere aos cães e gatos sem raça definida. No entanto, conforme afirma o poeta, a escolha da palavra como título de sua obra guarda relação com o fato de seu livro prescindir de uma “raça” definida, ou seja, o livro é resultado de um “cruzamento” de mais de um gênero textual. Na entrevista radiofônica concedida a Eduardo Nogareda e a Marina Pose, no programa “El truco de la serpiente”, o poeta faz a seguinte declaração: “Si bien para algunos lectores se trata más bien de un libro de cuentos, yo acepto decirle novela, pero a mí me gustaría que fuera también un libro viralata en ese sentido, que no tuviera una raza definida” (NOGAREDA & POSE, 2015). Essa afirmação sobre a não-classificação do gênero textual de seu livro é retomada em outras entrevistas.

⁵⁴ Optamos por incluir, sempre que possível, a opinião de entrevistadores e críticos literários sobre a obra de Fabián Severo para dar a conhecer um pouco sobre como está sendo a recepção dessa literatura escrita em português durante a confecção da tese.

acercaron a contarme sus historias. Casi todo lo aprendí en las calles de mi barrio. Después me fui a estudiar y descubrí que la universidad intentaba explicar lo que “la” María nos había enseñado en la feria de los sábados. Gracias a mi barrio, descubrí que las peripecias de Odiseo no son nada comparadas con lo que tuvo que pasar el Negro Lemos, y que la tragedia de Job se parece a la del flaco Montero - pero el flaco no pudo dialogar con Dios -, y que los “Cien años de soledad” son un par de meses comparados con las aventuras del patio de “la” Cleide... Mi calle fue mi primera escuela. Mis vecinos son mi mejor Literatura. Aún tengo historias para contar (SEVERO via Facebook, 24 fev. 2016 - *sic*).

O enredo de *Viralata* se dá a partir do pedido da professora para que cada aluno montasse sua árvore genealógica. Na tentativa de realizar a tarefa, o protagonista percebe que sua estrutura familiar não é suficiente para montar uma árvore e, assim, prefere inventar parentes que preencham os vazios. Toda a novela transcorre por meio de reflexões metafóricas a respeito da falta de galhos, raízes e folhagem das famílias pobres de Artigas. Em todas faltam pais, mães, filhos e sobram remendos – de família, de histórias e de memórias: “Tejiendo la memoria de uno los recuerdo de otro, enllenaba los cuaderno, y era tan de verdad lo que contaba, que sentía como que era yo quien tenía conocido la alegría” (*Viralata*, p. 29).

O livro trata da fragilidade da vida, da efemeridade das coisas, da instabilidade dos sonhos e da precariedade que é condição inerente àquele que vive na fronteira: “Asvés pienso que la vida es de arena. Años trazendo d’aquí y d’alí, ayuntando para que de repente, Dios assopre esparramándonos y no quede nada para saber quién uno fue” (*Viralata*, p. 33). Há um permanente questionamento sobre a identidade, sobre a origem. O protagonista busca saber a respeito de sua vida, mas não encontra respostas.

Apesar de atribuirmos um grande valor às obras que inauguram a escrita em portunhol literário e também às que as sucederam, ao que parece, essa retomada do tema rural (gauchesco) e fronteiriço e da escrita em portunhol não foi muito valorizada pela crítica uruguaia. Assim, podemos perceber pelas palavras do poeta uruguaio Elder Silva, quando este menciona que os poemas de Severo chegaram para compensar um período superior a meio século sem produções literárias consideráveis em portunhol:

En ese hiato que media más de medio siglo, hubo algunos roces con el portuñol, pero más bien en la novela (un intento fallido de Ibargoyen Islas) [...] y muy poco más, casi ninguna producción literaria para una zona de la lengua que es hablada por miles de uruguayos y brasileños en las francas fronteras de Bella Unión, Rivera, Melo, Río Branco y Chuy (SILVA, 2015, s/p).

Diferentemente de Bisio e Simões que se preocuparam em dar voz a personagens que atravessaram a fronteira do Brasil para o Uruguai, em sua maioria gente simples, escravos e contrabandistas que passaram a formar parte da população fronteiriça das primeiras décadas do século XX, Severo, por meio de sua poesia e suas personagens, simboliza a nova geração dessa mistura. As personagens de suas histórias seriam os filhos e netos das pessoas que levaram a língua portuguesa e os costumes brasileiros para o Uruguai antes mesmo do processo de colonização do país ou, ao menos, das pessoas que com esse hibridismo conviveram tão intimamente, que passaram a adotá-lo nas situações comunicativas mais informais, entre familiares e amigos e, ainda, transmitiram-no para as gerações seguintes.

No entanto, apesar de não caracterizar as mesmas personagens, algumas temáticas abordadas por seus precursores são reiteradas. Como exemplo, citamos o poema número Cuatorse, de *Noite nu norte* (2011), no qual Severo comenta a respeito da interferência da língua portuguesa sobre o espanhol ainda sentida nos dias atuais, motivada pelos meios de comunicação como rádio e televisão. Também é possível perceber o impacto cultural deixado pelos afrodescendentes na comida e na religiosidade, conforme observado na poética de seus precursores:

Desde piqueno
vemo seus programa
iscutemo suas música
aprendemo suas palabra
bailemo sus baile
cumemo sua cumida
resemo seus santo (*Noite*, p. 32).

A temática religiosa, de cultos afrodescendentes, permanece na poética severiana, indicando que sua presença perdura nos dias atuais:

Mas lo que me gustava mismo
eran las fiestas de los Ogún nu terreiro da Elisa.
La Main me disía tudo lo que me pasava i iva pasar.
Avía música, baile i muinta cumida
banana, choriso con miel, porco asado,
asvés asta yevavan guaraná.
Eu gostava aunque no sabía las música
purque eran difísil.

Una volta, la Main me dice que mi santo es Yangó
Santo da yustisa i da sabedoria.
Desde intonses, antes de durmí
yo le pido forsa, lus i protesión.
Noum sei si ele me da (*Noite*, p. 56-57).

Outro tema que se repete é aquele referente ao contrabando, que constitui uma das formas de subsistência de muitas pessoas na região. Hoje em dia, houve uma inversão devido ao grande número de *free shops* nas cidades fronteiriças, que atraem muitos brasileiros (e argentinos) às cidades uruguaias motivados pela baixa cobrança de impostos para estrangeiros.

Ontein me sacarum tudo lo que trasía de Cuaraí.
 Outra ves me quitarum tudo.
 [...]
 Ainda se fose roubado,
 mas era uma semana de trabaliu.
 um bolso yeio com el suor da nosa frente.
 [...] (*Noite*, p. 38).

Uma nova leitura que Severo faz do contrabando é com relação aos casos em que as famílias mais pobres abrem mão de seus filhos para famílias mais ricas, normalmente, de outro lugar que não a fronteira: “Acá, las cigüeñas son como el viento que arranca las rama de um lado y del outro del rio, y atraviesa las aduana contrabandando vidas” (*Viralata*, p. 15). Trata também das políticas, ou falta delas, para regularizar o comércio e torná-lo mais justo entre brasileiros e uruguaios: “Si eyos se levam lo que fasemo/ Purqué nou podemos trasélo que eyos fasen (*Noite*, p. 40).

Mencionamos acima a coincidência de algumas temáticas desenvolvidas pelos poetas considerados precursores da escrita literária em português fronteiriço, no entanto, faz-se necessário assinalar que os procedimentos variam bastante.

Encontramos algumas semelhanças com a escrita de Bisio no que se refere à criação de vocábulos que tentam simbolizar a oralidade fronteiriça como, por exemplo, o uso de “y” para referir-se às palavras com a pronúncia rioplatense de “ll”, como em “eya”, “yegasin”, quando se tenta reproduzir a forma de falar do uruguaio (ella, llegasen), ou em “varye”, “yeio” e “ranyos”, quando se quer reproduzir a fala do brasileiros (vargem, cheio e rancho). Ambos omitem o plural dos termos determinados pelo uso dos artigos “los novio”, “los día”, mas, enquanto em Severo encontramos essa recorrência quase como norma, em Bisio o procedimento parece-nos ocasional.

Com relação à poética de Simões, as semelhanças são raras. Simões, em *Las sombras de los plátanos* (1950), não tenta reproduzir o modo como os fronteiriços se expressam a partir da subversão das palavras, mas sim por meio da inserção de palavras da língua portuguesa no texto escrito em espanhol, ou pelo uso de expressões

idiomáticas com um novo sentido motivado pela “contaminação” das línguas como, por exemplo, “dar unas vueltitas”, comumente usada em português no sentido de “sair”, foi empregada no texto para a ação de “bailar”, e também em “hacerse un apunte al ‘bicho’”, que se refere a “jogar no bicho”, jogo de azar típico do Brasil. Já no livro *Hojas sueltas* (1976), nos poemas “A Edgardo Ribeiro” (p. 40-41) e “Lisado de corazon” (p. 58-59), temos em sua maioria palavras perfeitamente grafadas em português: “faca”, “bigode”, “cristão”, “ocasião”, entre outras, com construções sintáticas articuladas gramaticalmente em coerência com ambas as línguas, como em “Minha sogra se achava grave” e “Y a todos pra que se lembrem de esta gente que aquí fica”, nas quais se intercalam algumas poucas palavras escritas em espanhol, como “aunque”, “afeite” e outras numa variedade mais popular e possivelmente rural da língua portuguesa “home”, “pra mode”, “mode carmá”. Nesse sentido, os procedimentos adotados por Bisio novamente se diferenciam dos procedimentos escriturais de Severo.

Ressalvadas as diferenças, nossa atenção volta-se primordialmente para o fato de que essa literatura escrita em portunhol aponta justamente para as peculiaridades de um território que ao mesmo tempo em que é físico – a fronteira em si – é também simbólico e parte de um imaginário coletivo, relacionado com o contrabando, o risco, o perigo, a pobreza e que está marcado por atravessamentos de pessoas, culturas, línguas e costumes.

Conforme declara Fernández García em seu artigo ‘Portuñol y Literatura’, o portunhol da fronteira Uruguai/Brasil é um registro idiomático real – que ainda que sempre estivesse ameaçado pelas políticas de planificação linguística e também pelo fato de os próprios falantes considerarem sua língua sem prestígio, ante o português e o espanhol –, constitui a língua própria de uma comunidade com atributos identitários específicos: as “variedades ‘portuñolas’ son el producto más fuertemente simbólico de la existencia de toda una cultura de la frontera” (FERNÁNDES GARCÍA, 2006, p. 562-3).

Consideramos que a escrita literária que retrata as variedades regionais e auxilia na conservação dos traços linguísticos que identificam o sujeito transfronteiriço e, ainda o rural, possibilita que o leitor tenha acesso ao conhecimento sobre um grupo linguístico estigmatizado e desvalorizado. Ao escrever em portunhol, os poetas dão voz testemunhal às personagens que contam suas histórias em sua própria língua. Desse modo, sugerimos que a literatura escrita em portunhol, sobre os costumes e

peculiaridades da fronteira, lança um novo olhar para uma realidade pouco difundida de uma comunidade que vive impactada duplamente pela cultura e língua de dois países distintos. Acreditamos, conforme declara Aínsa, que “la ficción literaria ha ido más allá que cualquier tratado de antropología o estudio sociológico en la definición de la identidad” e, por isso, nos servimos da análise literária por também considerarmos que “los datos estadísticos y las informaciones objetivas resultan muchas veces secundarios frente al poder evocador de las imágenes y las sugerencias de una metáfora” (AINSA, 1986, p. 76). É por meio do estudo analítico da obra de Fabián Severo que pretendemos dar a conhecer a forma como os sujeitos transfronteiriços se identificam, a língua com a qual se expressam e a literatura através da qual se veem retratados.

2.7 A pequena literatura em portunhol e o mercado editorial

Hasta que no tenga la libertad de escribir de manera bilingüe y cambiar códigos sin tener que siempre traducir, mientras todavía tenga que hablar inglés o español cuando prefería espanglish y mientras tenga que ajustarme a quienes hablan inglés en lugar de que ellos se ajusten a mí, mi lengua no tendrá validez - ANZALDÚA, 2015.

Apesar do reconhecimento do uso do portunhol na fronteira como a forma de comunicação íntima e familiar já legitimada pelos estudos linguísticos, ainda que Bisio e Simões tenham inaugurado na literatura uruguaia a escrita em portunhol, além das demais obras que seguiram esse caminho da hibridação linguística, não nos pareceu que entre os próprios uruguaios (montevideanos) fosse natural o termo portunhol. Tanto que, quando em 2015 buscávamos nas livrarias e bibliotecas livros escritos em portunhol, entre a maioria dos vendedores e atendentes o termo não lhes era claro. Não raro nos perguntavam se era obra escrita em português traduzida para o espanhol ou vice-versa, ou, simplesmente, nos respondiam que a língua falada no Uruguai era o espanhol, ou melhor, o castelhano puro.

Esse estranhamento se repetiu quando, durante um curso para professores de espanhol do qual participávamos, na “Universidad de la República” – UdelaR, estivemos entre professores uruguaios que afirmavam não saber ler em portunhol. Pareceu-nos que havia mais uma espécie de recusa em experimentar a língua, pois ao

apresentarmos nosso trabalho de conclusão de curso com a leitura de poemas de Severo em portunhol, as feições dos ouvintes eram de que estavam entendendo e apreciando o que ouviam, quando antes afirmavam que não entendiam português e que, portanto, não entenderiam o portunhol.

Nesse período do curso, tivemos a oportunidade de entrevistar Fabián Severo e, a partir de uma das respostas dadas, essa impressão se fez certeza:

Siempre va a generar resistencia todo lo que tenga que ver con el contacto lingüístico. A ver, te puedo dar un ejemplo: con Ernesto nosotros presentamos un proyecto al Estado uruguayo, un proyecto para hacer una gira, una gira por Brasil y ellos nos dijeron que no nos podían dar plata porque no pueden financiar un proyecto en portuñol que salga al exterior a representar al Uruguay (SEVERO, entrevista não publicada, 2015).

Através da declaração dada por Severo, fica clara a resistência ao portunhol, não só entre os montevideanos, mas sim, e principalmente, entre os representantes do Estado. Existe uma preocupação de que Severo e Ernesto Díaz⁵⁵, seu parceiro musical, saiam do país divulgando uma língua que não é a língua nacional, o castelhano.

Interessante notar que o portunhol, apesar de tantos estudos linguísticos sobre a língua – considerada ora dialeto ora erro –, seja negada pelos uruguaios. Em texto sobre a participação de Severo e Ernesto Díaz na 33ª Feira do Livro em Montevidéu, em 2010, a comentarista Soledad Platero chega a afirmar que o poeta e o músico escrevem e cantam em um “idioma que não existe”:

Severo y Díaz no escriben en español ni en portugués. *No escriben tampoco, estrictamente hablando, en portuñol, porque tal idioma no existe.* Portuñol es una palabra que sirve para describir muchas mezclas distintas de español y portugués que la lingüística ha venido registrando y clasificando con enormes dificultades, porque toda lengua no escrita es cambiante y resbaladiza. Pero Severo y Díaz (los nombro juntos por cuestiones de espacio, pero cada uno merecería un análisis exclusivo) escriben en portuñol, lo que equivale a decir que inventan una escritura para algo que es un habla, una forma oral de comunicación (PLATERO, 2010, s/p – grifo nosso).

⁵⁵ Em entrevista ao jornal *La diaria*, em 18 de julho de 2014, Fabián Severo e Ernesto Díaz falaram sobre a turnê que empreendem pelo interior do país cantando e recitando em portunhol. Na entrevista também falaram a respeito de como se conheceram em 2005, durante uma feijoada na casa de uma amiga fronteira em Paysandú. Desse encontro, imediatamente surgiu a ideia de um recital e logo já compuseram juntos a música “Campo Verde” em portunhol. Disponível em: <https://ladiaria.com.uy/articulo/2014/7/gauchos-da-fronteira/>. Acesso em 02 nov. 2016.

Também o mercado editorial demonstra sua “preocupação com a língua nacional” ao colocar entre seus critérios de publicação que os poemas em portunhol sejam publicados somente se, para cada um deles, houver uma versão em espanhol.

En el 2008 yo terminé de escribir *Noite*. Y estuve dos años recorriendo con el libro, buscando a alguien que me lo publicara. Y en realidad no me lo publican por qué ¿viste? que poesía no se publica mucho porque no se vende y además en portuñol. Todos me decían que no. Entonces yo qué hice... saqué con la plata mía, saqué el libro, hice una edición de autor. Y bueno, el libro me fue muy bien, se vendió, gané premios y eso. Ahí entonces una editorial me propuso hacer una segunda edición con la condición de ser bilingüe. En realidad lo que me propuso fue que... como algo de mercado... de venta, decían “para que vos puedas llegar al público que no llegás”, esas cosas de editorial... Y la versión al español la hice yo, el pasaje al español hice yo (SEVERO, entrevista não publicada, 2015).

Foi assim também para a edição de seu segundo livro, *Viento de Nadie* (2013). Para sua publicação novamente lhe foi proposto que adequasse o livro às imposições editoriais para que o fizesse bilíngue. Mas, tendo obtido sucesso e algum reconhecimento com a venda de *Noite nu Norte*, Severo não mais obedeceu a tal exigência. Segundo a editora, teria sido esse o motivo pelo qual o segundo livro não vendeu tanto como o anterior, que esgotou nas primeira e segunda edições:

Con *Viento de Nadie*, la editorial me propuso sacarlo bilingüe y yo dije que no. Y ese libro no se vendió mucho, *Viento de Nadie*. Entonces la editorial me dice que es porque está solo en portuñol. Si hubiera sido bilingüe hubiera vendido más. Pero yo no quería que fuera. Incluso *Noite* está agotado. *Noite* está agotado, no se encuentra. Está agotado en las dos ediciones. Y la editorial me dijo que quería sacar una tercera edición y yo le dije que quería sacarla sólo en portuñol y la editora me dijo que no. Y no llegamos a un acuerdo (SEVERO, entrevista não publicada, 2015).

O poeta e editor Diego Recoba, em artigo no qual pretende apresentar a nova série de “poesía joven uruguaya”, entre a qual inclui o trabalho de Fabián Severo, afirma que em meio à escassa produção de poesia há pouca variedade de estilo, pois, ao que parece, existe um modelo uruguaio já consolidado e tradicional e, por isso, nada vinha se destacando no cenário literário, em (grande) parte devido ao controle dos centros literários legitimadores, que costumam ignorar poetas do interior, com a condição de publicar somente aquilo que “siempre y cuando pareciera a un poeta montevideano”. Segundo Recoba:

La poesía uruguaya actual no ha podido generar una voz propia consolidada más allá de la tradición local y los clásicos, se le puede agregar uno (que no

sólo es un problema de la poesía): la preponderancia de un tipo de poeta, caucásico, montevideano, filoeuropeu, clase media o media-alta, que escribe dentro de lo que es el castellano estándar. Las razones que podrían haber generado este problema son variados, pero sin duda uno de ellos es la terrible indiferencia de los centros literarios legitimadores (en Uruguay entiéndanse Montevideo y su sistema literario) hacia lo que sucede fuera de ella (el Interior) (RECOBA, 2014, s/p - *sic*).

Essa mencionada recusa mercadológica em publicar somente o que se refira ao modelo “caucásico, montevideano, filoeuropeu, classe média-alta e em língua estándar” nos leva a mobilizar o conceito de Deleuze e Guattari sobre “literatura menor” (DELEUZE & GUATTARI, 1977) já modificado pela crítica e pesquisadora francesa Pascale Casanova (2002, p. 218), que o atualizou para “pequena literatura”⁵⁶ — termo que utiliza para substituir “literatura menor”, por refutar essa designação que considera um tanto reducionista e tendenciosa. Casanova ressalta que fenômenos literários sempre existiram relacionados às atitudes de escritores que operaram verdadeiras revoluções para “atravessar o espelho” e se imporem, provocando uma reviravolta nas regras do jogo central através de novos gêneros literários, formas inéditas, novas línguas, traduções, literalizações dos usos populares da língua, dentre outras estratégias.

Nesse sentido, consideramos que Severo, juntamente com os escritores que elencamos para ilustrar a formação cultural em torno do portunhol literário da fronteira Uruguai/Brasil, vem operando essa transformação no cenário linguístico-literário do Uruguai, uma vez que a escrita em portunhol, de certa forma, provoca essa reviravolta nas regras do jogo mercadológico de publicar somente aquilo que se refere ao modelo montevideano de temas urbanos e com língua castelhana estándar. Os textos escritos em portunhol evidenciam a permanência da língua que foi duramente combatida pelas políticas linguísticas, además de resgatar temas regionais que vinham sendo abandonados e desprestigiados.

⁵⁶ Enquanto Deleuze e Guattari consideram que Kafka produzia uma literatura menor feita em uma língua maior (o alemão desterritorializado) como um gesto político, isto é, a literatura que uma minoria produzia em língua maior, Casanova defende a substituição do termo por “pequena literatura”, por considerar que a palavra “menor” tem conotações de ordem política e crítica não aplicáveis corretamente ao posicionamento de Kafka, que estaria relacionado mais ao fato de que a literatura menor é uma literatura de pouca visibilidade. O termo “pequena literatura” passa a existir em comparação implícita com a literatura do centro, ou seja, a grande. Portanto, as pequenas literaturas são aquelas de universos literários que só existem em sua relação estrutural e desigual com as “grandes” literaturas, caracterizadas pelo seu patrimônio e sua história acumulada, enquanto que as pequenas literaturas se definem por sua cultura popular (CASANOVA, 2002, p. 246-51). Ou ainda segundo, Lise Gauvin “o que designa por pequenas literaturas corresponde assim às literaturas em ‘pequenas línguas’” ou “literaturas emergentes” (GAUVIN, 2003). Para o estudo do portunhol literário, consideramos que as línguas maiores (o português e o espanhol) foram modificadas e desterritorializadas para conformar o portunhol, que seria uma “pequena língua” que produz uma “pequena literatura”, ou seja, uma literatura emergente de uma cultura popular.

A crítica francesa observa que “para ter acesso à simples existência literária, para lutar contra a invisibilidade que os ameaça de imediato, os escritores têm de criar as condições de seu ‘surgimento’, isto é, de sua visibilidade literária”. Ela também ressalta que a “dependência literária favorece a criação de uma espécie de gama literária inédita que todos os escritores dominados do mundo têm ao mesmo tempo de reinventar e reivindicar para criar a modernidade, ou seja, para provocar novas revoluções literárias” (CASANOVA, 2002, p. 219-20). Consideramos, portanto, que a revolução literária empreendida por Severo se faz pela insistência em escrever no seu portunhol materno que tanto foi combatido e renegado. Com isso, Severo vem, aos poucos, conferindo capital literário à língua mesclada por meio de sua escrita e das performances de apresentação pública que realiza através de recitais de música e de poesia em portunhol⁵⁷, além de sua participação em eventos acadêmicos e entrevistas em rádios, TV e jornais.

Assim, diante do dilema de ter que escolher entre a assimilação dos modelos montevidiano de literatura nacional e a afirmação da diferença, Severo opta pela segunda alternativa, escrevendo em uma “pequena” língua literária, pouco ou nada reconhecida no universo das Letras, sem “trair” sua pertença fronteiriça ou renegar sua “diferença”.

O linguista galego Xoán Carlos Lagares (2011), apoiando-se nas premissas do sociolinguista valenciano Lluís Vicent Aracil (1993)⁵⁸, brinda-nos uma reflexão sobre a condição minoritária de algumas línguas em comparação com outras consideradas hegemônicas. Segundo afirma, algumas variedades linguísticas não conseguem exercer as mesmas funções sociais numa dada comunidade ou momento histórico concreto e, por isso, são consideradas minorizadas. Em suas palavras, a língua minorizada “é representada através de suas faltas, das suas carências, a ponto de ser imaginada muito frequentemente como uma não língua (ou uma quase língua), recebendo por isso as mais diversas denominações alternativas: dialeto, patoá, linguajar, fala. E é essa a condição na qual o portunhol se apresenta: perceptível em suas faltas e carências, considerado dialeto, mas ainda assim, a língua materna e de herança e também a língua veicular da literatura de Severo.

⁵⁷ Esse modelo de recital de músicas e poesias em portunhol também foi realizado pelos cantores e compositores riverenses Chito de Mello e Yoni de Mello, no ano de 2003, durante um evento denominado “Sarao do dialeto” que percorreu as cidades de Rivera, Artigas e Cerro Largo, nas quais se somavam artistas locais.

⁵⁸ ARACIL, Lluís Vicent. “Sobre la situación minoritaria”. In: *Dir la realitat*. Barcelona: Edicions Països Catalans, 1983, p. 171-206.

É interessante atentarmos para o que esse gesto tem de político, pois, ao tomar as línguas oficiais e perturbar sua oficialidade, dissolvê-las em uma hibridação trabalhada literariamente, o poeta está contestando a monoglossia e desestabilizando-a através de seu gesto heteroglóssico, uma vez que podemos ler seu trabalho como um questionamento das fronteiras entre as línguas e, mais que isso, como denúncia da naturalização da noção monoglóssica e da língua nacional homogênea.

A jornalista Débora Quiring, em texto sobre a publicação de *Viralata*, do jornal *La Diaria*, de 13 de abril de 2016, menciona a ousadia de Severo em continuar escrevendo já o seu quarto livro nessa “língua menosprezada e renegada”:

Severo sigue asumiendo el reto de escribir en portuñol, un dialecto esencialmente oral y no normatizado, utilizando una sintaxis que responde a la fonética y que se adapta -con vaivenes- a la ortografía del español. Y lo hace teniendo presente, de manera constante, que esa decisión creativa responde a una lengua menospreciada y negada; que expresa una sensación, un vivir periférico y olvidado, una identidad nunca encontrada (QUIRING, 2016, s/p).

Contrariando as expectativas de fracasso por escrever em uma língua de baixo apelo comercial, de pouco reconhecimento, haja vista o descaso dos próprios paisanos que diziam ignorar a existência da língua, a ousadia de Severo de enfrentar as imposições do mercado editorial, publicando em portunhol e dispensando tradução, teve consequências positivas que ajudaram a dar literariedade à língua híbrida e, em consequência, seu capital literário foi expandido.

Desde a publicação da primeira edição de *Noite nu Norte*, em 2010, Severo vem sendo convidado para participar de eventos literários, culturais e acadêmicos. Para mencionar somente algumas atividades citamos: a participação na 33ª Feira do Livro de Montevideú, em 2010, ano em que também recebeu o prêmio Morosoli de Bronze na categoria “poesia”; em 2011 participou da “Segunda Feira Binacional do Livro”, da fronteira Santana do Livramento/ Rivera; em 2012 fez discurso de abertura no “Encuentro de Jóvenes Escritores de América Latina y Caribe”, na Feira Internacional do Livro em Havana, Cuba; em 2014, participou da “Feira do livro de Porto Alegre” e das filmagens do documentário “A linha imaginária”, produzido pelos pelotenses Cíntia Langie e Rafael Andreazza sobre as particularidades da fronteira Brasil/ Uruguai; em 2015 participou como membro da mesa de abertura do “16º Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol”, ocorrido na cidade de São Carlos, São Paulo, com seu discurso “Portunholando”, que emocionou a platéia; em 2017 apresentou seu recital

com Ernesto Díaz no mais tradicional teatro de Montevidéu, o Solís e, em 2018, apresentou-se na 3ª edição do “Bagunsa tambéin é arte”, juntamente com Ernesto Díaz e o também cantor fronteiriço Chito de Melo, em Rivera e, ainda, participou em junho de 2018, da 34ª Feira Internacional do Livro de Brasília.

Durante o período da pesquisa sobre o portunhol do Uruguai e da poética de Fabián Severo, pudemos observar uma sutil mudança na forma de ver e aceitar o portunhol como língua, ainda que língua literária. Desde a falta de incentivo à publicação do livro, declarada pelo poeta, até as respostas negativas dos vendedores de livros que desconheciam o portunhol literário, pudemos acompanhar um relativo crescimento de publicação de resenhas literárias sobre os livros de Severo, a exibição de entrevistas em rádio e TV e a divulgação do evento que combina música e poesia escritos em portunhol por Severo e Ernesto Díaz, apresentado nos teatros mais importantes do país, além de sua participação em eventos literários diversos, o que, de certa forma, demonstra que há uma esperança para que os “olhos” do mercado se abram para além do modelo montevideano e para as experimentações com a linguagem.

Em âmbito mais abrangente, não diretamente relacionado com a poética de Severo, tivemos acesso a publicações em jornais e revistas eletrônicas sobre a tentativa de elevar o portunhol à potência de Patrimônio Cultural Imaterial do Uruguai, gerenciada pelos Centros MEC Rivera junto à UNESCO⁵⁹. Tal proposta reuniu um grupo de historiadores, linguistas e artistas uruguaios e brasileiros que reconhecem as

⁵⁹ Essa informação foi amplamente difundida em várias mídias eletrônicas, conforme reproduzimos abaixo algumas manchetes e lides com suas respectivas fontes:

O GLOBO – 05 ago. 2015. Comum na fronteira do RS, portunhol pode virar patrimônio urguai. (Cerca de 450 mil uruguaios falam a mistura de português com espanhol. Entre Rivera e Santana do Livramento é comum ouvir o dialeto). Disponível em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/08/comum-na-fronteira-do-rs-portunhol-pode- virar-patrimonio-uruguai.html>.

Veja – 15 jul. 2015. Acredite se quiser: o portunhol pode virar patrimônio mundial. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/acredite-se-quiser-o-portunhol-pode- virar-patrimonio-da-unesco/>

VIX – s/d. “Portunhol” pode virar patrimônio mundial. Disponível em: <https://www.vix.com/pt/bbr/1019/portunhol-pode- virar-patrimonio-mundial>

El País – 24 jul. 2015. “Portunhol” busca sair da exclusão na fronteira entre Brasil e Uruguai. (Um grupo de intelectuais quer que a Unesco declare o dialeto Patrimônio Imaterial). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/23/cultura/1437685636_246770.html

Gestión Cultural UY – 12 nov. 2015. Jodido Bushinshe: proceso de postulación del Portuñol como Patrimonio. Disponível em: <http://www.gestioncultural.org.uy/jodido-bushinshe-proceso-de-postulacion-del-portunol-como-patrimonio/>

TERRA – 15 jul. 2015. "Portunhol" pode ser declarado patrimônio da Unesco ("Portunhol" possui expressões próprias do sul do Brasil com outras típicas do norte do Uruguai). Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/america-latina/academicos-querem-que-portunhol-seja-declarado-patrimonio-da-unesco,4d99a524976fce2329246858d2e7c5865v09RCRD.html>

particularidades da língua mesclada falada por aproximadamente 450 mil pessoas em ambos os lados da fronteira. Esses intelectuais promoveram um ciclo de conferências ocorrido de julho a novembro de 2015, na cidade de Rivera, denominado “Jodido Bushinshe: Del hablar al ser”, tendo como um de seus idealizadores Julio Piastre, coordenador de representações regionais do Ministério da Educação e Ciência do Uruguai. Segundo Piastre: “Primeiro é preciso fazer um debate em nível universitário sobre o portunhol. Sua história na fronteira, na formação, na economia e na identidade da região”. Dentre os demais participantes, temos a historiadora brasileira Liane Chipollino Aseff, os historiadores uruguaios Alejandro Gau e Eduardo Palermo, as linguistas Carla Custódio e Alejandra Rivero, os antropólogos Fernando Acevedo e Ana Rodríguez, além de professores, jornalistas, poetas e artistas. O evento teve como “objetivo a geração de uma massa crítica coletiva sobre a cultura de fronteira e o portunhol como patrimônio imaterial” (TERRA, 2015).

As ações em prol do reconhecimento do portunhol como patrimônio cultural imaterial não se restringiram ao ciclo de conferências ocorrido em 2015. Em 2016 as demandas levantadas pelo coletivo Jodido Bushinshe chegaram ao Parlamento Nacional pelas mãos de Saúl Aristimuño, deputado de Rivera, para que acordos institucionais fossem propostos e aprovados. Em 2017, Jodido Bushinshe foi apresentado nas jornadas de “Fronteras Culturales”, em Porto Alegre, durante o Fórum Social das Resistências, como processo de patrimonialização. Nesse mesmo ano, os debates e conferências, ocorridos nos anos de 2015 e 2016, foram reunidos e publicados em 2017 sob o formato de livro digital intitulado *Jodido Bushinshe: Del hablar al ser – Processo de postulación del Portuñol como Patrimonio Cultural Inmaterial*, editado pelo MEC uruguaio. Glenda Rondan, diretora de Centros MEC Rivera, ressalta que diferentemente de outros materiais produzidos na academia, o livro reúne informações de profissionais que além de trabalhar a questão fronteiriça, também a vivenciam, destacando que a importância dos debates reside no objetivo de “reforzar las políticas de frontera y la identidad local”, uma vez que “la cultura de frontera es parte del cotidiano y además es distintivo de la población” (RONDAN, 2017, p. 7). Há ainda o projeto de realizar um registro audiovisual e bibliográfico com toda a produção artística em portunhol nas 32 localidades fronteiriças entre Uruguai e Brasil, como elemento principal para sua declaração como patrimônio cultural imaterial.

Vislumbramos, com isso, uma postura positiva frente ao reconhecimento do portunhol enquanto marca de identificação fronteiriça e não mais como erro de

linguagem a ser corrigido, no entanto, mesmo com essa mudança favorável no ponto de vista sobre o portunhol entre determinados segmentos, Severo é acusado de estar aproveitando-se de um “modismo” e de que sua obra não teria valor literário, conforme afirmou em uma entrevista: “Hay gente que dice que es un modismo, algo snob, una moda. Sobre mi libro han escrito que no tiene ningún valor literario, y que me valgo de una moda del portuñol para escribir” (SEVERO in QUIRING & BOSCH, 2014). Segundo nosso ponto de vista, o que pejorativamente está sendo considerado um modismo é, na verdade, uma formação cultural que se organiza em função de uma estrutura de sentimento de valorização do portunhol e de seu capital linguístico-literário, pois é a língua materna, de herança e afetiva que os identifica como sujeitos transfronteiriços e que determina seu espaço de enunciação na fronteira.

Enquanto aparecem críticas desfavoráveis por um lado, as críticas positivas também se multiplicam, como foi o caso do artigo escrito por Recoba sobre a publicação de *Viralata*. Comparando seus personagens, cenários e enredo com a escrita de grandes obras da literatura latino-americana, Recoba declara:

Tan cercana de la literatura marginal, de los bordes de las grandes ciudades como de las novelas desérticas o secas, como *Vidas secas* de Graciliano Ramos, *Gran Sertón: Veredas* de João Guimarães Rosa, o la propia obra de Juan Rulfo, la poesía de Severo es sin dudas la gran obra de la frontera en nuestra literatura actual, pero también es de las obras más importantes sobre la soledad, el abandono, la relación con la naturaleza lejos de las urbes, lo mágico y la superstición, la poesía popular. Ni parodia ni exaltación, sin pedirle a nadie que se compadezca de su situación, pero dejando en claro que la vida en la frontera no es color de rosa, la poesía de Severo es de lo más potente que le ha pasado a la poesía uruguaya en los últimos años. Una poesía llena de vida que derrumbó muros, y nos mostró que por fuera del mundillo homogéneo que creíamos era todo el universo, se abría un mundo lamentablemente ignorado (RECOBA, 2014, s/p).

Como leitores dessa nova proposta de hibridação linguístico-literária, é importante termos em mente o que Roberto G. Fernández, professor da universidade de Brandeis, na Flórida, menciona sobre a literatura produzida em zonas de contato, que em muitos casos se reproduz no choque entre as línguas e culturas. Fernández afirma que o leitor deve estar consciente de que existe uma constante negociação linguística e cultural nas zonas de contato. A nosso ver, a fronteira Uruguai/ Brasil configura-se como uma zona de contato na qual mais que choques, o que se verifica são mescla e interação entre as línguas e culturas, que não excluem o conflito com relação às questões político-linguísticas. Segundo afirma o pesquisador, cabe a nós leitores o olhar

crítico sobre essa literatura que plasma esses conflitos em histórias que podem parecer simples memórias infantis ou histórias de gentes do campo, mas que, na verdade, nos fazem entrever a realidade de uma comunidade transfronteiriça e de sua forma de falar peculiar. Com isso, Fernández adverte que: “Este lector proporciona la base de datos que forma la complejidad de estas literaturas” (FERNÁNDEZ, 2001, s/p).

Vislumbramos um caminho tortuoso a ser percorrido para que a língua híbrida seja aceita como forma legítima de comunicação e para isso, os leitores têm papel preponderante para que uma vez que a reconheçam, deixem de fazer juízo de valor, pois o estigma de erro ou ignorância chega a afetar os próprios falantes de portunhol. Assim, conforme afirma Severo, seus textos não raro encontraram recusas em relação à língua empregada inclusive entre os próprios fronteiriços que reconhecem o desprestígio do portunhol e, por isso, não admitem seu uso e, às vezes, nem tampouco sua existência, ignorando assim a consciência da negociação linguística de que fala Fernández.

É necessário voltarmos os olhos para a diferença e, assim, entendermos que a língua híbrida também é legítima como forma de comunicação para um número expressivo de falantes. Tanto é assim que passou a ser reconhecida como segunda língua do Uruguai, o que lhe confere, de certo modo, o status de uma língua nacional de segunda classe, uma vez que é preponderantemente oral e sem uma gramática definida.

O linguista Xoán Carlos Lagares (2011) faz uma interessante análise de como são percebidas e tratadas as línguas minorizadas, categoria na qual incluímos o portunhol:

Com alguma frequência, partindo de certo paternalismo etnocêntrico, o falante minoritário é visto como uma espécie de bom selvagem linguístico, um falante felizmente desregrado, não submetido às imposições normativas das sociedades modernas. As tentativas de construção e elaboração de uma língua nesse contexto são percebidas como uma aberração que viria tirar o falante minoritário de seu “estado natural” pré-normativo. Invariavelmente, aqueles que são contrários a essa intervenção política sublinham a artificialidade da norma construída, percebida sempre, seja qual for a distância da proposta a respeito das falas reais, como algo inventado e arbitrário (LAGARES, 2011, p. 172).

Acreditamos que essa recusa em aceitar o portunhol como língua legítima se refira ao que menciona Lagares sobre o fato de o falante minoritário ser visto como essa espécie de bom selvagem e, assim sendo, entre os próprios falantes de portunhol se verifica a rejeição à língua para que não sejam associados a tal “selvageria linguística”,

o que demonstra que o preconceito deve ser combatido até mesmo entre quem se expressa em portunhol.

O escritor que “tenta atravessar o espelho da invisibilidade literária”, escrevendo em uma língua estigmatizada e rejeitada, empreende uma batalha dupla de legitimizar a língua e a sua literatura minorizadas perante a naturalização da escrita em línguas oficiais.

Essa questão nos remete ao que menciona Silvina L. Carrizo (2016) sobre a articulação da escolha linguística com o político na relação do campo literário expandido. Segundo afirma, quando a escolha da língua literária exclui a língua oficial em detrimento de uma língua minoritária, o escritor se vê incumbido da função de agregar capital literário ao que escreve e, em consequência, provoca a expansão do campo literário para além das poéticas em língua oficial. Conforme Carrizo “essa articulação se constitui em procedimento artístico que, entre outras questões, põe sob suspeita a naturalização da língua oficial, com a qual e a partir da qual o campo literário se produz e se reproduz” (CARRIZO, 2016, s/p).

Imbuído da tarefa de escrever em portunhol, Fabián Severo deixa transparecer seu propósito de defender a sua língua materna híbrida minorizada e, assim, põe em prática a sua política poético-linguística por meio da visibilização da língua e, por consequência, promove também a visibilidade de seu status sócio-cultural transfronteiriço. A seguir, apresentaremos uma análise crítico-literária de sua obra, ressaltando sua relação com a língua, com a fronteira, com a memória e o afeto.

Capítulo 3: A poética de Fabián Severo: identidade, memória e afeto

Es un tema que a mí me interesa. El tema del lugar de donde uno es. Yo ya no soy ni de acá ni de allá. No soy ni uruguayo ni brasilero, soy fronterizo – SEVERO, 2013 – El Observador⁶⁰.

Devido à proximidade entre as temáticas da obra de Fabián Severo, excetuando a segunda parte do livro *NósOtros* (2014), que como já mencionado tem outra tônica, neste capítulo analisaremos a obra severiana a partir dos livros *Noite nu norte* (2011), *Viento de Nadie* (2013) e *Viralata* (2015). Pretendemos tratar de como se dá a relação com a fronteira, com o portunhol e até que ponto os relatos podem ser considerados como uma maneira de dar voz e representatividade à população fronteiriça, caracterizando-se como uma forma de identificação também para o próprio poeta. Sugerimos a presença de traços autobiográficos não só pelo fato de Severo ter nascido em Artigas, que é o cenário dos livros, mas pela coincidência de acontecimentos que se revelam nos textos públicos, como entrevistas, publicações em redes sociais, blogs e outras mídias. Buscaremos abordar os textos públicos sobre Severo e sua escrita para trazer para o campo acadêmico um pouco do modo como sua obra está sendo recebida no Uruguai e no exterior. Optamos por citar, sempre que possível, algum fragmento dos textos, resenhas, entrevistas e comentários que estão sendo divulgados na rede, inclusive as sociais, por acreditar que o espaço biográfico coexiste, intertextualmente, em diversos gêneros discursivos, em consonância com o que defende Leonor Arfuch sobre como “certas formas de recepção e interpretação [atuam] em termos de seus respectivos pactos/acordos de leitura” (ARFUCH, 2010, p. 123).

3.1 Viver fronteiras: Artigas e o portunhol

Cada lugar es la frontera de otro lugar, cada ser humano es la frontera del “otro”, la que permite, justamente, ser uno mismo frente a los demás, límites gracias a los cuales se puede decir “yo soy yo, tú eres tú” - AINSA, 2002.

⁶⁰Transcrição de citações referentes ao vídeo, transmitido no programa El Observador, em 19 set. 2013, no qual Severo lê poemas e fala sobre sua poética em portunhol. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rINk29JiAxE>. Acesso em: 12 dez. 2015.

Mi vida impieza ahí, en la calle donde nacen mis
lembança –SEVERO, *Viralata*, p. 31.

O estigma de terra sem prestígio – que Achugar já havia ressaltado em relação ao Uruguai, “tierra de nadie, subúrbio del mundo” (ACHUGAR, 1992, p. 21) – parece ainda mais acentuado quando se refere ao norte, à região fronteiriça. Essa porção de terra, distante da capital e das cidades mais importantes, acaba sendo esquecida, renegada pelo governo e pela própria população uruguaia. E é a essa fronteira desprestigiada e aos seus habitantes que Fabián Severo se dedicará em seus textos: “Eu nao sei qué es la frontera. Tal vez, seja varios lugar, una forma de mirar, una mancha num mapa o um estuario onde la agua dulce del río se mezcla con la agua salada del mar y crecen los frontera, esa ispecie de vida que no brota en otro lugar. Tal vez a frontera nao seja” (SEVERO, 2017, p. 34).

Com o intuito de conhecer essa fronteira a qual dedico minhas pesquisas desde 2015, em janeiro de 2017, empreendemos uma viagem de carro desde Minas Gerais até o Uruguai. Entramos no país pela fronteira Chui/Chuy onde constantemente tivemos contato com os diferentes repertórios linguísticos, mais verificados através de um processo de intercompreensão linguística em que uns falavam português e os outros respondiam em espanhol, numa alternância de idiomas, sem aparente dificuldade de compreensão⁶¹.

Rumamos a Montevideu onde o português só se ouvia de turistas brasileiros. Partimos da capital em direção à Rivera, separadas uma da outra por pouco mais de 500 km de distância. Fascinante observar as planícies que se perdiam no horizonte – e aí sim ter a ideia de que a Terra realmente é redonda – e nessa imensidão de campos de arroz e vegetação mais rasteira, quase não ver a presença de indústrias, casas ou pessoas. Eram quilômetros e mais quilômetros de verde, ou melhor, às vezes, avistávamos gados e alguns moinhos eólicos, mas rara era a presença de pessoas ou construções. A ideia de que o governo uruguaio havia oferecido terra às pessoas da capital para povoarem a região da fronteira não saía da minha cabeça. Pareceu-me que não mais que as terras

⁶¹Sobre as variedades linguísticas existentes nessa fronteira, o professor Pablo Albertoni (2017), do departamento de psico e sociolinguística da Universidade da República, em Montevideu, desenvolve sua pesquisa na qual afirma que na fronteira entre Chuy/Chui não se verifica o mesmo processo de hibridação linguística da fronteira norte entre Rivera/Santana do Livramento ou Artigas/Quaraí. Segundo o pesquisador, em Chuy observa-se o bilinguismo como a capacidade de falar ambos os idiomas alternadamente e não como mescla. Por outro lado, Albertoni afirma que no lado brasileiro, em Chui, a influência do espanhol no léxico português é maior e contrária ao que acontece nas demais áreas de fronteira compartilhada entre os dois países.

fronteiriças foram ocupadas, pois aquelas que as antecederam mostraram-se essencialmente rurais, fazendo-nos perceber o fato de que mais de dois terços da população do país viver na capital.

Rivera transformou-se em um polo comercial, juntamente com a vizinha Santana do Livramento, ostentando shoppings, free shopp, e um trânsito intenso de brasileiros e argentinos fazendo compras. Na política do comércio local, uruguaios não podem adquirir os produtos importados vendidos com isenção de impostos, tal como qualquer outra pessoa que somente pode adquiri-los quando está em viagem internacional. A mesma dinâmica de Rivera encontramos em Chuy, na fronteira leste. O comércio é a grande economia das referidas cidades. Em proporção menor, remeteu-nos a outra fronteira peculiar – Ciudad del Este, no Paraguai.

Em qualquer dessas cidades sustentadas pelo comércio, encontramos nativos (uruguaios em Rivera ou Chuy e paraguaios em Ciudad del Este) falando português fluente e brasileiros falando espanhol também fluente, além de uma situação corrente de intercomunicação em que um dos interlocutores fala em português e o outro responde em espanhol com total naturalidade. Mas não era esse o portunhol de trocas idiomáticas que esperávamos escutar: afinal, onde estaria o portunhol fronteiriço das personagens de Fabián Severo?

No dia seguinte, seguimos para Artigas, onde observei que não adiantava conversar com as pessoas para poder escutar delas o tão esperado portunhol. Quando lhes fazia uma pergunta em espanhol, normalmente me respondiam em espanhol. Quando lhes dirigia a palavra em português, tentavam falar com o melhor português, ainda que carregado de sotaque, mas não era portunhol. Descobri, assim, que deveria escutar a conversa alheia. E dessa forma, passei uma tarde inteira sentada no banco da praça central atenta ao que as pessoas falavam.

Escolhi um banco da praça que, ademais, servia de ponto de ônibus. De lá se escutava também a rádio que estava ligada em alto e bom som em uma das lojas próximas, na qual alternavam propagandas em espanhol e português. No ponto de ônibus, a fala das pessoas se alternava também, brasileiros falavam português e uruguaios falavam espanhol. Timidamente conversavam em baixo volume. Até que entre elas sim, na fala descuidada, entre possíveis colegas de escola (apesar de ser mês

de férias), ou entre mãe e filho, se escutava um portunhol discreto, mas tão esperado: “Non mijo, no es así dese yeito”⁶².

Essa experiência etnolinguística, propiciou a oportunidade de verificar o que a professora da Universidade do Arizona, Ana Maria Carvalho, assinalou em seu artigo “Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai”, sobre a diversidade linguística na qual o indivíduo fronteiriço se vê inserido:

Em cidades fronteiriças como Rivera e Artigas, as crianças são socializadas em ambos os idiomas. Crescem ouvindo português rural dos familiares, comerciantes de bairro e vizinhos. Na escola e nos espaços públicos, usam o espanhol local, enquanto ouvem o espanhol montevideano dos meios de comunicação e dos visitantes capitalinos. Diariamente são expostos ao português brasileiro urbano através dos meios de comunicação, das relações com brasileiros e das propagandas em alto-falantes que anunciam produtos vendidos do outro lado da fronteira. Essa diversidade linguística, somente capturada através de métodos etnográficos e longos períodos de observação sistemática, caracteriza a socialização dos fronteiriços em centros urbanos (CARVALHO, 2010, p. 47).

Na obra de Fabián Severo, Artigas é tematizada como cidade fronteiriça que enfrenta muitos problemas de infraestrutura, sofre com temperaturas extremas tanto no inverno quanto no verão e enchentes frequentes que devastam casas e ceifam vidas. As personagens apresentam-se frequentemente oriundas da população pobre e vítima do descaso dos políticos. Desse modo, nos é apresentada Artigas, cenário dos três livros do autor:

Artigas ta feyado con candado (*Noite*, p. 23).
 Cuando yueve/ la agua gasta los sueño./ Cuando seca/ la calor aoga la vida./
 U campo no quiere crescer de verde/ i u río no quiere moiar las maryen
 (*Viento*, p. 22).
 El reloj de la estación está parado en las nueve, para mostrar que en la frontera, el tiempo vive frenado [...]. En la frontera, faz veinte ano que siempre son las nueve (*Viralata*, p. 17-18).

E lá na praça central de Artigas, coincidentemente, encontramos o relógio parado às sete horas e vinte e poucos minutos. O tempo pareceu não passar durante as quase três horas em que estivemos sentados no banco da praça, e o relógio parado contribuiu para que parecesse que a cena estava paralisada. Um mendigo dormia no coreto da praça vigiado pelo seu cachorro; mãe e filho esperavam o ônibus que tardou

⁶² Transcrição fonética da frase em portunhol:[nõ] [miřo] [no] [esasi] [dësi] [jfeitu], realizada segundo caracteres disponíveis em <http://michaelis.uol.com.br/escolar-espanhol/transcricao-fonetica-do-portugues/>. Acesso em: 21 mai. 2018.

meia hora em chegar; dois jovens conversavam timidamente e quando interpelados por minhas perguntas, respondiam com “sís” e “nos” lacônicos; um senhor lia seu jornal, carros de som passavam anunciando ofertas, os passarinhos voavam e cantavam e assim transcorreu a tarde em Artigas.

Essa experiência na fronteira permitiu-me, de certa forma, observar algo do que Severo retrata em seus textos: o calor sufocante de janeiro, a vida pacata da cidade fronteiriça, a fala entreverada de seus habitantes, a publicidade em português em solo uruguaio.

Foi por conhecer tão bem essa Artigas da qual fala que Severo a escolheu como cenário de suas histórias. Mesmo estando fora de sua cidade natal há mais de 15 anos, acreditamos que as memórias permanecem e, inclusive, que o estar distanciado propicia-lhe uma visão mais ampla, uma vez que conheceu outra realidade que não somente a fronteiriça. A partir dessa forte presença da Artigas natal, gostaríamos de sugerir que a cidade fronteiriça também é personagem, uma vez que se personifica nas metáforas usadas pelo escritor. Sobre sua relação com Artigas, Severo declara em uma entrevista:

Ser de Artigas genera una forma de ver el mundo que es un valor propio. Uno, escuchando canciones y viendo a los vecinos, descubrió cosas a las que en Montevideo les asignan nombres filosóficos impresionantes. El que deteste Artigas y no quiera volver tiene una postura muy respetable. Hay quienes me dicen que escribo de Artigas pero no vivo ahí, pero también tengo el derecho de escribir una novela que ocurra en Praga aunque nunca la haya pisado (SEVERO in QUIRING & BOSCH, 2014).

Acreditamos que o habitar a fronteira, esse interstício, implica uma grande carga simbólica e emocional: “Así nos hicieron. Una mitad de cada cosa, sin ser cosa intera nunca. [...] Cada uno trae una mitad mas no incontra nunca la outra metade” (*Viralata*, p. 12). O fato de encontrar-se entre duas jurisdições distintas parece fazer com que a população não se sinta regida por nenhuma, pois as particularidades dessa região tornam-na isolada das demais cidades que, quanto mais se aproximam da capital do país, mais se identificam com o modo predominante de viver, pensar e falar que caracteriza o cidadão uruguaio, que é identificado a partir do modelo montevidiano, de cidadão metropolitano se comparado ao tipo fronteiriço. Os habitantes provenientes da capital se diferenciam também pela forma de falar, apresentando uma variedade que se assemelha mais à norma padrão do espanhol uruguaio que, por sua vez, se aproxima

muito da variedade argentina (portenha), enquanto que as variedades mais ao norte vão se aproximando da variedade do português dos gaúchos.

A sensação de isolamento e o abandono pelo Estado parecem acarretar no fronteiriço sentimentos de angústia, solidão e tristeza, como os retratados pelas personagens⁶³ das micro-histórias narradas nos livros:

Todos nos semo da frontera/como eses pávaro avuando de la pra qui/
cantando um idioma que todos intende (*Noite*, p. 91).

Quiem noum cuñese a frontera/no sabe lo ques la soledá (*Viento*, p. 15).

Ditardisiña um sinte/ que toda a tristesa du mundo/ anda atrás de nos (*Viento*, p. 18).

La historia de mis día no es tan diferente del resto de las historia de mis vecino. En la frontera, los destino se van repetindo como el color de las casa. Semo un barrio unido. Dios, cuando pasó por acá, nos ató en la miseria (*Viralata*, p. 12).

O sujeito poético parece dar a entender que as pessoas que nasceram na fronteira, pelo menos as mais humildes, estão fadadas a um destino duro, incerto. E que, ainda que ele abandone a sua terra e, como muitos, vá tentar a sorte na capital, a sua sina o acompanhará: “Tua terra vai cuntigo/ por mas que tu cruse u puente/ buscando outra sombra./Ayá van tar te lembrando/ com saudade de raís” (*Viento*, p. 45). É como se a fronteira lhes deixasse uma marca, uma cicatriz impossível de “borrar”, pois há uma associação intrínseca entre a fronteira e a pobreza:

Cuando uno es pobre/ i eu so pobre,/no puede isquesé de aonde viene (*Noite*, p. 88).

¿Será que la frontera es una tormenta que isparrama gajos por el mundo y nos deja así, con ganas de completarnos? ¿Será que este viento poda las familia (*Viralata*, p. 13).

En Artiga, el que no se va a tiempo, envejece para siempre (*Viralata*, p. 18).

Segundo Fernández García, a linguagem literária se constitui a partir de certos traços caracterizadores que, quando aplicados reiteradas vezes a certas personagens, acaba por estereotipá-las e identificá-las como pertencentes a uma certa classe social, profissional ou dialetal (FERNÁNDEZ GARCÍA, 2006, p. 560). Assim ocorre com as personagens severianas – vozes da comunidade fronteiriça, moradores de Artigas –, que são retratadas como pessoas pobres, tristes, sofridas em comparação com raras personagens mais abastadas, representantes da casta privilegiada da cidade. Mas essa

⁶³Por se tratar de poéticas narrativas, optamos por chamar de personagem todas as vozes que se impõem nos poemas e na obra em prosa.

maioria pobre e sofrida, de alguma forma, ainda tenta manter a esperança e sonhar com a felicidade:

Pero ove muchos día/muintos día/que no tiñamos nada para cumer./Era tudo isperansa i fome (*Noite*, p. 72).

La Negra aprendeu acreditá/sofré para sempre un silencio/ soñá com a felisidade/ dar a volta por sima i lutá (*Noite*, p. 76).

Eu noum sei/si algún día voi incontrá la felisidade./ La noite nu Norte es mui difícil (*Noite*, p. 90).

A isperansa e uma orasi3n prus dumingo/ i u lunes nunca yega (*Viento*, p.21).

En Artigas uno quiere ver primavera por más que Dios ande amarrándonos. Aunque não semo de fácil creer, olfateamo los brote de futuro entre las bolsa de basura (*Viralata*, p. 66).

Essa forma de caracterizar as personagens a partir de traços que evidenciam o pertencimento a um grupo de pessoas, em sua maioria, pobres e sofridas, vítimas da precariedade econômica e linguística, também é evidenciada pelo poeta uruguaio Javier Etchemendi, no prefácio que escreveu para o primeiro livro de Severo, *Noite nu norte*. O prefaciador reconhece na escrita severiana uma postura política e ideológica que distingue a fronteira, com seus habitantes, e, paradoxalmente, a define como “lugar de indefinición, de no pertenencia, en suma, es la entrada a un mundo mitológico” (ETCHEMENDI, 2010, p. 12).

Consideramos que “mundo mitológico” se refere às peculiaridades e singularidades desse território marcado pela hibridação linguística e cultural que delineou uma forma de identificação transfronteiriça para os habitantes da região, ao mesmo tempo em que não determina o pertencimento a um lugar preciso. Nem Brasil nem Uruguai, um interstício ou limbo, como assinala Etchemendi: essa “especie de limbo que es la frontera” (ETCHEMENDI, 2010, p. 13).

Ao resgatar um dos versos de Severo, “Artigas no tiene presidente” (*Noite*, p. 25), Etchemendi ressalta uma dicotomia da fronteira: disputada entre dois países e abandonada por ambos. O verso citado estaria assinalando a falta do Estado, de representação tanto da cidade como de sua população. É justamente como uma voz de sua comunidade fronteiriça e, nesse sentido, porta-voz de sua língua híbrida que a poética severiana pode ser pensada.

Artigas no tiene presidente, dice el autor, definiendo así, casi por antonomasia su propia circunstancia, que es decir que no tiene gobierno, que no se siente representado, que no pertenece a lugar definido pero que, sin embargo, existe en esa especie de limbo que es la frontera. El limbo, como ya lo dijo el florentino, es un cielo sin Dios (ETCHEMENDI, 2010, p. 13).

Defendemos, nesta tese, que Fabián Severo se faz, através de sua prática literária em portunhol, representante de uma parcela da população que, assim como ele, nasceu e se desenvolveu num ambiente diglótico, plurilinguístico e pluricultural. Consideramos o prefixo “pluri” porque ainda que as influências diretas sejam bilíngues e biculturais referentes a dois países vizinhos, a interação entre elas dá origem a uma terceira forma de identificação marcada pela coexistência das duas anteriores e pelas combinações resultantes do contato.

Para entender como se dá esse processo, ressaltamos que o indivíduo “herda” como língua materna o português fronteiriço, que pode ser considerado uma variedade ruralizada e regional da língua portuguesa contaminada pelo espanhol; ao ingressar na escola, é escolarizado na norma padrão do espanhol; nas situações cotidianas, faz uso de uma variedade mais coloquial do espanhol mesclado ao português, que é o próprio portunhol. Ainda existem os casos em que o indivíduo tem interesse em aprender formalmente o português, que se apresenta como a língua das oportunidades laborais. Dessa forma, passa a ter a possibilidade de acessar, conscientemente, a língua da afetividade (o portunhol), a língua espanhola padrão nos estabelecimentos públicos, por exemplo, e a língua portuguesa nas situações que se impuserem o uso do idioma.

Segundo assinala Carvalho (2010), ao ter a capacidade de fazer uma escolha consciente da variedade linguística a ser adotada de acordo com as situações cotidianas, constata-se o valor diglótico da interação português/espanhol e também do portunhol. A opção por estudar o espanhol ou o português padrão estaria vinculada ao capital simbólico dessas línguas nacionais (se é que podemos falar em opção no caso do espanhol, já que esse se apresenta como disciplina obrigatória no currículo escolar, em detrimento do fato de o portunhol ser, de fato, a língua materna de uma parcela considerável da população fronteiriça). Há ainda a possibilidade de um falante de português ou espanhol padrão desejar aprender o português uruguaio para sentir-se parte do grupo. Dessa forma, a língua passa a ter um coeficiente de valor integrativo, como se pode perceber na experiência retratada por Carvalho:

J. casou-se com uma moça de Montevideú que havia se mudado com ele para Manduvi. Foi interessante ver como essa montevideana havia adquirido o português [uruguaio]. Segundo ela, a sua exposição constante à nova língua e a importância de adquiri-la para que fosse aceita pela comunidade a fizeram bilíngue em pouco tempo (CARVALHO, 2010, p. 48).

O pluriculturalismo se materializa nos hábitos, costumes, religiões, rituais, gastronomia e linguagem que se alternam e se mesclam nesse ambiente marcado pelo atravessamento contínuo de um lado para o outro, sem que normalmente se perceba o entrar e sair de um país. Esse movimento contínuo e contíguo acaba por definir a região transfronteiriça como um multiterritório. Consideramos, portanto, que através do uso e defesa do portunhol, essa comunidade estaria apta a acessar as línguas, culturas e territórios dos quais são constituídos como sujeitos transfronteiriços. Não há uma única forma de identificação para esse indivíduo híbrido e que, do mesmo modo como o geógrafo Rogério Haesbaert define a multiterritorialidade, propomos a escolha e conformação de uma multi⁶⁴-identidade fronteiriça:

A nível mais pessoal, talvez a multiterritorialidade, estritamente falando, seja uma condição durante a qual nos encontramos realmente capacitados e somos livres não somente para viver territórios profundamente distintos, entrando e saindo deles quando quisermos, mas, sobretudo, para construir outros, fruto de uma articulação pessoal, produzindo, assim, mais múltiplos e “únicos” territórios — únicos, aqui, no sentido de articulação ou da combinação singular que eles promovem (HAESBAERT, 2007, p. 360- 36).

Ao habitar a fronteira que em si reporta uma divisão política, o sujeito transfronteiriço se constitui, ao mesmo tempo, do conflito e encontro entre diferentes “mundos”. Parafraseando Haesbaert, talvez a multi-identidade, estritamente falando, seja uma condição durante a qual nos encontramos realmente capacitados e somos, relativamente, livres não somente para viver identidades profundamente distintas, identificando-nos ora como uruguaio e ora como brasileiro, quando assim o quisermos, mas, sobretudo, para construir novas formas de identificações híbridas, marcadas pela relação de contato e conflito entre o modo de ser uruguaio e o brasileiro e incorporando as peculiaridades de ser um transfronteiriço, fruto de uma articulação pessoal, produzindo, assim, mais múltiplas e únicas identidades.

Enrique da Rosa, gestor cultural do MEC de Rivera e coordenador da demanda que postula o portunhol como patrimônio cultural imaterial do Uruguai, também se manifesta sobre o fato de o fronteiriço ter que se adaptar à sua situação geopolítica, assumindo, muitas vezes, uma dupla documentação ou dupla nacionalidade para se adequar às demandas econômicas e laborais, demonstrando que a categoria de

⁶⁴ Nesse caso, optamos pelo prefixo multi somente com o propósito de relacionar o termo multiterritorialidade com multi-identidade numa forma de transferência de sentidos do conceito do primeiro para o segundo termo proposto. Esclarecemos que não vinculamos o uso do prefixo às atuais tendências de empregá-lo como uma falaciosa maneira de reconhecer a multiplicidade sem considerá-la em suas peculiaridades e necessidades decorrentes da diferença.

identidade nacional única não funciona da mesma forma na fronteira. Rosa ainda defende o portunhol como a forma de expressão do transfronterço:

Los límites territoriales significan el fin del alcance del brazo del Estado, vivir en frontera es vivir en la periferia, un borde donde el mismo Estado prioriza el control. Es en esa situación geopolítica que las personas deciden extrapolar límites estatales para definir sus modos de relacionamiento en lo laboral y productivo (trabajo en ambos países, la mayoría de las veces muy mal pagos), en lo administrativo (casos de sobre-documentación personas registradas en ambos países), en lo afectivo (parejas entre ciudadanos de uno y otro país, y consiguientemente hijos binacionales) y en lo cultural con el portuñol como su expresión más acabada (DA ROSA, 2017, p. 10).

3.2 Farejando rastros de vida

Semo viralata. Olfateamo buscando saber aonde estamos, perseguindo el rastro para memorizar de onde venimo, pero siempre el tacuaral se adueña del patio, la ventarola lambe el suelo y enllena el alma de tierra. En Artigas, nadie sabe qué es. SEVERO, *Viralata*, p. 35.

Reconhecemos, no sujeito poético dos livros *Noite nu Norte e Viento de nadie* e no narrador de *Viralata*, rastros autobiográficos que nos permitem traçar um paralelo entre a vida do escritor e de suas personagens. Para além das “coincidências” nos nomes e na cidade natal, Artigas, mencionamos “o próprio conteúdo do texto”, ademais do emprego de “técnicas narrativas (em particular os jogos de vozes e de focalização) e o estilo” (LEJEUNE, 2014, p. 70).

O jogo de vozes presente na obra, tanto em prosa como em verso, se faz por meio do trabalho poético com o portunhol que é a língua das personagens e a língua de narração, através da qual se imprimem as imagens, as reflexões, a precariedade, os lugares e até as emoções. Ao empregar essa matéria linguístico-literária, Severo tenta caracterizar um grupo que se revela pela maneira como fala e por suas configurações culturais (GRIMSON, 2015) que se dão através da interação e mescla de mais de uma forma de identificação, simbolizando o que seria o sujeito transfronterço. Ainda que o poeta se autodeclare fronteiriço, por analogia ao seu território de nascimento e pelo fato de sua variedade de fala ser o portunhol fronteiriço, optamos pelo emprego do termo “transfronterço”, por acreditarmos que o prefixo englobe a complexidade da relação de trânsito entre o sujeito, o território, as culturas e as línguas que o atravessam.

O procedimento escritural criado desde o primeiro livro de 2010 permaneceu o mesmo, pois ainda que seu quarto livro tenha sido escrito em prosa, diferenciando-se dos três primeiros, a temática da vida na fronteira, a maneira como se faz porta-voz dessa parcela da população, continuou sendo narrada com a sensibilidade de quem, aparentemente, experimentou uma vida similar.

Para o crítico francês Philippe Lejeune, especialista no gênero autobiografia, o estilo engloba “tudo o que turva a transparência da linguagem escrita, distanciando-a do ‘grau zero’ e do ‘verossímil’ e deixando visível o trabalho com as palavras – quer se trate de paródia, de jogos com significantes ou de versificação” (LEJEUNE, 2014, p. 71). Consideramos que Severo deixa transparecer o seu trabalho com as palavras, não a partir da criação de neologismos ou jogos de palavras, mas sim, pela recriação escrita de uma língua basicamente oral e com pouca tradição literária, mas que é a sua língua materna: “Yo nací na cidade de Artigas. Mi familia, mis vecino y mis amigo, falan misturando las palabra del portugués y el español. El portuñol es mi língua materna. Cuando yo istava na barriga de mi madre, ya iscutaba el mundo intreverado” (SEVERO, 2017, p. 31).

Conforme vimos no primeiro capítulo desta tese, os estudos linguísticos sobre o portunhol da fronteira Uruguai/Brasil foram bastante desenvolvidos pelos linguistas uruguayos, que o identificaram a partir dos anos 50 do século passado e continuam a estudá-lo até os dias atuais. Estranho é perceber que até esse momento não havia registros sobre essa língua híbrida que já se formava na região desde o período colonial de ambos os países. Mais estranho ainda é que não haja menção à influência das línguas indígenas⁶⁵, uma vez que as etnias dos charruas, guenoas, minuanos, yaros, mboanes, arachanes, chanás, tapes, mbiás, guaianases, guaranis, entre outros, constituíam a população originária da região antes da chegada dos colonizadores espanhóis e

⁶⁵ A linguista uruguaia Silvia Etel Gutiérrez Bottaro catalogou, em sua tese de doutorado, a presença indígena por região e língua, conforme reproduzimos a seguir: “Os guaranis (tapes, arachanes ou patos) viveram nas margens da Lagoa dos Patos, no litoral norte do atual Rio Grande do Sul, nas bacias dos rios Jacuí e Ibicuí, incluindo a região dos Sete Povos das Missões. Os grupos indígenas, conforme a região em que habitavam, falavam diversos dialetos cujo tronco linguístico comum era o tupi-guarani. Os pampeanos (charruas, minuanos, chanás, guenoas, iaros) viviam no sul e sudoeste do atual Rio Grande do sul, em todo o Uruguai, nos cursos inferiores dos rios Uruguai, Paraná e da Prata. Conforme os historiadores, as tribos dos charruas e minuanos habitavam a região fronteira. Falavam a língua guíchua, com poucas variações dialetais”. Mesmo afirmando não haver registros literários sobre a copresença do espanhol e do português com o tupi-guarani ou com o quíchua, a linguista afirma que “É de se supor que, com a chegada dos jesuítas espanhóis, o contato linguístico destas diferentes etnias, isto é, do espanhol com o tupi-guarani, ou com o guíchua, gerou situações de mescla linguística e, por conseguinte, situações de bilinguismo e de multilinguismo” (BOTTARO, 2002, p. 25). Crença essa que coincide com a nossa e que nos leva a questionar a falta de tais registros.

portugueses. Segundo o linguista norte-americano John Lipski (1996), a etnia charrua era muito hostil, o que impedia o contato com os colonizadores, razão da falta de interferência linguística no espanhol uruguaio. As demais etnias, menores e mais pacíficas, ou foram dizimadas durante as disputas por terra, como ocorreu também com os charruas, ou fugiram após a expulsão das missões jesuíticas. É provável que tais etnias não possuíssem sistema escrito desenvolvido e lamentavelmente talvez não existam registros nem mesmo orais dessas tribos. O que encontramos são topônimos que atestam a permanência de vocábulos indígenas, como o Rio Yi (da etimologia dos charruas), Paysandú e Yaguarí (da etimologia guarani). Estes últimos, os guaranis, chegaram a lutar nas batalhas do século XIX como soldados para defender suas terras contra espanhóis e portugueses e tiveram seu vocabulário registrado e difundido, porém na fronteira do Brasil com o Uruguai não é tão vigente como na fronteira com o Paraguai.

No segundo capítulo, tratamos a respeito da tradição escrita do portunhol, propriamente dito, já que pouco se menciona sobre a co-presença de outras línguas. A prática literária em portunhol concebida como tal a partir do livro *Brindis Agreste*, escrito em 1947 por Agustín R. Bisio, marca um importante reconhecimento da presença e permanência do portunhol fronteiriço como a voz que, ademais de identificar o indivíduo da fronteira pela língua com a qual se expressa, demonstra também o paradoxo da fronteira, marcada mutuamente pela riqueza e precariedade da região que recebe interferências de países distintos, o que provoca uma oscilação linguística, comportamental e identitária, determinando um terceiro espaço (BHABHA, 1998) inscrito na articulação do hibridismo das línguas e culturas de cada país.

A respeito do portunhol, Enrique Foffani comenta que tanto a familiaridade como a estranheza que a língua suscita nos leitores/ouvintes se devem ao fato de ser o portunhol “una zona fronteriza en sí misma, transitiva a mutuas y seguidas intromisiones”, que ademais cresce em número de falantes devido aos deslocamentos migratórios entre países luso e hispanófonos, afirmando-se como uma língua popular que chega à literatura para representar o imaginário de uma comunidade fronteiriça. Em suas palavras: “El portuñol ha obtenido estatuto de lengua poética, capaz de simbolizar, en tanto metáfora conceptual, las apropiaciones culturales fronterizas relativas a las identidades que pueblan el imaginario popular” (FOFFANI, 2012, p. 45).

Nesse sentido, Severo defende seu modo de identificação transfronteiriço através do portunhol com o qual escreve e dá voz a suas personagens, pois conforme afirma em

entrevista a Foffani, sua identidade fronteiriça está intimamente relacionada com a língua, a partir da qual se constitui como sujeito social e pensante. O poeta decreta, ainda, que o portunhol, mesmo sendo tão estigmatizado, é sua língua materna e, como tal, é legítima:

si hablamos de una identidad fronteriza, si nosotros nos construimos como sujetos sociales y pensantes a partir de la lengua, entonces el portuñol para todo artífuese es sumamente importante. Si yo tuviera que definirme me defino como fronterizo, como un tipo que es de dos países, que es una mezcla, que piensa y siente de una manera entreverada (SEVERO in FOFFANI, 2012, p. 53).

O emprego do portunhol fronteiriço como matéria literária apresenta-se, de alguma maneira, como uma forma de legitimação da língua com a qual conviveu, juntamente com seus conterrâneos, na fronteira Uruguai/Brasil, e que ainda convive mesmo tendo saído da fronteira, pois as interações em casa com a esposa e com os amigos da infância se dão em portunhol, conforme o próprio poeta declara:

Yo soy un hablante nativo de lo que algunos llaman portuñol o DPU [Dialectos Portugueses del Uruguay] o Dialecto Fronterizo o Portugués del Uruguay o como quieran llamar. Yo soy un hablante nativo, mi lengua materna, los sonidos que escuchaba yo cuando estaba en el vientre de mi madre y los sonidos que escuché en mis primeros años de vida es esa mezcla entre el portugués y el español, que es la lengua que todavía seguimos hablando con mis amigos y familiares a pesar de que hay como 15 años que vivimos aquí. Nos juntamos y seguimos hablando así. Y más, cuando yo llamo a Artigas no puedo hablar con mi abuela en un español de Montevideo, o de ciertos lugares de Montevideo, porque mi abuela no va a entender por qué estoy hablando así. Me va a decir: “¿por qué tú tas falando así todo raro?” (SEVERO in FONTICELLI, 2016)⁶⁶.

Apesar de os registros literários apresentarem-se cada um com uma variedade dialetal distinta – muitas vezes por conta da intensidade diferenciada com que uma língua interfere na outra, dependendo da região em que a mescla se produz, outras vezes porque a língua literária se refere ao exercício de invenção poético-linguística a partir da experiência de vida entre línguas –, em quaisquer dos casos, ao se produzir uma literatura em portunhol, passa-se a dar visibilidade a uma língua, basicamente oral, considerada equívoco e, principalmente, passa-se a legitimá-la através da sua

⁶⁶ As citações referentes à entrevista concedida a Alfredo Fonticelli, no programa “Café Literario” de julho de 2016, foram transcritas por nós. A entrevista gravada encontra-se disponível no YouTube, através do endereço: https://www.youtube.com/watch?v=MnDFGUE2H_s. Acesso em 12 ago. 2017.

representação escrita, por meio da produção literária em línguas híbridas, o que lhe assegura certa literariedade e capital linguístico-literário (CASANOVA, 2002).

A leitura de obras em portunhol convida o leitor a “se aventurar” pela instabilidade e precariedade que são próprias da condição fronteiriça. Etchemendi, como autor do prefácio de *Noite nu Norte*, foi provavelmente um dos primeiros leitores de Severo, e como leitor dá seu testemunho de como a escrita em portunhol permite construir não só a voz das personagens, como também o cenário e as emoções próprias da fronteira, que se constitui como seu lugar de enunciação:

No conozco la frontera y este libro habla de ella, está construido por ella. Ahora tampoco la conozco pero me duele. Y es un dolor desconocido, imperdonable. Yo estaba cómodamente aquí y ahora... el fuego, la luz, las radios a pila, la lengua de los bichos y el peligro de lo que no se puede definir... un espanto. La frontera es una circunstancia física y psicológica, es el misterio de una luz, de un idioma; la frontera tiene su olor propio y sus colores, la frontera es peligro (ETCHEMENDI, 2011, p. 11).

Etchemendi afirma que a leitura de *Noite nu Norte* o fez sair da sua posição cômoda de leitor e o levou a experimentar os mistérios da fronteira. Também Foffani, faz considerações a respeito dos atributos da fronteira e do portunhol que, por sua vez, se relacionam com as formas de identificações dos sujeitos [trans]fronteiriços:

el carácter de precariedad, de inestabilidad, de improvisación, y el carácter de lo movedizo, son estos mismos rasgos los que definen al sujeto fronterizo o toda identidad que, en contacto con la frontera, se aleja como sabemos de la fijeza para introducirse en un horizonte de continuo movimiento (FOFFANI, 2012, p. 46).

É nesse horizonte de contínuo movimento e oscilação, ou de indefinição, que o sujeito poético declara que “Antes,/ eu quíria ser uruguaio/ agora/ quiero ser daqui” (*Noite*, p. 31). Ou seja, enquanto vivia na fronteira queria estar em Montevideu e sentir-se um legítimo uruguaio, mas estando ali, tenta ser reconhecido como fronteiriço, que é sua verdadeira forma de identificação. Com isso, defendemos que Severo, por meio de sua prática escritural, consegue sentir-se mais próximo de sua origem, pois conforme afirma:

Descubrí que necesitaba de la escritura para poder existir, para no morir de tristeza, para acercarme al mundo que había dejado en la frontera, para darle forma a esos sonidos y silencios que escucho en mi cabeza. [...] Escribo en portuñol o español de la frontera porque es mi lengua materna, no es una opción estética (SEVERO in MILREU, 2015, p. 263).

Além de afirmar que empresta a suas personagens a própria língua materna, somando o fato de haver nascido em Artigas, cenário de seus textos, encontramos outros indícios de que tanto os poemas dos três primeiros livros como a prosa da última novela trazem traços autobiográficos que, com o acesso às informações fornecidas em redes sociais e entrevistas, levam-nos a colocar em relação o poeta com o seu sujeito poético. Dessa forma, acreditamos poder falar em poemas-autobiográficos e de novela com relatos autobiográficos.

Lejeune (2010) afirma que alguns escritores contribuem para o estabelecimento de um pacto indireto com o leitor, a que o estudioso denomina “pacto fantasmático”. Segundo ele, embora esses escritores não estabeleçam o pacto autobiográfico por meio da identidade entre autor-narrador-personagem, acabam instituindo um espaço autobiográfico para a leitura de suas obras. Nesse sentido, nas entrevistas, ao confirmar certas coincidências entre a personagem e sua própria vida, os autores levam seus leitores a buscar pistas, isto é, a encontrar dados biográficos em obras ficcionais. A autorreferencialidade estaria sendo pactuada não na obra em si, mas nos desdobramentos da subjetividade, como é o caso do gênero entrevista.

Desse modo, é através dos textos públicos e das entrevistas concedidas por Severo que evidenciamos uma espécie de jogo em que a subjetividade aparece, mesmo que não de maneira direta, mas, ainda assim, vamos inteirando-nos de outros dados biográficos do escritor. A estudiosa argentina Leonor Arfuch reflete sobre a conformação de um espaço autobiográfico acessado por meio das declarações extratextuais, nas quais os escritores constroem pontes entre a vida e a obra:

O espaço autobiográfico na entrevista se definirá menos como um território estável e delimitado do que como um conjunto de “momentos” autobiográficos [...] de caráter e intensidade variados, nos quais assomam, levadas pela lógica da personificação ou pelo interesse do entrevistador, centelhas da vida, lembranças, asseverações, experiências. Momento que, para serem compreendidos como tais requererão evidentemente a cumplicidade interpretativa do leitor (ARFUCH, 2010, p. 163).

Como mencionamos anteriormente, realizamos uma entrevista a Severo, em janeiro de 2015, através da qual fizemos perguntas ao poeta sobre as coincidências de sua vida com as das vozes poéticas dos seus dois primeiros livros. Consideramos que o gênero entrevista, como afirma Arfuch, revela-se “como um meio inestimável para o conhecimento das pessoas, personalidades e histórias de vidas ilustres e comuns”

(ARFUCH, 2010, p. 151). Assim, nos foi possível confirmar hipóteses a respeito dos traços autobiográficos presentes em sua obra.

A primeira e mais contundente pista se refere ao uso do nome próprio e apelidos que identificam o sujeito poético: Fabio, Fabi, Fabito, Fabiano, Yiribibe. Pela proximidade entre os nomes Fabián, Fabiano e Fabio e pela possibilidade de qualquer uma das denominações terem como codinome Fabi ou Fabito, a associação com o poeta é inevitável, evidenciando a prática de “identidade assumida” no enunciado, como determina Lejeune (2014, p. 29) para que a autobiografia seja confirmada. No entanto, devido à gama de incertezas e possibilidades que o gênero autobiografia apresenta, optamos por não classificar a obra como autobiográfica e, sim, por apontar traços autobiográficos, nos sentidos assinalados tanto por Lejeune quanto por Arfuch.

Algún día Fabi, tu vai podé revelá esas foto/ de cuando tu i teus irmanus era piqueno (*Noite*, p. 73).

Un día, mi padrino me dice: *Fabio, tas con la memoria inferna, llena de palabras desarmadas, como una frazada que não pode te tapar* (*Viralata*, p. 37).

Para a associação com o apelido Yiribibe, que normalmente aparece nos fragmentos de fala do padrinho: “Mi padrino me disía: *que güela tu tein Yiribibe, tiscutamo todo el culto*” (*Noite*, p. 56) ou, ainda, quando o padrinho o incentiva a escrever dizendo “Yiribibe, tu vas fasé istoria” (*Noite*, p. 41), fez-se necessário perguntar-lhe, em entrevista⁶⁷, se esse realmente era um apelido da infância, ao que o poeta respondeu que seu padrinho o havia apelidado assim em referência a um dos jagunços da saga *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa⁶⁸.

Fabián Severo respondeu à pergunta sobre o provável pacto de autorreferencialidade e os dados autobiográficos que deixa transparecer nos poemas com a seguinte afirmação:

(...) Yo escribí el libro con cosas que me pasaron, *Noite* y *Viento*, pero más *Noite*, con cosas que me pasaron, que les pasaron a mis vecinos y yo vi, cosas que me contaron. Con eso armé un libro. Para darle unidad, el personaje casi siempre es Fabio. Cuando aparece el nombre Fabi, Fabio, no sé. Que... en *Viento* creo que hago también y este año, yo estoy escribiendo un libro ahora

⁶⁷ Entrevista realizada por Carrizo em 2013, em Montevideo (não publicada).

⁶⁸ Em analogia à escolha de seu apelido a partir de um personagem de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e da declaração dada em entrevista sobre a admiração pela literatura brasileira sobre o sertão, gostaríamos de propor que a escolha ocasional do nome Fabiano (que ora é Fabi, Fabio, Fabito) se relaciona com outro personagem ícone da literatura regional brasileira: Fabiano, de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

que también, pasa lo mismo. Pero hay algunas cosas que sí, que son autobiográficas. Unas situaciones que yo las vi, que yo viví. La inundación, por ejemplo, ¿viste? La inundación... cuando se daba la inundación en mi barrio, yo casi siempre la veía. Ahora no me acuerdo, pero varias de las cosas, yo qué sé. El tema del perro, por ejemplo, de la perra, la Chata, fue la perra de mi infancia. Esta situación que es real, por ejemplo (SEVERO, entrevista não publicada, 2015).

Coincidimos com a conclusão a que Foffani chega sobre as pistas autobiográficas que Severo deixa nos textos e que, de alguma maneira, não as desmente em suas entrevistas. Foffani considera que as micro-histórias sobre a fronteira podem ser consideradas “muestras de un mundo efectivamente transcurrido, pero *real*”, que Severo recria através de um pacto de leitura estabelecido com o leitor de sua poética. Segundo o crítico argentino, “reconocer un mundo como real es, de alguna manera, la prueba de una *experiencia* entendida como vivencia que devino una instancia transcendente, un enlace con el ahora del enunciado” (FOFFANI, 2012, p. 47 – grifo do autor).

Na já mencionada entrevista concedida a Fonticelli, em julho de 2016, Severo deixa transparecer seu “jogo” com o leitor, em que a identificação com o protagonista de sua obra é presumida, mas nunca assumida, pois confessa que lhe interessa manter-se na fronteira entre realidade e ficção:

A mí me gusta la frontera en todos los sentidos, esa cosa que no podemos definir, somos y no somos y somos varias cosas al mismo tiempo. A mí me gusta jugar con eso. Por ejemplo, parece que hay un narrador ahí [en *Viralata*] que como que se recuerda o que se quiere recordar, pero a su vez aparecen voces de otras personas que se narran y que narran y que yo no sé bien qué es. A mí me gustan todas las fronteras, tanto técnicas, a lo mejor hablo técnico-literarias, la frontera de la literatura, la frontera de las lenguas, la frontera de los géneros. A mí me gusta todo eso. A mí me gusta también la frontera de la realidad y ficción, ¿viste?, porque el personaje Fabián, Fabio, Fabito, Fabinho, le dicen de forma distinta a lo largo del libro. A mí me gusta eso de que parece que está contando su vida, parece que es la vida de un tipo que se llama Fabián o Fabio o Fabito o Fabinho y parece que a su vez es la vida de otros personajes o incluso las versiones que otros personajes han dado sobre partes que él intenta buscar, que él intenta armar. Parece que ese tipo quiere armar su árbol genealógico... son varias cosas. Creo que son las dos cosas [autobiografía y ficción] (SEVERO in FONTICELLI, 2016).

Parafraseando J. Sturrok que afirmou sobre as *Confissões*, de Santo Agostinho, que “contar a história de uma vida é dar vida a essa história”, sugerimos que Fabián Severo consegue, através de sua escrita, dar vida não somente à história contada, mas também à língua que emprega em seu texto. Ao ler suas obras em português, é possível

ao leitor “visualizar” as sensações de tristeza, desesperança, sofrimento, angústia e precariedade que experimentam suas personagens fronteiriças.

Ainda conforme Foffani, “los recuerdos intentan revivir una experiencia: revivir no sólo como volver a actualizar la vida sino también como devolverle la vida a algo que estaba muerto o que estuvo a punto de morir” (FOFFANI, 2012, p. 47) e a escrita aparece como uma forma de manter viva a memória: “Vo iscrevé las lembransa pra no isquesé” (*Noite*, p. 19).

Utilizando expressão empregada por Paul Ricoeur em seu livro de 1991 – *Soi-meme comme un autre* – Arfuch sugere, entre as estratégias autobiográficas, a possibilidade de o enunciador realizar uma “construção imaginária de ‘si mesmo como outro’” (ARFUCH, 2010, p. 55). Essa pareceu-nos ser a estratégia adotada por Severo para a construção do sujeito poético de seus primeiros livros e do protagonista de *Viralata*, pois sua obra ficcional está baseada em sua própria experiência na fronteira e, para relatá-la, emprega seu nome próprio para caracterizar a personagem, que ora é denominada Fabi, Fabio, Fabiano e ora aparece nomeada pelo apelido, além de incluir na obra pessoas, animais e histórias que realmente fizeram parte de sua infância em Artigas. Dessa forma, consideramos que o que realiza é a (re)construção de sua própria experiência através de sua personagem homônima.

No âmbito das novas tecnologias e das ferramentas midiáticas, as redes sociais oferecem-nos novas possibilidades para confrontar informações presentes na obra do poeta com aspectos biográficos, como por exemplo, a morte de sua mãe. A figura materna permeia, principalmente, o livro *Viralata*, no qual mais que protagonista – essa classificação deixamos para o narrador Fabi/Fabio – aparece como tema da obra. Ao postar em rede social fragmentos de seu livro referentes às passagens em que trata da morte da mãe do protagonista de *Viralata*, entre os comentários vê-se que muitas pessoas associam as cenas retratadas com as situações vividas pela mãe do poeta. Por esse motivo, muitas delas cumprimentam-no, lamentando a perda materna real e relatando lembranças dos sofrimentos pelos quais passou juntamente com a família.

Como sugere Arfuch, ao recontar fatos de sua infância na fronteira, através do trabalho da narração, o poeta inicia a “recuperação de algo impossível sob uma *forma* que lhe dá sentido e permanência, forma de estruturação da vida e, conseqüentemente, da identidade” (ARFUCH, 2010, p. 181 – grifo da autora), pois como ele mesmo afirma: “un día, quise sacar algunos recuerdos, pero no salían. De tanto buscar, descubrí que el español no era mi lengua, y hallé en el portugués mi corazón” (*Viento*, p. 6).

Severo por diversas vezes é questionado em entrevistas sobre o caráter autobiográfico de sua obra. É uma pergunta que ele parece não querer responder, pois ao mesmo tempo em que confirma alguns acontecimentos de sua própria experiência, dá declarações sobre sua obra com a seguinte resposta:

Es ficción, es literatura, es arte, es música, es otra cosa. Que la gente lo interprete como quiera y llegue a las conclusiones que quiera. Es la visión de un personaje que imaginé, que visualiza la frontera de esa forma, que piensa y se expresa de esa forma; tan simple como eso (SEVERO in QUIRING & BOSCH, 2014).

Para o poeta, o que é importante mesmo em sua escrita, segundo afirma, é que seu texto provoque emoção. Alcançado esse objetivo, não importa que classificação deem a sua obra. Por exemplo, com relação ao livro *Viralata* e a dúvida de que se é novela autobiográfica ou romance, o poeta declara, durante sua entrevista a Fonticelli, que sua obra não tem um gênero textual definido, podendo ser considerado como um livro de relatos fragmentados, uma novela autobiográfica, ou as duas coisas ao mesmo tempo: “pues no sé qué es, no sé si es novela, si es un libro de relatos con fragmentos. A mí me gustaría que fuera viralata también” (SEVERO in FONTICELLI, 2016).

3.3 Poéticas da memória e do afeto

Cuando me mudé para Montevideo, impecé sentir saudade de mis calle, extrañé mis vecino, me faltava los sonido da frontera. Impecé a recordar, mas mis lebranza también venían en portuñol. La tristeza no bajaba y impecé a escribir. Cuando recuerdo, cuando siento, cuando pienso, lo hago en portuñol. Despós, intento pasar eses sonido que iscutu na minha cabeza pru papel, intento me traducir. Mas mi escritura también viene misturada. Pra podé encontrar mi refugio na Literatura, pra despertar en el sueño de mi ciudad, necesito combinar las canción de mis dos país – SEVERO, 2017.

A declaração reproduzida na epígrafe acima foi feita durante a abertura do XVI Congresso de Professores Brasileiros de Espanhol, realizado em julho de 2015 (Anais de 2017), na cidade de São Carlos, em São Paulo. Nela, Severo fala sobre seu processo de escrita literária a partir da língua com a qual conviveu em sua casa e que, por isso, está vinculada às suas memórias, sentimentos e emoções.

Aldyr Garcia Schlee escreveu-lhe o prefácio para o livro *Viento de Nadie* (2013), ao qual deu o título “O portuñol do coração de Fabián Severo”. No referido texto, o escritor brasileiro, natural de Jaguarão, menciona que, como Severo, é também um fronteiriço e reconhece, por isso, que a variedade linguística empregada pelo poeta é uma variedade própria e característica da sua região:

Explorando a riqueza lexicográfica à disposição dessa linguagem, Fabián desenvolve um sistema fônico correspondente estritamente ao seu portuñol artiguense, distinto, como se sabe, do portunhol riverense e do portunhol melense (ou do jaguareense, como sei eu). [E] alcança, assim, a partir da reconstrução da língua falada na fronteira de Artigas-Quaraí, a formulação e o registro de uma língua escrita – que, por fim, consagra literariamente na construção de seus poemas (SCHLEE in SEVERO, 2013, p. 9-10).

No prefácio de *Noite nu Norte* (2011), escrito pelo linguista uruguaio Luis Ernesto Behares, nos é apresentada uma análise da linguagem sob o ponto de vista do afeto, uma vez que, mesmo que seu uso seja relacionado a pessoas de baixa cultura e capacidade intelectual, já que comumente é considerado erro e até destruição dos dois idiomas nacionais – como já havia assinalado Perlongher (2004) –, o portunhol artiguense, tal como o portunhol existente em outras fronteiras, como Rivera ou Taguarembó, é na verdade uma forma usual e íntima, praticada no lar, entre familiares, amigos e repassada de mãe para filho:

Me parece importante señalar enfáticamente ese hecho: Severo quiere escribir su lengua materna, su “*portuñol*”, porque la extraña, porque la necesita para vivir y para ser él mismo. Todos estamos avisados de que ese “portuñol” es considerado por muchos, tal vez los mismos que quisieran hablar como miembro de la Real Academia, como una devastación del español y del portugués, una lengua fea, de gentes feas y de escaso interés intelectual y cultural. [...] En esa innovación improvisada está la clave de su escritura, como un acto de amor a su lengua materna, para hacer de ella un registro emocional vibrante, poético, que pueda ser sentida al perder su evanescencia oral en una escritura (BEHARES in SEVERO, 2010, p. 95).

Na epígrafe e em muitas de suas entrevistas, Severo nos fala a respeito da sua variedade de portunhol e sobre o fato de o espanhol não lhe servir como matéria literária para contar suas experiências que se deram em outra língua que não aquela da repressão escolar. A relação de Severo com o espanhol se deu como no processo de aprendizagem de uma segunda língua, já que a primeira se refere à língua praticada em casa, o portunhol. Assim o poeta declara, em entrevista à Rádio Tamandaré, que o espanhol é sua língua adquirida e, por isso, quando tem que escrever, por exemplo, um artigo para

uma revista ou um texto em espanhol, primeiro o escreve em portunhol para depois traduzi-lo. Na entrevista radiofônica, Severo ressaltou que “existe una importante riqueza cultural en aquellos que viven en la frontera, pues los pobladores de esa zona tienen la posibilidad de aprender a escribir y hablar portugués, español y esa mezcla de ambos idiomas que muchos la definen como portuñol o portugués de la frontera” (SEVERO in Radio Tamandaré, 2015).

Segundo o poeta, sua infância e vivência em Artigas só poderiam ser recriadas através da sua língua materna. Reassumir, na escrita, aquela língua afetiva depois de tanto tempo e não estando mais naquele espaço de enunciação fronteiriço fez com que as lembranças viessem à tona e que um novo olhar surgisse em relação ao seu passado. O olhar distanciado de quem mira o passado e o vê de outra maneira, reconhecendo o que deixou para trás:

Después de varios años en Montevideo, empecé a extrañar Artigas, sus calles, sus sonidos, sus aromas, las personas, el ladrido de los perros... y ahí empecé a descubrir lo que había perdido, lo que había dejado atrás, todo lo maravilloso que era Artigas y que yo no había dado cuenta, porque a todos nos pasó, ¿no? Es decir, no ves lo que tenés a tu alrededor. Y ahí descubrí Artigas, descubrí la frontera y también descubrí al portuñol. Es como una broma, pero también no es tan en broma, el hecho de que reviví mis sonidos, mis palabras después de muchos años en Montevideo (SEVERO in El Observador, 19 set. 2013).

Severo refirma, por meio do narrador de *Viralatas*, o que disse em sua entrevista sobre a sua relação revivida com Artigas após sua saída da cidade natal e a respeito da frustração sentida quando o encantamento pela capital que tanto queria conhecer já não era o mesmo, aliás, não passava de uma ilusão: “Muchos año después, conocí Montevideo, y descubrí que el mar era más bonito em mis cuaderno” (*Viralata*, p. 30). Esse tipo de percepção, que às vezes só temos depois de nos distanciarmos da nossa realidade, gera uma frustração, pois, ao alcançar um sonho, percebemos que não era como imaginávamos que seria.

As potencialidades do portunhol referidas por Severo nos fazem remeter ao que, na década de 80 de século passado, Perlongher já havia afirmado em seu ensaio “Portuñol en la poesía” (1984) que, na instância poética, o portunhol não valerá como erro ou interferência, mas que seu uso comportará um sentido pleno e absoluto (PERLONGHER, 2004, p. 248). O poeta argentino trata ainda da sensação de precariedade e instabilidade da língua, dizendo que os poetas acessam outros poetas para atenuar a sensação de improvisação no uso da língua. Nesse sentido, considerando

toda a formação cultural acerca do portunhol, percebemos que também entre poetas e críticos uruguaiois é comum haver referências e comparações entre a poética precursora em portunhol de Bisio e Simões e as novas experimentações linguístico-literárias, possivelmente como uma forma de agrupar todos os poetas e escritores para compor o campo literário uruguaio de escrita em portunhol.

De acordo com Foffani, o que mais interessa é a dimensão positiva e plena que o portunhol apresenta enquanto língua poética. Dimensão essa que se torna paradoxal já que a riqueza linguística do portunhol – não só no plano semântico, como também nos níveis fonológicos, pois recria os sons dessa língua ágrafa –, é, de alguma forma, relacionada à pobreza e precariedade da fronteira e seus habitantes:

hay una prodigalidad ‘molecular’ que esta lengua le otorga a la poesía consistente en innumerables errores y también ambigüedades, pues si éstas se multiplican al infinito, lo que suscitan son riquezas de sentido y no reticencias, por más precarios e inestables que se tornen los distintos niveles de lenguaje (FOFFANI, 2015, p. 46).

O portunhol, que é a língua materna do poeta, torna-se também sua língua literária, por meio da qual, recobra as lembranças e emoções de sua infância e vivência na fronteira. Memórias próprias, contadas e inventadas, mas que guardam uma forte relação com sua experiência transfronteiriça: “Casi toda mi vida fue assim, enllenando con la imaginación, los agujero que Artiga me ía haciendo en la cáscara” (*Viralata*, p. 18). As lembranças começam a se confundir com o passar do tempo a ponto de já não se saber mais se as memórias são próprias ou se são histórias contadas por outra pessoa: “Tejiendo la memoria de uno con los recuerdo de otro, enllenaba los cuadernos, y era tan de verdade lo que contaba, que sentía como que era yo quien tenía conocido la alegría” (*Viralata*, p. 29). A incompletude da vida na fronteira que leva o sujeito a sonhar com uma vivência que não é sua e, assim, preencher seus dias: “La vida es un rompe cabeza onde las parte nunca encajan y uno tiene que inventarse las propias pieza sempre que tenga que contarse” (*Viralata*, p. 15).

Em *Noite nu Norte* (2010) e presente nas demais obras, deparamo-nos com uma voz que nos fala sobre suas memórias da infância, abordando acontecimentos cotidianos dos mais simples, mas que, aos olhos daquele que não saiu da fronteira e não viu o “mundo”, parecem grandes eventos: “En Artigas, por la mañá/ veyo lamparitas asesas/ nas puerta con cortina de náilon/ i us cayorro viyilando” (*Noite*, p. 35). O olhar aparentemente inocente de menino mostra-se, ao contrário, atento às adversidades e

desigualdades entre os mais ricos e pobres e chega a questionar os desígnios divinos: “si Deus isiste i semo todos ijo del/como vai avé lugar aonde no te deiyen entrá (*Noite*, p. 39) e também em: “Um e feliz con tan poca cosa/ i neim iso/ Dios da para uno” (*Viento*, p. 43). Aliás, muitas dicotomias são mencionadas ou apenas sugeridas nos livros analisados: sul/norte, a capital/a fronteira, a seca/a enchente, tristeza/alegria, desamparo/esperança, entre outros.

A presença feminina também é recorrente desde a primeira obra. A mãe que trabalha para sustentar os filhos através do seu trabalho de costureira: “Despós que tu naciste y ella se vino de Montevideo, pasaba todo el día en aquella máquina, pra poder comprarte algo para comer” (*Viralata*, p. 32); a influência materna na decisão de deixar a escola: “*Meu fño, tu terás que deiyá la iscuela/ i yo deiyé*” (*Noite*, p. 58 – grifos do autor); o sacrifício, para refazer a casa depois da enchente, disfarçado com um sorriso para que os filhos não desanimassem: “La Mama baila con la vasora/ yo me río i misqueso de yorar por mis juguete” (*Noite*, p. 43); a mãe que protegia seus filhos contra qualquer mal: “Yo me durmía/ prometendo que no ía dormirme/ i eya me protejía. / Mi madre desmanyava as tormenta con los ojo” (*Viento*, p. 32).

Toda a narrativa poética é permeada por essa presença marcante da mãe, da avó, que juntamente com a postura autoritária da professora, obscurecem ainda mais a presença já apagada do pai. Aliás, em *Viralata*, essa não-presença paterna fica mais clara:

mi madre se tenía ido a trabajar en Montevideo, de limpiadora con cama, en la casa de unos rico. Allí conoció a un Juan que no quería ser padre. [...] Al tiempo, mi madre volvió conmigo para Artiga porque el Juan ya no era nunca más mi padre y vivía de gaita con otras mujer. Yo tenía impezado el largo camincho de plantarme y desplantarme, de morir y nacer muchas vez (*Viralata*, p. 14-15).

A propósito, a ausência e a falta se fazem presentes em toda a obra, como se fosse uma condição da fronteira: “En Artiga, todas las familia istán podada. Faltan padres, gajos, abuelos, ramas gruesas para agüentar las locuras de cada istación” (*Viralata*, p. 12). E para amenizar a falta, o que restam são as recordações: “Dios quito casi tudo de uno/ pur isso intento agarrar los recuerdo/ i prender ojos bien fuerte contra us oio/ pra que a noite noum caiga en la alma/ i mincontre mas solo” (*Viento*, p. 31). Os pais dessa fronteira de árvores podadas só deixam as sementes e se vão.

Até a forte presença materna fez-se ausência em *Viralata* devido à morte da mãe do narrador, dando um tom de elegia à obra. Mas foi através da escrita que o protagonista soube fazê-la reviver: “Mi madre impezó a vivir en mis papel. Las palabra que yo dibujaba le devolvían el color de la piel, el horizonte de los ojo, la forma de caminar sempre estabanada. Al final, yo acepté el sueño como mi otra vida” (*Viralata*, p. 22-23). Consideramos que a homenagem à mãe também é um aspecto autobiográfico da obra, pois não raro Severo fez referência em rede social à morte da própria mãe, ocorrida em maio de 2013, devido à imperícia médica na fronteira⁶⁹ e entraves burocráticos que dificultaram e tornaram mais doloroso o processo da perda. Conforme se pode averiguar no fragmento transcrito a seguir, a mãe do protagonista de *Viralata* passa pelas mesmas provações:

Cuando llegamo en el hospital, pasaron mi madre de un lado para otro. Mientras ella se quejaba de dolor de cabeza, una enfermera le ía haciendo preguntas. Despós un pasillo y otro, y yo perdí mi madre entre las pared blanca. [...] Yo fui en la otra sala y despós en otro mostrador. No sabía que istaba impezando mi camincho por el infierno, cruzando pasillos y puertas, me hundindo en la escuridad. Casi nunca ví un médico, porque en Artiga, los médico no istán en el hospital. Al final, una señora que vio la tristeza que yo arrastraba, buscó en unos papel, llamó por teléfono y me dijo que mi madre istaba internada en la sala de las mujer. Cuando llegué en la sala, no me dejaron entrar porque solo mujeres pueden acompañar a las mujer. Yo dije que era mi madre, que nosotros recién tenía llegado y que yo no sabía ni cómo ella estaba. Me dijeron que los hombre solo podían intrar en el horario de visita, de las tres a las cinco de la tarde. Yo no sé cómo será en los otros mundo, pero en la frontera es difícil que al pobre, la salud le responda algo. Todas las vez que yo fui en el hospital, sempre me hicieron darme cuenta que yo era menos que ellos, y que si yo istaba allí, era porque los necesitaba y que agradeciera que ellos me ían atender. En Artiga, aprendimo a se levantar a las cuatro de la mañana para hacer fila y conseguir número para algún especialista de los que hay, porque algunas enfermedad solo se curan en otras ciudad y nosotros casi nunca alcanzamo la salvación (*Viralata*, p.89-90).

A escrita de *Viralata* provavelmente se deu como uma espécie de despedida e aceitação da morte materna: “Yo me animé a escribir sobre mi madre, mucho tempo después que ella murió” [...] e “por más fuerza que yo hiciera, ella no revivía em mis sueño” (*Viralata*, p. 21). A ela Severo dedica seu último livro: “Para Lala, mi madre, escribí esta historia, porque los abogados me dijeron que no podían hacer nada” (*Viralata*).

⁶⁹Segundo denúncia do próprio Severo feita na TV, *Artigas Televisión*, exibida em 12 de julho de 2013, sua mãe deu entrada no Hospital de Artigas no dia 21 de abril desse ano com fortes dores de cabeça, no entanto, estava sendo atendida como paciente psiquiátrica. No dia 5 de maio, em consequência de uma hemorragia cerebral, sua mãe faleceu aos 51 anos. Vídeo da denúncia disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tXZhaj2_UUQ. Acesso em: 3 mai. 2018.

Acreditamos que, através da escrita em portunhol, que é sua língua materna e afetiva, o poeta consegue reviver ainda mais intensamente a convivência com a mãe e concluir seu processo de luto. Ao acionar suas memórias por meio do portunhol – e não do espanhol, que é a língua da repressão escolar –, Severo volta a experimentar também as histórias vividas entre mãe e filho.

Yo soy el Fabián que istudió as língua da ispada y da cruz, que aprendió a contar las costilla de los verbo, sé cómo gotean los sustantivo y en qué adjetivo el perfume es más fuerte. Mas yo elegí, fabianamente, us sons que mi madre colgó nu patio da minha infancia, as palabra de feijao, us suspiros de tierra, a língua du corazón (SEVERO, 2017, p. 34).

Os poemas e relatos sucedem como micro-narrativas que não terminam com o final do livro. As histórias continuam sendo contadas a cada obra escrita pelo poeta como se as memórias se sucedessem de um livro para o outro. Memórias, imaginação e afeto se juntam para remontar as vidas na fronteira: “La historia de una persona se parece a una nube de malentendidos. El pasado que los vecino cuentan, asvés, tiene poco que ver con los recuerdos que uno tiene. La vida es un rompe cabeza...” (Viralata, p. 15).

Em sua apresentação na mesa de abertura do Congresso de Professores de Espanhol, anteriormente mencionado, Severo poetiza sobre o modo como recolhe as histórias e surgem as inspirações para seus livros: “Yo soy el Fabián que anda bien lejos, por grandes avenida, recordando las muerte, tarareando los sonido de mi barrio. Catando restos de arcoiris y pedazos de palabra que la gente vai atirando. Mitad de vida, metade de norte” (SEVERO, 2017, p. 35). Assim, fazendo-se porta-voz das histórias contadas por sua gente e mesclando-as com as próprias experiências na fronteira, Severo compôs seus quatro livros e já prepara a publicação do próximo para final de 2018.

Julgamos que Severo se faz representante de seus conterrâneos e falantes de portunhol na concepção dada ao termo por Spivak (2014). Segundo a teórica indiana, para solucionar o incômodo de o intelectual falar sempre sobre ou pelo subalterno – o que não modificaria a estrutura de poder e opressão, mantendo-o silenciado –, deve-se lançar mão da “representação”, nas duas acepções do termo em alemão – *Vertretung* e *Darstellung*. O sentido da primeira palavra se refere “ao ato de assumir o lugar do outro numa acepção política da palavra, e o segundo, uma visão estética que prefigura o ato de performance ou encenação” (SPIVAK, 2014, p. 15). Nesse sentido, entendemos que

Severo, ao escrever seus textos e apresentar-se em eventos acadêmicos e literários em portunhol, consegue ao mesmo tempo acionar o duplo sentido da palavra representação, para a qual Spivak explícita que “há uma relação intrínseca entre ‘falar por’ e o ‘representar’ pois, em ambos os casos, a representação é um ato de fala em que há a pressuposição de um falante e de um ouvinte” (SPIVAK, 2014, p. 15), ou seja, um ato dialógico. Assim sendo, o poeta assume o ato de fala (escrita e oral), enquanto nós leitores assumimos o papel do ouvinte, a quem nos é dado a conhecer a existência e resistência de uma língua que até então vinha sendo silenciada e combatida, ao mesmo tempo em que conhecemos o que seria sua comunidade de fala.

A Severo, enquanto sujeito fronteiriço e falante de portunhol e por outro lado enquanto poeta, lhe é dada a dupla função de oprimido e de intelectual que fala pelo oprimido. Este último termo pode ser estendido ao grupo dos marginalizado, excluídos ou silenciados, vítimas de preconceito linguístico, tais como os fronteiriços que percebem sua representatividade por meio da personagens severianas e por ele próprio.

Assim, terminamos esse terceiro capítulo para dar continuidade no quinto à análise dos textos públicos e literários de Severo em comparação à escrita em espanhol chicano ou *spanGLISH* de Gloria Anzaldúa. A escritora nascida no Texas, Estados Unidos, incorpora a copresença de sua ancestralidade indígena e mexicana na sua forma de viver e de se expressar, assumindo como Severo o duplo lugar de subalterno e de intelectual que fala por/de seus pares.

Já para o seguinte capítulo, faremos um recorte sobre outra fronteira que nos interessa – México/Estados Unidos –, devido ao fato de considerarmos que entre as duas nações há semelhanças com relação ao processo de hibridação cultural e linguístico, objeto desta tese. Para tanto, interessa-nos comparar a conformação do *spanGLISH*, língua que se configura a partir da mescla do espanhol e do inglês – em sua variedade de espanhol mexicano e inglês é conhecida também como espanhol chicano – que, assim como o portunhol, é a língua materna e de resistência de uma parcela considerável da população norte-americana.

Capítulo 4: Comunidades transfronteiriças: uma comparação entre a fronteira Uruguai/Brasil e a fronteira México/ Estados Unidos

(...) é vivendo na fronteira da história e da língua, nos limites da raça e gênero, que estamos em posição de traduzir as diferenças entre eles, numa espécie de solidariedade – HOMI BHABHA, 1998.

Neste capítulo, baseando-nos na afirmação do teórico Stuart Hall sobre a crise da identidade, discutiremos a respeito da conformação identitária dos sujeitos que vivem em região fronteiriça, para tanto, julgamos relevante comparar as peculiaridades da fronteira Uruguai-Brasil com outra fronteira: a do México com os Estados Unidos, mantendo nosso enfoque nas Américas, tida como “lugar de encontros e de choques culturais e linguísticos” (PORTO & TORRES, 2005, p. 236). Essa fronteira emblemática, posto que se relaciona, no imaginário coletivo, com a violência, narcotráfico, contrabando, migração clandestina, sob outros aspectos, no entanto, também deve ser considerada como lugar de hibridação cultural, étnica e linguística. Dessa forma, introduziremos reflexões acerca do contato e conflito entre as culturas e as línguas e também da escrita literária produzida nesse Espaço de Enunciação Fronteiriço (STURZA, 2006), pois, segundo propõe Ana Pizarro (2006), “é necessário discernir novos espaços culturais”.

4.1 A crise da identidade (bi)nacional

Habitar la frontera supone instalarse en los decursos de la paradoja. Nuestra lógica pone en crisis la contradicción, la identidad y el tercero excluido, nuestro universo configura otros mundos con dinámicas diferentes – CAMBLONG, 2010.

No livro *Identidades culturais na pós-modernidade*, escrito em 1999, o teórico e crítico cultural jamaicano Stuart Hall analisa a chamada “crise de identidade” sofrida pelo homem moderno. Ao definir como se constitui a identidade nacional, Hall desmistifica a representação homogênea e unificada atribuída às nações, principalmente as de centro, uma vez que esta representação é conseguida, na maioria das vezes, através da anulação de traços distintivos que estão presentes na conformação da própria

nação.

Segundo o teórico, a identidade nacional seria construída a partir dos sentidos produzidos pela cultura, sentidos esses que agem sobre a nação e com os quais nos identificamos enquanto sujeitos nacionais. “Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 1999, p. 51). Hall acrescenta, ainda, que a identidade nacional tem a dupla faculdade de oferecer ao indivíduo a condição de membro do estado-nação e a sua identificação com a cultura nacional. Em outras palavras, busca unificar seus membros, não importa quão diferentes sejam, numa identidade cultural, e assim, todos passam a ser representados como pertencentes a uma mesma e grande família nacional.

Entretanto, essa concepção de identidade nacional como uma grande família pode ser contestada se atentarmos para o fato de que “cada conquista subjuguou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições, e tentou impor uma hegemonia cultural mais unificada” (HALL, 1999, p. 60). No entanto, a pretensão da hegemonia cultural vai além da tentativa de apagamento das culturas subjugadas, pois, para que seja hegemônica, questões como classe social, diferenças étnicas, de raça e de gênero, que fazem parte da conformação da nação, são igualmente anuladas.

Se a identidade nacional já não dá mais conta de abranger nem os sujeitos que vivem dentro de um Estado-nação definido, o que se dirá da situação de sujeitos que vivem em região de fronteira, influenciados por culturas, costumes, tradições e línguas de dois (ou mais) países diferentes? Mesmo que cada país guarde suas peculiaridades, esses sujeitos que vivem nesse espaço intersticial, um limbo, convivem com a hibridação cultural e linguística – referimo-nos aqui, aos sujeitos que vivem em regiões em que as fronteiras são facilmente transpostas, se é que existe algum obstáculo, e que cada país tem sua própria cultura e língua, como é o caso da fronteira entre Uruguai e Brasil.

Ademais de nos levar a perceber que a representação unificadora e homogênea da nação, na verdade, é assim percebida por anular e subordinar os traços distintivos das culturas menores e das diferenças de classe, etnia e gênero que a compõem, Hall ressalta que, a partir de século XX, o processo de globalização, que atravessa fronteiras nacionais, integrando e conectando as experiências e realidades, através de novas combinações espaço-temporais, resulta na compressão das distâncias e de escalas temporais, interconectando o mundo todo e dissolvendo ainda mais as diferenças,

através de uma nova forma de homogeneização cultural. O que não significa que a globalização destruirá as identidades nacionais, mas, antes, fará com que sejam produzidas “novas identificações globais e novas identificações locais” (HALL, 1999, p.78).

De acordo com Hall, é possível afirmar que a globalização provoca a contestação e o deslocamento das identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Seu efeito seria “pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (HALL, 1999, p. 87).

Quando Hall menciona que um dos efeitos da globalização é acarretar uma proliferação de escolhas de identidade (HALL, 1999, p. 79), essa afirmação nos remete a outra fronteira que nos interessa, México – Estados Unidos, mais especificamente, à cidade de Tijuana, local onde convivem “oscilações bilinguísticas, biculturais e binacionais” (CANCLINI, 1998, p. 321)⁷⁰. Os habitantes dessa cidade, influenciados pela experiência fronteiriça, se autodefinem por meio de monumentos, símbolos e representações que, ao mesmo tempo em que os diferenciam do outro – no caso, do estadunidense –, também os aproximam, como, por exemplo, no emprego das “linguagens públicas, as das rádios, da televisão e da publicidade urbana, em que o inglês e o espanhol predominam e coexistem ‘naturalmente’” (CANCLINI, 1998, p. 320)⁷¹. Nessa cidade ao norte do México, podemos perceber o grande impacto da cultura e língua dos estadunidenses, pois é grande a penetração de indivíduos de um país no outro. Apesar de não se tratar de uma fronteira fluida, como no caso da fronteira sul-americana aqui analisada, não raro cidadãos dos Estados Unidos, que têm livre acesso à cidade mexicana, ingressam no país vizinho para realizar serviços de estética,

⁷⁰ O livro foi publicado pela primeira vez no México, em 1989. CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México, Grijalbo, 1989.

⁷¹ Segundo Canclini, ao serem questionados sobre a autodefinição que fazem da vida fronteiriça e sobre os contatos interculturais, os entrevistados apontaram, como os lugares mais representativos da vida e cultura da região, símbolos como “A Torre de Agua Caliente”, construída no local onde funcionava um cassino e hoje serve para redimensionar e substituir o passado; “a cerca que separa o México dos Estados Unidos”, apontada como o principal monumento da cultura da fronteira; ou ainda, a representação que “vendem” de seu país para os “gringos”: pintam burros de zebras para que os turistas possam fotografar tendo ao fundo vulcões, imagens astecas, cactos, a águia com a serpente, e explicam que o fazem com o intuito de remeter ao “mito que os norte-americanos trazem, que tem a ver com o cruzar a fronteira rumo ao passado, ao selvagem, à onda de poder montar” (CANCLINI, 1998, p. 321). O antropólogo cita ainda que os entrevistados também apontaram imagens de cartazes e outdoors que julgaram condensar o sentido da cidade, uma vez que neles aparecem a dualidade linguística entre o espanhol e o inglês com a qual convivem na fronteira.

cirurgia plástica, serviços odontológicos ou ainda em busca de prostituição ou simplesmente para participar de festas e casas noturnas e consumir bebidas alcoólicas, pois os valores em peso lhes são muito acessíveis e, por esse motivo, não raro nos deparamos com publicidades e cardápios escritos em inglês e os valores convertidos em dólares.

No outro extremo da relação, muitos mexicanos, naturais de Tijuana ou que ali chegaram depois de muitas vezes ter cruzado todo o país esperando uma chance de entrar nos Estados Unidos, atravessam para “el otro lado” para o trabalho diário, nos casos em que conseguem o visto, ou caso contrário, vão ilegalmente em busca de uma oportunidade de ascensão econômica no país vizinho. Deparamo-nos com uma aduana extremamente monitorada com policiais e câmeras de vigilância, além de cercas elétricas e grades. Imagem que em nada se compara à livre passagem do Brasil para o Uruguai tal como presenciamos em outra oportunidade.



Fiscalização na fronteira San Diego/Tijuana (acervo pessoal)

Entretanto, esse contato ao mesmo tempo consentido e conflituoso, entre os habitantes dos dois países, teve sua origem muito anterior à atual convivência aparentemente pacífica e resignada, no caso mexicano. Para tratar desse tema, retomaremos questões referentes à “conquista” de parte do território mexicano orquestrada pelo governo anglo-americano e também à migração de mexicanos para o país vizinho, além de destacar a existência de uma comunidade nascida nos Estados Unidos, mas que se diferencia dos demais estadunidenses por sua ancestralidade indígena e mexicana. Comunidade essa que nos leva a refletir sobre um “processo de reconfiguração de identidades que está relacionado com o surgimento de novos sujeitos da escrita”, dentre os quais se incluem os *chicanos*, *nuyorricans*, *cubánicos*,

dominicanisc e outros e, também, sobre “diferentes textualidades, agora bi[plu]língues, e a necessidade de delinear, por um lado, uma nova área cultural, e por outro, os problemas com relação a estas diferentes formas dos imaginários” (PIZARRO, 2006, p. 52).

4.2 A fronteira México/Estados Unidos e a constituição do chicano

La frontera México-Estados Unidos es una herida abierta donde el tercer mundo se confronta con el primero y sangra hasta producir un tercer país, una cultura fronteriza configurada por todos aquellos que cruzan los límites de la “normalidad” – VALENZUELA ARCE, 1998

A fronteira México/Estados Unidos perfaz uma área de mais de quatro mil quilômetros. Essa fronteira emblemática, além de separar dois países, separa também duas línguas, duas culturas. Atravessá-la configura um cruzamento não só geográfico-espacial, mas também cruzam-se fronteiras culturais, linguísticas, sociais, econômicas, políticas e simbólicas, pois na maioria das vezes esse atravessamento está associado ao “american dream” e à “descoberta da terra prometida – Aztlán⁷²” e, ainda, à esperança de que a migração para os Estados Unidos possa ser a única saída para escapar da pobreza, violência, corrupção e outras tantas mazelas enfrentadas pelo povo mexicano, e também centroamericano, posto que entre as razões para tais deslocamentos, em geral, encontra-se uma lógica de subsistência.

Muitas vezes, a travessia para os Estados Unidos se estende desde o sul do México⁷³, com a entrada de guatemaltecos, hondurenhos, salvadorenhos, entre outros centroamericanos⁷⁴ que ingressam no país pelo estado de sul-mexicano de Chiapas para empreender uma viagem extremamente arriscada, pegando caronas em trens de carga, e

⁷² Na mitologia Nahuatl se refere ao berço pré-histórico dos indígenas do continente americano (TORRES, 2001, p. 23).

⁷³ Nesse sentido, tal como Achugar afirma que Uruguai é um país-fronteira, essa lógica também se aplica ao México, por ser rota de acesso aos Estados Unidos para os países centro e sulamericanos. Todo o trajeto de sul a norte do México é tido como “zona de trânsito” e “frontera vertical” (KRON, 2008, p. 398).

⁷⁴ Segundo Kron (2008, p. 395), o número de migrantes centroamericanos em direção aos Estados Unidos triplicou entre os anos de 1970 e 80, e voltou a triplicar entre 80 e 90 e, até o ano 2000 a cifra duplicou. Em relação à Guatemala, segundo dados da Organização Internacional para Migrações (OMI), já no ano de 2003 viviam nos EUA ao menos 1.237.000 guatemaltecos, entre naturalizados, indocumentados e pessoas em trâmites de legalização.

cruzando todo o país ilegalmente até a fronteira. Quedas, mutilações, roubos, estupros, extorsões, sequestros e morte são perigos constantes que rondam esses emigrantes durante sua viagem no trem conhecido como “La bestia” ou “Tren de la muerte”⁷⁵. Arriscar-se nesse trajeto é somente uma parcela do sofrimento ao qual os emigrantes indocumentados se sujeitam. A decisão de deixar a família, o país e tudo o que têm – às vezes são obrigados a vender suas posses para conseguir o dinheiro para fazer a travessia –, ampara-se na esperança de conseguir um trabalho, muitas vezes, com a intenção de enviar dinheiro para proporcionar uma vida mais digna aos que deixaram para trás. Tudo isso já é em si uma grande violência, pois se resignam aos perigos da travessia para fugir da pobreza e da desigualdade social endêmicas a que são submetidos em seus países de origem, consequência das relações assimétricas de poder da “modernidade/colonialidade” (MIGNOLO, 2003). Chegando ao norte do México, os emigrantes sujeitam-se ainda aos atravessadores, conhecidos como “coiotes”⁷⁶, que lhes exigem grandes quantias em dinheiro para auxiliar-lhes na travessia, mantendo-os, muitas vezes, em cativeiros até que seus familiares consigam o valor suficiente cobrado para que sejam conduzidos para o lado estadunidense. Esses dados referem-se aos constantes movimentos de migração clandestina, processo que identifica o migrante como ilegal, indocumentado, “sin papeles” ou ainda “espalda mojada”⁷⁷.

Sobre as migrações interessa-nos destacar que suas consequências são de ordem política, econômica, social e legal, e que atingem mutuamente os dois países – o que perde e o que recebe o imigrante:

el trauma individual y colectivo del cruce clandestino, la congoja de vivir en las sombras de la sociedad dominante y la dificultad de hablar y ser escuchados en los debates que les afectan sin correr el riesgo de ser detenidos y deportados son solo algunos de los desafíos que afrontan los

⁷⁵ Para mais informações sobre a migração de centroamericanos a Estados Unidos, sugerimos o documentário “La Bestia”, 2010, do cineasta e diretor mexicano Pedro Ultras ou a leitura do livro de mesmo título, publicado pelo Hispanic Institute of Social Issues, no Arizona, EUA, no qual encontramos relatos dos imigrantes centroamericanos. Além da leitura do livro de Frederick Olsson (2016), *Me voy pal norte: la configuración del sujeto migrante indocumentado en ocho novelas hispano-americanas actuales* (1992-2009), no qual são analisados textos literários sobre a migração.

⁷⁶ Antes de chegar às mãos do “coyote”, alguns migrantes organizam sua travessia pela fronteira por intermédio dos “polleros”. “Son las personas que en sus comunidades de origen se dedican a juntar a los migrantes y entregarlos a los coyotes. Los polleros hacen muchas veces enlaces desde el sur o sureste del país hasta la frontera con Estados Unidos y, su contrato puede ‘garantizar’ la llegada hacia ciudades del norte de ese país, o bien exclusivamente el cruce de la frontera” (RIVERA-SANCHEZ, 2008, p. 104).

⁷⁷ Segundo Bustamante (1980, p. 144), o termo *espalda mojada*, do inglês *wetback*, “significa haber sido estampado con una etiqueta de delincuente. Convertirse en ‘mojado’ es entrar al mundo de los fuera-de-la-ley mientras se está en los Estados Unidos”, pois remete ao fato de haver entrado aos EUA ilegalmente cruzando o Rio Bravo ou Rio Grande.

aproximadamente once millones de indocumentados en Estados Unidos, la mayoría de ellos latinoamericanos (OLSSON, 2016, p. 15-16).

Em relação à presença mexicana nos Estados Unidos, interessa-nos destacar que a maioria dos que lá vivem são oriundos dos movimentos migratórios⁷⁸ que datam desde o século XIX, época em que não havia controle alfandegário. Em alguns períodos históricos, as migrações mexicanas se intensificaram, como por exemplo, durante o Porfiriato (1876 – 1911, período governado pelo presidente ditador Porfirio Díaz, que deixou aproximadamente 90% da população sem meio de subsistência) e também durante a Revolução Mexicana (1910 – 1920) e a Primeira Guerra Mundial (época em que houve aumento da produção têxtil e agropecuária nos EUA e que a demanda por força de trabalho foi intensificada a ponto de dependerem de mão de obra estrangeira). Até 1919 não se requeria visto ou qualquer autorização para entrar ao país.

Segundo Villanueva (1980), a presença de mexicanos nas terras que hoje pertencem aos Estados Unidos datam aproximadamente do ano de 1598, fruto da miscigenação de espanhóis conquistadores com os indígenas⁷⁹ que eram verdadeiramente os primeiros habitantes do território que abrangia, principalmente, os estados do Texas, Novo México e Califórnia. Esses e outros estados pertenciam ao México desde que sua independência dos espanhóis foi proclamada em 1821. Porém, os Estados Unidos, aproveitando-se do enfraquecimento do México após sua guerra de independência, começaram uma guerra contra os mexicanos com a intenção explícita de tornar Texas independente e remarcar a fronteira entre os dois países a partir dos limites naturais do Rio Bravo (México).

⁷⁸ Segundo o censo de 2010, que está baseado na autodefinição do entrevistado, havia 50,5 milhões de hispânicos nos Estados Unidos, que representavam 16% da população total. A maioria deles são de origem mexicana (31,8 milhões), seguidos por portorriquenhos (4,6 milhões), cubanos (1,8 milhões), salvadorenhos (1,6 milhões), dominicanos (1,4 milhões), guatemaltecos (pouco mais de 1 milhão), colombianos (0,91 milhão), hondurenhos (0,63 milhão), equatorianos (0,56 milhão) e peruanos (0,53 milhão), essas cifras não contabilizam os imigrantes indocumentados, que, segundo as estimativas do Departamento de Segurança Nacional dos Estados Unidos (United States Department of Homeland Security), em 2012 havia aproximadamente 11,4 milhões de imigrantes ilegais nos Estados Unidos. É importante destacar que, apesar do grande número de imigrantes, entre a população latina presente nos EUA, encontram-se ainda os mexicanos naturalizados estadunidenses após a anexação de seu território e a assinatura do Tratado Guadalupe-Hidalgo; também os exilados mexicanos decorrentes da Revolução Mexicana (1910-20), portorriquenhos que passaram a ser considerados cidadãos estadunidense a partir de 1917, exilados políticos da Revolução Cubana de 1959, entre outros (OLSSON, 2016, p. 22-23).

⁷⁹ Segundo a filosofia do Movimento Chicano, as terras apropriadas pelos Estados Unidos, que anteriormente haviam sido colonizadas por espanhóis, pertenciam originariamente aos seus antepassados indígenas. Conforme Ramírez (2003, p. 13): “El remontar su nacimiento a la etapa prehispánica fijó, como creencia vital en el pensamiento y espíritu de los chicanos, la idea de que sus antepasados poblaron las tierras del Nuevo Mundo mucho tiempo antes que los europeos, particularmente antes que los anglosajones, quienes tipificaron a mexicanos y chicanos como extranjeros en la tierra de sus antepasados”.

Ao final dessa batalha que durou dois anos, de 1846 a 1848, foi assinado o Tratado Guadalupe-Hidalgo, no qual se estabeleceu que o México cederia mais da metade de seu território, estimado em mais de 1 milhão e meio de quilômetros quadrados, que compreende o que hoje são os estados da Califórnia, Nevada, Utah, Novo México e Texas, além de partes do Arizona, Colorado, Wyoming, Kansas e Oklahoma, em troca de 15 milhões de dólares pagos para auxiliar na reconstrução do país após as consequências das sucessivas batalhas. Com a nova configuração da fronteira México-Estados Unidos, aproximadamente “cien mil ciudadanos mexicanos se encontraron de la noche a la mañana en situación de extranjeros en su propia tierra” (OLSSON, 2016, p. 24), pois, devido às condições desvantajosas, esses mexicanos “fueron paulatinamente despojados de sus propiedades, de diversos espacios de participación sociopolítica, y se convirtieron en víctimas de estereotipos y racismo” (VALENZUELA ARCE, 1998, p. 40).

Destacamos que, desse processo, originou-se a população chicana, uma minoria involuntária produzida pela expansão territorial dos Estados Unidos. Essa parcela da população méxico-americana não se originou por haver atravessado a fronteira e, sim, por terem sido atravessados por ela. O termo chicano⁸⁰ foi inicialmente usado de forma pejorativa para referir-se aos mexicanos derrotados que permaneceram em solo estadunidense e aos seus descendentes, os méxico-americanos⁸¹. A grande maioria dessa população deixou de ser dona de sua própria terra para ser explorada em território que

⁸⁰ O termo chicano, usado para referir-se à população mexicana que permaneceu em território estadunidense após o processo de expansão territorial dos EUA, passou a ser empregado também para referir-se aos imigrantes mexicanos que se estabeleceram no país, formando família e dando origem a uma nova geração de méxico-americanos. No entanto, encontramos em Tino Villanueva (1980), uma nova acepção para o termo que, segundo o escritor chicano nascido no Texas, “chicano” originalmente se referia ao “obrero mexicano no calificado y recién llegado a los Estados Unidos” e que à categoria de mexicanos nascidos nos EUA, já estabelecidos no país e com maior assimilação do idioma inglês e dos costumes do país, anteriormente se designava “pocho” (VILLANUEVA, 1980, p. 7). Posteriormente, “pocho” se empregou para referir-se ao grupo de mexicanos nascidos ou não nos EUA, que por assimilar mais a cultura e língua estadunidense, renegou seus compatriotas a uma posição inferior, promovendo uma estratificação social dentro do grupo. Enquanto que o termo chicano emergiu nos anos 60, como “término ideológico de solidaridad que pretende abarcar, idealmente, a todo norteamericano de ascendencia mexicana: los obreros de las clases populares unidos a los de clase media y profesional que, si bien de un modo más sutil, se ven de igual manera cercados por el prejuicio racial” (VILLANUEVA, 1980, p. 11). Consideramos chicanos como termo autodeclarativo que denota orgulho pela raça e ascendência mexicana e indígena, além de consciência política e o uso de linguagem própria, resultado da mistura do inglês com o espanhol, ainda que muitos tenham as habilidades plurilíngues para usar os idiomas oficiais separadamente ou o espanhol chicano.

⁸¹ O termo méxico-americano está sendo utilizado nesta tese como sinônimo de chicano, segundo referendado por Villanueva (1980), Castillo (1996), Valenzuela Arce (1998). O termo se referia inicialmente aos estadunidenses de origem mexicana para marcar a diferença com o termo chicano que se referia ao imigrante. Mais tarde, quando o termo chicano adquiriu sentido positivo, passou a ser utilizado de forma mais abrangente, sendo adotado por aqueles que se diziam méxico-americanos e rejeitavam o termo chicano.

lhes foi retirado mediante novas leis e regras administrativas que impunham o pagamento de altos impostos sobre propriedade a pequenos agricultores que, aos poucos, tiveram que abandonar suas posses. Isso porque as cláusulas do Tratado de Guadalupe-Hidalgo que se referiam a “respeto a los derechos civiles y concesiones de tierra a los ex ciudadanos mexicanos en Estados Unidos” (CASTILLO, 1996, p. 53) nunca foram respeitadas. Segundo Ignacio Trejo Fuentes (1989, p. 13), seus direitos a propriedade e liberdade, que supostamente estavam assegurados por lei, foram sistematicamente ignorados por mais de cem anos. Diante de tamanha afronta, o período compreendido entre 1848 a 1875 foram anos de resistência contra as condições de exploração laboral e opressão a que foram relegados, seguidos pelo período entre 1875 e 1900, marcado pela marginalização econômica, política e social do povo chicano (AGUILLAR, s/d, p. 46). Maciel et al (1980, p. 105) destaca que durante mais de um século, o povo chicano foi submetido a inúmeras injustiças políticas, sujeito à discriminação social e à exploração econômica, ocupando sempre o nível mais baixo entre a população estadunidense, considerando os vários grupos étnicos que a compõem.

Reações contra as discriminações e exploração não tardaram em acontecer: greves, manifestações, organizações sindicais e associações foram registradas como tentativas de resistência dos povos México-americanos. Merecendo destaque, citamos o período compreendido entre os anos 60 e 70 do século passado, que deu origem ao “Movimiento Chicano”⁸², no qual a população México-americana se uniu para reivindicar a reafirmação social, econômica, política e cultural de seu grupo que, mesmo tendo passado por um processo de socialização e institucionalização para cumprir com os padrões anglo-saxões, nunca deixou de lado seu componente cultural e étnico mexicano. Conforme declarou Richard Griswold del Castillo, historiador chicano da Universidade da Califórnia, em San Diego:

El Movimiento Chicano fue un intento radical por definir el estatus político, social, económico y cultural de millones de personas de ascendencia mexicana [...] fue un esfuerzo de México-americanos, rurales y urbanos, por definir su relación con la sociedad estadounidense, al defender la

⁸² Segundo o professor Axel Ramírez, o Movimento Chicano tem como filosofia o “chicanismo”, que se registra no *Diccionario de Filosofía Latinoamericana* como: “La filosofía del Movimiento Chicano sustentada en el nacionalismo, entendido este como el punto aglutinador que trasciende todas las facciones de clase, políticas, económicas y religiosas, a favor de un común denominador que permita amalgamar a todos los miembros de la comunidad” (CERUTTI apud RAMÍREZ, 2003, p. 10). CERUTTI, Horacio G., et al., *Diccionario de Filosofía Latinoamericana*, Universidad Autónoma del Estado de México, Toluca, 2000, pp. 94-98.

autodeterminación cultural y política por medio de una retórica radical y de acción. Un aspecto fundamental de este movimiento fue el intento de generar orgullo por tener ascendencia mexicana. Como tal, rechazaron los antiguos eufemismos de “Spanish” and “Latin” y orgullosamente se definieron como “chicanos” (CASTILLO, 1996, p. 47-48 - *sic*).

A professora de direito econômico da Universidade Nacional Autônoma do México – UNAM –, Maria Isabel Arellano Aguillar, em artigo sobre o Movimento Chicano de 1960-70, enumera os fatores que, em suas palavras, fazem do povo chicano uma “entidade distinta da sociedade estadunidense”:

El primero es que el territorio y su comunidad son resultado de una guerra y sus efectos; el segundo, las prácticas racistas y su impacto sobre las personas de ascendencia mexicana; el tercero es que el pueblo chicano es racialmente diferente a otros sectores de la población norteamericana; el cuarto, que la comunidad chicana ha experimentado notables incrementos de población al irse nutriendo de constantes flujos de inmigrantes; el quinto, el bajo nivel socioeconómico del pueblo chicano y, el sexto, la fuerte vigencia de su cultura acentuada por la proximidad del pueblo chicano con México (AGUILLAR, s/d, p. 47).

Como se pode observar no quarto item referente ao incremento da população chicana e das migrações, a história dos chicanos passa a confundir-se com a história dos imigrantes mexicanos, já que ambos os grupos compartilham semelhanças na linguagem, história e cultura. Também Fuentes (1989, p. 14) afirma que, apesar das condições desfavoráveis que enfrentam os chicanos, essa comunidade continuou crescendo em razão do incremento das migrações e dos nascimentos de filhos desses imigrantes mexicanos nos Estados Unidos. Ou seja, os filhos dos imigrantes e as demais gerações com descendência mexicana nascidos nos Estados Unidos constituem a comunidade chicana que não mais se restringe à região fronteiriça.

Ademais, conforme é retratado na literatura, o cruzamento da fronteira passou a ser considerado como uma espécie de reivindicação da terra perdida. Escritores como Anzaldúa (1987), além de estudiosos e ativistas chicanos, “le han dado a la migración (in)documentada a Estados Unidos un sentido reivindicativo como regreso metafórico a Aztlán, la mítica tierra patria del pueblo mexicano, ubicada geográficamente en el suroeste de Estados Unidos” (OLSSON, 2016, p. 24). Com isso, não raro a literatura mexicana ou chicana retrata essa reivindicação pela terra ancestral:

Nuestros ancestros españoles, indígenas y mestizos exploraron y se instalaron, ya en el siglo XVI, en partes del suroeste de Estados Unidos. [...] para los indígenas esto constituyó un regreso al lugar de origen, Aztlán,

convirtiéndose así a los chicanos en los pobladores originales, nativos, primaria y secundariamente, del suroeste de Estados Unidos (ANZALDÚA, 2015, p. 63).

Podemos perceber que o processo de expansão territorial do sudoeste dos Estados Unidos assemelha-se, no que se refere aos aspectos históricos e linguísticos, com o processo de colonização do norte do Uruguai, ou seja, a população originária dessas regiões não falava a língua nacional dos países anteriormente citados, a saber, o inglês no sudoeste dos Estados Unidos e o espanhol no norte do Uruguai, mas a língua de habitantes que aí se encontravam antes do processo de colonização ou da “colonização interna” (ACUÑA, 1976)⁸³, no caso norte-americano. Assim sendo, há uma tentativa de se manter a cultura originária na região colonizada, o que acarreta um elevado grau de hibridação e pluriculturalismo resultantes do contato entre as diferentes línguas e culturas.

No caso dos chicanos, o coeficiente de hibridação se dá desde a sua origem, conforme assinala Anzaldúa: “En 1521 nació una nueva raza, el mestizo, el mexicano (gente con una mezcla de sangre indígena y española) una raza que nunca antes había existido. Los chicanos, los mexicanoamericanos, son los hijos de esos primeros apareamientos” (ANZALDÚA, 2015, p. 63). A essa hibridação original soma-se, ainda, o elemento anglo do qual as gerações descendentes foram constituindo-se, tanto no aspecto cultural como linguístico.

A designação chicana⁸⁴, usada de forma depreciativa pelos angloamericanos, adquiriu aos poucos uma forma de reafirmação como grupo étnico-cultural: “los chicanos han logrado convertir lo negativo en positivo, al trastocar el peyorativo de lo mexicano, difundido por los medios masivos de comunicación (...) en un sentido de orgullo orientado hacia la organización política” (AGUILLAR, s/d, p. 49). Orgulho também enquanto “raza”⁸⁵ que preserva a sua cultura ancestral, indígena e mexicana,

⁸³ No livro *América ocupada: los chicanos y su lucha de liberación*, Rogerio Acuña (1976) propõe o termo “colonização interna” para estabelecer uma semelhança entre a situação dos chicanos e a conotação colonial dos países dependentes, pois considera que os chicanos foram colonizados internamente mediante a desapropriação, exploração e opressão tal como acontece nos processos de colonização externas.

⁸⁴ O termo adquiriu reconhecimento, sendo incluído como verbete, inclusive, na *Real Academia de la Lengua Española* e no *Diccionario de Filosofía Latinoamericana*, no qual figura como: “Chicano(a) (adj.) es un Estadounidense de ascendencia mexicana cuya ideología se sustenta en una herencia cultural opuesta a lo angloamericano” (RAMÍREZ, 2003, 10).

⁸⁵ Conforme aponta Valenzuela Arce (1998, p. 54), o conceito “raça”, aludia além dos nexos raciais, a relações espirituais e sanguíneas com o povo latino-americano, em especial o povo mexicano. “Tal concepto consideraba un origen común que se expresaba como elemento de reivindicación étnica y nacionalista. En la raza se acrisolaban los límites de adscripción y diferencia entre lo mexicano y lo

além de manter sua língua de herança, o espanhol, apesar de, normalmente, serem alfabetizados em língua inglesa. A manutenção da língua de herança em ambientes mais íntimos, entre familiares e amigos que guardam a mesma relação com a língua espanhola, atrelada ao uso do inglês nas situações mais formais, deu origem a uma terceira língua: o *spanglish* – denominação comum para se referir à mescla entre o inglês e o espanhol –, também identificado como espanhol chicano⁸⁶, caló⁸⁷, tex-mex⁸⁸ ou pachuco⁸⁹, devido às variações regionais das quais descendem os chicanos e inclusive de sua faixa etária. Faz-se necessário destacar que, apesar de sofrer estigmas como língua bastarda, marginal, relacionada ao baixo nível sócio-econômico dos falantes, o espanhol chicano é a língua materna de milhares de México-americanos e, segundo Del Pino (1980, p. 131) constitui o maior vínculo com a cultura mestiça mexicana e indígena.

Diferentemente do que acontece com o português fronteiriço, o *spanglish* já não está vinculado somente ao espaço de enunciação fronteiriço. Não à fronteira como limite político-administrativo que separa duas nações, mas uma espécie de “fronteira estendida”, pois, conforme formula Giménez (2007), a zona fronteiriça pode estender-se para o interior do país, como no caso da migração latina nos EUA, formando a seu ver

anglosajón, entre *nosotros* y *ellos*, en relación de dominación y poder ampliamente desventajosas para los mexicanos”. O termo denota orgulho pela herança mexicana e indígena, tal como pode ser verificado por meio dos lemas chicanos “¡Viva la Raza!” e “Por mi raza hablará mi espíritu” (VILLANUEVA, 1980, p. 15).

⁸⁶ Enquanto língua, o espanhol chicano se diferencia do espanhol mexicano, do qual se origina, pois o contato com a língua inglesa impactou sua estrutura, fonologia e semântica (DEL PINO, 1980, p. 129). Del Pino ressalva que, além de ser uma mescla do inglês com o espanhol, a língua também sofre influência de elementos e fatores externos como o nível social e seu estado de minoria em desvantagem. Apesar de citar as diferentes denominações para a língua: espanhol chicano, pachuco, spanglish, español bastardo e Tex-Mex e de nós apresentarmos em nota as diferentes explicações para cada termo, consideramos se tratar, de modo geral, do mesmo fenômeno linguístico de mescla entre o espanhol e o inglês.

⁸⁷ O termo caló refere-se às expressões idiomáticas chicanas usadas pela juventude do bairro, como gírias; linguagem cifrada proveniente da fusão de termos do inglês e do espanhol (FUENTES, 1998, p. 29).

⁸⁸ Tex-mex é o nome que a variedade linguística recebe no Texas. Aparecem ainda outras denominações regionais como: Manito (Nuevo México, Arizona e Colorado) e California (Califórnia) (DEL PINO, 1980, p. 130).

⁸⁹ Na linguagem, refere-se aos giros linguísticos que oscilam entre o inglês e o espanhol, influenciados também pelo biculturalismo. Conforme Nova (1999, p. 23), os pachucos era jovens chicanos que adotaram o extravagante estilo de se vestir conhecido como *zoot suit* no final da década de 30 e na década de 1940. Alcançaram prominência nacional quando militares norte-americanos atacaram a população chicana nas ruas de Los Angeles em 1943, no episódio que ficou conhecido como *Zoot Suit Wars*. A literatura chicana fez do pachuco um modelo de resistência à assimilação do estilo estadunidense; modelo que também representa uma orgulhosa declaração da diferença cultural mexicana. Segundo Valenzuela Arce, a figura do pachuco emergiu posteriormente como parte de um complexo processo de transculturação e resistência étnica nos bairros americanos e chicanos dos EUA e influenciaram jovens mexicanos também em seu país de origem (VALENZUELA ARCE, 1998, p. 19). Considera-se, inclusive, o pachucismo como uma espécie de precursor dos Movimentos Chicanos dos anos 60.

“situações de diáspora”, “o que implica a vinculação permanente dos grupos emigrados com seus lugares de origem através de múltiplas redes e circuitos de comunicação”. Tais redes e circuitos atuam como “conservadores de identidade e de memória”, favorecendo a “recompilação do laço comunitário através da dispersão” (GIMÉNEZ, 2007, p. 27).

Giménez questiona, sob o ponto de vista científico, as metáforas pós-modernas, recorrentes em Lyotard (1979)⁹⁰, David Harvey (1990)⁹¹ e Canclini (1989)⁹², sobre a fluidez e a hibridação, sugerindo que “o que os antropólogos e outros estudiosos encontraram na fronteira norte e suas faixas adjacentes não é a hibridação”, e sim uma multiculturalidade “que comporta a multiplicação dos contatos entre culturas diferentes, sem que se altere necessariamente a identidade de seus portadores” (GIMÉNEZ, 2007, p. 26-27). No entanto, segundo nosso ponto de vista, a hibridação ocorre quando os elementos se misturam e permanecem em tensão, como no caso da língua inglesa com a língua espanhola que em contato formam o *spanGLISH*, como também no caso do espanhol com o português quando, a partir do contato e interação, dão origem ao portunhol. Esse processo de hibridação se relaciona com o surgimento do terceiro espaço proposto por Bhabha (1998), inscrito na articulação das diferentes línguas e culturas em contato.

Acreditamos ainda na existência de um processo de plurilinguagem, especialmente quando afirmamos que esses indivíduos, caracterizados pelo contato entre línguas, são capazes de se expressar nos idiomas oficiais de cada país, conforme suas habilidades bilíngüísticas, como também em portunhol ou espanhol chicano, que em alguns casos constituem a sua língua materna ou de herança. Sugerimos ainda que ocorre um processo de pluriculturalidade, devido ao fato de estarem imersos em várias culturas e poder diferenciá-las, mas, além disso, também pelo fato de se identificarem dentro de uma cultura própria, a chicana, que os distingue como um grupo particular, assim como os habitantes da fronteira Uruguai/Brasil que se identificam como (trans)fronteiriços. Sugerimos, inclusive, a conformação de uma multi-identidade⁹³, uma

⁹⁰ LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. São Paulo: José Olympio, 2002.

⁹¹ HARVEY, David. Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural . 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

⁹² CANCLINI, Néstor García. *Cultura híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa PezzaCintrão. São Paulo: EDUSP, 1998.

⁹³ O uso dos prefixos pluri/multi explica-se porque as situações apresentadas extrapolam o bi, não se tratam somente de duas línguas, culturas ou formas de identificação, são três a partir do momento em que estando no México, os chicanos são considerados estadunidenses, nos Estados Unidos são considerados

vez que, mais que tentar recriar e conservar a língua e as tradições de seus povos de origem, como nas situações diaspóricas, esses indivíduos são impactados mutuamente pelas línguas, culturas, tradições e costumes de duas nações distintas e, assim, se constituem como sujeitos com características que os difere dos demais mexicanos ou dos estadunidenses, sendo dessa forma identificados como chicanos, no caso norte-americano, ao mesmo tempo em que se constituem como México-americano-chicano. No caso sul-americano, o sujeito distingue-se dos demais uruguaios e dos brasileiros, ao menos tempo em que se identifica com as duas nacionalidades e como sujeito (trans)fronteiriço.

Propomos que a partir dessas interações ocorre o que Fernando Ortiz (1991) denominou, nos anos 40, transculturação – termo que substituí aculturação por este último referir-se ao processo de perda da cultura inicial para aquisição de uma diferente. Na transculturação há um processo de transmutações mútuas entre uma cultura e outra, gerando uma nova realidade híbrida. Assim, consideramos que existe uma terceira forma de identificar-se, pois segundo afirma Castillo (1996, p. 13), os chicanos, ou México-americanos, não são mexicanos e nem estadunidense do ponto de vista político. Configuram-se, antes, como um grupo que teve que adaptar-se ao país no qual vive, tentando moldar sua cultura, costumes e língua ao ponto em que encontraram sua própria forma de identificação.

Los México-americanos son un grupo que ha tenido como su proyecto cultural la recreación de México dentro de Estados Unidos. Durante el proceso, los México-americanos han cambiado, consciente e inconscientemente, la cultura, el idioma, la comida y las costumbres mexicanas para dar forma a sus propias identidades étnicas, casi siempre en respuesta a las exigencias políticas, económicas, educacionales y social de “Anglo América”. Por lo tanto, los inmigrantes mexicanos que vienen a El Norte son, en realidad, México-americanos en adiestramiento. Después de un tiempo considerable, habiéndose casado y tenido hijos, inevitablemente cambian para ajustarse al “American way of life” (CASTILLO, 1996, p. 13).

Em lugar de haver uma mexicanização do sudoeste dos Estados Unidos ou uma americanização dos mexicanos, “houve um complexo processo de intercâmbio cultural e econômico entre os imigrantes mexicanos, os México-americanos e uma sociedade norte-americana racial e etnicamente diferente” (CASTILLO, 1996, p. 14), o que nos

mexicanos ou latinos (com todas as abrangências do termo, sem considerar as idiossincrasias do chicano), e entre eles próprios se consideram um povo a parte, diferente das denominações que costumam receber, ou seja, são identificados ao menos de três formas distintas.

remete ao conceito já abordado nesta tese sobre o “terceiro espaço”, de que trata Homi Bhabha em *O local da cultura* (1998). Segundo Bhabha, ao acessar o terceiro espaço estaríamos diante das condições propícias para reapropriar, traduzir, re-historicizar e ler de outros modos os elementos linguístico-culturais considerados como unidade. Conforme propõe, trata-se de um conceito que não se baseia no multiculturalismo, ou variedade de culturas, “mas na inscrição e articulação do hibridismo da cultura [...] E, ao explorar esse terceiro espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos” (BHABHA, 1998, p. 69).

Os chicanos devem ser identificados como um grupo que luta por manter as tradições das quais descendem, ao mesmo tempo em que se reconhecem como cidadãos estadunidenses e, por isso, lutam por seus direitos sociais e políticos nesse país. Conforme apontava o líder político dos México-americanos, no período entre 1930 e 1960, Mario García:

orgullosos de sus orígenes mexicanos y de habilidades para funcionar en dos mundos, los México-americanos – término popularizado durante este periodo, y que en si mismo es una visión simbólica –, buscaban una posible síntesis y coexistencia entre la cultura de sus padres y su deseo de ser aceptados plenamente como ciudadanos estadounidenses (GARCÍA, 1989, p.21 *apud* CASTILLO, 1996, p. 24).

É interessante destacar aqui que, mesmo que os chicanos tenham nascido em solo estadunidense e passado pelos processos de socialização e institucionalização para atender aos padrões anglo-americanos, esses indivíduos se diferenciam como um grupo particular e acabam sendo excluídos dos moldes referentes à “identidade nacional estadunidense”, devido às particularidades de cada grupo e, principalmente, pela intolerância do segundo.

A psicóloga Melinda García, em entrevista concedida a Valenzuela Arce (1998), identifica diferentes fases referentes à tentativa de adaptação dos imigrantes mexicanos à vida nos Estados Unidos e da formação de uma nova identidade chicana ao longo dos tempos. A primeira fase refere-se à chegada aos EUA e da constatação das diferenças culturais. Depois que começam a trabalhar e têm uma melhora econômica considerável, muitos imigrantes tentam imitar o modelo estadunidense em detrimento de seus próprios costumes e língua. Ao reconhecer que nunca será considerado parte da “identidad nacional estadunidense”, que permanece sendo discriminado pela língua, cor de pele e hábitos,

el sujeto comienza a vivir una crisis de lealtad cultural; [...] reconsidera sus demarcaciones imaginarias y realiza una revaloración de la cultura mexicana. Muchos de ellos tratan de recuperar parte del idioma perdido u olvidado. Sus fronteras con la cultura estadounidense se trazan de manera acentuada, destacándose una doble delimitación de fronteras culturales [...]. Descubre que forma parte de constructos culturales fuertemente delimitados por sus ámbitos primarios de interacción, y mantienen una matriz cultural que le distingue tanto del anglosajón como del mexicano (GARCÍA in VALENZUELA ARCE, 1998, p 156-157).

Mais que ater-nos às identidades nacionais, preferimos valer-nos da noção de “identidades culturais” para tratar da situação dos méxico-americanos nos Estados Unidos. Apoiando-nos nas considerações formuladas pelo professor e pesquisador da “Escuela de la Frontera”, de Tijuana, México, Valenzuela Arce, dizemos que, quando nos referimos a identidades culturais, estamos aludindo a relações sociais historicamente situadas entre o sujeito e a coletividade, expressas simbolicamente e dentro de contextos sociais específicos. Nesse sentido, buscamos abordar alguns processos de identificação e de diferenciação entre o indivíduo chicano e o anglo e, também, entre o chicano e a sociedade mais ampla. Conforme afirma o sociólogo mexicano, as identidades culturais mantêm uma “relación concomitante con la construcción de demarcaciones simbólicas, las cuales son a la vez objetivas y subjetivas y permiten la identificación del grupo, diferenciándolos de aquellos que no comparten los rasgos ponderados como definitorios de la identidad” (VALENZUELA ARCE, 1998, p. 112).

Deve-se destacar, ainda, que sugerimos que a identidade e a cultura são estruturas indissociáveis como forma de agrupamento social, pois se a identidade marca as características que diferenciam o “Eu” do “Outro”, a cultura marca as experiências comuns e compartilhadas por um mesmo grupo. Segundo Giménez, “la identidad no es más que la cultura interiorizada por los sujetos, considerada bajo el ángulo de su función diferenciadora y contrastiva con otros sujetos” (GIMÉNEZ, 2013, p. 5).

De acordo com o antropólogo, “sin el concepto de identidad no se podría explicar la menor interacción social, porque todo proceso de interacción implica, entre otras cosas, que los interlocutores implicados se reconozcan reciprocamente mediante la puesta en relieve de alguna dimensión pertinente de su identidad” (GIMÉNEZ, 2013, p. 6 - *sic*). Complementamos essa afirmação com o que declara Valenzuela Arce: “las identidades se construyen y reconstruyen en la interacción social y dentro de ella se referendan o modifican” e, ainda, que as “identidades aluden a configuraciones

cambiantes influidas por las transformaciones intragrupalas”, que incluem processos de transformação social de longo prazo (VALENZUELA ARCE, 1998, p. 27 e 112). Com tudo isso, podemos perceber que a relação entre identidade e cultura tem um caráter dinâmico e, por isso está sujeita a transformações. Nesse sentido, considerando a mutação e transformação dos processos identitários, propomos que a partir da interação entre a “identidade mexicana” e a “identidade estadunidense” deu-se origem a uma terceira forma de identificação, a chicana, fruto do contato, mescla e hibridação das duas anteriores e, capaz de produzir novas textualidades bi(pluri)língues e uma nova área cultural, conforme vislumbra Pizarro (2006, p. 52).

Acreditamos que, além do fato de serem descendentes de mexicanos e de precisarem se unir como grupo para fortalecerem-se perante as imposições de americanização do “American way of life” e contra a intolerância e hostilização de que são vítimas, os chicanos se identificam culturalmente “mediante redes simbólicas de sentimientos, pensamientos y prácticas culturales comunes que posibilitan la asignación de sentido a las acciones sociales”, fazendo com que essa “nova identidade chicana” se constitua e se reconstrua (VALENZUELA ARCE, 1998, p. 34)

Sugerimos essa forma de identificação cultural, apoiando-nos nos pressupostos de Valenzuela Arce (1998, p. 35) para o qual a construção de identidades culturais, sejam elas étnicas ou nacionais, demanda elementos objetivos como a língua, os mitos e as tradições e, também, elementos subjetivos e imaginários que podem ser construídos com base na memória coletiva que contém os elementos significativos para o grupo que, por sua vez, servem como base para estabelecer o limite étnico e os limites de sua vinculação.

No entanto, o pesquisador mexicano nos recorda que existem vários níveis de identificação, além da nacional ou cultural, também a étnica, social, entre outras, sendo possível inclusive fazer parte de mais de uma simultaneamente. No caso da “identidade chicana”, Valenzuela Arce afirma:

La nación chicana pertenece al terreno de la performatividad, en el que el discurso y la acción se orientan hacia la construcción de un proyecto distinto en el imaginario colectivo. Entre la población de origen mexicano en Estados Unidos existen expectativas diferenciadas, por lo cual no podemos hablar de un proyecto emanado exclusivamente de la identidad cultural, sino que se abre un abanico que involucran desde posiciones integracionistas hasta algunas que consideran a Aztlán como la opción de una nación chicana independiente (VALENZUELA ARCE, 1998, p. 119).

Ou seja, a identidade chicana se vincula a diferentes modos de identificação: por sua origem étnica e racial (mexicana, indígena e estadunidense), por um ambiente plurilinguístico marcado pela presença do espanhol, do inglês e do *spanglish*, e ainda pelo ambiente pluricultural resultante da preservação dos hábitos, culinária, religiosidade e costumes mexicanos mesclados com hábitos adquiridos nos Estados Unidos.

4.3 Fronteiras estendidas: a formação de comunidades chicanas no interior dos Estados Unidos

Interessa-nos retomar aqui algumas considerações sobre a fronteira para analisarmos como a relação língua/território se diferenciou no processo de mescla linguística nos dois casos aqui apresentados, a saber, o do portunhol e do *spanglish*.

Considerando todo o território inscrito pelos chamados “fenômenos fronteiriços” (GIMÉNEZ, 2007, p. 20), nos referimos neste trabalho de pesquisa à multiterritorialidade que se forma em função das características que os limites tentam manter separados. Nesse sentido, segundo propõe o geógrafo brasileiro Rogerio Haesbaet (2007), na multiterritorialidade, os sujeitos estariam autorizados a acessar mais de um território e criar uma nova territorialidade múltipla, na qual há a configuração de uma identidade sócio-cultural e de um território que são construídos no e com o movimento, como é o caso das fronteiras estendidas, em que há a possibilidade de se acionar a cultura e o imaginário anglo ou latino em suas individualidades ou a partir da tensão e da mescla entre as culturas e línguas.

A fronteira como linha de separação e contato entre duas nações, por vezes, pode ser aberta ou fechada, em geral, de acordo com os interesses do país mais desenvolvido. Portanto, a fronteira México/Estados Unidos, que normalmente apresenta-se como um limite difícil e arriscado para ser transposto, apresentou-se mais receptiva aos imigrantes mexicanos em determinados períodos. Assim, durante o *boom* econômico dos Estados Unidos, nos anos de 1923-24 e em 1926-27, a migração mexicana experimentou um incremento considerável. Porém, com a Grande Depressão de 1929, calcula-se que mais de meio milhão de mexicanos foram deportados, entre eles imigrantes ilegais, mas também outros com situação regular, incluindo nascidos nos EUA, que tiveram seus direitos constitucionais violados. Outro período importante para a migração mexicana

ocorreu durante os anos de 1942 a 1964, quando a fronteira esteve aberta para a entrada de mão de obra, advinda principalmente do México, para trabalhar no campo por meio da assinatura do “Programa Bracero”⁹⁴, em substituição aos milhares de trabalhadores rurais que foram lutar na Segunda Guerra Mundial:

El programa Bracero fue un programa binacional de trabajadores huéspedes firmado entre México y Estados Unidos en 1942. Su objetivo fue solventar el abandono de los campos agrícolas estadounidenses como consecuencia de la Segunda Guerra Mundial. Se desarrolló en dos etapas, la primera de 1942 a 1947 y la segunda de 1951 a 1964. Durante la Segunda Guerra Mundial se permitió que los trabajadores contratados se emplearan en la industria ferroviaria, pero sólo en ese período excepcional, su contrato estaba restringido exclusivamente al trabajo agrícola, fundamentalmente en la región suroeste de los Estados Unidos; al principio se concentró más en los campos de California, y a partir de la década de los cincuenta también se extendió de manera intensiva hacia el Estado de Texas (RIVERA-SANCHÉZ, 2008, p. 96).

Com as fronteiras abertas ou fechadas, com a autorização ou não para se trabalhar nos Estados Unidos, a presença mexicana e hispano-americana sempre foi uma constante em território estadunidense. Segundo José Soltero (2014, p. 125), o fim do “Programa Bracero” marcou o início da migração circular indocumentada, pois, após o término dos contratos, muitos imigrantes não voltaram para seus países e ainda migraram do campo para outras cidades dos EUA. Tal situação fez com que a população estadunidense reagisse de forma hostil, tendo em vista que passou a dividir os espaços sociais urbanos, já que até então não tinham muito contato com os imigrantes que se restringiam à zona rural. Nesses momentos marcados pela intolerância e preconceito, os México-americanos se uniram aos imigrantes por entender que juntos lograriam mais êxito nas demandas por justiça social para ambos os grupos.

Valenzuela Arce (1998, p. 57) destaca que a organização em grupos e o processo de urbanização e de maior incorporação a atividades industriais e de serviços motivou também a ascensão a novos espaços de interreconhecimento e bens simbólicos referentes à sua identidade cultural, como rádio, teatro, cinema e periódicos voltados para o público hispanofalante.

⁹⁴ Com o fim do Programa Bracero, milhares de mexicanos não regressaram ao México, apesar de extinguidos seus contratos, e se converteram em imigrantes indocumentados. Griswold del Castillo chega a sugerir que o programa tenha fomentado a imigração ilegal para os Estados Unidos, pois o número de inscritos foi muito superior aos dos contratados, e assim, “los migrantes agrícolas más resueltos decidieron cruzar ilegalmente” a fronteira. Rapidamente os meios de comunicação passaram a retratá-los como “hordas ilegales” ou “espaldas mojadas” e acusá-los de promover a instabilidade social e econômica do país (CASTILLO, 1996, p. 19).

O fim do “Programa Bracero” em 1965, em acordo entre os governos de México e Estados Unidos, não refreou a migração, pois para muitos proprietários agrícolas era menos custoso empregar os imigrantes ilegais, já que a estes pagavam menores salários e com eles não tinha obrigações trabalhistas. Após a extinção desse programa, vieram outros como o “Programa de Industrialización de la Frontera”, que consolidou a “industria maquiladora”, através do qual empresas estadunidenses foram abertas no lado mexicano da fronteira, contratando mão de obra local e pagando muito menos em impostos e salários do que se a empresa fosse instalada em seu território.

Houve momentos em que os acordos econômicos e financeiros não presumiam a entrada de pessoas. Foi assim quando da assinatura do Tratado de Livre Comércio entre EUA, México e Canadá (NAFTA – North American Free Trade Agreement)⁹⁵, que entrou em vigor em 1994, segundo o qual se viu facilitado o intercâmbio de capital e bens de consumo, ao passo que do lado estadunidense se intensificou uma política de migração com o objetivo de restringir o acesso dos imigrantes mexicanos ao país. Giménez detalha como foi esse processo:

Así lo demuestran, por ejemplo, las medidas de militarización de la frontera por parte del gobierno norteamericano y el proyecto de construir un muro a lo largo de la misma. Ya en 1994 el Estado de California había aprobado la famosa ley 187, que limita drásticamente los derechos de los trabajadores inmigrados en ese Estado. Estas y otras medidas, cada vez más drásticas, por parte del gobierno norteamericano han provocado una gran reacción de repudio no sólo entre los mexicanos de este lado, sino también entre los del otro lado de la frontera, como lo demuestran las gigantescas manifestaciones realizadas por los trabajadores emigrados en meses recientes (GIMÉNEZ, 2007, p. 25).

Em 1986, em acordo entre os dois países, foi instituída a “Immigration Reform and Control Act” (IRCA), assinada pelo então presidente Ronald Reagan, conhecida entre os mexicanos como “La amnistía del’ 86”, que permitiu a muito latinos regularizarem seu status migratório. Segundo Rivera-Sánchez (2007, p. 109), as reformas na lei de migração possibilitaram a reunificação familiar e o traslado não só da familiar nuclear, mas também da família extensa. Por outra parte, por intermédio da IRCA, intensificou-se gradualmente a vigilância e segurança na região fronteiriça, desenvolvendo-se uma incrementada militarização da fronteira, com ofensivas como a “Operación bloqueo”, em El Paso, Texas, em 1993 e a “Operación vigilancia del

⁹⁵ Outros acordos comerciais também foram assinados, como o Tratado de Livre Comércio entre EUA, República Dominicana e outros países centroamericanos, a exemplo do DR-CAFTA – Dominican Republic Central American Free Trade Agreement, de 2006.

puente”, em San Diego, em 1994 (SOLTERO, 2014, p. 125). Tendo sido bloqueadas as entradas por Texas e Califórnia, o Arizona passou a ser via de acesso para os imigrantes indocumentados e, assim, também estabeleceu suas próprias leis para refrear o trânsito e dificultar a entrada e permanência de imigrantes em solo estadunidense.

El incremento de la inmigración indocumentada llevó a una reacción anti-inmigrante manifestada en varias leyes en los estados de California y Arizona en contra de la educación bilingüe (la proposición de la ley 227 en California en 1998 y la proposición de la ley 203 en Arizona en el año 2000) y en contra de proporcionar servicios de educación, salud y otros a los inmigrantes indocumentados (la proposición de la ley 187 en California en 1994 y las proposiciones 200 y 300 de Arizona en 2004 y 2006, respectivamente) (SOLTERO, 2014, p. 126).

Apesar das medidas restritivas, não foi possível acabar com a constância do movimento migratório e a consolidação desses imigrantes no país. Os méxico-americanos, juntamente com os imigrantes latinos, tendem a agrupar-se em determinadas zonas onde se formavam as comunidades, também identificadas como “barrios”⁹⁶, nas quais passam a reproduzir e re-criar seu modo de vida mexicano. Esses deslocamentos permitiram identificar uma cultura da migração e também “la formación, a lo largo de ese proceso, de expresiones diferentes en las prácticas de la identidad, las cuales son indudablemente múltiples, contingentes, relacionales, también posicionales, y finalmente históricas” (RIVERA-SÁNCHEZ, 2008, p. 102).

Essa longa explanação sobre o processo migratório de latinos nos Estados Unidos e sobre as dificuldades pelas quais passaram e ainda passam os imigrantes tem por finalidade esclarecer que a presença dos mexicanos não se restringe à região fronteiriça, mas à formação de verdadeiras comunidades que se estenderam território adentro e continuaram tentando reproduzir seus hábitos, cultura, gastronomia, religião e língua durante gerações, até mesmo como uma forma de sobrevivência e preservação, pois os fatos demonstram que os imigrantes somente foram bem-vindos aos Estados Unidos quando representavam mão de obra barata.

Essa comunidade, tanto de imigrantes como de méxico-americanos, sofreu muitas discriminações e restrições motivadas, na maioria das vezes, por intolerância e

⁹⁶ Conforme assinala Valenzuela Arce (1998, p. 54), a conformação e ocupação dos bairros foi uma defensiva contra a segregação étnica e de classe da qual os chicanos e imigrantes eram vítimas, pois nesse espaço social se estruturavam práticas e interações intersubjetivas com as quais os mexicanos reconstruíam e decodificavam sua identidade cultural e nacional. Em suas palavras: “El barrio fue el soporte cultural donde se reproducía y recreaba la cotidianidad mexicana. Este proceso fue mediado por una intensa interacción estrechada por las adscripciones étnicas y de clase y también por la fuerte delimitación cultural y segregante establecida por los anglosajones”.

preconceito como, por exemplo, exploração trabalhista, violência policial, perseguição, acesso a escolas com educação dita diferenciada, quando na verdade se referia a programas inferiores de educação. Tais medidas tinham como intenção verdadeira marginalizar essa população, tal como ocorreu em certos períodos da história, em que foram segregados em salas de cinema, no uso de piscina pública, e até mesmo em atendimento hospitalar e funerário.

As manifestações de reivindicação por melhores salários e condições de trabalho e de denúncia de violação dos direitos humanos, seguidos de uma onda de protestos e greves da juventude chicana por uma educação de qualidade, promovidos nos anos 60 e 70, deram origem ao Movimento Chicano, o qual acabou por unificar os méxico-americanos e os imigrantes mexicanos a partir de um único sentimento: o *chicanismo*— “sentimiento de hermandad o de solidaridad étnica” (CASTILLO, 1996, p. 55). O Movimento Chicano foi de fundamental importância para a afirmação dessa comunidade que esteve sempre subjugada pela população anglo-americana. Suas solicitações incluíam melhores condições de moradia e trabalho, salários mais justos, participação na política, na economia e na democracia. Na área da educação, lutavam contra um sistema escolar hostil e intolerante frente a outras culturas, com isso requeriam novos enfoques metodológicos com uma educação bilíngue e bicultural, exigiam contratações de professores chicanos, disciplinas que enfocassem sua história, literatura e língua, entre outras reivindicações.

Liliana Rivera-Sánchez (2008) alude a verdadeiras “redes migratórias” que se formaram com o intuito de auxiliar tantos os que chegavam aos Estados Unidos, muitas vezes, sem nem sequer saber falar a língua inglesa, sem ter um trabalho ou referências sobre o país, quanto aos que voltavam para sua terra natal, os chamados “retornados”.

Una de las características atribuidas a la formación de redes migratorias es su efecto multiplicador que complejiza las relaciones, los espacios y la densidad de las propias redes, reduciendo así costos y riesgos, creando formas diversas de solidaridad, y por lo mismo, alentando la migración independientemente de las causas originarias que la impulsaron [...] las redes posibilitan la transferencia de información, ayuda económica – préstamos [que incluye el dinero para el coyote] y alojamiento –, soporte emocional, compañía en general en los momentos de los primeros traslados (RIVERA-SÁNCHEZ, 2008, p. 102).

Por meio desses agrupamentos vão se formando verdadeiras comunidades, nas quais se verificam o que afirma Aguilles: para o hispanofalante, “los lazos familiares son muy fuertes, y fuera del hogar la unidad social más importante es la vecindad

étnica, es decir, ‘el barrio’” (AGUILLES, s/d, p. 51), considerado como o lugar de reprodução das tradições culturais e das matrizes identitárias.

Conforme mencionado anteriormente, Giménez (2007) questiona que realmente ocorra uma hibridação entre a “cultura mestiza hecha de mexicanidad” e o “American way of life”, por considerar que as duas formas de cultura convivem mutuamente a modo de um multiculturalismo. A citação, que reproduz em seu artigo com o intuito de contestá-la, serve-nos, ao contrário, para embasar a nossa afirmação de que há uma terceira cultura, resultado do contato, nem sempre pacífico, entre as duas culturas já determinadas:

La frontera flotante es un espacio social de hibridización cultural, un espacio en el que la propia identidad se transforma vertiginosamente de acuerdo a las perspectivas heredadas y a las fuerzas cambiantes que afectan a la realidad social. Durante casi dos siglos, mexicanos y norteamericanos se han entremezclado a lo largo de la frontera y han producido una cultura híbrida y flotante que, parafraseando a Homi Bhabha [...], no es ni mexicana ni americana, sino más bien mexicana y americana al mismo tiempo (ISSUES, 1998, p. iii apud GIMÉNEZ, 2007, p. 26)⁹⁷.

Acreditamos, porém que, diferentemente do vínculo com a fronteira estabelecido entre o portunhol e a forma de identificação do sujeito transfronteiriço uruguaio, a relação entre a língua e identidade chicanas se faz, hoje em dia, mais pelo processo migratório e pelo estabelecimento no país e o nascimentos de novas gerações de filhos dos imigrantes mexicanos que diretamente com a posição geográfica fronteira, ainda que possamos falar das fronteiras flutuantes ou estendidas. Mas, principalmente, pela tomada de consciência coletiva pelo chicanos que combatiam a intolerância e xenofobia da sociedade estadunidense.

Para Valenzuela Arce (1998), os movimentos chicanos – tanto os integracionistas e de resistência social e cultural como os movimentos informais de bairro – fortaleceram os processos de construção e recodificação identitária referentes à etnia, cultura e língua dos chicanos e também dos imigrantes latinos.

Las relaciones que se forman en el barrio, considerado como espacio socialmente construido, expresan el principal referendo de la identidad cultural de la población de origen mexicano, lo que se refleja en la interacción cotidiana, las redes sociales, los festejos, el bullicio. La vida cotidiana y reacciones que repercuten en ámbitos de naturaleza macrosocial (VALENZUELA ARCE, 1998, p. 26).

⁹⁷ *Latin American Issues*, Number 14, 1998, p. iii.

Segundo nosso ponto de vista, “el barrio” – onde se agrupam os descendentes mexicanos, sejam os nascidos em solo estadunidense, sejam os provenientes de movimentos migratórios –, é o espaço onde persistem a língua, os costumes, a religião como forma de resistência contra a “americanização” absoluta. Desse modo, os bairros latinos representariam as fronteiras estendidas das quais nos fala Giménez, conforme citamos anteriormente (GIMÉNEZ, 2007, p. 27).

Hoje em dia, estima-se que uma população superior a 55 milhões de latinos viva nos Estados Unidos⁹⁸, dentre os quais mais de 60% são de origem mexicana. A partir desses dados, consideramos que a população de chicanos é suficientemente numerosa e significativa, e portanto, não deve permanecer ignorada ou silenciada. Observamos, desse modo, junto com Sonia Torres (2001, p. 12), a “invasão do terceiro mundo dentro do primeiro” e a configuração de “novas geografias culturais e de resistência que desestabilizam um centro monolítico”, tal como se pretendem os Estados Unidos.

Retomando a questão linguística, sugerimos que, enquanto o portunhol uruguaio está mais relacionado à sua posição fronteira, diga-se de passagem, uma fronteira aberta a partir da qual se autoriza que a relação de contato entre línguas e culturas seja permanente, o *spanglish* apresenta-se vinculado mais à tentativa de manter os traços identitários através da conservação da língua e costumes dos povos originários que à sua localização espacial dentro dos Estados Unidos. Acreditamos que existem três fatores distintos que explicariam a conformação da língua e cultura chicana: primeiro, o fato de a população originária dos estados que limitam com o México ser etnicamente mexicana, e por isso preservarem a língua, costumes, comidas e agruparem-se em bairros onde podem reproduzir seu modo de vida mexicano. Segundo, os constantes movimentos migratórios, que não se restringem a permanecer nas zonas fronteiras

⁹⁸Segundo levantamento publicado pela revista *Exame*, de 25 de julho de 2015, a população latina dos Estados Unidos cresceu em 1,2 milhão de pessoas, em 2014, chegando a 55,4 milhões. “A população total também aumentou no país, de 316,4 milhões para 318,9 milhões. Todos os estados com maior população latina (Califórnia, Texas, Flórida e Nova York) registraram altas. A Califórnia, por exemplo, viu sua população hispânica, que já é quase majoritária no estado, passar de 14,76 milhões de habitantes para 14,98 milhões. O Texas, por sua vez, registrou a maior alta anual, com 228 mil novos habitantes hispânicos, chegando a 10,41 milhões. A Flórida tem atualmente 4,78 milhões, frente aos 4,64 milhões do ano anterior. Em quarto lugar está Nova York, que também viu a população latina passar de 3,62 milhões para 3,67 milhões em 12 meses. De fato, Califórnia, Texas e Flórida continuam a ter mais da metade da população latina total, mas de 58% em 2000 para 55% em 2014. Fonte: Revista Exame. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/populacao-latina-nos-eua-chegou-a-55-4-milhoes-em-2014/>. Acesso em 07 ago. 2017. De acordo com informação disponibilizada no site da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, em 8 de janeiro de 2018, sobre levantamento populacional feito em 2016, pelo CPS, “os imigrantes e seus filhos nascidos nos Estados Unidos agora totalizam aproximadamente 84,3 milhões de pessoas, ou 27% da população americana em geral”. Disponível em: <https://becomeamericaninvestor.com/pt-br/estatisticas-sobre-imigracao-para-os-estados-unidos-da-america/>. Acesso em 8 de mai. 2018.

(*borderlines*), mas que, ao se deslocarem pelo país, também se reúnem em grupos mais ou menos articulados, para apoiarem-se mutuamente, e assim reunidos em bairros seguem reproduzindo também sua língua e cultura como forma de afirmação e resistência. O terceiro e mais relevante se refere à necessidade de se afirmarem como uma comunidade que guarda traços distintivos dos demais estadunidenses, ainda que também sejam parte constituinte dessa população.

No tocante à literatura, recorreremos à análise da pesquisadora Elsa Leticia García Argüelles, quando esta propõe que: “la conciencia relativa a los despojos de la tierra, del idioma, de las costumbre, así como los continuos desplazamientos causados por la migración y la explotación económica son evocados por la literatura y conforman la identidad cultural del chicano” (GARCÍA ARGÜELLES, 2010, p. 20). Na tentativa de demonstrar como se delineam as formas de identificações do chicano e de que modo essa literatura auxilia na sua forma de representatividade, daremos início à análise que se segue.

4.4 Língua e literatura chicanas

Estamos encolerizados porque nos han robado nuestras tierras y nuestro idioma. [...] El idioma es nuestra libertad – el idioma que es el resultado de los siglos acumulados –, el alimento que nos legaron nuestros antepasados – TIJERINA, 1968⁹⁹

Para tratar da formação da língua e da literatura chicanas, retomamos algumas considerações a respeito do contexto sócio-histórico e político estadunidense desde o período da pós-colonização, lembrando que os episódios históricos e a conseqüente remarcação de terras ocasionaram uma situação conflituosa e ambivalente para os mexicanos que, de uma hora para outra, passaram a sujeitar-se a uma língua, cultura e leis que não eram mais as de seu país. Essa experiência de ver-se obrigado a assimilar uma outra língua e cultura teve conseqüências na conformação de novas formas de identificações, pois aos poucos aqueles mexicanos e as gerações que os sucederam

⁹⁹Parte do pronunciamento do ativista chicano Reies López Tijerina, durante uma conferência na Universidade da Califórnia, Los Angeles, em 1968. Tijerina foi um dos líderes que impulsionaram o Movimento Chicano nos Estados Unidos.

sofreram um processo de transculturação, ou seja, produziu-se uma “nova realidade híbrida”, fruto de várias interferências e inscrições entre as culturas e línguas envolvidas. Fato que pode ser atestado pelas palavras do poeta chicano Tito Villanueva: “De ahí que nuestra cultura sea hoy día la fusión¹⁰⁰ de dos: la hispana (mexicana) y la anglosajona (americana), aunque al principio y por algún tiempo siguió siendo netamente mexicana” (VILLANUEVA, 1980, p. 51). Chamamos a atenção para o fato de ser o mesmo processo vivenciado pelos imigrantes que também devem se sujeitar, a partir do momento em que entram ao novo país, às leis, língua e cultura locais.

O processo de aquisição de uma segunda língua na fase adulta pode ser muito sacrificante, ainda mais em se tratando de uma necessidade e não do interesse do aprendiz. Segundo estudos psicanalíticos, esse processo pode ocasionar um “sentimento de vergonha, de culpa, de medo do ridículo e da ferida narcísica relacionados com a regressão necessária aos processos primários que o aprender a compreender e falar um idioma estrangeiro requer” (AMATI-MEHLER *et al*, 2005, p. 77). Nos processos de des-re-territorialização aos quais tanto chicanos como os imigrantes são partícipes, esses sentimentos tendem a ser mais acentuados, porque carregam uma violência simbólica da terra prometida que lhes foi usurpada.

Conforme assinala Villanueva, apesar da tentativa de conservação dos “rasgos” que identificam o sujeito mexicano, com o passar do tempo e a crescente necessidade de assimilação dos atributos estadunidenses, os chicanos experimentam uma condição inicial de biculturalismo e bilinguismo, que passa a ser, segundo o poeta, “nuestra verdadera esencia – en realidad, una inegable totalidad de doble esencialidad” (VILLANUEVA, 1980, p. 51).

Todo esse processo de tentativa de resistência e manutenção da “essência mexicana”, passando pelo processo de assimilação da “americanidade” e, ainda, a consequente formação de uma hibridação linguística e cultural pode ser percebido na história literária chicana. A seguir reproduziremos uma longa citação na qual Villanueva apresenta-nos o processo histórico da literatura chicana:

Pues bien, debido a lo gradual de esa asimilación, nuestra literatura del siglo XIX – ya sea el drama religioso y secular, los autos sacramentales, a más de

¹⁰⁰Sobre a palavra fusão utilizada pelo poeta e escritor texano Tino Villanueva para referir-se ao processo que deu origem ao espanhol chicano, preferimos considerar que há um processo de mescla sem fusão, pelo menos não a fusão que indica unidade homogênea, mas a mistura que deixa transparecer os elementos de cada língua, além de seu valor semântico e afetivo. O terceiro espaço do qual trata Bhabha, que não é nem mexicano nem americano, mas as duas coisas ao mesmo tempo.

las pastorelas, coplas, inditas, trovas y corridos, etc. – fue escrita exclusivamente en la lengua de Cervantes. Sólo a principios del siglo XX vemos aparecer una literatura en inglés al lado de la escrita en castellano, como al igual sigue ocurriendo hoy. Y si a lo largo de nuestra historia el escritor chicano se ha decidido y sigue decidiéndose por el castellano, sus razones tendrá. Yo diría que a veces se debe a que en el primer momento de la fiebre/furia creadora, las primeras imágenes pueden brotar y aflorar del fértil terreno cultural hispano. Hablo por experiencia. O será por el acto consciente de un orgullo tanto lingüístico como étnico. O será también por la simple razón de sentirse el escritor más cómodo expresándose en dicha lengua, sabiendo que se comunicará ante un público más hispanohablante que anglohablante. No erraría, estoy seguro, si digo que es también a veces por una toma de conciencia política, o sea, por una actitud de protesta encendida en la indignación que a su vez impulsa al escritor a utilizar la lengua chicano-castellana como blasón y estandarte, como arma de resistencia ante lo que a él le parece ser un rudo empujón de una cultura impuesta que más de una vez ha alcanzado a herirlo (VILLANUEVA, 1980, p. 53).

O poeta chicano fala sobre a persistência da língua espanhola como forma de preservação da herança mexicana, mas também como tomada de consciência e protesto resultante da indignação por ter que assimilar uma cultura e língua impostas. Essa atitude de preservar a língua de herança e ao mesmo tempo absorver uma nova língua e cultura acabou por impactar na geração e inscrição de uma nova forma oral e, conseqüentemente, escrita, fruto da articulação entre o elemento mexicano e o anglo.

Villanueva relaciona o bilinguismo com o que ele chama de “bivisualismo” – a capacidade de ver e considerar uma coisa ou situação a partir de dois pontos de vista distintos – e ainda o “bissensibilismo” – uma dupla sensibilidade dirigida às duas culturas das quais se originam como chicanos. Segundo afirma, a sensibilidade do chicano se desenvolveu entre duas culturas, caracterizando-o não apenas como hispanofalante/hispanoatuante, mas também como anglofalante/angloatuante, o que resulta em associações verbais e sintáticas que “brotam” na comunicação diária do chicano. Em suas palavras, justifica:

... es decir que, como ciudadanos norteamericanos de estirpe mexicana, claro está que nos movemos entre dos culturas: la de la intrahistoria, o sea, la heredada, que a diario seguimos mamando del seno del hogar; y la otra, la oficial, la que formula nuestra vida educativa y que rige nuestro comportamiento profesional de acuerdo con las tradiciones y las leyes anglosajonas-norteamericanas (VILLANUEVA, 1980, p. 53).

Apesar do levantamento histórico-literário apresentado por Villanueva, considerando textos escritos desde o século XIX como sendo os precursores da literatura chicana, Ignacio Trejo Fuentes (1998) assinala que o início de dita literatura se deu na segunda metade do século XX, motivado pela crescente participação chicana nas

lutas por reconhecimento como povo e por reivindicações de ordem política, social e econômica.

O Movimento Chicano, que se caracterizou pela luta sistemática em prol do melhoramento total das condições socioeconômica e política do povo chicano, acabou também por impactar sua cultura e língua. Com as movimentações e lutas em favor da valorização do elemento chicano, observou-se um incremento nas práticas artísticas e culturais voltadas para essa população, como por exemplo, a fundação da editora *Quinto Sol*, em 1967, promovida por acadêmicos chicanos do *campus* de Berkeley, e a inauguração do primeiro periódico chicano, *El Grito*, no mesmo ano. Também a fundação, em 1970, na Universidade da Califórnia, da revista chicana *Aztlán*, cujo primeiro número foi publicado em inglês e espanhol, divulgando o “Plan Espiritual de *Aztlán*”, com o primeiro roteiro de periodização e a primeira bibliografia da história chicana, além da publicação da *Aztlán: Chicano Journal of the Social Sciences and The Arts*, considerada a mais importante das revistas chicanas (RAMÍREZ, 2003, p. 12). Desse modo, considera-se que o início da produção literária chicana encontra-se estritamente imbricado com o referido movimento sócio-político.

Entre os anos 60 e 70, houve uma revitalização na cena artística estadunidense, devido à crescente produção de peças teatrais (a partir da criação do *Teatro Campesino* em 1965 e da encenação de atos com duração de 10 a 15 minutos apresentados para trabalhadores rurais e da indústria, nos quais os atores denunciavam as más condições de trabalho, expressando-se na alternância dos idiomas espanhol e inglês, conforme se verifica no espanhol chicano) e também da divulgação de cinema, música, pintura (principalmente o muralismo) e literatura produzidos por chicanos e mexicanos, que passaram a ter maior visibilidade e representatividade nesse período. Outro marco importante foi a publicação da primeira antologia crítica de literatura chicana, *El Espejo/The Mirror*, produzida pelos fundadores da *Quinto Sol* e publicada em 1969. Com criações artísticas nas quais se questionava e testemunhava a realidade chicana, emergiu e se consolidou uma literatura crítica e de orientação político-social, através da qual muitos artistas e escritores denunciaram as desigualdades, racismo e intolerância contra o seu povo, ao mesmo tempo em que reivindicavam o reconhecimento linguístico-cultural.

De acordo com Fuentes (1998, p. 28), a poesia foi o gênero textual no qual se observava maior comprometimento sócio-político dos escritores, pois em geral as produções eram publicadas em revistas e periódicos difundidos entre a população

chicana. A escrita do poema bilíngue “*Yo soy Joaquín/ Y am Joaquín*” (1968), por Rodolfo “Corky” González¹⁰¹, no qual são sintetizados os temas e motivos chicanos a partir da busca das origens e identidade do próprio sujeito poético, foi considerada uma das primeiras formas de denúncia literária contra a opressão social e econômica sofrida pelos chicanos em razão da sua etnicidade (FUENTES, 1998, p. 28). Segundo Castillo (1996, p. 69), González “proclamó la lucha chicana utilizando un sencillo lenguaje declarativo y vívidas imágenes históricas” em seu poema:

Yo soy Joaquín,
perdido en un mundo de confusión:
I am Joaquín, lost in a world of confusion,
caught up in the whirl of a gringo society,
confused by the rules, scorned by attitudes,
suppressed by manipulation, and destroyed by modern society.
[...]
La raza!
Méjicano!
Español!
Latino!
Chicano!
Or whatever I call myself,
I look the same
I feel the same
I cry
And
Sing the same.
I am the masses of my people and
I refuse to be absorbed.
I am Joaquín.
The odds are great
But my spirit is strong,
My faith unbreakable,
My blood is pure.
I am Aztec prince and Christian Christ.
I SHALL ENDURE!
I WILL ENDURE!(CORKY, 1968).

Conforme afirma o crítico mexicano, o sujeito poético de “*I am Joaquim*” é o protótipo do chicano que resiste ao subjugo anglo-saxão e encontra em sua herança cultural hispânica e indígena as principais armas para sustentar essa luta desigual (FUENTES, 1998, p. 28). Entendemos que, na alternância das vozes que se expressam ora em espanhol ora em inglês, temos a re-criação da vivência do chicano inscrita na

¹⁰¹ Corky, fundador do grupo nacionalista *Crusader for Justice*, no Colorado, foi uma das figuras mais representativas do Movimento Chicano, juntamente com César Chávez, fundador do *United Farm Workers*, na Califórnia, Reies López Tijerina, fundador da *Alianza de Nuevo México* para o estabelecimento dos direitos de propriedade garantidos pelo Tratado de Guadalupe-Hidalgo em 1948 e José Ángel Gutiérrez, fundador do partido político chicano, *La Raza Unida* (NOVOA, 1999, p. 21).

hibridação que põe em contato, e ao mesmo tempo em conflito, as culturas e línguas de seu convívio.

De acordo com Fuentes, há ainda a inserção de vocábulos do caló – um tipo de gíria da juventude – que constitui o estilo dos poetas chicanos e a representação da linguagem empregada nos bairros. Em suas palavras: “este lenguaje da corporeidad a imágenes singulares, relacionadas siempre con la realidad chicana en su perenne oposición con la cultura anglosajona” (FUENTES, 1998, p. 29).

Valenzuela Arce assinala que a primeira fase da poesia chicana, dos anos 60, caracterizava-se pelo tom de lamento, cólera e nostalgia perante a sociedade estadunidense, a qual negava reconhecimento ao talento desses escritores. Mais tarde, a poesia, tal como o romance e outras práticas artísticas, como os murais, por exemplo, assumiram um caráter de reafirmação da cultura e identidade chicanas através da recuperação seletiva da história, mitologia e tradição popular mexicana, enfatizando a condição familiar, do bairro e também de suas raízes rurais (VALENZUELA ARCE, 1998, p. 22). A variedade dos expressões artísticas voltadas para o público chicano constituíam, a nosso ver, uma formação cultural chicana, auxiliando, dessa forma, a ampliar ao capital artístico-literário das produções dos poetas, escritores, pintores e demais artistas chicanos que até então não recebiam o devido reconhecimento.

De acordo com Bruce-Novoa (1999, p. 23), outro ponto comum a essa literatura é a tentativa de difundir a “verdade”, a partir da oposição do ponto de vista chicano com a crença difundida sobre eles pelos anglo-americanos e, ainda a oposição da abertura racial, cultural e étnica do chicano (mestiço) com a resistência e hostilidade aos forasteiros manifestadas pelos estadunidenses. Assim, a literatura chicana assume a tarefa de instruir, especialmente as novas gerações sobre sua herança – daí o tom didático da maior parte da poesia e também das novelas.

A hibridação linguística não se restringiu somente aos poemas, muitos romances e peças teatrais também foram escritos em *spanGLISH*. Por meio da língua e literatura, seus idealizadores buscavam “explorar las dimensiones de las identidades étnicas”, descrever “impressiones y memorias de la lucha chicana”, tratar da experiência dos migrantes e dos “prejuicios raciales enfrentados por los mexicanos en Estados Unidos”. Entre a maioria dos escritores, aparece uma minoria de mulheres para tratar do tema das lutas e abusos sob o ponto de visto feminino (CASTILLO, 1996, p. 69-72), ao mesmo tempo em que reclamam uma maior participação na vida integral de sua sociedade e, ainda, denunciam sua posição duplamente inferiorizada como chicana e como mulher.

Fuentes propõe uma divisão temática da literatura chicana, segundo a qual se observam três etapas: “conservación”, “lucha” e “invención”. A primeira etapa, “conservación”, refere-se a uma preferência entre os escritores por tratar da gênese e história de sua sociedade, valendo-se de lendas indígenas e de fatos históricos, abordando os problemas enfrentados pelos mexicanos que perderam suas terras e que tiveram que se submeter a uma sociedade hostil, ocasionando o “desequilibrio de los valores primigenios de los chicanos: idioma, religión, tradiciones, motivos patrióticos” (FUENTES, 1989, p. 32).

A segunda etapa, “lucha”, caracteriza-se por ser uma literatura de tomada de consciência e não mais de lamentação. Durante essa etapa, “se proclama una cruzada contra la enajenación externa e íntima, social e individual”, conclama-se o reconhecimento das “prerrogativas humanas y sociales” e também o “derecho de preservar la herencia y la cultura chicanas” (FUENTES, 1989, p. 32). Os textos desse período são definidos pelo teor político e contestatário que caracterizam o Movimento Chicano.

A terceira e última etapa, “invención”, refere-se mais às experiências estéticas que ideológicas. Segundo Fuentes (1989, p. 33), sua finalidade é ascender a níveis universais através da experiência artística em si, transcendendo o “fenómeno chicano” em sua essência histórica, social e política, numa tentativa por incorporar essa nova literatura a esferas de significação mais amplas. Bruce-Novoa vê nessa etapa uma forma de amadurecimento com relação à segurança quanto ao estabelecimento da identidade chicana e de independência no que tange às referências históricas para confirmá-la. Assim, “la literatura crea su propia tradición, y quizás la recuperación de los orígenes llevada a cabo por la primera ola de poetas es vista ya como un hecho establecido, lo que libera a nuevos poetas para escribir en forma menos panorámica y más personal” (BRUCE-NOVOA, 1999, p. 34).

Além de diferenciar etapas referentes à temática e estética, Fuentes assinala que a literatura chicana apresenta traços particulares referentes à técnica, mais especificamente, à linguagem. Sobre a mescla do espanhol e inglês, o crítico e escritor, em defesa do uso da “lengua chicana” esclarece que não se trata de desconhecimento dos idiomas dos quais procede, nem de uma má formação produzida por limitações intelectuais de quem a pratica, como muitas vezes se vê reduzida, e sim de uma formação linguística que vai muito além dessas limitações.

Fuentes esclarece que a existência dessa terceira língua é perfeitamente explicável dentro do contexto em que nasce e cresce o chicano:

Los chicanos crecen en contacto directo e ineludible con los idiomas español e inglés, el primero en el ámbito familiar, donde nuestra lengua se mantiene como sustento medular (consciente o inconscientemente, deliberadamente o no) de la herencia hispánica; el segundo a través de la influencia ambiental y, principalmente, de la educación formal: no olvidemos que en las escuelas norte-americanas se enseña en inglés. La confrontación con ambos universos verbales provoca un choque en los niños y jóvenes chicanos que perdura a lo largo de su vida (FUENTES, 1989, p. 206).

O crítico menciona ainda que o estranhamento da língua chicana se dá tanto para anglofalantes como para os hispanofalantes, pois mantém características muito peculiares, uma vez que a linguagem se relaciona diretamente com as experiências sociais. Dessa forma, os modismos constituem verdadeiros códigos de um sistema de comunicação funcional e prático do qual fazem uso aproximadamente 30 milhões de chicanos. Fuentes defende:

Tratando de explicar ese fenómeno no sólo en términos lingüísticos sino socioculturales, puede descubrirse que esa contaminación idiomática se ha convertido en un mecanismo no sólo considerado correcto, sino arraigado y utilizado normal y generalmente. De modo que debemos precavernos contra los prejuicios: el uso, la costumbre, y no las precipitaciones académicas, es lo que genera y mantiene vivo un idioma, así que en vez de criticar acerbamente el “mal español” de los chicanos debemos considerar que acaso estemos asistiendo al nacimiento de una nueva lengua (FUENTES, 1998, p. 207).

Advertimos que, ainda que a língua mesclada represente para o chicano uma das maneiras de reafirmar sua identidade, muitas das obras foram escritas inteiramente em inglês, o que parece apontar para uma intencional estratégia de alcançar o leitor anglofalante. Tal procedimento, ademais de adequar-se a questões mercadológicas, responderia justamente ao intuito de dar a conhecer ao estadunidense uma realidade sobre o povo chicano diferente dos estereótipos aos quais estava habituado, pois, conforme afirma Fuentes, escrevendo em inglês, o escritor chicano mantém o caráter ideológico de sua escrita, ao “confrontar o anglo com uma visão distinta da que costuma ter do chicano, fazendo-o considerar seus pontos de vista mediante procedimentos escriturais acessíveis a seu próprio interesse” (FUENTES, 1998, p. 72-73). Escrever em espanhol, como já mencionado, também é uma forma de demonstrar que a língua da qual descendem também resiste e, finalmente, a escrita em espanhol chicano é uma forma de se fazerem aceitos da forma híbrida segundo a qual se constituem como

sociedade. Independente da língua em que se produziu e se produz a literatura chicana, podemos considerar que as produções de escritores chicanos fazem parte de um projeto literário que, segundo García Argüelles, “constituye una lucha por afirmar los discursos políticos y sociales, además de reclamar un espacio propio en la producción de conocimiento a través de textos críticos y creativos” (GARCÍA ARGÜELLES, 2010, p. 23).

A literatura chicana teve seu auge nos anos 70, mas continua sendo produzida por escritores contemporâneos. Tivemos acesso a um número reduzido de obras durante o período do doutorado sanduíche de quatro meses no México¹⁰². Ainda assim, optamos por comparar alguns elementos coincidentes entre as obras escritas nas multiterritorialidades fronteiriças e nos seus respectivos ambientes linguísticos, assinalados nesta pesquisa, ambos marcados pela hibridação. Desse modo, analisaremos, no próximo capítulo, a partir da perspectiva de uma pressuposta crise da língua-pátria, a questão da escolha linguística nas obras *Borderlands/ La frontera: the new mestiza*, de Gloria Anzaldúa, de 1987, escrita a partir da alternância do inglês e do espanhol, característica do espanhol chicano, com as declarações públicas e citações recolhidas da obra de Fabián Severo sobre a hibridação linguística produzida na fronteira Uruguai/Brasil.

¹⁰²Durante os meses de maio a setembro de 2017 foi realizado um período de pesquisa sobre a literatura da fronteira México-Estados Unidos, com obtenção de bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, financiado pela CAPES, na Universidade Autónoma de Zacatecas, sob a coorientação da Professora Doutora Elsa Leticia García Argüelles. Ao término da pesquisa, foram apresentados os resultados por meio da conferência “Consideraciones sobre la literatura de las fronteras Brasil/Uruguai y México/Estados Unidos”, realizada no dia 8 de setembro de 2017, aos alunos da Maestría en Investigaciones Humanísticas y Educativas, na Unidad Académica de Estudios de las Humanidades, UAZ.

Capítulo 5: Portunhol e *Spanglish*: modos de identificação transfronteiriços e hibridação linguística

El portuñol es mucho más que un idioma, que un dialecto. Es las costumbres del lugar, los hábitos, la poesía, la comida, la religiosidad, la música. Todo lo que va más allá de lo lingüístico pero que se expresa lingüísticamente. Es eso lo que necesitamos poner en el tapete – ALEJANDRO GAU¹⁰³.

... se você quer mesmo me ferir, fale mal da minha língua. A identidade étnica e a identidade linguística são unha e carne – eu sou minha língua. Eu não posso ter orgulho de mim mesma até que possa ter orgulho da minha língua – ANZALDÚA¹⁰⁴.

Neste capítulo, pretendemos analisar a relação da linguagem como matéria híbrida com o modo de identificação do sujeito transfronteiriço que vive em ambiente marcado pela presença concomitante de diferentes línguas e culturas. Reafirmando a premissa de que o ideal de língua pura e homogênea é utópico, mas ainda almejado como um modo de controlar e estabelecer o Estado-Nação, faremos uma análise de textos literários e públicos dos poetas Fabián Severo (uruguaio da fronteira) e de Gloria Anzaldúa (texana-chicana), nos quais os poetas defendem seu modo de expressão oral e escrita, respectivamente, em portunhol e em *spanglish*, reforçando a ideia de que o processo de hibridação linguística adotado por ambos refere-se a um “estilo de vida” (MIGNOLO, 2003) entre-línguas, entre-culturas e entre-lugares, mais que uma simples habilidade plurilinguística ou uma criação estético-literária.

5.1 A crise da língua-pátria

Sonia Torres, no artigo “Desestabilizando o ‘Discurso Competente’ – o Discurso Hegemônico e as Culturas Híbridas”, escrito em 1996 e publicado na revista *Gragoatá*,

¹⁰³ Alejandro Gau é professor de História e membro do EMEFRON – Equipo Multidisciplinario de Estudios de la Frontera.

¹⁰⁴ Para a escrita desta tese, foram utilizadas duas edições distintas do livro de Anzaldúa: uma na versão original em *spanglish* (alternância de inglês com o espanhol chicano) e outra na versão traduzida para o espanhol mexicano (nessa versão, o que antes era escrito em inglês foi traduzido ao espanhol e o que era do espanhol chicano manteve-se da mesma forma, porém com as letras em fonte diferente para que se pudesse manter a distinção entre as diferentes vozes). Utilizamos, ainda, uma versão traduzida para o português do quinto capítulo do livro “Como domar uma língua selvagem”, da qual retiramos a epígrafe e outras citações.

discorre sobre a problematização de se conceitualizar a “nação”, principalmente de centro, como uma totalidade homogênea, uma vez que essa unidade só é atingida a partir de estratégias de tentativa de apagamento das diferenças raciais, culturais e linguísticas, com o primordial intuito de promover uma hegemonia política, econômica e cultural para controle da população e influência de outros povos.

É também através da língua que nações hegemônicas tentam “assegurar o mito de unidade da nação como força simbólica” (TORRES, 1996, p. 181), e assim instituem e defendem a língua-pátria para promover uma autenticidade e pureza que só seriam possíveis a partir de estratégias de isolamento ou indiferença total à influência do outro. Estratégias que se mostraram inúteis, como é possível observar quando tomamos como exemplo a situação da Inglaterra, que se queixa da expansão do inglês norte-americano, sem ao menos dar-se conta de que, em seu próprio solo, o inglês britânico já se “contamina” pelas interferências e inscrições da língua e cultura dos povos pós-coloniais que vivem e transitam em seu território.

Voltando os olhos para as Américas, também podemos citar a situação dos Estados Unidos que “a fim de garantir a posição hegemônica do *American English* até Deus sabe quando, os anglo-americanos atacam o uso do espanhol, que, já considerado segunda língua em nível nacional, constitui ameaça constante à segurança e unidade dos Estados Unidos” (TORRES, 1996, p. 181).

Torres ressalta a importância das considerações feitas por Bhabha (1998) sobre a língua e a nação, justamente por não se ater ao discurso do nacionalismo, mas, ao contrário, por opor-se à certeza histórica e à natureza estável desse termo e, principalmente, por nos levar a questionar a utilização da língua como estratégia neoconservadora de garantir uma suposta homogeneidade cultural. A estudiosa nos apresenta como exemplo a já mencionada situação linguística dos Estados Unidos com as interferências da população hispânica presente em seu território:

Vejamos o caso específico da população hispânica dos Estados Unidos, que emprega o “spanglish” como prática cultural. A identidade do sujeito de origens hispânicas da América do Norte é buscada dentro do *doublebind* gerado pela tensão entre duas culturas das quais ele faz parte – uma anglo-americana, outra latino-americana. Sendo assim, sua linguagem dissemina-se em línguas e tradições híbridas que determinam seu lugar de fala como sendo outro, em oposição ao espaço monocultural (TORRES, 1996, p. 183).

Pelo exposto, percebemos que, mesmo havendo uma posição política de preservação do *American English* “puro” frente a intervenções da permanência da

língua espanhola em território estadunidense, as hibridações ocorrem tanto em nível cultural, através das tradições mantidas pelos sujeitos de origem hispânica, como em nível linguístico. Nesse sentido, as alternâncias discursivas entre uma língua e outra acabam por produzir uma terceira língua que mescla elementos das línguas originárias, demarcando um novo espaço “pluricultural” e “plurilinguístico”, o qual assinalará também uma nova forma de identificação nem anglo-americana nem latino-americana, mas, antes, a combinação das duas.

Mignolo faz uma análise das experiências na fronteira, destacando o bi ou plurilinguajamento como uma brecha no processo de globalização e como negação da tendência de se associar a civilização à “pureza” do monolinguajamento colonial e nacional (MIGNOLO, 2003, p. 340). Basicamente, o conceito de linguajamento se refere à experiência de viver, pensar e escrever em línguas distintas como algo inerente à condição transnacional do sujeito fronteiriço.

Ao mencionar que a gramática da língua espanhola havia sido estabelecida no final do século XV por Antonio de Nebrija como símbolo de colonização e organização do caos do linguajamento cotidiano, Mignolo lança a seguinte pergunta: mas “para que servem as línguas nacionais num mundo transnacional?” (MIGNOLO, 2003, p. 302). Sem responder diretamente à pergunta, o teórico argentino apresenta outro processo no qual o bilinguajamento cotidiano evidencia que a gramática não dá conta de controlar e conter a língua, ainda mais se essa língua está em contato com outra.

O exemplo citado por Mignolo é o mesmo que analisamos no capítulo anterior, ou seja, o contexto da língua espanhola em contato com a língua inglesa em território norte-americano. Nesse processo em que os migrantes ou seus descendentes adotam uma língua que mescla o espanhol com o inglês e reivindicam uma legitimidade para o modo como se expressam a partir dessa linguagem – como no caso da escrita do livro *Borderlands/La frontera: The new mestiza*, no qual a escritora Glória Anzaldúa celebra a mistura produzida no seu espanhol chicano –, reclamando, assim, direitos à língua mesclada e desprestigiada que o sistema educativo negligencia e, ao mesmo tempo, reivindicando sua inserção no campo cultural e linguístico-literário.

A seguir, contrastaremos os modos de identificação articulados por meio das línguas híbridas nas quais se expressam Anzaldúa e Severo. Consideramos que cada um promove, a partir dos seus textos literários, a legitimação da língua que os identifica como sujeitos transfronteiriços ao mesmo tempo em que põe em evidência a existência de línguas que fogem ao padrão colonizador da monoglossia.

5.2 Bilinguajamento: experiências entre fronteiras linguísticas e espaciais

Even our own people, other Spanish speakers *nos quieren poner candados en la boca*. They would hold us back with their bag of *de academia* – ANZALDÚA, 1999¹⁰⁵.

Isco el retumbo das bota de las política lingüística. Si me incontran, van querer corregir mis sonido, lavar mi lengua y borrar a música da minha infancia, para que deje de ser el Fabián frontera y pase a ser de un só país, monolingüe, fácil de entender como las definición del diccionario – SEVERO, 2017.

Numa era de individualismo e intolerância, de declarações e medidas arbitrárias de governantes do mundo todo e, em especial do atual presidente dos Estados Unidos que ameaça construir mais um muro entre seu país e o México, parece-nos de fundamental importância trazer para o cerne da discussão a publicação do livro *Borderlands/ La Frontera: The New Mestiza*. Lançado em 1987, o livro traz à tona questões referentes às minorias que se mantiveram à margem da sociedade durante muito tempo e que, infelizmente, voltam a ser “atacadas” novamente.

A partir da construção de uma obra híbrida de ensaio, poemas, canções, “corridos”, mitologias dos povos pré-hispânicos, narração de fatos históricos e autobiográficos, Anzaldúa, no afã “por comunicar, hablar, escribir sobre la vida en las fronteras, la vida en las sombras” (RIUS, 2015, p. 11), chama-nos a atenção para os mestiços, imigrantes, homossexuais, para as mulheres e os denominados *queer* – segundo a escritora, “aquello que se atraviesa, que obstaculiza y cruza los confines de la normalidad”. Na introdução à versão do livro traduzida para o espanhol, publicado em 2015, Marisa Belausteguigoitia Rius declara que:

Las fronteras de su escritura académico/activista, autobiográfica/ficcional, poético/pedagógica, se movilizan por una necesidad de intervenir desde los límites académicos y los filos territoriales (*borderlands*) en la academia, en los feminismos hegemónicos, en la historia de la migración en Estados Unidos, en las historias de los grupos vulnerables y migrantes y en la vida cotidiana de los pobres descendientes de mexicanos y de cualquier otra nación ninguneada (RIUS, 2015, p. 19-20).

¹⁰⁵ Na versão para o português e espanhol: Mesmo nossa própria gente, outros falantes do espanhol *nos quieren poner candados en la boca*. Eles nos conteriam com seu montão de regras de academia (ANZALDÚA, 2009, p. 307).

Borderlands/La Frontera se caracteriza pela hibridação dos materiais textuais e da linguagem que, segundo Rius, traça múltiplas redes de significados relativas à herança do chicano, suas identificações, sua língua, seu trabalho, as promessas não cumpridas e as opressões exercidas contra as mulheres e outras minorias devido às suas culturas de origem (RIUS, 2015, p. 35-36). Dessa forma, o livro funciona como instrumento de denúncia e, paralelamente, como representatividade e forma de identificação para outros sujeitos que permaneceram subjugados por diferentes motivos: etnia, cor de pele, “raça”, condição financeira, questões de gênero e também pela sua língua e cultura, consideradas de segunda classe em comparação à língua e cultura anglo-americana. E, assim, com a escrita do livro, segundo Rius, a autora parece pretender que seja promovida

una conciencia de la opresión no solo de las mujeres, sino de los sujetos de color, *queer*, migrantes y pobres, una conciencia de la opresión que piensa a la nación desde sus déficits y fronteras, que traza delicadas ecuaciones que señalan correspondencias y equivalencias en estos ‘déficits’ identitarios (RIUS, 2015, p. 39).

A escritora autodeclarada chicana, em seu citado livro, mais especificamente no capítulo 5, “How to Tame a Wild Tongue”¹⁰⁶, discorre sobre a necessidade de se criar uma nova forma de comunicação para povos que não são nem hispânico nem anglo e que convivem com o inglês como a língua oficial do país em que habitam e com o espanhol que é a língua de seus pais e de seus lares. Em outras palavras, Anzaldúa, em defesa da mescla linguística entre inglês e espanhol que resultaria em *spanGLISH*, nos faz o seguinte questionamento: “para um povo que não pode se identificar inteiramente nem com o espanhol padrão (formal, castelhano) nem com o inglês padrão, que recurso lhe resta senão criar sua própria língua?” (ANZALDÚA, 2009, p. 307).

Para tentar demonstrar o quão abrangente é essa necessidade, a escritora faz um levantamento das línguas que esses sujeitos transfronteiriços (entre os quais se inclui) utilizam em território estadunidense:

¹⁰⁶Conforme explicitado na nota 108, algumas citações foram reproduzidas a partir da tradução para o português (mantendo algumas palavras do espanhol para dar continuidade ao trabalho de hibridação praticado por Anzaldúa), do quinto capítulo “Como domar uma língua selvagem”, realizada por Joana Plaza Pinto e Karla Cristina dos Santos, sob a revisão de Viviane Veras, publicada pelos *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, nº 39. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 297-309.

Some of the languages we speak are: 1. Standard English, 2. Working class and slang English, 3. Standard Spanish, 4. Standard Mexican Spanish, 5. North Mexican Spanish dialect, 6. Chicano Spanish (Texas, New Mexico, Arizona and California have regional variations), 7. Tex-Mex, 8. Pachuco (called caló) (ANZALDÚA, 1999, p. 77)¹⁰⁷.

Ao dar-nos a conhecer o ambiente plurilinguístico do indivíduo chicano, Anzaldúa defende que o “espanhol chicano é uma língua fronteira que se desenvolveu naturalmente”, ainda que também reconheça que a variedade linguística sofre preconceitos entre os puristas que a consideram deficiente e, inclusive pela maioria dos hispano-falantes que a veem como uma mutilação do espanhol. Para a escritora “o espanhol chicano não é incorreto, é uma língua viva” (ANZALDÚA, 2009, p. 308).

Segundo Rius, a importância do livro reside justamente no fato de sua leitura promover uma espécie de “alzamiento en contra del miedo, de la vergüenza que da considerarse menor”, constituindo-se, assim, em “una escritura que concentra el dolor y establece una pedagogía para suavizarlo y entenderlo” (RIUS, 2015, p. 27). Pensamos essa pedagogia aos moldes propostos por Bhabha (1998), como uma narrativa pedagógica que, associada à narrativa performativa em sua variedade, multiplicidade e imprevisibilidade, resiste a toda e qualquer totalização, mas antes promove a soma das diferenças e não o seu apagamento. Desse modo, podemos perceber que a escrita em espanhol chicano atua também como espécie de defesa que Anzaldúa promove da língua que a identifica como sujeito transfronteiriço:

A language which they can connect their identity to, one capable of communicating the realities and values true to them selves – a language with terms that are neither *español ni inglés*, but both. We speak a patois, a forked tongue, a variation of two languages. Chicano Spanish sprang out of the Chicanos' need to identify ourselves as a distinct people. We needed a language with which we could communicate with ourselves, a secret language. For some of us, language is a homeland closer than the Southwest for many Chicanos today live in the Midwest and the East. And because we are a complex, heterogeneous people, we speak many languages (ANZALDÚA, 1999, p. 77)¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Versão em português e espanhol: “Algumas das línguas que falamos são: 1. Inglês padrão, 2. Inglês de trabalhadores com gírias, 3. Espanhol padrão, 4. Espanhol mexicano padrão, 5. Dialeto espanhol norte-mexicano, 6. Espanhol chicano (Texas, Novo México, Arizona e Califórnia têm variações regionais), 7. *Tex-Mex*, 8. *Pachuco* (chamado *caló*)” (ANZALDÚA, 2009, p. 308).

¹⁰⁸ Versão em português e espanhol: “Uma língua com a qual eles possam conectar sua identidade, capaz de comunicar as realidades e valores verdadeiros para eles mesmos – uma língua com termos que não são nem *español ni inglés*, mas ambos. Nós falamos um patoá, uma língua bifurcada, uma variação de duas línguas. O espanhol chicano surgiu da necessidade de os chicanos se identificarem como um povo distinto. Nós precisávamos de uma língua com a qual pudéssemos nos comunicar uns com os outros, uma língua secreta. Para alguns de nós, a língua é uma terra natal mais próxima do que o sudoeste – pois

Apesar de habitar o território estadunidense e de aí ter nascido (nasceu no Texas, em 1942¹⁰⁹), Anzaldúa não se sentia plenamente identificada nesse lugar, pois a forte presença de sua herança mexicana determinava um pertencimento cultural oscilante que, por sua vez, acabou por acarretar interferências de uma língua na outra, o inglês impregnado de espanhol, que leva à configuração de um terceiro espaço da linguagem, uma variedade de *spanglish*: o espanhol chicano, resultado do contato entre as duas línguas nacionais com interferências das línguas indígenas de sua ancestralidade.

Segundo a linguista inglesa, naturalizada mexicana, Anna D'Amore, apesar de muitas vezes estar vinculado ao domínio imperfeito de uma segunda língua, o *spanglish* apresenta variedades que devem ser consideradas como língua materna, como é o caso do inglês chicano¹¹⁰ e do inglês portorriquenho (conhecido como *nuyoricano*). Essas variedades híbridas funcionam como forma de comunicação em uma dada comunidade e refletem a cultura híbrida das “minorias involuntárias”, ou seja, grupos minoritários que assim se consideram por terem sido subjugados por nações maiores: “gentes conquistadas, anexadas ou escravizadas, em contraste com os imigrantes voluntários” (D'AMORE, 2010, p. 32).

Essa situação linguística nos remete à apresentada no primeiro capítulo desta tese referente à configuração do Português do Uruguai – o *portunhol* – que, em muitos casos, também é considerado a língua materna da população fronteiriça, língua com a qual os moradores dessa região se comunicam nos âmbitos mais íntimos e informais.

Mignolo assinala que tal processo de hibridação linguística deve ser caracterizado como *bi(plu)linguajamento* – que se difere do bilinguismo por este se tratar mais de uma habilidade de se falar bem duas línguas que de um estilo de vida. O *bi(pluri)linguajamento* estaria muito mais vinculado a uma necessidade expressiva e,

muitos chicanos vivem hoje no meio-oeste e no leste. E porque somos um povo complexo, heterogêneo, nós falamos muitas línguas” (ANZALDÚA, 2009, p. 307).

¹⁰⁹ Gloria Evangelina Anzaldúa nasceu no dia 26 de setembro de 1942, em um pequeno povoado chamado Raymonville, a 40 km da fronteira do México com os Estados Unidos. Sete gerações de sua família viveram no mesmo povoado desde antes de 1847, ou seja, desde que o território era ainda mexicano. Aos 11 anos, Anzaldúa mudou-se com a família para a cidade contígua de Hargill. Ali, seus pais juntaram-se a outras famílias de trabalhadores migrantes e foram para Arkansas para trabalhar como agricultores. Órfã aos 14 anos, também se viu obrigada a trabalhar no campo. Contornando as diversas dificuldades, estudou Arte e Literatura na Pan American University (1969) e recebeu o título de mestre pela Universidade do Texas, em Austin. Sua trajetória acadêmico-profissional incluiu cursos ministrados em várias universidades: Vermont College, Norwich College, Universidade Estatal de São Francisco e Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. Estava a ponto de terminar seu doutorado, quando faleceu em sua casa, no dia 15 de maio de 2004, por conta de um quadro agravado de diabetes e da falta de recursos financeiros para tratá-lo (CANTÚ, 2015, p. 47).

¹¹⁰ Apesar de D'Amore referir a uma das variantes do *spanglish* como inglês chicano, seguiremos a denominação dada por Anzaldúa de espanhol chicano, considerando tratar-se da mesma língua.

por que não dizer, existencial e política. Segundo o crítico: “o bilinguajamento como estilo de vida é possível nas fraturas de uma língua hegemônica (nacional ou imperial), [e] supera o medo e a vergonha daqueles que não dominam a língua principal” (MIGNOLO, 2003, p. 359).

Acrescentamos a seguir as considerações do poeta chicano Villanueva sobre a vinculação da necessidade expressiva por ele denominada bilíngue, mas que consideramos no escopo do bilinguajamento, que emerge da cena cotidiana para a literatura, como as já mencionadas experiências de “bissensibilidade” e “bivisualidade” inerentes ao sujeito transfronteiriço, ou seja, aquele que vivencia a experiência de viver inscrito ao mesmo tempo entre culturas e línguas de países limítrofes distintos. Segundo o poeta:

El bilingüismo es, pues, un proceso de la lengua – la hablada, y en particular la poética, pues con esta ya estamos al nivel de una estética – se adecua a lo vivido y a lo sentido para captar y acentuar el verídico ambiente de la escena y poético momento. Es un modo de poner orden al universo, y a fuer de tal es un proceso conceptual que da expresión y que a la vez define dos sensaciones que obedecen al biculturalismo y a su correlato, el bisensibilismo de quien escribe. Dos sensaciones que en realidad son una: el poema íntegro, vivo y constante, y nacido de una total exaltación bisensible (VILLANUEVA, 1980, p. 65).

Acreditamos serem ainda válidas as considerações feitas por Villanueva (1980), apesar de referir-se ao processo linguístico como bilinguismo, pois tal constatação é anterior ao conceito do bilinguajamento, o qual julgamos ser mais adequado para as línguas híbridas abordadas neste estudo. Analisando sob a égide do bilinguajamento, podemos observar que a relação entre bissensibilidade e bivisualidade está intimamente ligada à condição transfronteiriça (e nesse sentido não nos referimos ao termo referente à geografia, mas à condição de estar entre-lugares, entre-culturas e entre-línguas), de instabilidade e de escolha afetiva entre os termos das línguas de seu convívio.

Essa relação entre a bilingüidade¹¹¹, bissensibilidade e bivisualidade é passível de ser interpretada inclusive pela psicanálise, a exemplo do que assevera Jalil Benanni, para quem “o mundo interno das pessoas bilíngues é habitado por significados que se criam de forma fluida nos fonemas, nas palavras de qualquer uma das línguas” (AMATI-MEHLER *et al*, 2005, p. 89), ou seja, a experiência entre línguas estabelece

¹¹¹ Bilingüidade refere-se aqui ao nível de bilinguismo, ou seja, no processo de bilinguajamento como experiência de vida entre língua, a bilingüidade possivelmente apresenta-se em seu nível mais alto.

novas formas de se relacionar com as palavras de cada idioma e, por consequência, com o mundo.

Mignolo apresenta-nos a escrita de Anzaldúa como exemplo de plurilinguajamento. Sua opção pela escrita híbrida serve-lhe como uma forma de combate ao preconceito do qual é vítima devido à língua na qual se expressa e à cultura e etnia das quais provém. Através da poética de Fabián Severo também é possível percebermos a superação do medo e da vergonha de se comunicar e escrever não em língua nacional, mas na sua língua de afeto e de herança. Muito mais que isso, podemos observar que o que pretendem com a escrita em portunhol ou em espanhol chicano é assegurar a visibilidade e o reconhecimento de suas línguas “apagadas” pelas políticas de promoção das línguas nacionais e pelas forças conservadoras do campo linguístico e do campo literário.

Em ambos os poetas, Severo e Anzaldúa, para além de exercício de criação de matéria literária, a escrita em portunhol e em espanhol chicano estaria associada a uma tentativa de denunciar as políticas linguísticas que promovem o apagamento das diferenças e, ao mesmo tempo, possibilitar o resgate e legitimação da língua materna pela qual têm grande afetividade e com a qual se sentem identificados como sujeitos transfronteiriços e, em consequência, essas ações ajudam a gerar capital literário para suas línguas de mescla:

Nos semos da frontera/ como u sol qui nase trás us ucalito/alumeia todo u día
ensima du rio/ i vai durmí la despós da casa dus Rodríguezes.// Da frontera
como a lua/ qui faz a noite cuasi día/ deitando lua nas maryen del Cuareim.//
Como el viento/ que ase bailar las bandera/ como a yuva/ leva us ranyo deles
yunto com los nuestro.// Todos nos semo da frontera/ como eses pásaros
avuando de la pra qui/ *cantando um idioma que todos intende.*// Viemos da
frontera/ vamo pra frontera/ como us avó i nosos filio/ cumendo el pan que u
diabo amasó/ sofrendo neste fin de mundo.// *Nos semo a frontera/ mas que
cualqué rio/ mas que cualqué puente* (Noite, p. 91 – grifo nosso)

No caso de Anzaldúa, sua escrita em *spanglish* estaria vinculada, segundo a professora de literatura norte-americana, da Universidade de Buenos Aires, Lucia Mara Martín, a um elemento chicano que implica um pertencimento oscilante entre diferentes culturas: “a mexicana de origem, oprimida pela política imperial estadunidense, que por sua vez representa o marco cultural no qual pôde transcender o destino que, como mulher, marcava-lhe sua origem mexicana” (MARTÍN, 2013, p. 135). Para seu ofício de escritora, essa oscilação possibilitou-lhe realizar uma tarefa de seleção de elementos de ambas as culturas e, ainda, trabalhar na construção de uma terceira, na qual a

“linguagem ocupa um lugar preponderante, palpável em sua forma escrita, onde não só mesclam o espanhol e o inglês, mas também se incorporam vocábulos pertencentes a um dialeto de fronteira” (MARTÍN, 2013, p. 137). Conforme afirma Anzaldúa:

Chicano Spanish is a border tongue which developed naturally. Change, evolución, enriquecimiento de palabras nuevas por invención o adopción have created variants of Chicano Spanish, un nuevo lenguaje. Un lenguaje que corresponde a un modo de vivir. Chicano Spanish is not incorrect, it is a living language (ANZALDÚA, 1999, p. 77)¹¹².

O trabalho poético e a reivindicação para se expressar em suas linguagens híbridas, que alterna espanhol com inglês ou com o português a partir de uma escolha afetiva de vocábulos, de sons e de grafias possibilitariam a configuração de novas identificações de fronteira, que não só buscam transcender os limites físicos como também étnicos, linguísticos e culturais. Escolhas linguísticas que assemelham o fazer poético de ambos os escritores, pois ao trabalharem literariamente suas linguagens artísticas, estabelecem uma relação de pertencimento a – ou talvez de trânsito entre –, dois países diferentes, ou ainda sugere um habitar duplo no interstício da fronteira, tal como é possível observar no fragmento a seguir:

Miña lingua le saca la lengua al dionario
baila um pagode ensima dus mapa
i faz com a túnica i a moña uma cometa
pra voar, livre i solta pelu seu. (*Noite*, 2011, p. 28).

Anzaldúa e Severo promovem não só identificações de seus conterrâneos fronteiriços e de outros sujeitos que vivem na oscilação linguística, como também possibilitam o questionamento das divisões espaciais. Ao transporem as fronteiras físicas com suas linguagens que põem em relação vários imaginários que se pretendiam separados, os escritores se inserem em um espaço multiterritorializado, o qual se caracteriza “pela descontinuidade e pela fragmentação que possibilita[m] a passagem constante de um lugar a outro” (HAESBAERT, 2007, p. 184). O que não significa que as fronteiras são desconsideradas. Ao contrário, quando os poetas e suas línguas atravessam de um país ao outro, eles podem denunciar o que as fronteiras têm de

¹¹²Versão em português e espanhol: “[Mas] o espanhol chicano é uma língua fronteiriça que se desenvolveu naturalmente. Mudança, *evolución, enriquecimiento de palabras nuevas por invención o adopción* tem criado variantes do espanhol chicano, uma nova linguagem. *Un lenguaje que corresponde a un modo de vivir*. O espanhol chicano não é incorreto, é uma língua viva (ANZALDÚA, 2009).

excludente e omissivo, e, agir de modo que possibilitem nossas associações distintas, produtivas e criativas.

Nesse sentido, quando Anzaldúa e Severo ultrapassam os limites geográficos com suas linguagens híbridas – no caso de Anzaldúa com seu espanhol chicano que mistura ao inglês elementos de sua língua materna espanhola e sua herança indígena e mexicana, e, em Severo com o trabalho poético a partir da sua língua materna que é o portunhol fronteiriço reconhecido por estudos linguísticos uruguaios – já não consideramos que há um processo de desterritorialização dessas línguas por “apagamento” das fronteiras. Ao contrário, quando se mesclam e ainda recebem a interferência de outras línguas como a das línguas indígenas da fronteira México/Estados Unidos no *spanGLISH* anzalduano ou palavras de origem afrodescendente no portunhol severiano, essas linguagens expandem os espaços de enunciação, os lugares a partir dos quais se expressam, alcançando “múltiplos territórios”, através das experimentações literárias para além do monolinguismo. Desse modo, tornam-se linguagens multiterritorializadas, no sentido de serem hipoteticamente compreensíveis entre falantes de cada idioma e de cada país, ou seja, línguas também marcadas pela descontinuidade e pela fragmentação, bem como pela possibilidade de travessia de um país a outro, sendo compreensível dos dois lados.

Para além das especificidades que subjazem as concepções de língua e território em cada um dos autores, seus gestos não promovem uma desterritorialização geográfica por assim dizer, pois os territórios e as fronteiras linguísticas, literárias, políticas e físicas existem, tampouco estamos diante de uma territorialização única, podemos considerar que há uma multiterritorialização simbólica que “corrói” as fronteiras sub-repticiamente, desestabilizando as categorias de tempo-espço. Trata-se de outra forma de relacionar-se com os lugares de prestígio (BOURDIEU, 1996), diríamos que é uma forma de desterritorializar o português, o espanhol e o inglês de sua “oficialidade”; trata-se também de reavaliar o portunhol e o *spanGLISH* vistos como equívocos, operando assim uma multiterritorialidade na linguagem, ou seja, desestabilizando as fronteiras ao problematizar as línguas, o estatuto literário das mesmas e, também, os campos literários.

O questionamento feito por Anzaldúa em defesa do seu espanhol chicano também poderia ser considerado por Severo como justificativa para o trabalho com seu portunhol. Parafraseando a escritora, diríamos: para um povo que não pode identificar-se inteiramente com espanhol padrão dos montevidéanos nem com o português padrão

dos brasileiros, que recurso lhe resta senão criar sua própria língua? Uma língua que se inventa conforme a habilidade, o conhecimento e o teor afetivo que se tem das línguas que estão em contato, sem regras, sem gramática definida, essencialmente oral, intuitiva e subjetiva, mas passada de geração para geração, herança materna e fruto da necessidade de comunicação entre habitantes das fronteiras. O portunhol resistiu às tentativas de seu apagamento pelas políticas linguísticas do Estado e passou a registrado na literatura como uma forma de rebeldia e resistência e, por que não dizer, como forma de legitimação.

Ambos os escritores conseguem denunciar o que as fronteiras têm de excludente e o que podem possibilitar de ligações distintas e produtivas não só na linguagem como também na literatura. Ressaltamos que os textos escritos em portunhol e espanhol chicano provocam uma revitalização linguística e literária, uma vez que vêm ganhando o espaço acadêmico através das pesquisas que estão sendo realizadas, constituindo assim um “novo território” de alcance da experimentação linguística praticada por poetas plurilíngues e binacionais, que militam nos seus plurilinguajamentos. Dessa forma, a prática artístico-literária apresenta-se como meio para divulgação e legitimação das línguas até então estigmatizadas e combatidas pelas políticas linguísticas. Nas palavras proferidas por Severo no congresso para professores de espanhol, ocorrido em São Carlos, em 2015, fica clara sua militância em favor de sua língua materna:

Alguien me disse que la Literatura es un lugar onde puedo caminhar falando con las palabra que me cantó mi madre, sem sentir miedo de que algún profesor me señale con el dedo, gritando: *illegal*. Nu poema, eu puedo ser un frontera, mi portuñol pode dar flor y mi língua no tiene que amostrear pasaporte ni responder interrogatorio para los aduanero del idioma. Los río da Literatura no tienen arame de púa nem tanques de guerra preguntando de onde uno es (SEVERO, 2017, p. 33).

No caso de Anzaldúa, percebemos que através da escrita elaborada no espanhol chicano, a autora demonstra seu engajamento político na tentativa de dar voz a estratos marginalizados da população de origem latina tão subjugada pela hegemonia norte-americana. Com isso, também são combatidos estigmas como os discursos sobre e desde a fronteira México/ Estados Unidos, que ademais de separar territórios, dotou-os de “valores dicotômicos carregados de conteúdo moral, cujo polo positivo seria ‘estadunidense-branco-classe média’ e o negativo, ‘mexicano-pele de cor-pobre’” (MARTÍN, 2013, p. 136).

Esse estigma estaria internalizado até mesmo entre os próprios chicanos, que acabaram por se reconhecerem como inferiores, cidadãos de segunda classe se relacionados aos anglo-americanos falantes de uma língua mais nobre, o inglês se comparado ao espanhol e ainda mais à sua variedade chicana. Se os homens já se sentem inferiorizados, entre as mulheres esse complexo tende a acentuar-se:

Chicanas who grew up speaking Chicano Spanish have internalized the belief that we speak poor Spanish. It is illegitimate, a bastard language. And because we internalize how our language has been used against us by the dominant culture, we use our language differences against each other. [...] In childhood we are told that our language is wrong. Repeated attacks on our native tongue diminish our sense of self. The attacks continue throughout our lives (ANZALDÚA, 1999, p. 80)¹¹³.

Anzaldúa declara na sua poética como essa relação conflituosa entre as diferentes culturas e línguas pode ser dura, ainda mais em se tratando de uma mulher¹¹⁴:

To live in the Borderlands means you
are neither *hispana india negra española*
ni gabacha, eres mestiza, mulata, half-breed
caught in the crossfire between camps
while carrying all five races on your back
not knowing which side to turn to, run from;
(...)
To survive the Borderlands
you must live *sin fronteras*
be a crossroads.
(ANZALDÚA, 1999, p. 216-7 – grifos do autor)¹¹⁵

Severo também escreve para liberar as vozes de uma parcela da população que, como ele, conviveu com o peso de políticas educacionais que combateram a língua materna com a qual guarda grande afetividade.

¹¹³ Versão em português: “Chicanas que cresceram falando o espanhol chicano internalizaram a crença de que nós falamos um espanhol pobre. Ilegítimo, uma língua bastarda. Nós usamos nossas diferenças linguísticas umas contra as outras porque internalizamos o modo como nossa língua tem sido usada contra nós pela cultura dominante [...]. Na infância, nos disseram que nossa língua está errada. Ataques repetidos à nossa língua nativa diminuem nosso sentido de self. Os ataques continuam ao longo das nossas vidas” (ANZALDÚA, 2009, p. 311).

¹¹⁴No caso de Anzaldúa há ainda outros agravantes, como o fato de ser lésbica e queer, como se auto-denominava. Mas para a execução desta pesquisa, essas questões não serão consideradas, pois nossa atenção volta-se, primordialmente, para as questões referentes à linguagem e à literatura, em termos de pertencimento ao território transfronteiriço.

¹¹⁵Viver na fronteira significa que você /não é nem hispana índia negra espanhola/ nem gringa, é mestiça, mulata, meia-raça/ pega no fogo cruzado entre campos/ enquanto carrega cinco raças nas suas costas/ não sabendo pra que lado ficar ou correr [...] Para sobreviver na fronteira/você deve viver sem fronteiras/ser transfronteira (tradução nossa).

Yo no quiría ir mas en la escuela
 porque la maestra Rita, de primer año
 cada ves que yo ablava
 pidía pra que yo repitiera i disía
vieron el cantito en su voz,
así no se debe hablar
 i todos se rían de mim
 como ella pidía que yo repitiera
 yo repitía i eyos volvían se ri (...)
 (Noite, p 54 – grifos do autor).

Tal como os chicanos, Severo afirma que muitos dos moradores da fronteira também se recusam a aceitar que aquela língua os representa, porque a crença e o estigma de ser a língua do pobre, sem educação formal ou ignorante persistem:

Estamos en el siglo XXI y puede ser que nosotros ahora nos subimos a un auto y vamos a la frontera y vos salgas a hacer entrevistas y te vas a dar cuenta de que la mayoría de la gente te va a decir que no habla así. Van a decir: “No, no, acá no hablamos así. Acá hablamos bien. No hablamos mal”. El portuñol tiene cierto desprestigio social. ¿Quiénes hablan el portuñol? Los pobres, los que no tienen el estudio, los ignorantes, los de la periferia. No los del centro no, no la gente de plata. Entonces ese desprestigio... que a mí me afectó (SEVERO, entrevista não publicada, 2015).

Nesse sentido, podemos estabelecer outro paralelo entre as poéticas dos dois escritores, pois mesmo que o tom de denúncia de Anzaldúa se diferencie do tom melancólico de Severo, observamos o caráter político que suas obras assumem, principalmente se atentarmos para o fato de que a literatura que produzem parece pretender dar representatividade, audição, escrita, memória e herança à variedades linguísticas até então desvalorizadas, ao mesmo tempo em que também prestigia o território transfronteiriço no qual suas línguas nascem. Ressalvadas as peculiaridades de cada território, ambos os escritores colocam em evidência a relação intrínseca entre a língua e a espacialidade fronteiriça, mesmo que algumas vezes a relação seja mais subjetiva que político-administrativa. Relação essa que também se estende para a forma como esses sujeitos vão se identificar por meio da associação entre o território e a língua, o que nos remete ao conceito de Geopoética proposto por Aínsa (2006), segundo o qual o crítico analisa a relação entre o território e a identidade, afirmando que a natureza é apropriada e manipulada por meio das palavras e, dessa forma, o território passa a caracterizar um tipo de indivíduo que se orienta pelas peculiaridades do lugar.

Em entrevista concedida a Yasmine Holanda Fiorini, ao jornal *Diário Catarinense*, em outubro de 2016, em decorrência de sua participação na FLIC - Festival Literário Internacional Catarinense, em Palhoça, Severo declarou como pensa a

relação entre línguas na fronteira, demonstrando que além das determinações político-administrativas que impõem a separação entre as localidades, não há diferenças de fato:

Para as pessoas que não conhecem a fronteira, que acreditam no discurso homogeneizador dos estados, pode ser difícil compreender o que acontece quando os limites se misturam. Qual é a diferença? Nenhuma. O mesmo ar, as mesmas pedras embaixo dos pés, o mesmo desenho das nuvens. A única diferença é que em alguma capital, algum escritório, uns senhores com traje e gravata decidiram que aqui termina um país e ali começa outro. Mas nós, os fronteiriços, os que andam sem passaporte, os que vão de um país ao outro sem se dar conta, não temos tempo para estar teorizando sobre limites nem linguística, porque temos que viver, cozinhar, lavar os pratos, trocar fraldas. Para nós, a fronteira é nosso universo e falar portunhol é tão natural quanto respirar (SEVERO in FIORINI, 2016, s/p).

Diante dessa afirmação, surge a pergunta: como precisar o espaço de enunciação de escritores que, como Severo e Anzaldúa, falam sempre a partir de mais de um lugar? É possível pensar na vivência de uma multiterritorialidade marcada pela articulação de diferenças culturais e linguísticas (HAESBAERT, 2007). É nesse espaço múltiplo e simbólico que os escritores encontram seu *locus* enunciativo, configurado pelo trânsito, e através dele têm a “oportunidade de rever o conceito de fronteira, encarada como ‘o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente’” (BHABHA, 1998, p. 24). Instaura-se, assim, uma tensão que pode ser verificada quando se intenta definir nacionalidade ou língua, pois esses indivíduos são, na verdade, sujeitos que “se equilibram” entre culturas com suas línguas oscilantes. Vejamos o que afirma Anzaldúa sobre essa questão:

*Nosotros los Chicanos straddle the borderlands. On one side of us, we are constantly exposed to the Spanish of the Mexicans, on the other side we hear the Anglos' incessant clamoring so that we forget our language. Among ourselves we don't say *nosotros los americanos*, a *nosotros los espanoles*, a *nosotros los hispanos*. We say *nosotros los mexicanos* (by *mexicanos* we do not mean citizens of Mexico; we do not mean a national identity, but a racial one). We distinguish between *mexicanos del otro lado* and *mexicanos de este lado*. Deep in our hearts we believe that being Mexican has nothing to do with which country one lives in. Being Mexican is a state of soul – not one of mind, not one of citizenship. Neither a gale nor a serpent, but both. And like the ocean, neither an animal respects borders (ANZALDÚA, 1999, p. 84 – grifos do autor)¹¹⁶.*

¹¹⁶ Versão em português e espanhol: “*Nosotros los chicanos* temos um pé em cada lado das fronteiras. De um lado, somos constantemente expostos ao espanhol dos mexicanos; do outro lado, escutamos a reclamação incessante dos anglos para que esqueçamos nossa língua. Entre nós, não dizemos *nosotros los americanos*, ou *nosotros los españoles*, ou *nosotros los hispánicos*. Dizemos *nosotros los mexicanos* (por *mexicanos* não queremos dizer “cidadãos do México”; não estamos falando de uma identidade nacional, mas sim racial). Nos distinguimos entre *mexicanos del otro lado* e *mexicanos de este lado*. No fundo dos nossos corações, a gente acredita que ser mexicano não tem nada a ver com o país em que a gente vive.

Da mesma forma, Severo também se declara com os “pés fincados” em cada lado da fronteira: “Mas las persona nao podemo se despedaçar ni poner una aduana en el corazón. Semo frontera. Semo miradas regando dois país, piernas hablando varias lengua, sangre pasiando intreverada. Nuestras palabra no saben Geografía” (SEVERO, 2017, p. 34). E por sentir-se fruto de um duplo-pertencimento, não há como definir-se como sendo uruguaio ou brasileiro, e assim, prefere ser mistura:

Sou fronteiro e uruguaio e brasileiro. Sou e não sou. Mudança constante. Às vezes, falo em espanhol e às vezes em português. Preparo a janta sempre com arroz, e no inverno sempre tem feijoada. No Carnaval, danço o samba enredo e no inverno escuto milongas. Sou indefinido. Tampouco quero que me definam. A fronteira é um problema? Não. Na verdade é um problema para quem quer nos transformar em consumidores homogêneos, para que eles possam vender a sua sucata universal. [...]. Nós não somos uma definição, somos uma nuvem de pessoas (SEVERO in FIORINI, 2016).

Na sua arte literária escrita em portunhol, Severo se faz porta-voz de uma parcela da população que realmente emprega essa língua híbrida num ambiente marcado pela (co)presença de fronteiras que, ao invés de separar (como espera o senso comum), põe em relação as línguas e culturas de dois países distintos, ainda que se sintam excluídos duplamente, pois a legislação de cada país, muitas vezes, não leva em consideração as peculiaridades da região fronteira. A sensação de abandono se acentua diante das promessas incumpridas de governantes que, muitas vezes, pedem voto dos dois lados da fronteira, sem nada fazer depois de eleitos:

... semo da frontera
neim daqui neim dalí
no es nosso u suelo que pisamo
neim a língua que falemo (*Viento*, p. 21).

Este pueblo e uma siesta nu meio das pedra.
As mesmas cara nas mismas caye.
Cada sinco año
vienen i prometen pan
mas amañá e lonye
i a yente se jubila (*Viento*, p. 19).

A escrita literária em língua híbrida requer um trabalho de seleção de palavras, simbologias, sentidos de cada uma das línguas do convívio do escritor. Esse processo vai muito além do exercício de criação estética e invenção linguística, pois se relaciona

Ser mexicano é um estado da alma – não da mente, nem da cidadania. Nem águia nem serpente, mas as duas. E como o oceano, nenhum animal respeita fronteiras” (ANZALDÚA, 2009, p. 315).

com a experiência entre-línguas e entre-lugares, a partir da qual o indivíduo se desenvolve como sujeito transfronteiriço. Villanueva (1980) descreve esse processo de escrita literária relacionando à sua própria vivência bicultural e bilingüística:

Este proceso creador se vuelve intrincado y más elaboradamente complicado, pues el poeta se ha propuesto a jugar con las cadencias, los ritmos, matices y datos sensoriales de dos idiomas. Es más, se ha entregado a manejar y a manipular el léxico y las asociaciones verbales de dos sistemas lingüísticos, así como también tejer y a entretejer la simbología fónica y la imaginería que corresponden ora al inglés ora al español [e acrescentamos, no caso de Severo, ora ao português] (VILLANUEVA, 1980, p. 65).

Tal procedimento de seleção do material da linguagem tem implicação também na psicanálise. No processo de aquisição de uma nova língua, os psicanalistas detectaram que “um novo nome, uma nova palavra não são apenas uma aquisição intelectual, mas um elemento que, – inserindo-se em uma rede associativa – modifica todo o contexto de nosso relacionamento com as coisas” (AMATI-MEHLER et al, 2005, p. 77). Sugerimos que, no processo de escolha vocabular efetuada pelos poetas plurilíngues e pluriengajados, a forma como as palavras de cada língua se relacionam com significados distintos referentes às experiências pessoais são condicionantes para a composição do texto híbrido. Assim, quando, por exemplo, se opta pela palavra “iglesia”, em espanhol, em detrimento de “church”, em inglês, se refere à carga semântica que a religiosidade católica tem para os latinos em comparação com a estadunidense. Sobre essa relação, inclusive Lévi-Strauss já havia avaliado que não se pensa a mesma coisa quando se diz “cheese” ou quando se diz “fromage”, pois “são muito diversos os percursos afetivos e sensoriais e as raízes relacionais que caracterizam para qualquer pessoa a aprendizagem da língua e dos vocábulos singulares” (AMATI-MEHLER et al, 2005, p. 135). Portanto, o poder evocativo de cada palavra em um determinado idioma do convívio do poeta plurilíngue induz à escolha segundo sua vivência e memória.

Associamos o dispositivo de hibridação linguística mobilizado pelos poetas ao que os psicanalistas identificam, na análise da “função das línguas no processo de crescimento e de construção da identidade” de seus pacientes, como sendo “um fértil processo interno de fertilização e de comunicação” (AMATI-MEHLER et al, 2005, p. 124) entre as várias línguas de seus analisandos plurilíngues. Consideramos que a escrita em portunhol ou espanhol chicano também se desenvolve como uma fertilização entre as línguas do convívio dos escritores. O trabalho de selecionar as palavras nas

línguas híbridas, às vezes, pode ser inconsciente e relacionar-se com a experiência pessoal do falante, pois certas palavras guardam uma relação com a memória afetiva, razão pela qual, ao escrever em língua híbrida o poeta assume ao menos dois desafios: transcrever uma língua ágrafa e escolher o modo como fazê-lo, já que cada falante pode alterar as palavras, os fonemas e inclusive a sintaxe, de acordo com critério pessoal, pois segundo esclarecem Amati-Mehler, Argentieri e Canestri:

O ser falante, embora utilize uma língua que compartilha com muitos outros, retira dela um universo particular: aquele que habita dentro dele, bem como aquele em que ele habita. Além disso, no discurso monolíngue de uma pessoa polilíngue, outras línguas estão, como dizem tão bem os franceses, “en souffrance” (AMATI-MEHLER et al, 2005, p. 72).

Ao escreverem em portunhol ou em espanhol chicano, Severo e Anzaldúa, ao mesmo tempo em que selecionam as palavras que se relacionam com suas experiências plurilinguísticas e pluriculturais, propiciam a defesa da existência e legitimação de suas línguas híbridas e, com isso, promovem também seus “estilos de vida”, que denunciam necessidades e desejos “para realizar a política e a ética da libertação”. Relacionada à noção de “pensamento dialógico”, proposta por Paulo Freire, tal libertação – da opressão social e econômica – pressupõe, ainda, a tomada de consciência, uma vez que nos livraríamos do peso da colonização intelectual, que segundo Mignolo, é “o lado mais sombrio da modernidade” (MIGNOLO, 2003, p. 360). Simbolicamente, a escrita em línguas híbridas combate esse peso da colonização intelectual, que nos impôs uma utópica pureza linguística das línguas dominantes em detrimento das línguas originárias e mestiças, que foram combatidas, reprimidas e substituídas, mas que, através de escritores que resgatam suas línguas maternas, passam a ter visibilidade e, com isso, a valorização de seu capital linguístico-literário.

Podemos considerar ainda que, ao fazer uso de suas línguas híbridas, o exercício da escrita relaciona-se ao que Sonia Torres menciona sobre o emprego do hibridismo como estética crítica que, “ao invés de simples apropriação ou adoção de uma estética”, o portunhol severiano ou o espanhol chicano assumem “um movimento que busca modificar conceitos da nação como organismo fechado e coeso” (TORRES, 1996, p. 183). Esse é mais um dos efeitos das batalhas tecidas nas suas obras, trazer à luz uma língua e uma comunidade que se mantiveram silenciadas e à margem das noções opressoras de nação.

Voltando mais especificamente a atenção para a produção literária de Severo, somos levados a perceber que, através do bilinguajamento, o escritor permite entrever seu “estilo de vida entre línguas, um processo dialógico, ético, estético e político de transformação social” (MIGNOLO, 2003, p. 359). Dizemos transformação social porque ao dar visibilidade ao seu portunhol artiguense, Severo também coloca em evidência toda uma história da herança das línguas, tradições, crenças, costumes, imaginários e culturas de dois países vizinhos, abrindo espaço para que outras pessoas, descendentes dessa mesma mistura, também possam se identificar como sujeitos sociais através de sua língua.

A importância desse ato de resistência vai além de um resgate da memória ou da tentativa de tornar visível uma camada da população fronteiriça. Mignolo defende a necessidade de se pensar o bilinguajamento e os projetos educacionais como “temas obrigatórios para a discussão de políticas públicas, para a conscientização em educação bilíngue, para colaborar na construção de novas comunidades e para explorar novas avenidas epistemológicas nas culturas do conhecimento acadêmico” (MIGNOLO, 2003, p. 371). Desse modo, a escrita em portunhol – ou *spanghish*, ou *hindiglish*, ou em qualquer língua híbrida – representa uma ação no sentido de colocar em prática um “projeto educacional”, que inclui um movimento social, uma vez que pode considerar-se como um projeto contínuo de luta e conscientização, como diria Freire. Uma nova tomada de consciência e ação de combate à colonização e aos construtores da nação, que se impuseram através da violência incutida por meio da dominação econômica, linguística, religiosa e cultural.

É nesse sentido que consideramos a escrita em línguas de mescla como um ato político de resistência à neutralização das diferenças linguísticas. Ao resgatar suas línguas maternas e fazer delas seu material poético, Severo e Anzaldúa abrem espaço no campo literário para uma produção linguística que caracteriza uma cultura transfronteiriça pouco conhecida e para línguas consideradas impuras, banidas da educação escolar. Dessa maneira, ambos evidenciam a maneira como línguas, culturas e pessoas são excluídas do processo de conformação do estado-nação, ao mesmo tempo em que promovem, na acepção de Mignolo, o amor do bilinguajamento, que “nasce das e nas periferias das línguas nacionais e nas experiências transnacionais” e que emana

o amor pelo lugar entre línguas, o amor pela desarticulação da língua colonial e pelas línguas subalternas, o amor pela impureza das línguas nacionais, e o amor como corretivo necessário à ‘generosidade’ do poder hegemônico que

institucionaliza a violência. E o amor por tudo que é repudiado pelas culturas do conhecimento acadêmico, cúmplices com as heranças coloniais e com as hegemonias nacionais (MIGNOLO, 2003, p. 371).

5.3 O peso de uma língua estigmatizada

Deslenguadas. Somos los del español deficiente. Somos seu pesadelo lingüístico, sua aberração lingüística, sua *mestizaje* lingüística, o sujeito da sua burla. Porque falamos com línguas de fogo nós somos culturalmente crucificados. Racialmente, culturalmente e linguisticamente *somos huérfanos* – nós falamos uma língua órfã – ANZALDÚA, 1999.

Mamarracho lingüístico y símbolo de una realidad vergonzante para algunos, para otros el portuñol es la expresión más acabada y libérrima de la “cuestión fronteriza” que el país siempre eludió mirar – VENANCIO ACOSTA, 2015¹¹⁷.

Nessa seção, pretendemos discorrer sobre os sentimentos de inferioridade e insegurança, comuns aos indivíduos transfronteiriços que oscilam na escolha lingüística, na maioria das vezes, renunciando a sua própria língua materna. Segundo Carvalho, “essa insegurança lingüística, comum em sociedades bilíngues, leva os falantes de português uruguaio a menosprezar esse idioma, conferindo-lhe status de uma variedade híbrida, um ‘portunhol’” (2010, p. 47), considerado assim dessa maneira depreciativa, se comparado ao espanhol ou português padrão. Esse sentimento de vergonha e inferioridade acometem também os falantes de outras variedades de menos prestígio e também os falantes de outras hibridações lingüísticas como, por exemplo, o espanhol chicano.

No artigo “Lengua y sujeto en las investigaciones acerca de la frontera uruguaya con Brasil: apuntes sobre sus determinaciones teóricas”, o professor Juan Manuel Fustes, da UdelaR, faz uma análise sobre a relação entre o sujeito fronteiriço e sua língua materna, o português do Uruguai. Fustes afirma que, diferentemente do indivíduo que se comunica em português ou espanhol, o falante de portunhol não consegue ter seu sentido de comunidade ampliado, uma vez que para ele “las identificaciones de los

¹¹⁷ Declaração dada pelo colunista das revistas digitais *Brecha* e *Ajena*, Venancio Acosta, num artigo intitulado “La primavera del bagazo: es portunol quiere ser patrimonio”, no qual se proclama o portunhol patrimônio cultural imaterial do Uruguai. Disponível em: <http://www.revistaajena.com/la-primavera-del-bagazo/> Acesso em: 12 nov. 2016.

hablantes de portugués del Uruguay son limitadas, sobre todo en la medida en que se interprete su lengua (por los que hablan de ella) como imposible de ser colocada en ninguna de las dos cadenas” (FUSTES, 2010, p. 76), ou seja, não se pode classificar nem como português nem como espanhol padrão, mas como uma nova língua que reproduz simultaneamente as interferências linguísticas das duas línguas oficiais a uma só vez, através das alternâncias de códigos e de formas bivalentes¹¹⁸, conforme a capacidade do falante.

Graciela Barrios, apoiando-se nas afirmações de Gal (1987)¹¹⁹, amplia essa determinação dada por Fustes de não-identificação com nenhuma das cadeias linguísticas das línguas oficiais, ao detalhar que a situação sociolinguística de uma comunidade deve levar vários aspectos em consideração:

Para entender la situación sociolingüística de las comunidades fronterizas debemos tener presente cómo está constituido su repertorio lingüístico: qué variedades lo integran, qué funcionalidad tienen esas variedades, y cuáles son las actitudes y representaciones lingüísticas que se generan en torno a ellas en el seno de la comunidad (...) Entendemos por repertorio lingüístico de una comunidad la totalidad de recursos lingüísticos de que disponen los miembros que la integran, para actuar en interacciones socialmente significativas (BARRIOS, 1999, p. 66).

Mesmo com o detalhamento de como se orienta a situação sociolinguística das comunidades fronteiriças, Barrios assume que tal situação não se difere muito da de outras comunidades linguisticamente variadas:

En definitiva, debe considerarse que la situación en que se encuentran los hablantes de la frontera [Uruguay/Brasil] no es muy diferente de la situación que involucra a los hablantes de cualquier comunidad en que (ya sea a través de lenguas diferentes, variedades sociales o regionales de una misma lengua, o distintos registros) se marcan lingüísticamente las diversas funciones, ámbitos, estilos de la comunidad (BARRIOS, 1995, p. 46-47).

Assim sendo, se a situação sociolinguística da fronteira não se difere tanto de outras situações de comunicação com variações linguísticas, sociais ou regionais, por que permanece esse forte sentimento de vergonha e inferioridade no falante do português? Obviamente, porque sua língua materna sempre foi considerada erro e mácula por uma dita carência de alfabetização plena, permanecendo desprestigiada e

¹¹⁸ Pertencentes a ambos os idiomas. No entanto, estamos considerando que em alguns casos as interferências e inscrições são de ordem plurilinguísticas.

¹¹⁹ GAL, Susan. Linguistic repertoire. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. (Ed.). *Sociolinguistics / Soziolinguistik*. Berlin: De Gruyter, 1987. p. 286-292.

estigmatizada. Ainda assim, apesar da falta de reconhecimento, Fustes nos lembra que os falantes do portunhol continuam existindo e a língua continua sendo passada de geração em geração:

Mientras tanto, y más allá de la dificultad de las representaciones, los hablantes siguen existiendo, como dijimos, pues el problema de las identificaciones dista de cubrir el total de la entidad del hablante, que habla esa lengua más allá de que nadie la pueda incluir en ninguna de las cadenas que mencionamos [el español o portugués]... (FUSTES, 2010, p. 76).

Devemos ter em mente que o português uruguaio apresenta duas características fundamentais, como já apotamos anteriormente: uma delas está relacionada a uma variedade monolíngue de natureza rural e precária, comumente associada aos mais idosos e aos mais pobres que não tiveram acesso à educação formal, e que é verificada também nos bairros periféricos das cidades fronteiriças e não necessariamente apenas no campo. A outra característica se refere à variedade de contato entre o espanhol e o português, que se relaciona com a alternância dos códigos de um ao outro idioma, em geral em um mesmo enunciado. Nesse caso, muitas vezes, o falante tem mais de uma habilidade linguística, o que precisamente não deve ser considerado uma deficiência ou problema linguístico. Ao contrário, importa-nos considerar que esses falantes possuem uma habilidade, própria de sujeitos plurilíngues, de explorar as possibilidades estilísticas dos repertórios linguísticos, sonoros, imagéticos e culturais dos idiomas de seu domínio, sejam eles o espanhol padrão, o português padrão, o português uruguaio (portunhol), o inglês ou o espanhol chicano.

Assim sendo, devemos assinalar que nessas circunstâncias, a fala em portunhol coexiste com a capacidade de se falar um “bom espanhol” ou um “bom português”, ou para os chicanos, a habilidade de se falar um “bom inglês” ou um “bom espanhol”. Dessa forma, faz-se necessário considerar que “é essencial que essa habilidade discursiva, em vez de excluída e estigmatizada, seja reconhecida e potencializada no âmbito escolar” (CARVALHO, 2010, p.51).

Durante a abertura do XVI Congresso de Professores de Espanhol por nós já mencionado, Severo, poeticamente, traz essa discussão para o cerne do evento, levando-nos a questionar as imposições das políticas linguísticas:

Yo pregunto prus dono das palabra: ¿En qué lengua falamos los frontera? ¿Na lengua que nos enseñaron na escuela o na língua que nuestras madre nos cantaba antes de dormir? Materna viene de madre. Du idioma materno son

las palabra du afecto, da ternura, da emoción. No puedo pensar ni narrar mi pasado sin ellas (SEVERO, 2017, p. 34).

Também a partir do espanhol chicano podemos perceber, entre os próprios falantes, a sensação de vergonha e inferioridade ante o inglês “bem falado”, que se apresenta como a língua de prestígio e como oportunidade laboral, conforme a sociedade lhes impõe. Anzaldúa discute essa situação ao retratar a fala da mãe da protagonista “New mestiza” que incentiva a filha a desenvolver sua habilidade linguística em inglês para conseguir um bom trabalho: “I want you speak English. *Pa'hallar un buen trabajo tienes que saber hablar el inglés bien. Qué vale toda tu educación si todavía hablas inglés con 'accent'.* My mother would say, mortified that I spoke English like a Mexican” (ANZALDÚA, 1999, p. 75-76 – grifos da autora)¹²⁰.

Ana Maria Carvalho, professora associada do Departamento de Espanhol e Português, da Universidade do Arizona, analisa a conformação do *spanglish* falado na região de Los Angeles, na Califórnia. Seguindo as considerações de Silva-Corvalán (1996)¹²¹, Carvalho afirma que os diferentes níveis de bilinguismo, ou seja o nível de a bilinguagem do falante (SALGADO, 2008), refletem o contínuo de proficiência linguística das comunidades falantes do espanhol chicano. Conforme observa, prática parecida ocorre na região fronteiriça uruguaia, onde a hibridação linguística resiste à imposição do espanhol, tal como acontece com a resistência do *spanglish* nas comunidades fronteiriças norte-americanas ante a obrigatoriedade da educação letrada em inglês:

diferentemente das comunidades de imigrantes, onde se espera uma rápida substituição da língua minoritária pela língua majoritária (geralmente em três gerações), nas comunidades fronteiriças o bilinguismo é mais estável e tem resistido à imposição do espanhol [e do inglês nos EUA], mantendo-se até hoje graças ao seu forte valor identitário (CARVALHO, 2010, p. 48).

Ou seja, mais uma vez percebemos que a conservação da língua híbrida, apesar das oposições ao seu uso, marca um traço distintivo de valor identitário. Sendo assim, a escrita literária em portunhol ou *spanglish* apresenta-se como uma forma de

¹²⁰ Na versão traduzida para o português: “I want you to speak English. Pra encontrar bom trabalho tem que saber *hablar el inglés bien*. O que vale toda a sua educação se você fala *inglés* com um ‘*accent*’”, diria minha mãe, mortificada porque eu falava inglês como uma mexicana” (ANZALDÚA, 2009, p. 305-306).

¹²¹ SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Language contact and change. Spanish in Los Angeles*. Oxford: Oxford UP, 1996.

circunscrever essas identificações dos sujeitos transfronteiriços, de sua fala, suas configurações culturais e seu território.

Parece-nos pertinente retomar, aqui, os conceitos de “bissensibilismo” e “biculturalidade” que se associam ao processo de bilinguajamento (bilinguismo, nas palavras de Villanueva) para afirmar que essa condição linguística é inerente ao sujeito transfronteiriço como sua forma de expressão e, conseqüentemente, como estética literária:

El biculturalismo se refiere a la circunstancia vivida; el bisensibilismo a la experiencia sentida; mientras que el bilingüismo – dentro del contexto de nuestro enfoque – es la fiel representación lingüística, ya sea en forma escrita o pronunciada, de lo vivido y de lo sentido. El bilingüismo que a los otros puede parecer nada menos que el caos mismo, es, para el poeta chicano [e aquí incluimos os transfronteiriços] y sus precursores de antaño, tan pronto como el normal fluir de dos lenguas que transmutan la anécdota y la experiencia humana en poesía. Mediante esa selectividad, ejecutada intuitiva o calculadamente, es como se consigue la unidad de pensamiento, la biensonante armonía de expresión (VILLANUEVA, 1980, p. 64- grifos do autor).

Cantú, no prefácio que faz para *Borderlands*, ressalta como pode ser arriscada a tarefa de resistência daqueles que teimam em conservar suas línguas híbridas por meio da escrita literária, sendo estes, muitas vezes, objetos de crítica ou rejeição do mercado editorial ou do público leitor:

De hecho, al realizar el cambio o la alternancia de códigos, a sabiendas de que su público lector no es bilingüe, al poner poemas enteros en español – con o sin traducción al inglés – lo que hace Anzaldúa, incluso, es invitar a que la critiquen, a que la ignoren. [...] En vez de recurrir a lo que el mundo “anglo” o “blanco” estadounidense le ha inculcado, Anzaldúa le da la espada y desarrolla su propia manera de razonar, la cual incluye todas sus lenguas, todo lo que ella encuentra al enfrentarse con su “Yo” interior, con sus cicatrices, sus heridas y su espíritu indomable (CANTÚ, 2015, p. 49).

Consideramos que, ao escrever em línguas de pouco prestígio, minorizadas, esses escritores, de alguma forma, conseguem dar visibilidade às suas línguas e às culturas subjugadas e ameaçadas de extinção, ao mesmo tempo em que põem em destaque a sua paisagem cultural e a geografia literária fronteiriça por meio do exercício de geopóetica, ou seja, a ênfase se dá ao poetizarem a geografia da qual provêm. Nesse sentido, suas práticas podem ser comparadas a novos processos de transculturação, segundo a atualização da noção realizada por Mignolo:

A transculturação inclui a ênfase em fronteiras, migrações, plurilinguajamento e multiculturação e a crescente necessidade de conceitualizar as línguas, os processos de escrita e leitura, e literaturas transnacionais e transimperiais. [...] A transculturação, em outras palavras, contamina o local da enunciação, e não apenas como fenômeno social que permite a celebração do “impuro” no mundo social, em uma perspectiva “pura” vazada numa língua nacional e em uma epistemologia “científica” (MIGNOLO, 2003, p. 301).

Vários poetas e escritores, ao longo dos anos, tentaram resgatar suas línguas maternas na produção literária. Baseando-nos nas considerações que Mignolo faz sobre a escrita em quíchua realizada por José Maria Arguedas, e a tensão do bilinguajamento que o levou ao suicídio (MIGNOLO, 2003, p. 359), citamos a experiência do escritor peruano com sua língua híbrida. Ao ficar órfão de mãe ainda criança e ser criado pelas serviçais indígenas, Arguedas absorveu costumes e a língua quíchua, que passou a ser sua língua de herança, a ponto de dedicar sua obra literária ao resgate e valorização da cultura e língua indígenas.

Abaixo reproduzimos uma citação referente à introdução feita para a publicação em 1933 de seu primeiro conto escrito em quíchua, “*Warmá Kuyay*” (Amor de niño), na qual Arguedas fala sobre sua necessidade de escrever na língua que herdou para falar sobre sua experiência com os indígenas:

Cuando empecé a escribir, relatando la vida de mi pueblo, sentí en forma angustiante que el castellano no me servía bien. No me servía bien ni para hablar del cielo y de la lluvia de mi tierra, ni mucho menos para hablar de la ternura que sentíamos por el agua de nuestras acequías, por los árboles de nuestras quebradas, ni menos aún para decir con toda la exigencia del alma nuestros odios y nuestros amores de hombre. Porque habiéndose producido en mi interior la victoria de lo indio como raza y como paisaje, mi sed y mi dicha lo decía fuerte y hondo en Kechwa (ARGUEDAS, 2018 [1939], s/p).

Também na nota introdutória para publicação de seu o poema *Tupac Amaru Kamaq Taytanchisman* (Haylli Taki), publicado em 1962, em homenagem ao índio José Gabriel Condorcanqui, conhecido como Tupac Amaru II, que morreu decapitado na Plaza Mayor de Cusco por soldados da Corte, Arguedas esclarece sobre sua forma de escrever. Segundo declara, recria a língua quíchua através da hibridação de palavras escritas em espanhol, com declinações da língua indígena, ou com palavras do espanhol escritas na forma como os índios ou mestiços a pronunciavam, além de palavras do dialeto huanca-conchucos inseridas no poema (ARGUEDAS in MIGNOLO, 2003, p. 305-306).

Tupac Amaru, Amaruq churin, Apu Salqantaypa ritinmanta ruwasqa llantuykin,
Apu suyu sombran hina sonqo ruruykupi mastarikun, may pachakama.

Qanqa karuta, amaru ñawikiwan, wamancha kanchariynininwan, qawarqanki.
Kaypin kasiani, yawarniykiwan kallpachasqa, mana, wañusqa, qaparispá¹²²
(ARGUEDAS, 1983 [1962], p. 224).

Arguedas menciona, no prólogo do livro de poemas, que a escrita na língua indígena significava mais que o resgate da língua que herdou dos índios, tendo em vista que a considerava um “impulso ineludible” que lhe forçou a escrever em quíchua:

Un impulso ineludible me obligó a escribirlo. A medida que iba desarrollando el tema, mi convicción de que el quechua es un idioma más poderoso que el castellano para la expresión de muchos trances del espíritu y, sobre todo, del ánimo, se fue acrecentando, inspirándome y enardeciéndome. Palabras del quechua contienen con una densidad incomparable la materia del hombre y de la naturaleza y el vínculo intenso que por fortuna aún existe entre lo uno y lo otro (ARGUEDAS, 1962, p. 5).

Severo descreve uma sensação parecida quando explica que sente uma necessidade imperativa de escrever em portunhol para lograr os efeitos pretendidos. É como se as línguas maternas (ou de herança) se impusessem para alcançar sentimentos, sensações, emoções e sentidos que as línguas oficiais e da educação formal não captam para quem tem essa experiência de bilinguajamento. Em entrevista ao programa da televisão uruguaia *El Observador*, Fabián Severo fala sobre essa problemática:

Fue una necesidad física y sentimental escribir sobre la frontera, con tema fronterizo, personajes fronterizos y en un tono fronterizo [que] me pedía cierta sonoridad y cierto contenido que no lo encontraba en el español. Entonces, ensayo y error, fui llegando a algo parecido a mi versión escrita del portuñol (Severo in *El Observador*, 2013).

Essa necessidade de expressão em portunhol também fica latente na citação que serviu de epílogo no capítulo 3, mas que consideramos pertinente reproduzi-la novamente pela clareza com a qual o poeta explicita seu “impulso ineludible” de se expressar em portunhol:

Cuando me mudé para Montevideo, impecé sentir saudade de mis calle, extrañé mis vecino, me faltava los sonido da frontera. Impecé a recordar, mas

¹²² Tradução ao espanhol: Tupac Amaru, hijo del Dios Serpiente; hecho con la nieve del Salqantay; tu sombra llega al profundo corazón como la sombra del dios montaña, sin cesar y sin límites. Tus ojos de serpiente dios que brillaban como el cristalino de todas las águilas, pudieron ver el porvenir, pudieron ver lejos (ARGUEDAS, 1983 [1962], p. 225).

mis lebranza también venían en portuñol. La tristeza no bajaba y impecé a escribir. Cuando recuerdo, cuando siento, cuando penso, lo hago en portuñol. Despós, intento pasar eses sonido que iscutu na minha cabeza pru papel, intento me traduzir. Mas mi escritura también viene misturada. Pra podé incontrar mi refugio na Literatura, pra despertar en el sueño de mi ciudad, necesito combinar las canción de mis dos país (SEVERO, 2017, p. 31).

Anzaldúa reiteradas vezes trata da questão da não-aceitação de seu povo, que acaba por sofrer consequências de cunho psicológico por não se aculturarem por completo ao modelo anglo-americano imposto e, por isso, viverem em um conflito de formas de identificações múltiplas:

Chicanos e outros povos de cor sofrem economicamente por não se aculturarem. Essa alienação voluntária (ainda que forçada) resulta em conflito psicológico, um tipo de identidade dual – não nos identificamos com os valores culturais anglo-americanos e não nos identificamos totalmente com os valores culturais mexicanos. Somos a sinergia de duas culturas com várias gradações de mexicanidade e de anglicidade. Eu internalizei tão bem o conflito da fronteira que às vezes sinto como se anulássemos o outro e fôssemos um zero, nada, ninguém. *A veces no soy nada ni nadie. Pero hasta cuando no lo soy, lo soy* (ANZALDÚA, 2009, p. 316)¹²³.

Segundo declara a escritora, “existem maneiras mais sutis de internalizarmos identificação, especialmente nas formas de imagens e emoções” (ANZALDÚA, 2009, p. 312). Assim, Anzaldúa nos fala sobre sua experiência ao assistir a filmes chicanos, os quais lhe deram “um sentido de pertencimento”, bem como ao ler os primeiros textos escritos e publicados em *spanglish* que a afetaram emocionalmente de modo que, para ela, ambas as vivências constituíam uma forma de legitimação do “povo chicano”. Em suas palavras: “Quando vi poesia escrita em *Tex-Mex* pela primeira vez, um sentimento de pura alegria revelou-se em mim. Eu senti como se a gente realmente existisse como um povo” (ANZALDÚA, 2009, p. 313). É por isso que, como escritora, Anzaldúa sabia o poder da língua como forma para definir-se identitariamente como chicana e, por essa razão, foi entusiasta na defesa de sua língua mestiça, declarando que enquanto tivesse que se adaptar à língua nacional ou enquanto tivesse que se traduzir, ela estaria atestando a ilegitimidade do *spanglish*.

¹²³ No original: Chicanos and other people of color suffer economically for not acculturating. This voluntary (yet forced) alienation makes for psychological conflict, a kind of dual identity - we don't identify with the Anglo-American cultural values and we don't totally identify with the Mexican cultural values. We are a synergy of two cultures with various degrees of Mexicanness or Angloness. I have so internalized the borderland conflict that sometimes I feel like one cancels out the other and we are zero, nothing, no one. *A veces no soy nada ni nadie. Pero hasta cuando no lo soy, lo soy* (ANZALDÚA, 1999, p. 85).

Até que eu esteja livre para escrever de maneira bilíngüe e permutar idiomas sem ter sempre que traduzir, enquanto eu ainda tiver que falar inglês ou espanhol quando preferiria falar *Spanglish*, e enquanto eu tiver que me acomodar aos falantes de inglês ao invés de eles se acomodarem a mim, minha língua será ilegítima. Eu não vou mais sentir vergonha de existir. Eu vou ter minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente – minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição de silêncio (ANZALDÚA, 2009, p. 312)¹²⁴.

Severo também defende a legitimidade de sua língua quando critica o posicionamento daqueles que condenam sua própria forma de falar, bem como a de seus familiares e, assim, ressalva que não conhece qualquer “persona con la autoridad de explicarle que la forma de hablar de mi abuela, las historias que me contó, que las recetas y las beneduras para curarme el empacho de mi abuela están mal y eso lo tengo que corregirlo y pasarlo al español correcto” (SEVERO in *Radio Tamandaré*, 02 fev. 2015). Defensor do portunhol, Severo já não se sente obrigado a traduzir a língua materna, devido a seu baixo prestígio frente ao espanhol padrão. Ao contrário disso, o poeta reconhece o grande potencial de sua língua:

El portuñol o DPU o Portugués del Uruguay o Español de la frontera, no necesita que los artista reivindiquen él. Es al revés, us artista necesitan u portuñol pra poder existir. Escribo en portuñol porque é la versión escrita que más se parece aus sonidos que iscutu en mi cabeza. Si tuviera que defender algo, eu defendo meu direito a crear usando minha lengua materna (SEVERO, 2017, p. 34).

Essas experiências linguísticas e identitárias vivenciadas pelos escritores relacionam-se com as pesquisas realizadas por Jacqueline Amati-Mehler, Argentieri e Canestti sobre a relação entre a memória, as recordações e consciência e a estrutura linguística em pacientes plurilíngues. Segundo eles, há implicações transferenciais e contratransferenciais resultantes das distorções linguísticas, ou seja, as diferentes línguas acessam diferentes experiências para quem tem sua vivência no bi ou plurilinguajamento, pois conforme explicitam “o paciente ao mudar de uma língua para outra indica, com esse processo, mudanças na transferência e no relacionamento com seu inconsciente, bem como com seu passado” (AMATI-MEHLER et al, 2005, p. 13). Dessa maneira, julgamos que o processo de escrita linguístico-literário desenvolvido

¹²⁴ No original: Until I am free to write bilingually and to switch codes without having always to translate, while I still have to speak English or Spanish when I would rather speak Spanglish, and as long as I have to accommodate the English speakers rather than having them accommodate me, my tongue *will* be illegitimate (ANZALDÚA, 1999, p. 81).

pelos escritores plurilíngues está diretamente relacionado com sua forma de identificação transfronteiriça.

Os poetas, que trabalham a hidridação linguística em defesa da permanência de suas línguas maternas e de herança, desafiam com valentia os esquemas impostos pela hegemonia através de políticas educacionais de intolerância e preconceito linguístico. É importante destacar que a defesa das línguas híbridas constitui um ato não só linguístico, mas, sobretudo, político, cultural e identitário para legitimar a língua e seu povo. Consideramos que a tentativa de conservação das línguas híbridas relaciona-se com a abordagem sobre o bi(pluri)linguajamento, proposta por Mignolo e, como tal, “atua como prática cultural e luta pelo poder” (MIGNOLO, 2003, p. 310).

Portanto, defendemos que a escrita em portunhol ou *spanGLISH* vai ao encontro dos pressupostos do “pensamento liminar”, segundo o qual a literatura não deve ser concebida somente como objeto de estudo estético, linguístico ou sociológico, mas também como produção de conhecimento teórico: “não como ‘representação’ de algo, sociedade ou ideias, mas como reflexão à sua própria moda sobre problemas de interesse humano e histórico”. Não que isso exclua o aspecto linguístico, Mignolo assinala que o foco do pensamento liminar “não [é] necessariamente em termos de gramática ou fonética, mas em termos da política da língua” (MIGNOLO, 2003, p. 305), ou seja, sua proposta visa a produzir saber acadêmico para além das línguas hegemônicas, pois, conforme afirma, a ideia da homogeneidade linguística foi criada para atender aos interesses da colônia. Portanto, devemos ter o pensamento liminar descentrado para considerar de outro modo as línguas subalternas e as diversidades linguísticas.

Também Biagio D’Angelo, em seu artigo “*Transgression, contaminations, frontières: en dialoguant avec Jean Bessière*” (2009), nos faz recordar que a literatura deve ser considerada como “lugar de produção de conhecimento, por natureza, subversivo”, dessa forma, é por meio da análise linguístico-literária que propomos que as línguas minoritárias, híbridas e desprestigiadas sejam objeto de produção de conhecimento teórico e de políticas linguístico-literárias que reconheçam as diferenças e neutralizem a intolerância e preconceito. Acreditamos que, através da literatura, podemos “transgredir os limites [geográficos e linguísticos], quebrar as regras [dos centros hegemônicos], reconstruir os paradigmas” para que ocorra de fato uma “inovação cultural” (D’ANGELO, 2009, p. 3).

Tomando como base o que afirma Mignolo sobre a necessidade de se desenvolver políticas públicas com temas que alinhem os projetos educacionais com o bilinguajamento “para conscientização em educação bilíngue, para colaborar na construção de novas comunidades, e para explorar novas avenidas epistemológicas nas culturas do conhecimento acadêmico” (MIGNOLO, 2003, p. 370), desenvolveremos o capítulo seguinte.

Capítulo 6: Por uma política linguístico-literária para as línguas híbridas

Pero hoy que el hombre auténtico de esta tierra siente la necesidad de expresarse en un idioma que ha hablado poco, se ha visto ante esta angustiante realidad: el castellano aprendido a viva fuerza, escuela, colegio o universidad, no le sirve bien para decir en forma plena y profunda su alma o el paisaje del mundo donde creció - ARGUEDAS, 1939.

Na epígrafe que abre esse último capítulo, temos reproduzida uma declaração feita por Arguedas sobre a obrigatoriedade de se estudar o castelhano como a língua oficial, ainda que com ela não seja possível reproduzir, de forma completa e profunda, a “alma e a paisagem do mundo” de quem tem sua experiência de vida em outra língua que é ignorada no processo de escolarização.

Em uma de suas falas públicas, Severo também trata dessa espécie de angústia por qual passa aquele que vive entre-línguas, mas que é “linguisticamente anulado” pela imposição da educação em língua oficial¹²⁵. Na citação a seguir, o poeta questiona o monolingüismo imposto pelo Estado e também a desvalorização e preconceito que enfrentam aqueles que não se encaixam no modelo nacional, devido à sua posição fronteiriça e à língua mesclada que usam:

Como si la frontera fosse um defeito du mundo, los rey desplegaron seus soldado da língua para nos imponer que los país son monolingüe, y que dentro das línea dun pueblo, todos deben hablar y escribir igual, y que tenemo que nos sacar estas palabra y ponernos otras más limpia para dejar de ser proyecto de gente, resto de vida, basura que habla (SEVERO, 2017, p. 34).

Anzaldúa igualmente relata essa situação humilhante por que passam as pessoas que são desvalorizadas por suas línguas e culturas consideradas de menor prestígio: “Nós temos medo do que vamos ver lá. *Pena*. Vergonha. Baixa auto-estima. Na infância, nos disseram que nossa língua está errada. Ataques repetidos à nossa língua nativa diminuem nosso sentido de *self*. Os ataques continuam ao longo das nossas vidas¹²⁶ (ANZALDÚA, 2009, p. 311).

¹²⁵ Ainda que o espanhol não seja considerado a língua oficial na constituição uruguaia, mas a língua nacional, podemos afirmar que se configura como a língua oficial da educação no país.

¹²⁶ No original: We are afraid of what we'll see there. *Pena*. Shame. Low estimation of self. In childhood we are told that our language is wrong. Repeated attacks on our native tongue diminish our sense of self. The attacks continue throughout our lives (ANZALDÚA, 1999, p. 80).

Apesar de reproduzirmos aqui, em maior medida, situações oriundas de contextos literários e ficcionais, acreditamos que a literatura apresenta-se, muitas vezes, como uma mostra importante que serve para que tenhamos acesso a experiências verossimilhantes. Dessa forma, analisaremos, a seguir, os discursos de escritores e poetas que, muitas vezes, se valem das vozes de suas personagens para denunciar as situações de intolerância por que passam aqueles que se sentem inferiorizados pela língua que falam. Trataremos também do modo como as políticas linguísticas lidam com essas questões.

6.1 A voz e a vez dos silenciados: o resgate da língua mezclada

Para saber quién sos, tenés que que saber de dónde venís,
sobre todo nosotros que venimos de la frontera.
Nuestra identidad es como una mezcla:
somos de Uruguay, de Brasil, ¿de dónde somos?
FABIÁN SEVERO, 2012

Iniciamos esse capítulo final, já na seção anterior, com declarações públicas e literárias de escritores que denunciam situações pelas quais eles próprios passaram ao terem sido vítimas de um processo de escolarização que ignorava a língua e cultura da qual provém. Segundo afirmam, eram reprimidos por sua fala mezclada que não reconhecia fronteira, que não diferenciava as regras impostas pela academia e, assim, foram ignorados, inclusive, por sua própria gente que os consideravam de menor valor.

Mignolo, a partir de sua crítica literária, também nos brinda exemplos de como a condição de plurilinguismo é tratada na Bolívia, demonstrando que a situação de preconceito linguístico e intolerância perante as línguas que fogem ao padrão nacional não se restringem somente à posição fronteiriça do falante. Num ambiente marcado pelo plurilinguismo, em um país que teve recentemente reconhecidas 36 línguas indígenas ademais do espanhol, Mignolo esclarece que a aceitação dessas línguas não se refere a um posicionamento favorável ou contra a nação, mas ao reconhecimento da riqueza linguística e literária de um povo em sua “experiência translinguística”:

Não se trata, novamente, de estar contra ou a favor da nação; trata-se de considerar criticamente que os valores nacionais depositados nas línguas e literaturas já não correspondem à experiência transnacional de uma parte significativa da população. Nem correspondem à experiência translinguística

em países como a Bolívia, onde o modelo importante não é a migração atual, mas a colonização no século 16, que arma o cenário conflituoso entre a língua e o território (MIGNOLO, 2003, p. 316).

Para casos como o da Bolívia, citado por Mignolo ou das regiões fronteiriças, defendemos que haja uma política linguística que leve em consideração a língua materna do falante, ainda que essa seja híbrida, e mesmo que essa não possa ser enquadrada em nenhum “modelo linguístico” estabelecido.

O linguista e antropólogo paraguaio David Galeano Olivera, na palestra de encerramento do IX Congresso Brasileiro de Hispanista, ocorrido em 2016, na UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana –, em Foz do Iguaçu, também nos deu a conhecer a situação plurilinguística do seu país natal. Com uma população total de aproximadamente 7 milhões de pessoas, das quais 87% é falante de guarani, o Paraguai manteve por muitos anos uma política de educação nacional que ignorava essa condição, tendo como consequência o alto número de analfabetismo e evasão escolar. A participação nas aulas em espanhol para os falantes monolíngues em guarani, que representa 40% da população total do país, não lhes fazia sentido, pois não entendiam o que era dito na escola. A repressão era tamanha que os professores estavam autorizados a castigar o aluno que falasse em guarani no ambiente escolar, sendo inclusive tolhidos nos ambientes sociais, onde eram vigiados.

Olivera é o fundador do “Ateneo de Lengua y Cultura Guaraní”, que desde 1985 já formou mais de 25 mil professores de guarani em nível superior. Em sua participação no congresso, o linguista deixou clara a importância dessa iniciativa que fez com que os professores pudessem entender o que seus alunos falavam e, assim, promover uma educação efetiva, pois os alunos passaram a ser respeitados e aceitos em sua língua materna e cultura guarani. Também no Paraguai existe uma língua de mescla chamada jopará, que mistura palavras do guarani com o espanhol, e com a qual se editam jornais e se fazem pronunciamentos na teve. Devido à abrangência da língua guarani que é falada por mais de 10 milhões de pessoas na região que compreende ademais do Paraguai, também Brasil, Argentina, Uruguai e Bolívia, essa iniciativa de promover a educação e formação de professores em guarani representa uma vitória na questão do reconhecimento da língua e cultura originárias de uma considerável parcela da população. Segundo Oliveira (2016), em consequência de medidas como essa, que objetivam a preservação das línguas maternas e/ou de herança de populações nativas, o guarani, tal como o aymara, o quíchua e o mapuche passaram à categoria de línguas

emergentes que sobreviveram às piores formas de instrução, de discriminação e de degradação pelas políticas linguísticas. Outra conquista conseguida através do Ateneu se refere à proposta, feita em 1992, de um processo para considerar o guarani idioma oficial do Paraguai, o que levou à reforma educacional de 1994, que garante o ensino bilíngue em guarani para o alunado paraguaio.

No caso das línguas híbridas analisadas neste trabalho de pesquisa, defendemos que tanto o espanhol, no caso do portunhol, como o inglês, no caso do espanhol chicano, devem ser ensinados como segunda língua, considerando, portanto, o ambiente plurilinguístico da população fronteiriça uruguaia e da população chicana e imigrante latina espalhada por diferentes áreas nos Estados Unidos, ou seja, as línguas de mescla, que são as línguas maternas dos alunos, não podem continuar sendo excluídas do processo de aprendizagem. O que não significa que estamos propondo que as aulas sejam dadas em portunhol ou espanhol chicano, e sim que não se pode ignorar o fato de o aluno ter outra língua materna que não a língua da educação formal.

No que se refere à educação dos chicanos e imigrantes hispanofalantes nos Estados Unidos, o que se sabe é que essa população sofreu muitos preconceitos, recebendo educação de baixa qualidade, sendo segregados em escolas somente para latinos e negros e, inclusive, sendo considerados por antropólogos e sociólogos estadunidenses como “gente rara, atrasada y con una cultura subdesarrollada”, além de ter sua cultura relacionada a “supuestas deficiencias y patologias” (CASTILLO, 1996, p. 36).

Os índices referentes à educação dos latinos nos Estados Unidos sempre estiveram ligados ao fracasso escolar, deserção e baixo rendimento quando comparados com os anglo-americanos ou negros, ou até mesmo com imigrantes de outras etnias, como os asiáticos. Era visível a necessidade de uma reforma do sistema educativo que sempre visou “americanizar” o estudante independente de sua procedência. De acordo com Axel Ramírez, especialista do “Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe (CIALC)”, da UNAM, nos Estados Unidos sempre esteve vigente uma política discriminatória contra os mexicanos, em grande parte, perpetrada através do próprio sistema educativo, que utilizava critérios estabelecidos por educadores e gestores de educação, conforme consta na “Comisión de los Derechos Civiles de los Estados Unidos”¹²⁷, de 1972, demonstrando o alto nível de preconceito e intolerância:

¹²⁷ Comisión de los Derechos Civiles de los Estados Unidos, *The Excluded Students: Educational Practices Affecting Mexican in the Southwest*, reporte 3, 1972, p. 14.

1) El inglés es el idioma establecido en los Estados Unidos y todos sus ciudadanos deben aprenderlo; 2) El alumno tiene mejor provecho si habla bien el inglés, lo que ensancha sus oportunidades de educación y empleo, mientras que el castellano constituye un obstáculo; 3) El inglés bien hablado les da oportunidad a los México-americanos de competir con los anglosajones y, 4) Es de mala educación hablar en un idioma que no entienden todos (RAMÍREZ, 2003, s/p).

Os abusos detectados no sistema educativo eram tão recorrentes que várias ações foram impetradas denunciando que os direitos civis e constitucionais estavam sendo violados por não outorgar aos cidadãos não-anglofalantes programas educativos especiais com base nas necessidades linguísticas dos requerentes.

Considerado o acadêmico mais influente em seu tempo em favor dos chicanos, George I. Sánchez, um educador do Novo México, com doutorado em administração escolar, foi um dos precursores na defesa dos México-americanos por uma educação de qualidade. Lutou pela mudança dos métodos de instrução para identificar os estudantes bilíngues de fala hispana e para dar a entender ao sistema educativo que o bilinguismo deveria ser considerado um recurso e não um problema. Provou que era necessária a institucionalização da educação bilíngue para mudar o quadro de fracasso do sistema educativo estadunidense.

Especialistas em educação bilíngue comungavam com os pressupostos de Sánchez ao afirmarem que era mais importante ensinar primeiro aos estudantes hispanofalantes a ler e escrever em sua língua materna, e somente depois de dominarem as habilidades da leitura, introduzir o ensino da língua inglesa. Ao ensinar a língua materna, os valores culturais e históricos dos latinos, estes poderiam ser explorados em sala de aula de modo a privilegiar suas experiências de vida:

Al emplear el español como idioma de instrucción en la educación básica para enseñar a los hispanoparlantes, los maestros podrían reforzar los valores culturales familiares de los niños inmigrantes y crear un ambiente positivo para la enseñanza del inglés y de otras materias (CASTILLO, 1996, p. 90).

Também a partir da participação estudantil no Movimento Chicano dos anos 60/70, a qual se organizou para formar seu próprio grupo: MEChA – “Movimiento Estudiantil Chicano de Aztlán” – (Chicago), decisões foram tomadas para que houvesse uma reforma curricular nas escolas e universidades. Foram incluídos no currículo

estudos chicanos, história mexicana e estudos filosóficos e de escritores mexicanos, e muitas discussões referentes a figuras históricas do passado mexicano chegaram à sala de aula, além da exigência de contratação de professores e outros profissionais chicanos. Em 1972, a Suprema Corte determinou que as escolas considerassem as necessidades dos alunos que não falavam inglês. E com isso, várias propostas e métodos de educação bilíngue foram experimentados, mas o investimento nessa área sempre ficou em segundo plano, inclusive tendo sido suspenso devido ao conservadorismo da elite que temia a “balconización de la cultura estadounidense” (CASTILLO, 1996, p. 91).

Segundo Castilho (1996), apesar dos resultados positivos do ensino bilíngue e bicultural na aprendizagem do espanhol e do inglês, nos anos 80, plebiscitos pela votação de leis que propunham que o inglês voltasse a ser a única língua ensinada nas escolas, sob os slogans “English Only”, “U. S. English” ou “English Fisrt”, disputavam votos contra “English Plus”, que propunha que a destreza de outro idioma além do inglês era benéfica econômica e culturalmente para a nação. Para Ulloa e Crawford, a política linguística de “English Plus” estava mais próxima de garantir os direitos linguísticos dos México-americanos e imigrantes latinos por dar ênfase na conservação das habilidades linguísticas na língua materna enquanto se aprende o inglês, ajudando a diminuir a discriminação e preconceito. Ademais, estudos psicolinguísticos realizados na época demonstravam que o bilinguismo favorece “la flexibilidad cognitiva y que las múltiples habilidades lingüísticas benefician al individuo de muchas maneras: ocupacionales, culturales y psicológicas (ULLOA & CRAWFORD, 2006, p. 10).

No entanto, conforme declaram Ulloa e Crawford (2006, p. 10), o posicionamento reducionista da maioria dos estadunidenses em crer que o aprendizado de outro idioma diferente do inglês servia somente como distração para o aluno e ainda a opinião da maioria que defende que “Si vives en América, necesitas hablar inglés” derrotaram o programa num plebiscito encabeçado por Ron Unz, que lançou uma campanha na Califórnia, em 1997, para proibir a educação bilíngue, tendo sido aprovada sua proposta com 61% dos votos.

A posição conservadora e nacionalista prevaleceu em quase todos os estados, demonstrando a intolerância e xenofobia da sociedade estadunidense para com os imigrantes e descendentes hispânicos, por acreditar que índices relacionados ao aumento da marginalidade, violência, desempregos, altas nas taxas referentes à assistência médica, números de doenças e até mesmo decadência moral e piora na qualidade de vida estavam relacionados com a imigração, ainda que estudos científicos

sociais contradissem tal crença. Assim, no ano de 2002, o Congresso substituiu a “Ley de Educación Bilingüe” (1968), que havia financiado o desenvolvimento de programas com formação de professores e serviços de apoio estudantil por mais de 30 anos pela “Ley de Adquisición de la Lengua Inglesa”, eliminando todas as referências ao bilinguismo e à outras línguas nativas (ULLOA & CRAWFORD, 2006, p. 3).

No livro *El color de las sombras: chicanos, identidad y racismo*, Valenzuela Arce, na tentativa de reconstituir as “identidades profundas”¹²⁸ do chicano, relaciona três elementos de socialização referentes a essa comunidade: a família, o bairro e a educação, que segundo o crítico: “esos ámbitos íntimos de interacción son marcas profundas donde se forman las identidades cotidianas y se establece la endoculturación que permite la adscripción en comunidades hermenéuticas más amplias, tales como las nacionales o las religiosas” (VALENZUELA ARCE, 1998, p. 158). De uma série de entrevistas a chicanos, tomamos uma declaração que se refere à falta de uma política educacional que os reconheça em suas diferenças como cidadãos estadunidenses e, portanto, evidencia a necessidade de se criarem leis educacionais que abranjam tais particularidades do povo chicano:

Pedimos que las escuelas y el gobierno ya no abusen de la gente, que ya no abusen con las mentes de los niños en las escuelas. Hoy están usando la palabra “hispanics” y es un insulto para nosotros, porque nos están diciendo que no somos de aquí, que somos de España, que somos españoles, y eso no es verdad, y eso nomás porque hablamos el idioma que nos impusieron los españoles cuando vinieron hace 500 años. Nos quieren meter en un bloque con los cubanos, con los puertorriqueños, con los argentinos, y todos los sudamericanos que no son indígenas, no más por un idioma. Nosotros culturalmente somos como día y noche; entonces lo que le hace bien a uno no es lo que le hace bien al otro, no nos hace ningún provecho, nos quitan la identificación - Relato de Chon Brisbiesca (VALENZUELA ARCE, 1998, p. 165-166).

A voz narrativa de *Borderlans/ la Frontera: The New Mestiza* também denuncia os problemas pelos quais passava na escola, onde era duramente reprimida e até castigada fisicamente devido e a sua origem mexicana e ao uso de sua língua materna:

Eu me lembro de ser pega falando espanhol no recreio – o que era motivo para três bolos no meio da mão com uma régua afiada. Eu me lembro de ser mandada para o canto da sala de aula por “responder” à professora de inglês quando tudo o que eu estava tentando fazer era ensinar a ela como pronunciar meu nome. “Se você quer ser americana, speak ‘American’. Se você não

¹²⁸ Conforme Valenzuela Arce, identidades profundas são as formas tradicionais de reprodução identitária, ancorada em povos anteriores à chegada de espanhóis e anglo-saxões às terras americanas.

gosta disto, volte para o México, que é o seu lugar” (ANZALDÚA, 2009, p. 305-306)¹²⁹.

Anzaldúa, assim como o estudante entrevistado por Valenzuela Arce, denuncia a falta de preparo dos professores ao lidar com sua língua e herança mexicana como sendo um defeito.

Em sua participação no congresso, David Galeano Olivera também chegou a mencionar verdadeiros castigos físicos sofridos pelos alunos falantes de guarani na escola: “les pegaban en la boca”, “debían arrodillarse sobre sal gruesa o maíz duro”, “tenían que dar vueltas al patio gritando que no más iban a hablar en guaraní”, “estar de plantón detrás de la puerta por hablar guaraní” e, ainda, “tenían que trepar a un parante cubierto de púa de 3 metros de altura y gritar: estoy acá por hablar guaraní”. Uma das vítimas desse processo educativo nos anos 40 chegou a relatar que em sua época esses castigos eram menos traumáticos que estar na escola onde não entendiam o que seus professores falavam: “era más lindo estar allí arriba a 3 metros de altura que en la clase donde no se entendía nada”, outro estudante concluiu que: “yo entro a la escuela, pero la escuela no me entra” (OLIVERA, 2016, s/p).

A questão do bilinguismo e da falta de políticas educativas para lidar com essa situação é um problema detectado já há muito tempo na região fronteira entre Uruguai e Brasil. Sérgio da Costa Franco, no livro *Gente e coisas da Fronteira Sul* (2001), reproduz o discurso de um inspetor escolar uruguaio de 1907, quando advertia às autoridades sobre as dificuldades enfrentadas no processo educativo devido ao contato entre uruguaio e brasileiros na fronteira:

Nuestras escuelas fronterizas, diseminadas en la extensa región donde domina la lengua portuguesa y los hábitos y costumbres brasileños, y donde nuestros compatriotas no saben que son o parece no saberlo – requieren, exigen, imponen una especial enseñanza para los niños que las frecuentan. Esos niños son orientales sí, casi en su totalidad, pero abrasilerados... Proceden de un hogar que solo es uruguayo por el territorio que ocupa; sus padres no son orientales, aunque lo sean – por las razones ya expuestas; las madres que les dieron ser tampoco lo son, porque aunque hayan sido bautizadas o inscriptas en la República, nacieron, se criaron y se hicieron mujeres entre extranjeros (FRANCO, 2001, p. 28).

¹²⁹ No original em inglês: I remember being caught speaking Spanish at recess – that was good for three licks on the corner of the classroom for “talking back” to the Anglo teacher when all I was trying to do was tell her how to pronounce my name. “If you want to be American, speak ‘American’. If you don’t like it, go back to Mexico where you belong” (ANZALDÚA, 1999, p. 75).

Por todas as peculiaridades aqui já apresentadas desde o primeiro capítulo desta tese sobre a constituição de formas de identificações e de expressões híbridas, consideramos que é inegável que tal região careça de políticas linguísticas próprias que visem a abarcar suas características sociais e linguísticas, pois, de outra maneira, as situações de preconceito linguístico e intolerância permanecerão acontecendo.

Retomando o contexto literário como exemplo de um histórico de práticas mal sucedidas de educação para falantes de línguas sem prestígio, sugerimos que, como leitores, devemos ser críticos e estar atentos para perceber que esses escritores transfronteiriços reproduzem uma realidade sociohistórica e linguística em seus textos ficcionais e em suas performances públicas, promovendo uma espécie de denúncia contra a violência simbólica a que são submetidos e, ao mesmo tempo, favorecem a ampliação do capital literário das línguas minoritárias e a legitimação de outras línguas que não as oficiais.

Por considerarmos que a língua é parte essencial da forma como o sujeito se identifica dentro de sua comunidade, já que é através dela que o indivíduo pode reconhecer-se no grupo de familiares e amigos que usam a mesma língua, acreditamos que o ensino de língua materna seja imprescindível e que se difere do ensino de qualquer outra matéria. Aliás, documentos de 1951 elaborados por especialista da UNESCO já haviam abordado o tema: “lengua materna es la base real de todos los aprendizajes, lingüísticos y no-lingüísticos” e, além disso, “la educación sólo es eficaz a partir de la lengua materna, cuyo uso debe extenderse hasta etapas bien avanzadas de la educación y ser la variedad utilizada al inicio del proceso” (UNESCO 1951, p. 691 apud BEHARES, 2007, p. 159).

Na região fronteiriça, entre os estados de Artigas, Rivera e Cerro Largo, onde estima-se uma população de mais de 260 mil falantes de português uruguaio, referente a 7,94% da população nacional (BEHARES, 2017, p. 179), seu ensino, porém, é rejeitado no ambiente escolar, já que a escolha linguística se relaciona com o capital simbólico que ela possui e, por esse motivo a língua é renegada por não ter “valor instrumental”, mas somente um forte “valor interativo”, conforme assinala Carvalho (2010, p. 59). Dessa forma, em seu lugar se ensina o espanhol padrão como se esse fosse a língua materna da população, e a língua portuguesa padrão, quando ensinada, assume o lugar de língua estrangeira, o que acarreta ao aluno um sentimento de abandono e desprezo no processo educativo:

Un grupo bien amplio de niños en cada escuela fronteriza, en algunas de ellas mayoritario, son desestimados en su lengua materna (los DPU), es decir aquella en la que se constituyeron como sí mismos y en la cual fueron constituidos como “otro” por quienes los interpretaron durante su inscripción como hablantes. Para este grupo de niños la inexistencia, la desvalorización o simplemente la no utilización de su lengua materna en el proceso educativo los afecta negativamente, al punto de excluirlos como hablantes del proceso (BEHARES, 2007, p. 159).

Mais uma vez recorrendo aos estudos sociolinguísticos, observamos que para muitos dos fronteiriços realmente a situação é monolíngüística em portunhol, mas para a maioria, os que foram escolarizados, suas habilidades são bilingüísticas em portunhol e espanhol, e há tantos outros casos em que também são capazes de se expressarem com destreza em português. Dessa forma, o linguista Behares afirma que “el medio social influye desfavorablemente provocando efectos negativos en la competencia del bilingüe” e, assim, identifica dois tipos virtuais de áreas bilíngües: “1) áreas donde las dos lenguas se desarrollan con consciencia ambiental y el bilingüismo es aceptado y auspiciado; 2) áreas donde las dos lenguas se desarrollan sin consciencia ambiental y una de ellas es desprestigiada y reprimida” (BEHARES, 1985, p. 36). No segundo caso, considera-se que o desenvolvimento da linguagem é afetado emocionalmente, acarretando desajustes intelectuais que provocam baixo rendimento escolar. O mau rendimento escolar também se associa ao fato de que quando o falante de portunhol entra na escola para ser alfabetizado, ensinam-lhe o espanhol como primeira língua e não como segunda. Havendo, ainda, a tentativa de banir a língua materna do fronteiriço do ambiente escolar.

Esse desprestígio e preconceito com o português uruguaio no ambiente escolar é denunciado por Severo em alguns de seus poemas. Abaixo reproduzimos na íntegra o poema “Trinticuatro”, do seu primeiro livro *Noite nu Norte* (2010).

Mi madre falava mui bien, yo entendía.
Fabi andá faser los deber, yo fasía.
Fabi traseme meio litro de leite, yo trasía.
Desí pra doña Cora que amañá le pago, yo disía.
Deya iso gurí i yo deiyava.

Mas mi maestra no entendía.
 Mandava cartas en mi caderno
 todo con rojo (iguallsito su cara) i asinava imbaiyo.

Mas mi madre no entendía.
Le iso pra mim ijo i yo leía.

Mas mi madre no entendía.
Qué fiseste meu fío, te dise que te portaras bien

i yo me portava.

A istoria se repitió por muintos mes.
Mi maestra iscrevía mas mi madre no intendía.
Mi maestra iscrevía mas mi madre no intendía.

Intonses serto día mi madre intendió i dise:
Meu fño, tu terás que deiyá la iscuela
i yo deiyé (*Noite*, p. 58 – grifos do autor).

Do mesmo modo como Anzaldúa reproduz em seus textos a violência simbólica da qual os chicanos são vítimas no ambiente escolar, Severo, por meio da voz poética, denuncia a situação conflituosa pela qual passa o falante de português uruguaio quando ingressa na escola, onde a professora, que é obrigada a ensinar-lhe unicamente a língua nacional, acaba por negar a língua materna do aluno. Com isso, é possível perceber o desajuste daquele que não tem sua língua reconhecida no ambiente escolar enquanto que, em casa, é a língua da comunicação diária, efetiva e afetiva.

Situações como as retratadas nos textos de Severo e Anzaldúa nos remete à fala do antropólogo paraguaio quando este nos alerta sobre os altos números de fracasso e abandono escolar quando o aluno não tem sua língua reconhecida e respeitada em sala de aula. Esse é o destino do sujeito poético de Severo que também acaba por abandonar a escola, pois sua língua não é aceita. Apesar de referir-nos a contextos ficcionais, acreditamos que a literatura mobiliza de modo mais subjetivo o que as estatísticas de fracasso e deserção escolar revelam nas pesquisas.

Da mesma forma como textos literários comumente são utilizados como fonte de dados históricos comprometidos com a verossimilhança, uma vez que também os historiadores fazem suas próprias leituras dos fatos narrados nos referidos textos, acreditamos que a Literatura também serve de fonte de divulgação das experiências sociolinguísticas de línguas minoritárias e também de denúncia contra a violência simbólica por qual passam suas comunidades de fala. Desse modo, escritores, linguistas e críticos, ao dar-nos a conhecer as experiências traumáticas dos sujeitos plurilíngues e pluriculturais, ajudam-nos a perceber que a intolerância e preconceito linguísticos devem ser combatidos, pois enquanto forem reproduzidos sistematicamente como algo natural, as próprias vítimas desse processo continuarão reconhecendo a si próprios como os “errados”, “os incultos” e os “responsáveis” pela sua condição “minorizada”, quando, na verdade, a hibridação linguística não deveria ser tratada como falta de habilidade ou problema, mas sim como recurso.

Para os escritores que, como Severo e Anzaldúa, conseguiram transformar o “problema” em recurso poético-linguístico e, por sua vez, em estratégia político-social de defesa de uma língua e de seu povo, consideramos que suas performances público-literárias coadunam com o que menciona Carrizo sobre a experiência de bilinguajamento para enriquecimento do trabalho com a palavra e com a memória:

o patrimônio linguístico de um indivíduo não é um sistema sólido e estável, mas sim uma constelação mutável, na qual a hegemonia de uma língua sobre a outra, a hierarquia interna, o grau de padronização absoluto ou relativo variam continuamente no tempo e no espaço e que, em um sentido relativo, essas questões podem vir a ampliar o horizonte de trabalho com a palavra e a memória (CARRIZO, 2016a, p. 6191).

Nesse sentido, acreditamos a língua materna híbrida e minoritária desses poetas é a que lhes permite acessar suas memórias e sensações, ademais de lhes ampliar o trabalho com a palavra escrita e falada, não importando-lhes que seu capital literário ainda não seja comparado ao das línguas oficiais e hegemônicas:

Por qué elijo el portuñol como lengua para mi escritura es una pregunta que siempre me la hago; cuando empecé a escribir, yo quería decir algo sobre una temática en particular y me di cuenta de que en español no lograba decirlo en la forma en que quería decirlo. Tenía problemas con el tono, entonces decidí ensayar en mi lengua materna, la lengua de mi infancia. A mí me pasa que la parte afectiva o la parte triste, la asocio con el portuñol (SEVERO in FOFFANI, 2012, p. 53).

6.2 Educação bilíngue e reconhecimento do português do Uruguai

Estamos asistiendo aquí a la agonía del castellano como espíritu y como idioma puro e intocado. Lo observo y lo siento todos los días en mi clase de castellano del colegio Mateo Pumacchahua, de Canchis. Mis alumnos mestizos, en cuya alma lo indio es dominio, fuerzan el castellano, y en la morfología íntima de ese castellano hablan y escriben, en su sintaxis destrozada, reconozco el genio del kechwa – ARGUEDAS, 1939.

No artigo “El bilingüismo de la frontera uruguayo-brasileña”, o linguista Adolfo Elizaincín aborda o “problema fronteiroço” referente à linguagem, apontando que especialistas da UNESCO, já em 1970, recomendavam a estandarização do dialeto

como uma possível solução dos problemas linguísticos da região. No entanto, o próprio Elizaincín, na época, sugeriu que:

Lo más apropiado para la zona parece ser el comienzo de un programa de educación especial que, por fin, tome en cuenta la realidad en toda su riqueza y complejidad. Los planes actuales se caracterizan, precisamente, por lo contrario, i.e., por un acercamiento indirecto a la realidad, mediado por ideas, prejuicios y actitudes apriorísticas totalmente divorciados de lo que puede ser un acercamiento científico riguroso. De todos modos, la situación de la frontera uruguaya con Brasil necesita aun mucha investigación. La verdad es que, hasta el presente, sólo conocemos una mínima parte de esa rica realidad (ELIZAINCÍN, 1975, 74-75).

Passados mais de quarenta anos da declaração anteriormente citada, hoje é possível afirmar que existe já uma longa tradição uruguaia de pesquisas acadêmicas que visam à descrição do Português do Uruguai e da situação sociolinguística da região. No entanto, ainda hoje o chamado “problema fronteiriço” permanece.

Não cabe lugar a dúvidas de que a formação do MERCOSUL, em 1991, ademais objetivar o progresso econômico, científico e tecnológico entre os países participantes do bloco, pôs em evidência a problemática linguística. Apesar de sabermos que as intenções por trás de tais medidas era promover o diálogo entre as nações para que também o comércio fosse facilitado, algumas ações foram postas em prática de modo que, além da obrigatoriedade de se estudar a língua nacional, passou a ser oferecido também o ensino da língua do país vizinho. Ou seja, brasileiros passaram a ter aulas em espanhol e nossos vizinhos hispanofalantes passaram a ter aulas em português.

Ao declarar o português e o espanhol os idiomas oficiais do MERCOSUL¹³⁰, por meio do Tratado de Assunção, de 26 de março de 1991¹³¹, medidas foram adotadas para que as línguas oficiais se tornassem acessíveis aos cidadãos de cada país como, por exemplo, a assinatura, em 2003, da “Declaração Conjunta para o Fortalecimento da Integração Regional”, determinando a criação de escolas em regiões de fronteira com

¹³⁰Nos Tratados de Assunção e no Protocolo de Ouro Preto, que datam de 1991 e 1994 respectivamente, se estabelece que as línguas oficiais do MERCOSUL são o espanhol e o português, com a inclusão do guarani em 2006 (BEHARES, 2017, p. 184).

¹³¹ Julgamos interessante mencionar que houve um grande receio por parte do governo uruguaio em relação ao ensino de português em seu território, visto que se tratava da língua à qual combatiam desde o séc. XIX e com mais ênfase no período da ditadura militar (1978-1985) (BARRIOS, 2017, p. 157). Conforme Behares (2017, p. 185), o então presidente do CODICEN - Consejo Directivo Central de la Administración Nacional de Educación Pública - Germán Rama (1995-2000) rechaçou veemente a inclusão do ensino de língua portuguesa em detrimento do interesse maior pelo inglês. Somente seu sucessor, Javier Bonilla (2000-2005), provavelmente motivado pelos compromissos de seu governo com o MERCOSUL, passou a promover a importância da aprendizagem portuguesa (sem descartar a do inglês) em virtude das dinâmicas próprias dos processos comerciais, sociais e laborais com o Brasil.

modelo de ensino/aprendizagem comum bilíngue e intercultural. Em 2004 foi produzida a primeira versão do “Projeto-piloto de Educação Bilíngue. Escolas de Fronteira Bilíngues Português-Espanhol”. O objetivo desse projeto é que as crianças de cada um dos países recebessem uma alfabetização bilíngue, por meio da alternância de professores, ou seja, em dias alternados os alunos têm aula de todas as matérias em português com o professor brasileiro e em outros dias, em espanhol com o professor de língua espanhola.

O projeto, resultante de acordo bilateral, começou a ser desenvolvido, em 2005, com a participação do Ministério da Educação, do Brasil, e do “Ministerio de Educación, Ciencias y Tecnología”, da Argentina, sob nova denominação – Projeto Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira - PEIBF¹³². Em 2009, passou a ser um projeto multilateral, com a participação de outros países do bloco (Uruguai, Paraguai e Venezuela), que também passaram a adotar o sistema de intercâmbio (*cruce*) de professores.

Conforme se lê nos documentos concernentes ao projeto de alfabetização em português e espanhol, existe a preocupação em valorizar a diversidade cultural própria da fronteira e, conseqüentemente, diminuir o preconceito e discriminação também específicos dos ambientes onde existe a diferença. A cartilha proposta em parceria entre o MEC (Brasil) e o MECyT (Argentina), de 2008, preconiza que:

Uma educação para as escolas de fronteira, nesse contexto, implica no conhecimento e na *valorização das culturas envolvidas*, tendo por base *práticas de interculturalidade*. Como efeito da integração e do diálogo entre os grupos envolvidos têm-se, então, *relações entre as culturas, o reconhecimento das características próprias, o respeito mútuo e a valorização do diferente como diferente (e não como ‘melhor’ ou ‘pior’)* (MEC/MECyT, 2008, s/p – grifos nossos).

Esses projetos de interação e integração cultural e linguística têm por objetivo minimizar os impactos já deixados na educação devido ao histórico de preconceito,

¹³²PEBF é coordenado pelos Ministérios de Educação e conta com coordenadores locais das Secretarias Municipais e Estaduais e dos Ministérios Provinciais ou Departamentais de Educação. Os ministérios atuam nas escolas através de assessorias especializadas e contínuas, responsáveis por um conjunto de atividades como planejamentos conjuntos e a formação docente. Do lado brasileiro, a função de assessorar o PEIBF tem ficado a cargo do IPOL, Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Políticas Linguísticas, de Florianópolis. Os assessores atuam em parceria com seus colegas dos demais países, sistematizando demandas e ações conjuntas, onde se dá também uma atuação bilíngue e intercultural. As medidas comuns são deliberadas em reuniões técnicas multilaterais. Cada Ministério se responsabiliza, então, pelas ações internas necessárias para implementá-las (MORELLO, 2011, s/p).

intolerância e despreparo dos professores e gestores, conforme foram retratados nos textos de Anzaldúa, Severo e Arguedas. Como exemplo de uma prática bem sucedida, citamos o depoimento da diretora de uma das escolas que adotaram o projeto de Educação Bilíngue, na fronteira de Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil):

Antes havia uma realidade que reprimia constantemente não só a cultura do aluno, mas também a sua comunicação em sala e com os outros alunos, tendo assim uma discriminação de certa maneira com os professores, pois não sabiam o que fazer com esses alunos em sala de aula e também com os colegas de classe (SILVA & NUNES, 2016, s/p).

Já nos estudos precursores de Elizaincín da década de 70, o linguista questionava o papel da escola e das políticas de linguagem em sua função de promover a tolerância com relação à mescla linguística, que se tentava eliminar. Conforme observa, é na escola onde se desenvolve o “problema¹³³” do bilinguismo, no momento em que se ensina o espanhol padrão ao aluno monolíngue em portunhol, gerando assim os conflitos que até hoje se tentam resolver. Segundo o Elizaincín:

La escuela (que ha realizado muchos esfuerzos, aunque ninguno de ellos con gran éxito) ha tendido a proveer una visión crítica de la realidad lingüística, pero no ha colaborado para un conocimiento científico de la zona. Muchos de los juicios que sobre el particular emitieron las autoridades de la enseñanza primaria uruguaya, parecieron apresurados y acientíficos, en cuanto tomaban el problema desde el punto de vista político (en consecuencia solucionable con métodos políticos) y no desde el punto de vista científico (por ende, solucionable con métodos científicos) (ELIZAINCÍN, 1975, p. 72).

Os questionamentos que Elizaincín levantou na época permanecem atuais e não respondidos, ou ao menos, repetidos como uma dúvida que permanece:

¿Significa esto que el mismo podría sobrellevar un proceso de estandarización? ¿Sería conveniente embarcar (sugerir) a las autoridades

¹³³Conforme afirma ELIZAINCÍN (1975, p. 73), ao impor o ensino do espanhol para a população monolíngue em portunhol, cria-se um problema por ignorar as diferentes realidades e visão de mundo. Em suas palavras: “a este nivel de la población, entonces, es donde surge el bilingüismo como problema, en cuanto manejo de sistemas diferentes que, como sabemos, supone diferentes realidades y diferentes *Weltanschauungen** juego; también, como anotáramos antes, el comienzo de la presión social contra la utilización del dialecto, sobre todo por parte de las capas altas”.

Weltanschauung (termo alemão que se pronuncia "vèltanxauung"), cosmovisão ou mundividência é a orientação cognitiva fundamental de um indivíduo ou de toda uma sociedade. Essa orientação abrange sua filosofia natural, seus valores fundamentais, existenciais, normativos, seus postulados ou temas, suas emoções e sua ética. Outro sentido do termo é o de uma imagem do mundo imposta ao povo de uma nação ou comunidade, isto é, uma ideologia. Fonte: <https://www.conhecimentogeral.inf.br/weltanschauung/>. Acesso em 12 mai. 2017.

competentes en una campaña que tienda a una valorización de las diferentes variedades lingüísticas habladas en la frontera (i.e., otorgarles prestigio)? (ELIZAINCÍN, 1975, p.73).

Entre as dúvidas salientadas pelo linguista, permanece uma certeza: “De todos modos, la solución para los problemas educativos que produce el bilingüismo debe empezar por el rechazo total de toda forma de opresión hacia los hablantes del dialecto” (ELIZAINCÍN, 1975, p. 73), hoje, ao menos, reconhecido como língua.

No livro *Planificación Lingüística y Educación en la Frontera Uruguay con Brasil* (1985), o linguista Luis Behares afirma que diferentemente do posicionamento comum de se considerar o bilinguismo uma habilidade, para os moradores da fronteira seu bilinguismo sempre foi considerado “síntoma de pobreza y decadencia”, reafirmando a opressão contra o falante de portunhol.

Dessa maneira, reafirmamos o papel da literatura escrita em portunhol que atua como uma forma de testemunho dessa situação de preconceito linguístico e seu consequente sentimento de inferioridade provocado no falante de portunhol:

Yo no sé si el resto del mundo pode intender qué se siente cuando alguien dice que tus palabra no sirven, é como si nos disseram que nosso corazón nao presta y que para tener vida, temo que se botar uno nuevo. Las palabra son lo único que nós temo. Pensamo, soñamo, recordamo, sufrimo en las palabra (SEVERO, 2017, p. 31).

A experiência relatada pela diretora da escola da fronteira entre Brasil e Paraguai mostra-nos um caso de tolerância alcançada através da aceitação da diferença que antes era combatida. No caso dessa fronteira específica, relatos comprovam a existência não só de alunos que falam o espanhol como língua materna, mas também o guarani, como bem retratou David Galeano Olivera.

Segundo Morello, Coordenadora do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), a situação de bilinguismo encontrada nas escolas da região da tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai se alternam entre falantes de português e espanhol; espanhol e guarani; guarani e português e ainda de monoliguismo em uma das três línguas ou de plurilinguismo, nos casos em que o falante domine, ainda que de forma relativa, os três idiomas. Dessa forma, evidencia-se que a escola não pode simplesmente ignorar esse fato e dar aulas de espanhol ou português para uma população que apresenta uma situação linguística tão peculiar.

Apesar desse modelo de educação bilíngue de intercâmbio de professores ter sido adotado a partir do Projeto Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira – PEIBF– de 2005, o Uruguai aparece na vanguarda com o “Programa de Inmersión Dual Español-Portugués”, para as escolas de tempo integral, e o “Programa de Enseñanza de Portugués por contenidos curriculares”, para escolas de apenas um turno, implantado em 2003.

A linguista Claudia Brovetto desenvolveu uma pesquisa na qual tenta analisar a história da educação uruguaia na região da fronteira e as mudanças provocadas pelos programas de ensino bilíngue adotados. No artigo, “Educación bilingüe de frontera y políticas lingüísticas de Uruguay”, Brovetto traça o seguinte panorama:

Uruguay atraviesa un período fermental en materia de “legislación” educativa (nueva ley de educación, nueva formulación de políticas lingüísticas, nuevo programa de Educación Primaria), donde el lenguaje aparece en un lugar explícito y relevante como probablemente no haya estado en la historia de la educación del Uruguay desde sus orígenes como Estado independiente. En el contexto de esta atención particular al lenguaje en la educación, la cuestión fronteriza ocupa, a su vez, un lugar destacado (BROVETTO, 2009, p. 26).

Entre dezembro de 2006 e novembro de 2007, em Montevideu, reuniram-se os membros¹³⁴ da “Comisión de Políticas Lingüísticas en la Educación Pública” para determinar o “Marco Orgánico de Referencia de las Políticas Lingüísticas en la Educación Pública”, com “Propuesta de Reestructura de los Componentes Curriculares en la Educación Pública” e também as “Recomendaciones referidas a la Formación Docente para el Dominio Lingüístico” que, juntos compuseram as bases dos *Documentos e Informes Técnicos de la Comisión de Políticas Lingüísticas en la Educación Pública* (2006-2007) para o Uruguai. Além dos aportes para os rumos que seriam tomados referentes às políticas linguísticas a serem adotadas a partir da elaboração desses documentos, foi realizada também uma análise histórica dos procedimentos adotados desde o que pode ser considerada a primeira planificação linguística sancionada no país – a “Ley de Educación Común”, assinada José Pedro Varela, aprovada com modificações no Decreto-Lei intitulado “Reglamento de la Instrucción Pública” pelo Governo Latorre, em 1877, que consagrava a educação

¹³⁴ Além de um acesoramento multidisciplinar durante diferentes etapas de elaboração dos “Documentos e Informes Técnicos de la Comisión de Políticas Lingüísticas en la Educación Pública”, no momento da aprovação dos referidos documentos e informes, a comissão era composta por Luis Ernesto Behares (Coordenador), Carmen Caamaño (Membro pelo CODICEN), Claudia Brovetto, Norma Quijano (Membros pelo CEP), María Elena Aguerre, Ana María Lolli (Membros pelo CES), Ana Gómez, Antonio Stathakis (Membros pelo CET-P) e Nilia Viscardi (Secretária Técnica).

generalizada, laica, gratuita e obrigatória em Espanhol (língua nacional do país e língua oficial da educação pública (ANEP, 2006-2007, p 9-10). Ou seja, o único programa linguístico-educativo existente previa o ensino do espanhol como língua oficial e combatia o uso do portunhol ou português em ambiente escolar.

Apesar da condição de bilinguismo na fronteira ser de conhecimento dos órgãos competentes, a educação de base monolíngue se justificava por uma crença que considerava a que unidade linguística era favorável para a consolidação do ideal homogeneizante “una lengua, una nación”. Segundo os estudiosos responsáveis pelo histórico aqui apresentado, as consequências dessa educação monolíngue (com estratégias coercitivas) foram problemas de evasão e má qualidade no ensino, no que concerne à região fronteiriça.

Tal situação manteve-se inalterada até 1967, quando a professora Eloísa García Etchegoyen de Lorenzo apresentou um projeto ao “Consejo Nacional de Enseñanza Primaria y Normal” para escolas da região fronteiriça de Rivera, a partir do qual foram aplicadas diferentes abordagens e metodologias de ensino – monolingüismo espanhol, ensino de espanhol como segunda língua e educação bilíngue em espanhol/português – a fim de identificar qual o aporte pedagógico-metodológico seria o mais adequado para essa demanda. Porém, o fim do projeto coincidiu com a ascensão da ditadura militar nos anos 80 e se deu mais por questões ideológicas – temor à suposta soberania do português –, que por razões técnicas.

Os anos de ditadura militar foram marcados pelo autoritarismo pedagógico que se instalou no país nas décadas finais do século passado e que deu origem a projetos como a campanha de “Corrección Idiomática” em combate ao “problema fronterizo” e à “penetración del portugués”, em nome da “defensa del Idioma Nacional”, proposta por Daniel Darracq, então Ministro da Educação e Cultura, em 1978 (BEHARES, 2007, p. 147).

Ainda assim, entre os anos de 1989 e 1990, foi desenvolvido o “Programa Pedagógico Experimental en Lectura y Escritura de Rivera” (PROPELER), em parceria entre a “Universidad de la República” e o “Consejo de Enseñanza Primaria”:

El programa consistía en el trabajo conjunto de maestros de algunas escuelas de Rivera con un grupo de especialistas (lingüistas, psicólogos, antropólogos y pedagogos) para la elaboración de estrategias para procesar la adquisición de la lengua escrita en ese contexto. Este procedimiento apuntaba a darle la posibilidad a los maestros fronterizos de contextualizar las directivas programáticas centralistas y de corte monolingüe a la realidad particular,

através de un proceso reflexivo y de negociación constante con sus niños, los colegas y los técnicos. Aunque la lengua escrita fuera el objeto focalizado, el programa revisaba y proponía reflexionar acerca de todo el funcionamiento didáctico. En lo que respecta al portugués del Uruguay (o los DPU) la experiencia mostró la posibilidad de utilizarlo como el centro del saber lingüístico de niños y maestros y como el punto de partida e impulsor de otros aprendizajes, a saber el español y el portugués estándares (BEHARES y ANOLLÉS, 1990, p. 25).

Apoiada nos estudos de Behares (2007) sobre o tema, Brovotto cita outros programas pedagógicos, que se sucederam aos anteriormente mencionados, motivados pela questão linguística da fronteira:

a) La difusión a todos los niveles de la experiencia del PROPELER; b) La constitución del Grupo de Investigadores de Lenguaje y Educación en Áreas de Frontera en el seno de la Asociación de Universidades “Grupo Montevideo” en 1995; c) La inclusión de materiales fronterizos en los textos escolares con “Guía del Maestro”, publicados entre 1999 y 2000 con financiación de ANEP y con amplia difusión (Garibaldi y Salvo, 1999 y 2000); d) La realización de una Maestría en Estudios Fronterizos en Montevideo (1999-2001) y una Diplomatura en Estudios Fronterizos en Rivera (2001-2002) por la Universidad de la República, con importante participación de maestros e inspectores de Enseñanza Primaria (BROVETTO, 2010, p.32).

Outros programas mais recentes também são citados pela pesquisadora, como o “Programa de Inmersión Dual Español-Portugués”, iniciado em 2003 em somente duas escolas fronteiriças, e o “Programa de Enseñanza de Portugués por Contenidos Curriculares”, implantado em três escolas em 2006. Brovotto assinala que até o ano de 2009, trinta e seis escolas implantaram o programa, envolvendo aproximadamente sete mil alunos.

Parece-nos importante destacar que os idealizadores dos programas linguístico-educativos visavam “formar individuos bilingües y bidialectales, respetar y valorizar las variedades lingüísticas fronterizas, desarrollar la oralidad y la escritura en español y portugués estándar” (BROVETTO, 2010, p. 34), mas atravessaram entraves políticos como o reconhecimento tardio de tais objetivos nos documentos oficiais e ainda a permanência do pensamento preconceituoso de combate à mescla linguística e valorização da norma estándar do espanhol e do português.

Brovotto salienta que a menção nos documentos oficiais do governo uruguaio, com caráter de atos de política linguística, só se verificou em 2008, por meio da “Ley General de Educación” N° 18.437 (MEC, 2008) e do “Programa de Educación Inicial y Primaria” (CEP, 2008) e também através da assinatura do “Documento de la Comisión de Políticas Lingüísticas para la Educación Pública” (ANEP, 2008). De acordo com a

estudiosa, as estratégias didáticas desses programas se diferem das do Projeto de Educação Bilingue, propostas no marco dos acordos com o MERCOSUL.

Faz-se necessário frizar que, no intercâmbio com professores brasileiros em escolas de língua espanhola, a língua portuguesa é vista como a língua do brasileiro e da oportunidade laboral no país vizinho. Já nas propostas da “Ley General de Educación” e do “Programa de Educación Inicial y Primaria”, a língua portuguesa é ensinada e valorizada enquanto língua materna do fronteiriço, ainda que a variedade padrão se diferencie da variedade praticada em âmbitos mais íntimos. Mesmo que a variedade padrão do português seja ensinada em sala de aula, verifica-se a preocupação em conservar a variedade linguística do português fronteiriço, tal como se evidencia na proposta do MEC:

La educación lingüística tendrá como propósito el desarrollo de las competencias comunicativas de las personas, el dominio de la lengua escrita, el respeto de las variedades lingüísticas, la reflexión sobre la lengua, *la consideración de las diferentes lenguas maternas existentes en el país (español del Uruguay, portugués del Uruguay, lengua de señas uruguaya)* y la formación plurilingüe a través de la enseñanza de segundas lenguas y lenguas extranjeras (MEC, 2008: Capítulo VII, Art. 40, Inc.5 in BROVETTO, 2010, p. 37 – grifo nosso).

Também no “Consejo de Enseñanza Primaria”, como se pode observar no fragmento citado abaixo, onde se justifica a introdução do ensino da língua portuguesa no contexto fronteiriço:

...la motivación para introducir la enseñanza del portugués (lengua materna para algunos niños y segunda lengua para otros) en el contexto fronterizo, deriva en primera instancia de la *necesidad de reconocer y respetar la identidad lingüística de la población escolar de esa zona*, pero también – y no menos importante – de la localización geográfica de nuestro país, que plantea la necesidad de comunicación a nivel regional (CEP, 2008, p. 59 in BROVETTO, 2010, p. 38 – grifo nosso).

E, finalmente, nos pressupostos da ANEP – “Administración Nacional de Educación Pública” (2008) –, são enumerados os objetivos a serem alcançados através da educação bilingue:

ANEP decidió implementar una experiencia de educación bilingüe en la región fronteriza con Brasil [...] La implementación de la enseñanza del portugués en esta área busca:

1. *Promover el bilingüismo y el bidialectalismo.*
2. *Respetar y valorizar la variedad lingüística fronteriza.*
3. Desarrollar la oralidad y la escritura en español y en portugués estándares.

4. Adquirir conocimientos en diferentes áreas del currículo escolar.
5. Mejorar los resultados académicos de los alumnos.
6. Promover actitudes positivas entre la escuela y la comunidad (ANEP, 2017, s/p – grifo nosso).

Efetivamente, nos documentos da ANEP (2008) sobre a educação bilíngue (que se referem também ao ensino de inglês e da língua de sinais para alunos surdos), destacamos a seção 5.1, na qual se estabelece uma “fuerte recomendación para los departamentos fronterizos”, advirtiendo sobre a necessidade de ensinar o português e o espanhol durante todo o ciclo de educação inicial até o 6º ano, em modalidade de educação bilíngue (ANEP, 2008, p. 69-70). Também se recomenda a educação bilíngue espanhol-português como sendo o modelo pedagógico mais adequado em matéria de língua a essa região pelas razões anteriormente apresentadas:

Un modelo de educación bilingüe implementado desde el nivel de Educación Inicial asegura que todos los niños vean contemplada su lengua materna en la escuela, al tiempo que adquieren y desarrollan niveles más formales y culto tanto del Portugués (primera lengua para algunos alumnos y segunda lengua con presencia en la sociedad, para otros), como de la lengua mayoritaria del país, el Español (ANEP, 2008, p. 70).

Consideramos pertinente citar, ainda, as considerações apresentadas pela “Administración Nacional de Educación Pública”, de 2008, a respeito da variedade não padrão da língua portuguesa do Uruguai, ou seja, do portunhol, no que se refere à sua presença no ambiente escolar.

El conocimiento y valoración de las variedades lingüísticas vernaculares no implica que la educación pública intente la enseñanza y expansión del Portugués del Uruguay, ni siquiera su utilización en el salón de clase como lengua de instrucción. Como se explica en la justificación de esta propuesta, el Portugués del Uruguay es característico de los ámbitos de comunicación espontáneos e informales, típicamente representados por las interacciones en el hogar o entre amigos. Es además una variedad ágrafa, sin el desarrollo léxico necesario para el trabajo con contenidos académicos. La variedad que deberá usarse en la educación como lengua de instrucción es el "Portugués Estándar" de Brasil, probablemente acorde a las normas propias del *Portugués Gaúcho de Fronteira* y, tal vez con el tiempo, de acuerdo a la norma generada de un Portugués Culto del Uruguay (ANEP, 2008, p. 69-70 – grifos do autor).

Lamentavelmente, soubemos através de Behares (2017, p. 185) que, apesar dos bons resultados apresentados entre os anos de 2003-2009 pelos programas de educação bilíngue, nos anos que se seguiram houve uma diminuição nas demandas administrativas do sistema de educação primária que provocaram a perda da assistência

técnica necessária, enfraquecendo a continuidade do trabalho que estava sendo desenvolvido. No entanto, Behares afirma que “su impacto en la jerarquización del portugués como lengua hablada en el país ha sido innegable, aparte los beneficios pedagógicos y de enseñanza para los usuarios del sistema” (BEHARES, 2017, 185).

Mudando o enfoque geográfico, julgamos interessante mencionar também, em relação às mesmas demandas por educação bi(pluri)línque no ensino superior, a criação da Universidade da Integração Latinoamericana (UNILA), na cidade de Foz do Iguaçu, Brasil, em 12 de janeiro de 2010, na qual os alunos têm aulas com professores brasileiros, paraguaios e argentinos em suas respectivas línguas, coadunando com um projeto político estratégico para o fortalecimento do relacionamento com os outros países da região, uma vez que possibilita a inclusão no ensino superior de alunos dos vizinhos Paraguai e Argentina, promovendo, assim, uma relação mais estreita entre os países latino-americanos e favorecendo o diálogo e a interação regional. Sob o viés político-pedagógico, a construção da UNILA visa a consolidar um novo modelo de educação superior por meio de um “intercâmbio cultural das racionalidades silenciadas, podendo funcionar como um espaço de experiência das epistemologias não hegemônicas”, pois tem por objetivo “incluir a diversidade numa proposta multicultural e multilínque para o desenvolvimento tecnológico de inovação com bases humanísticas, rompendo com os modelos tradicionais de ensino superior público no Brasil” (PONTES & TAVARES, 2014, p. 3).

No Uruguai, depois de aproximadamente 10 anos de experiência em formação inicial bilínque, abre-se pela primeira vez na história de formação docente a carreira de professorado em português em âmbito público. Em 2012, o Instituto de Profesores Artigas (IPA), em Montevideu, e o Centro Regional de Profesores del Norte (CeRP del Norte), em Artigas, passam a ser as primeiras instituições de ensino superior a oferecer a licenciatura em português no país (TORANZA, 2013, p. 290).

Sobre os resultados na educação bilínque e o ensino da língua portuguesa no Uruguai, podemos afirmar que a implementação dos programas bilíngues iniciada na fronteira fez com que o ensino da língua portuguesa chegasse e se consolidasse também na capital Montevideu¹³⁵, inclusive no curso superior, como mencionamos

¹³⁵ No ano de 1996 foram criados os “Centros de Lenguas Extranjeras” (CLE), e desde então são oferecidos cursos de francês, italiano e português como línguas optativas para alunos da rede pública de ensino, ademais da obrigatoriedade do inglês. Propostas para que o ensino de português seja obrigatório foram apresentadas em 2006, pela “Comisión de Políticas Lingüísticas de la Educación Pública”

anteriormente, dando ao português padrão o estatuto de língua da educação. Em sua variedade uruguaia, o português passou a ser considerado parte da identidade nacional a partir da recente vinculação do Uruguai como membro observador da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, conforme se lê em notícia vinculada pelo Ministério de Relações Exteriores do país: “La postulación se fundamentó por las históricas e innegables influencias de la lengua portuguesa en los cimientos de nuestra identidad como nación” (ALBERTONI, 2017, p. 249).

Após todo esse histórico sobre as planificações linguístico-educativas do Uruguai iniciadas em 2003 com a implantação de programas de educação bilíngue, seria pertinente pensar que o ensino sistemático da língua espanhola e portuguesa faria com que os falantes de portunhol se tornassem “competentes” nas variedades padrão de cada idioma, eliminando a mescla. No entanto, o que se verifica é que, apesar de todas as medidas adotadas para efetivar uma educação bilíngue – que provavelmente tinha como intenção verdadeira que os falantes realmente pudessem “falar bem” o espanhol e o português –, a mescla permaneceu e que sua existência não estaria relacionada à falta de educação formal ou incompetência e inabilidade. Nesse sentido, nos apoiamos nos pressupostos do linguista indiano Kanavillil Rajagopalan (2004), para quem as línguas mistas – entre as quais cita o portunhol, o *français* e o *spanGLISH* – são exemplos concretos da realidade linguística da atualidade, impensáveis até o final do século XIX, e que se encontram em constante processo de evolução. Segundo afirma, “as línguas não são meros instrumentos de comunicação [...] são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade” (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69).

6.3 A Literatura da Fronteira e a legitimação do portunhol

lengua hispana bésase con lengua portuguesa al sur de brasil
y salen hijos en portuñol
JORGE SPÍNDOLA – Poesía de fronteras

Após toda essa discussão sobre as políticas linguísticas que regem a educação na região fronteiriça, visando que as particularidades de fala dos habitantes da fronteira

(CPLEP), tendo sido acatadas somente na educação inicial das escolas da fronteira. (BARRIOS, 2017, p. 158).

sejam respeitadas e que as línguas híbridas e minorizadas sejam igualmente valorizadas no processo educativo, com o intuito de acabar com o preconceito linguístico e com o fracasso no rendimento escolar, recorreremos mais uma vez à literatura como o “lugar de transgressão” e “inovação cultural” (D’ANGELO, 2009, p. 3) para afirmar que o portunhol tem uma legítima existência literária, bem como a fronteira é seu legítimo (mas não único) espaço de enunciação e de produção.

Como bem recordado por Foffani, o portunhol, que antes era considerado como “un lenguaje apátrida, contraoficial, ilegítimo, en estado de rebeldía con el Estado, un lenguaje despreciado por su fealtá”, atualmente já tem assegurada seu “estatuto de lengua poética, capaz de simbolizar, en tanto metáfora conceptual, las apropiaciones culturales fronterizas relativas a las identidades que pueblan el imaginario popular” (FOFFANI, 2012, p. 45). E é graças ao trabalho com a linguagem e a escrita literária que o portunhol adquire literariedade e reconhecimento enquanto língua de uma comunidade fronteiriça.

Do mesmo modo como o poeta dá visibilidade a uma língua menosprezada e até estigmatizada, ele também é capaz de dar voz aos silenciados e excluídos do processo de conformação nacional por não atenderem ao padrão linguístico e cultural oficial, tendo suas particularidades plasmadas em função de um modelo montevideano vigente, que sempre esteve associado ao nível de letramento da população. Sendo o poeta um representante desse grupo minorizado, ao escrever sua literatura em sua língua materna híbrida, ele se permite, juntamente com seus pares, que o subalterno fale (SPIVAK, 2014), pois como destaca Behares (2017, p. 177), os falantes de português uruguaio “han estado siempre en posición subalternizada por su identidad de hablantes”. Acreditamos, portanto, que é dessa forma que Severo pensa sua obra, como uma maneira de permitir que seus pares se reconheçam naquilo que escreve e que se sintam representados e prestigiados, pois sua literatura em portunhol propicia-lhes em sentido de pertencimento através da representação escrita da sua língua materna:

Ya tengo pensado otro libro. Pero siempre con esa idea de dar voz a los que no tienen voz. De hablar de y con aquellos que no tienen acceso a la palabra, y así poder recuperar lo que pasaba en mi barrio; a mí me pasaba ir a mi barrio en Artigas y tener vecinos que estaban contentísimos porque yo había mantenidos sus nombres en el poema (así como a muchos no les gustaba que no los hubiera nombrado) (SEVERO in FOFFANI, 2012, p. 50).

Nomeados ou não, essas pessoas, recuperadas do “trauma do silêncio” (CARRIZO, 2018), se sentem representadas porque, como raríssimas vezes na literatura

uruguaia, puderam encontrar um paralelo entre o mundo poetizado por Severo e a sua forma de expressão e vida fronteiriças. Acreditamos que a literatura produzida em portunhol não atua somente no sentido de tornar possível a “visibilização de uma consciência linguística estigmatizada”, mas também como “ato de reivindicação literária – e, de maneira concomitante, de assignação de prestígio – da respectiva comunidade de fala e seu meio comunicativo natural” (LOCANE, 2015, s/p).

Sobre a relação política que reconhecemos na obra de Severo, outra vez recorremos a Foffani (2012), quando o crítico argentino observa que

Lo político irrumpe en el poema de la manera en la que lo pensaba Bertold Brecht: siempre y cuando lo estético esté en tensión con lo ideológico. Los poemas de Fabián Severo emocionan, apelan a ir al encuentro de las ideologías donde no hay sentido político posible si éste no tiende a transformar la realidad (FOFFANI, 2012, p. 48).

Se o ideológico se manifesta através do estético, defendemos que a linguagem igualmente se reveste de sentido estético e ideológico, uma vez que a linguística também terá seu papel político na difusão e legitimação da língua híbrida e minorizada de Severo, conforme se vem observando por meio dos estudos linguísticos que atestam a existência e uso do portunhol na fronteira do Uruguai com o Brasil. No entanto, acreditamos que, como afirma Rajagopalan (2004), a linguística por si só aparece como uma ciência que não alcança ao leigo que, muitas vezes, é para quem os estudos de linguagem são desenvolvidos. Assim, o linguista sugere que, mais que divulgação, a linguística necessita de interação que implica, por sua vez, entrosamento para alcançar aquele para quem a ciência se destina como público alvo. Em suas palavras, “a divulgação é monológica, unilateral. A interação é dialógica, uma conversa de mão dupla” (RAJAGOPALAN, 2004, p. 10). Desse modo, propomos que a literatura como esse espaço dialógico através do qual o público leigo dos estudos linguísticos se dará conta da existência e da legitimidade do portunhol e da população que se expressa e se identifica por meio da hibridação.

Conforme ressalta Carrizo, “existe um mundo de escritores que fazem da sua relação com seu entorno existencial, simbólico, imaginário e ideológico, ou seja, seu território, um local assumido como uma premissa do seu projeto escritural” (CARRIZO, 2010, p. 27). Nessa perspectiva, acreditamos que o projeto escritural de Severo está intimamente relacionado ao seu território fronteiriço (ainda que possa ter querido negá-lo em certo momento de sua vida) e, também, à língua que se origina nessa região em

decorrência da interação entre as línguas oficiais de cada país da fronteira. Severo fala sobre essa relação com a fronteira e sobre o sentimento provocado pela instabilidade do não-pertencimento a uma pátria definida e da não-aceitação da sua língua:

A mí me ha pasado el re-descubrimiento de la frontera pero pasé mucho tiempo de mi vida queriendo no ser de allí, queriendo ser uruguayo, queriendo hablar correctamente, de hecho soy profesor de Lengua y Literatura. Pasé por muchos niveles de la Educación y en todas esas instancias me fueron corrigiendo y de algún modo también arreglando. Nosotros nos sentimos menos y ese menos tiene que ver con que no somos enteramente de allá ni de acá (SEVERO in FOFFANI, 2012, p. 54).

Esse sentimento de inferioridade, informado por Severo em suas entrevistas e retratado por meio de suas personagens, deve-se ao fato de sua língua materna nunca ter tido o prestígio do espanhol nacional e de sua origem fronteiriça ser também carregada de preconceitos e descaso. Mas é por meio de sua escrita literária em português e da representatividade da vida na fronteira que o poeta aos poucos vai dando visibilidade à língua e a seus falantes, fazendo com que estes também se reconheçam no processo de construção das formas de identificações nacionais do Uruguai.

Rebelando-se contra o ideal monolíngue defendido pelo Estado, desprezando o mercado editorial, contrariando as regras gramaticais e escapando às políticas linguísticas que insistiam em negar o português uruguaio, Severo resolve fugir da perseguição dos “donos da língua”, que teimam em não aceitar seu português e, assim, o poeta decreta que “sua única salvação é esconder-se na Literatura”, pois “A poesia é sua única trincheira”:

Mas los fiscal da língua también quieren invadir mi refugio. Mandaron una profesora me decir que no está de acuerdo con lo que hago en mis poema. Y yo me pregunto: ¿cómo se faz pra no estar de acuerdo con la Literatura? Es como si un amigo me disiera que va hacer una canción y yo grite pra él: *no estoy de acuerdo*. ¡Pobres fiscal! Después de todos los años de estudio, no aprendieron la diferencia que hay entre un libro de poema y un manual de gramática. Eles están enojados porque dicen que mis verso no respetan ninguna regla, que mis palabra están tortas, que mis plural son incerto. ¡Pobres fiscal! Yo los entiendo. Ellos no leen poema pra se emocionar o se divertir, para odiar o extrañar, eles leen para encontrar las norma que los van ayudar a salvar un examen en la Universidad. Escarvan mis adjetivo, miden mis conjugación, pesan mis sustantivo para poder se recibir de comisario lingüístico. ¡Pobres fiscal! Leen Literatura pra estudiar lengua. Desarmen los cuento pra encontrar las preposición, memorizan los verso pra descubrir los modo verbal, asesinan las novela para encontrar un pronombre. Para ellos, la Literatura es solo un depósito de palabras. (SEVERO, 2017, p. 33-34)

Acreditamos que, através da escrita literária juntamente dos estudos sociolinguísticos, aos poucos, a intolerância e preconceito vem sendo desfeitos e o

respeito e valorização podem ser alcançados, pois, pudemos comprovar, durante o período da escrita da tese e por meio das pesquisas realizadas, que muitos passos foram dados em direção à aceitação da língua híbrida e minorizada, desde a proibição do português e do portunhol acentuada no período ditatorial quando eram considerados uma “presença antinacional”, as repressões em diversos âmbitos (educação, instituições oficiais, forças armadas, polícia, meios de comunicação, entre outros, como nos recorda Behares (2017, p. 177) até o profícuo trabalho de pesquisa e legitimação da língua, que levou ao seu reconhecimento em 2008 como português uruguaio e as demandas por consagrá-lo como patrimônio cultural imaterial do Uruguai pela UNESCO.

A persistência do portunhol leva-nos a perceber que a língua tem um forte valor identitário e cultural, que se nutre do contato e interação das culturas e línguas. Portanto, como já defendido, a hibridação não deve ser considerada deficiência e sim uma competência que necessita ser reconhecida e valorizada no ambiente escolar e fora dele:

Queridos profesor, cuando lleguen en mi casa, van comprobar que a pesar del olvido que nos quisieron pintar, du silencio que tuvimos que guardar, istamo despertando, como un volcán que durmió en los siglo, pero que ahora impieza a toser, y esa tos istá intreverada com pedra du Brasil y fuego de Uruguay (SEVERO, 2017, p. 35).

Fabián Severo, na citação acima, faz uma espécie de alerta aos professores e demais gestores da educação, advertendo que a língua persiste apesar de tudo e que seus falantes não mais se calarão diante da intolerância e desrespeito a que foram submetidos. O português do Uruguai resiste e configura-se, nas palavras de Behares, como “la llave de la cultura fronteriza, de las formas de vida de las comunidades, de los conocimientos espontáneamente adquiridos, de la subjetividad social y receptáculos de valores que hacen a la identidad histórica de las sociedades fronterizas” (BEHARES, 2007, p. 166). Assim sendo, a língua configura-se como uma forma de identificação do sujeito transfronteiriço, otorgando-lhe seu “visto” de passagem de um lugar ao outro da fronteira:

Tal vez un día, todos seamos a frontera mesma de un solo mapa, onde no haya que pasar aduanas para abrazar a una madre o responder interrogatorios pra beixar um hermano. Onde soñemos una sola poesía. Eu soño con un futuro onde la única língua seja la humana porque ya no vamo ser un continente, vamo ser el contenido (SEVERO, 2017, p. 35).

Considerações finais

Vengo de la frontera de Uruguay con Brasil. Allí las palabras no necesitan visas ni respetan aduanas, hablamos portuñol, y que durante muchos años, algunos quisieron hacerlo un dialecto indigno hablado por pobres. Pero el portuñol es una lengua rebelde que no respeta geografías ni autoridades – SEVERO, La Habana, 2012.

Este trabalho de pesquisa, que começou como um estudo literário sobre o portunhol da fronteira Uruguai/Brasil, acabou por configurar-se em um estudo multidisciplinar que avançou sobre as áreas da História, Geografia, Sociolinguística, Psicolinguística, Educação e até para a área jurídica referente à legislação da fronteira e suas políticas linguísticas. Avançou ainda sobre os mapas, “voando” de um país ao sul das Américas para a fronteira dos Estados Unidos com México, na América do Norte. Tal como o portunhol, que segundo Severo, não respeita geografias nem autoridades, nós também tentamos desafiar as fronteiras em sua concepção mais tradicional de separação para propor um estudo que ponha em contato não só as línguas, como também as literaturas, as culturas e as formas de identificações que tentamos definir não para criar novas fronteiras de identificação, como alerta Grimson (2015, p. 183), mas para dar a conhecer e respeitá-las na sua diversidade, multiplicidade e contingência.

Ao assumir as línguas híbridas e minorizadas como línguas literárias, escritores como Severo e Anzaldúa põem em tensão questões outras para além da representação literária do modo de falar das fronteiras físicas e simbólicas. São acionadas questões referentes a reconhecimento e respeito às formas de expressão e de identificação que escapam ao molde das línguas e identidades hegemônicas.

Conforme reflete Carrizo (2017), em diálogo com Mignolo (2003), as poéticas e políticas desses escritores que venceram a tradição do silêncio a que vinham sendo relegados devido sua posição à margem e suas línguas minorizadas híbridas, expressando-se em suas obras e também em entrevistas, ajudaram a iluminar “os jogos de poder dentro do campo literário na avaliação sempre mediada das escolhas, dos processos e dos projetos”. Assim, desafiando uma pretensa língua e identidade nacionais, Severo, Anzaldúa – e acrescentamos o caso emblemático de Arguedas – e

muito outros escritores reforçaram seu amor pelo plurilinguajamento como um modo de legitimar suas formas de identificação e de expressão híbridas, ao “articular e reaver suas memórias (afetiva, histórica e cognoscitiva)” como escritores transfronteiriços, acabaram por demonstrar “uma forma liminar de apreender o mundo” (CARRIZO, 2017, p. 6480).

Ignorando a assertiva de que “as obras vindas das regiões menos dotadas literariamente também são as mais improváveis, as mais difíceis de impor” (CASANOVA, 2002, p. 26) e que, quando emergem e são reconhecidas, o conseguem de forma quase milagrosa, esses escritores combatem o “ intercâmbio desigual” do espaço literário centralizado ao defender suas obras executadas de fora do centro e de maneira nada convencional no que tange à linguagem empregada em suas práticas artísticas, sejam elas manifestadas por meio da escrita literária ou das performances públicas nas quais defendem suas línguas minorizadas, mesmo cientes de que a língua seja um dos principais componentes do capital literário e, portanto, assumindo o desafio de ampliar a literariedade dessas línguas.

Enfatizando o campo literário que se verifica em função do portunhol uruguaio, gostaríamos de propor, a efeito de conclusão, que a literatura escrita em portunhol contribui para dar o devido reconhecimento à língua que é falada na região fronteiriça entre Uruguai e Brasil e à sua correspondente comunidade de fala, podendo inclusive funcionar como língua de mediação cultural entre os falantes nativos de espanhol e português, pois o portunhol fronteiriço estaria apto a promover a reconciliação entre as línguas que estiveram, durante um longo período, disputando o mesmo território geográfico – reconciliação das línguas no sentido de não mais necessitarem disputar o mesmo território, convivendo-se assim em comunhão na interação.

Como uma língua híbrida que não nega sua condição de mescla e precariedade, mas nem por isso se deixa apagar pelas políticas linguísticas que se sucederam com esse intuito, o portunhol permanece como forma de expressão e de identificação para essa comunidade transfronteiriça. Por isso, consideramos que políticas linguísticas devem ser pensadas de modo a reparar a injustiça histórica a que foram submetidos os falantes de comunidades linguísticas que têm outra língua diferente da oficial ou nacional, promovendo equidade de acesso e de valorização das línguas híbridas. É nesse sentido que acreditamos que o ensino bilíngue (de português e espanhol ou de espanhol e inglês) deve ser considerado como um direito linguístico assegurado nos casos em que as línguas coexistem em determinadas regiões, como as apresentadas neste trabalho de

pesquisa. Os sujeitos que vivem a bi(pluri)lingualidade, ao ter acesso à educação nas línguas de seu convívio, passam a ter a opção de manter a sua variedade de língua mesclada e usá-la quando lhes aprouver ou, ainda, optar pela variedade padrão da língua de maior prestígio. Barrios (2017) nos adverte de que compatibilizar ambos os aspectos não é simples, visto que, na maioria das vezes, quando o falante reconhece as vantagens sociais e laborais relacionadas à variedade de maior prestígio, este tende a abandonar a sua variedade minorizada. No entanto, acreditamos que se o grupo de língua minorizada reconhece o valor cultural, histórico e social da sua língua, esta tende a ser preservada como umas das formas de identificação e a literatura, bem como a música e outras formas artísticas, apresenta-se como uma maneira a partir da qual essa comunidade de fala possa ver-se representada e orgulhar-se de sua língua e cultura. Também acreditamos que toda a formação cultural que se consolida em prol da língua híbrida apresenta-se como uma maneira de legitimá-la e de fazê-la conhecida e respeitada. Desse modo, referendamos o slogan do movimento que busca elevar o portunhol à categoria de patrimônio imaterial cultural quando estes afirmam que a língua não é “ni una cosa ni otra” e sim “las dos cosas al mismo tiempo”. Da mesma forma, gostaríamos de propor que os sujeitos transfronteiriços mantêm suas marcas brasileiras sem deixar de ser uruguaios e os chicanos são estadunidenses sem abandonar sua mexicanidade, constituindo-se assim como sujeitos com multi-identidades e aspectos de pluriculturalidade e plurilinguajamento, desestabilizando a noção, em geral, homogeneizante, das identidades nacionais.

Nossa proposta consiste em reconhecer a literatura como uma das maneiras de dar representatividade para outras vozes que se viram apagadas do processo de conformação de língua e identidade nacionais, quando lhes foi negado o reconhecimento de suas diferenças em detrimento do predomínio e prestígio do espanhol (ou do inglês, no caso dos chicanos). Defendemos que o sujeito transfronteiriço deve ser considerado em sua plurilinguagem e pluriculturalidade e que já não se sintam excluídos nem discriminados por sua forma de expressar-se e por sua condição geograficamente à margem. Acreditamos que, ao levar para academia as reflexões sobre essas novas configurações culturais, linguísticas e identitárias, estaremos fomentando o respeito, a tolerância e o entendimento de que elas também existem e que não devemos fazer juízos de valor em comparação com as formas homogeneizantes e nacionalistas.

Ao eleger a fronteira Uruguai/Brasil como espaço de enunciação para esta pesquisa, gostaríamos de propor que as reflexões aqui esboçadas também possam servir de parâmetro para pensarmos situações semelhantes nas quais o sujeito se vê excluído do processo de nacionalização devido as suas contradições e ambiguidades, que acabam por estigmatizá-lo.

Devemos estar atentos, enquanto professores, de que negar ao aluno a língua materna com a qual se formaram suas primeiras noções, ideias e estruturas cognitivas primárias, que é a mesma língua com a qual se formaram seus primeiros vínculos afetivos e sociais, estamos negando-lhe também parte de sua forma de identificação linguística e cultural. Portanto, esperamos que este trabalho de pesquisa se constitua como um modo de promover a diferença para afirmá-la e respeitá-la e, assim, atuar como uma das formas de reparação histórica para aqueles que encontraram problemas de integração social e educacional devido ao fato de sua língua materna ser diferente da língua oficial padrão imposta no ambiente escolar, tendo eles próprios que renunciar sua verdadeira conformação linguística em prol da aceitação social. Para finalizar, gostaríamos de propor que a literatura pode ser um dos meios pelos quais podemos (re)conhecer o outro, pois esses escritores, ao darem voz a suas personagens de línguas híbridas minorizadas, ajudam a promover a representatividade dessas comunidades de fala que se mantinham na tradição do silêncio. Ao se sentirem representados, esperamos que esses sujeitos transfronteiriços passem a ter orgulho da língua que é uma de suas marcas de identificação transfronteriça, já que para eles o bi(pluri)linguajamento não é uma opção e sim um estilo de vida, que se refere a uma atividade de resistência e reinvenção pessoal dentro de um coletivo transfronteiriço. Desse modo, atividade literária se delinea para esse substrato sócio-cultural como o reinventar artístico de sua forma de expressar e de viver.

Referências

ABRANTES, Fernanda Arruda. *Portunhol Selvagem: hibridação linguística, multiterritorialidade e delírio poético*. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

ACHUGAR, Hugo. Uruguay, el tamaño de la utopía. In: *La balsa de la Medusa: ensayos sobre identidad, cultura y fin de siglo en Uruguay*. Montevideo: Ediciones Trilce, 1992. P. 11 a 27.

ACOSTA, Venancio. La primavera del bagazo: El español quiere ser patrimonio. In: *Revista Ajena* (digital). 28 out. 2015. Disponível em: <http://www.revistaajena.com/la-primavera-del-bagazo/> Acesso em: 12 nov. 2016.

ACUÑA, Rogerio. *América ocupada: los chicanos y su lucha de liberación*. México: Era, 1976.

ADIALA, C. S. M. *Efeitos de Políticas Públicas em cidades de fronteira: Uruguaiana e Santana do Livramento (RS)*. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.retis.igeo.ufrj.br/producao/dissertacoes/efeitos-de-politicas-publicas-em-cidades-de-fronteira-uruguaiana-e-santana-do-livramento>. Acesso em: 13 mai. 2014.

AINSA, Fernando. Discurso identitário y discurso literario en América Latina. In: *Amerikas Revues*. N1, 2010. Disponível em: <<https://amerika.revues.org/478>>. Acesso em 12 mai. 2016.

_____. *Identidad cultural de Iberoamérica en su narrativa*, Gredos, Madrid, 1986.

_____. *Del canon a la periferia*. Encuentros y transgresiones en la literatura uruguaya. Montevideo: Trilce, 2002.

_____. *Del topos al logos: propuestas de Geopoética*. Madrid: Iberoamericana, 2006.

ALBERTONI, Pablo. Ideologías lingüísticas sobre el contacto español-portugués en el departamento de Rocha: la otra frontera. In: ACEVEDO, F., NOSSAR, K. & VIEIRA, P. (Org.). *Miradas sobre educación y cambios*. Montevideo: UDELAR/CFE, 2016. Pp. 247-257.

ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. *Literatura/Sociedad*. Buenos Aires: Hachette, 1983.

ALVES, Aníbal. Creación intelectual. In: *Revista Artigas – Los departamentos*. N17. Montevideo: Editorial Nuestra Tierra, 1970. p. 41- 47.

ANEP. *Documentos de la Comisión de Políticas Lingüísticas en la Educación Pública*. Administración Nacional de Educación Pública, Montevideo: Consejo Directivo Central, 2008.

_____. *Documentos e informes técnicos de la comisión de políticas lingüísticas en la educación pública*. Montevideo: ANEP-CODICEN, 2006-2007.

_____. ANEP impulsa Programa de Educación en Portugués en Inmersión para la frontera con Brasil. In: *Archivo Presidencia Gobierno de Uruguay*, 09 may 2008. Disponible em: <http://archivo.presidencia.gub.uy/web/noticias/2008/05/2008050910.htm>. Acesso em: 04 mar. 2017.

ANZALDÚA, Glória. Como domar uma língua selvagem. Trad. Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos e Viviane Veras (revisão). In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua português*. N. 39, p. 297-309, 2009.

_____. *Borderlands/ La frontera: la nueva mestiza*. 1ª edición en español. Trad. Norma Eliá Cantú. Programa Universitario de Estudios de Género: México, D.F, 2015.

_____. *Borderlands/ La Frontera: The New Mestiza*. 2ª edición en inglés. Aunt Lute Books: 1999.

ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico – Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARGUEDAS, José Maria. Entre el kechwa y el castellano: la angustia del mestizo . In: *La Prensa*. Buenos Aires: Sicuani, 1939. Disponible em <https://copypasteilustrado.wordpress.com/2012/10/17/arguedas-si-escribimos-en-quechua-hacemos-literatura-estrecha-y-condenada-al-olvido/>. Acesso em 12 fev. 2018.

_____. Tupac Amaru Kamaq Taytanchisman. In: *Obras Completas*. Tomo V. Lima: Editorial Horizonte: 1983, p. 224-233.

BARRIOS, Graciela. Discursos hegemónicos y representaciones lingüísticas sobre lenguas en contacto y de contacto: español, portugués y portuñol fronterizos. In: D. Da Hora y R. Marques de Lucena (orgs.) *Política Lingüística na América Latina*. João Pessoa, Idéia/Editora Universitária, 2008. p. 79-103.

_____. Planificación lingüística y Mercosur: el caso uruguayo. In: *Encontro sobre políticas lingüísticas*, 1995, Curitiba - PR. *Anais...* AUGM – Universidade Federal do Paraná – Ministério da Educação e do Desporto, 1995. p. 41-49.

_____. Políticas lingüísticas en el Uruguay: estándares vs. dialectos en la región fronteriza uruguayo-brasileña. In: *Boletín da Abralin*, v. 24, p. 65-82, 1999.

_____. Barrios, G. Políticas de desetnización y patrimonialización lingüística en la frontera uruguayo con Brasil. In: *Anuario de glotopolítica*, Nº 1. Buenos Aires: Editorial Cabiria, 2017. Pp. 151-169.

BARRIOS, G. et al. *Planificación y políticas lingüísticas en Uruguay*. Universidad de La República: Departamento de Psico y Sociolingüística, Montevideo, 1992.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 198- 238.

BEHARES, Luis E. *Planificación lingüística y educacional en la frontera uruguaya con Brasil*. Instituto Interamericano del Niño, OEA, Montevideo, 1984.

_____. Transliteraciones Fronterizas (Prefácio). In: *Noite nu Norte/Noche en el Norte: Poesía de la frontera*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2011.

_____. Educação fronteiriça Brasil/Uruguai, línguas e sujeitos. In: *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 17-24, set./dez. 2010. Pp. 17 – 24.

_____. Los estatutos jurídicos del portugués en Uruguay. Cosideraciones desde las políticas y los derechos lingüísticos. In: ACEVEDO, F., NOSSAR, K. & VIERA, P. (Org.). *Educación y democracia: desafíos para la transformación*. Montevideo: UDELAR/CFE, 2017. Pp. 175-192.

_____. Portugués del Uruguay y educación fronteriza. In: BROVETO, GEYMONAT & BRIAN (Org.) *Portugués del Uruguay y Educación Bilingüe*. Montevideo: ANEP-CEP, 2007.

BEHARES, L. E.; ANOLLÉS, P. *Evaluación de la primera etapa del Propeler*. Rivera: Instituto de Psicología, 1990.

BISIO. Agustín Ramos. *Brindis Agreste*. Tomo I, 3ª Ed. Montevideo: Imprenta Letras S/A, [1947] 1966.

_____. *Brindis Agreste*. Tomo II. Edición póstuma. Montevideo: Editorial Martin Bianchi Altuna, 1955.

BOLIVAR, O. M. Agustín R. Bisio: rasgos biográficos. In: *Brindis Agreste*. Tomo II. Edición póstuma. Montevideo: Editorial Martin Bianchi Altuna, 1955.

BORDOLI, Domingos Luis. *Antología de la poesía uruguaya contemporánea*. Tomo I. Montevideo: Letasr Nacionales, 1966.

BOTTARO, Silvia E. G. “El fenómeno del bilingüismo en la comunidad fronteriza uruguayo-brasileña de Rivera”. In: *Anais Congresso Brasileiro de Hispanistas*. São Paulo, 2002. Disponible em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000100053&script=sci_arttext. Acesso em 12 nov. 2016.

BROVETTO, Claudia. Educación bilingüe de frontera y políticas lingüísticas en Uruguay. In: *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 25-43, set./dez. 2010. Disponible em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v21n3/v21n3a03.pdf>. Acesso em 24 jan. 2017.

BURGO, Clara. Sobre la historia oral como recurso de representación en cursos de conversación para hablantes de herencia. In: LECO et al (colaboradores). *Latin@/American images: transnational identities/ Imágenes latinas y latinoamericanas: identidades transnacionales*. Morelia, México: UNAM/UMSNH/IIIEE, 2014. Pp. 23 a 36.

BUSTAMANTE, Jorge A. El espada mojada, informe de un observador participante. In: *Chicanos: Antología histórica y literaria*. Fondo de Cultura Económica: México, 1980. Pp. 144 a 187.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 227-228 e 230.

CAMBLONG, Ana. Habitar la frontera. In: Velasquez, Teresa. *Fronteras*. 1ª ed. Buenos Aires: La Crujía, 2009.

CANCLINI, Néstor García. *Cultura híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. Introdução para a edição de 2001. In: *Cultura híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

CANTÚ, Norma. Traducir: abrir caminhos, construir puentes (prefácio). In: *Borderlands/ La frontera: la nueva mestiza*. 1ª edición en español. Trad. Norma Eliá Cantú. Programa Universitario de Estudios de Género: México, D.F, 2015.

CARDOSO, Pedro. O Candombe afro-uruguaio: “Por quem os tambores chamam” – In: *Geledés*. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/o-candombe-afro-uruguaio-por-quem-os-tambores-chamam/#ixzz4BzSH8YHZ>. Acesso em 13 abr. 2016.

CARRIZO, Silvina L. Projetos literários: subjetividades, linguagens e territórios. In: *Relações Literárias Interamericanas: Território & Cultura*. CARRIZO & NORONHA (ORG.), Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

_____. Campos literários expandidos (comunicação). In: IX Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2016, Foz do Iguaçu. UNILA/UNIOESTE (não publicado), 2016.

_____. Arquivos e memórias de línguas: o tupi-guarani. In: *Modos de arquivo: literatura, crítica, cultura*. Organização: Haydée Ribeiro Coelho e Elisa Amorim Vieira. 1. ed. Rio de Janeiro: Batel, 2018, p.355 - 369.

_____. Cenas iniciáticas e plurilinguajamento em Mais ao sul, de Paloma Vidal. In: *Anais ABRALIC 2016. XV ABRALIC: experiências literárias textualidades contemporâneas*, 2016a, p. 6189-6197. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1490918496.pdf. Acesso em: 16 mai. 2018.

_____. Linguagens de mescla: memória, línguas e territórios. In: *Anais ABRALIC 2017. XVI Congresso Internacional da ABRALIC: Textualidades Contemporâneas*. UERJ, 2017, p. 6479-6490. Disponível em: http://abralic.org.br/downloads/2017_anais_ABRALIC_vol_4.pdf. Acesso em 21 mai. 2018.

CARVALHO, Ana Maria. Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai. In: *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 45-65, set./dez. 2010.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASTILLO, Richard Griswold del. *Aztlán reocupada: Una historia política y cultural desde 1945*. Edição bilíngue (*Aztlán reocupada: A Political and Cultural History Since 1945*). 1ª Edição. México, DF: CISAN/UNAM, 1996.

CERUTTI, Horacio G., et al., *Diccionario de Filosofía Latinoamericana*, Universidad Autónoma del Estado de México, Toluca, 2000, pp. 94-98.

COUTINHO, Fernanda Maria Abreu. Pierre Bourdieu e a gênese do campo literário. In: *Revista de Letras*. N.25, Vol. 1/2, jan/dez. 2003. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl25Art09.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

D'AMORE, Anna. Traducción en la zona de contacto. In: *Mutatis Mutandis*. Vol 3, Nº 1. 2010. Pp. 30-44.

D'ANGELO, Biagio. Transgressions, contaminations, frontières: en dialoguant avec Jean Bessière. In: *Revista Ixchel*, Asociación de Literatura Comparada de América Central y del Caribe (ALICAC), v. 1, p. 1 – 16, 2009.

DA ROSA, Enrique. Portuñol, lengua de la frontera. In: DA ROSA (Coord.) *Jodido Burshishe*, del hablar al ser (Proceso de postulación del Portuñol como Patrimonio Cultural Inmaterial). Montevideo: MEC/CENTROMEC, 2017. Pp. 9-16.

DEL PINO, Salvador Rodríguez. El idioma de Aztlán: una lengua que surge. In: *Chicanos: Antología histórica y literaria*. Fondo de Cultura Económica: México, 1980. Pp. 129 a 135.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka – Por uma literatura menor*. (Trad. Júlio Castañon Guimarães). Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ELIZAINCÍN, Adolfo. El bilingüismo de la frontera uruguayo-brasileña. In: *Letras de Hoje*: 20. Porto Alegre, 1975. P. 65-75.

_____. *Algunas previsiones sobre los dialectos portugueses del Uruguay*. Montevideo-Uruguay: División de Publicaciones y Ediciones/ Universidad de la República, 1979a.

_____. Estado actual de los estudios sobre el fronterizo uruguayo-brasileño. In: Separata de *Cuadernos del Sur*. N12. Departamento de Ciencias Sociales: Universidad Nacional del Sur, Bahía Blanca: 1979b. p. 119 - 140.

_____. *Dialectos en contacto*. Español y portugués en España y América. Montevideo: Arca, 1992.

ELIZAINCÍN, BEHARES, BARRIOS. *Nós falemo brasileiro*: Dialectos portugueses em Uruguay. Montevideo: Editorial AMESUR, 1987.

ETCHEMENDI, Javier. Un lugar en donde el agua no toca la tierra (Prólogo). In: SEVERO, Fabián. *Noite nu Norte/Noche en el Norte: Poesía de la frontera*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2011.

FERNANDEZ, Freddy. *Portuñol de Rivera pasó de estigma a riqueza lingüística* (em espanhol). Disponível em: http://www.elpais.com.uy/ProDig/Uruguayos/06/03/16/esp_urugud_206659.asp>. Acesso em: 19 out. 2015.

FERNÁNDEZ GARCÍA, María Jesús. Portuñol y literatura. In: *Revista de Estudios Extremeños*. Tomo LXII, N° II. Badajoz: Departamento de publicaciones Excelentísima Diputación Provincial, 2006, p. 555-77. Disponível em: <http://www.dip-badajoz.es/publicaciones/reex/rcex_2_2006/estudios_02_rcex_2_2006.pdf> Acesso: 22 dez. 2015.

FERNÁNDEZ, R. La subversión del inglés. In: *Anais II Congreso Internacional de la Lengua Española*, Valladolid, 2001. Disponível em: http://congresosdelengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/3_el_espanol_en_los_EEUU/fernandez_r.htm. Acesso em 19 jun. 2017.

_____. La educación bilingüe: Ideología, legislación y litigio. In: *Los chicanos: Experiencias socioculturales y educativas de una minoría en los Estados Unidos*, México: UNAM, 1980.

FOFFANI, Enrique. La frontera Uruguay-Brasil: Fabián Severo, el poeta sin gramática. In: *Katatay*. Ano VIII, N° 10, set. 2012. P. 43-67. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/180953/mod_resource/content/2/Entrevist%20y%20antolog%C3%ADa%20de%20Fabi%C3%A1n%20Severo%2C%20revista%20Katatay.pdf. Acesso em 12 mai. 2016.

FONTICELLI, Alfredo. Entrevista a Fabián Severo. In: *Café Literario* (Programa televisivo). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MnDFGUE2H_s. Acesso em: 12 ago. 2017.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e coisas da Fronteira Sul*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

FUENTES, Ignacio Trejo. *De acá de este lado*. México: Frontera, 1998.

FUSTES, Juan Manuel. “Lengua y sujeto en las investigaciones acerca de la frontera uruguaya con Brasil: apuntes sobre sus determinaciones teóricas”. In: *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 67-81, set./dez. 2010.

GARCÍA ARGÜELLES, Elsa Leticia. *Mujeres que cruzan fronteras: Estudio sobre literatura chicana femenina*. 1ª ed. Zacatecas, México: Ed. UAZ, 2010.

GAUVIN, Lise. Em torno do conceito de literatura menor. Variação sobre um tema maior. In: BERTRAND, Jean Pierre ; GAUVIN, Lise ; DEMOULIN, Laurent (Orgs.). *Littératures mineures en langue majeure*. Québec/Wallonie-Bruxelles. (Actes du colloque de Liège, 9-11 octobre 2001). Presses interuniversitaires Européennes, Les

presses de l'Université de Montreal, 2003, p. 19-40. Tradução interna do Grupo de estudos em linguagens mestiças, feita por Daniel da Silva Moreira.

GIMÉNEZ, Gilberto. La frontera norte como representación y referente cultural en México. In: *Cultura y representaciones sociales*. Año 2, N3, 2007. P. 17 a 34. Disponível em: <<http://www.culturayrs.org.mx/revista/num3/Gimenez.pdf>>. Acesso em 27 jul. 2017.

_____. La identidade como cultura y la cultura como identidade. In: *Estudios Culturales Estadounidenses: una bibliografía comentada*. Mar. 2013. Disponível em: <https://estudioscultura.wordpress.com/2012/03/13/gilberto-gimenez-la-cultura-como-identidad-y-la-identidad-como-cultura/>. Acesso: 06 ago. 2017.

GOLIN, Tau. *A Fronteira: Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina*. Porto Alegre: L&PM Editoras, 2002.

GRIMSON, Alejandro. *Los limites de la cultura – Crítica de las teorías de identidad*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.

GRINBERG, Keila. Escravidão e Relações Diplomáticas Brasil e Uruguai, século 19. In: *4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba, maio, 2009. Disponível em: http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=65. Acesso em: 15 mai. 2016.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à mutiterritorialidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HERGOVICH, Guido. La cayorra sin patente. In: *Cuadernos LIRICO: Argentina y Uruguay: lecturas del país vecino en la literatura rioplatense contemporánea (siglos XX y XXI)*. Nº 8, 2013. Disponível em: <http://lirico.revues.org/1029.z>. Acesso: 04 dez 2015.

IBARGOYEN ISLA. *Fronteras de Joaquim Coluna*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1975.

KRON, Stefanie. Prácticas de ciudadanía y migración transnacional. In: HERRERA & RAMÍREZ (Editores). *América Latina migrante: Estado, familia, identidades*. Quito, Ecuador: FLACSO Ecuador/ Ministerio de Cultura, 2008. Pp. 393 a 421.

LAGARES, Xoán. Minorias linguísticas, políticas normativas e mercados. Uma reflexão a partir do Galego. In: LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos (Orgs.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 169-192.

LANDI, Jorge. Prólogo. In: TRELLES, Paco. *Las sombras del Yagurón: Relato de la vida, el amor y la amistad de un hombre de frontera*. 1ª ed. Montevideo: Mastergraf, 2013.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIMA, Rafael Peter de. Nacionalidades em disputa: Brasil e Uruguai e a questão das escravizações na fronteira (séc. XIX). In: *4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba, maio, 2009. Disponível em: http://www.escravidaoliberdade.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=65. Acesso em: 15 mai. 2016.

LIPSKI, John. *El español de América*. Trad. Silvia Iglesias Recuero. Madrid: Cátedra, 1996.

LOCANE, Jorge L. Disquisiciones em torno al portunhol selvagem: del horror de los profesores a una “lengua pura”. In: *Perífrasis: Revista de Literatura, Teoría y Crítica*. Univeridad de los Andes, Colombia, 2015.

LOPES, Nádia Portela. Oralidade na literatura: a representação do portunhol na poesia fronteira de Agustín R. Bisio. In: *Anagrama: revista científica interdisciplinar da graduação da USP*. Ano 4 – Ed. 2. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35503>. Acesso em 07 jan. 2015.

LÓPEZ, Brenda V. de. *Lenguaje Fronterizo em obras de autores uruguayos*. Montevideo: Talleres gráfico de la Comunidad del Sur, 1967.

MACIEL, David R.; PADILLA, Christiane I. de; PADILLA, Amado M. Los chicanos: ensayo de introducción. In: *Chicanos: Antología histórica y literaria*. Fondo de Cultura Económica: México, 1980. Pp. 104 a 119.

MARTÍN, Luciana Mara. Borderlands/La Frontera, de Gloria Anzaldúa: la construcción de una nueva conciencia y el relato de la Historia. (Resenha acessível no site da Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires). Disponível em: www.filo.uba.ar/contenidos/secretarias/.../42.20.pd. Acesso em 30 dez. 2014. Pp. 135-139.

MECyT & MEC. *Programa Escolas Bilíngues de Fronteira: modelo de ensino comum em escolas de zona de fronteira, a partir do desenvolvimento de um programa para a educação intercultural, com ênfase no ensino do português e do espanhol*. Buenos Aires/Brasília: 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Escolafronteiras/doc_final.pdf. Acesso em 14 set. 2016.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN Y CULTURA. “Visión del Sector Educativo del MERCOSUR” e “Misión del Sector Educativo del MERCOSUR”. In: *Educación y MERCOSUR*. Nº8, REPÚBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY: Ministerio de Educación y Cultura. Montevideo, Uruguay, 2007.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MILREU, Isis. Entrevista: Fabián Severo. In: *Revista Letras Raras*. V.4, Ano 4, Nº 3. Campina Grande, 2015. Pp. 263 – 266. Disponível em:

<http://150.165.111.246/revistarepol/index.php/RLR/article/view/475>. Acesso em 13 mai. 2016.

MONTAÑO, Oscar. Los afrodescendientes: Entrevistas realizadas por Lil Vera y Juan Cristiano. In: AROCENA & AGUIAR (editores). *Multiculturalismo en Uruguay Ensayo y entrevistas a once comunidades culturales*. Montevideo: Ediciones Trilce, 2007. Pp. 103 – 109.

MORELLO, Rosângela. Linguística de fronteira: Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira: educando para uma cidadania ampla. In: *I Seminário de Gestão em educação linguística de fronteira no MERCOSUL*, ago, 2011. Disponível em: <<http://seminariogelf.blogspot.mx/p/linguistica-de-fronteira.html>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

MUNIZ, Lucio. Uruguayos de raíz vasca. In: *Espacio Latino*. Montevideo, Uruguay, 1994. Disponível em: http://letras-uruguay.espaciolatino.com/muniz_lucio/saul_ibargoyen.htm. Acesso em 12 dez. 2016.

MUÑOZ, MIGUEL ÁNGEL, “No debo pensar por mis personajes”, In: *El Financiero*, México, 14 de septiembre de 2000. Disponível em <http://palabravirtual.com/ibargoyen/index.php?ir=critica13.php&idp=1013>. Acesso: 20 nov. 2016.

NOGAREDA, Eduardo & POSE, Marina. “Entrevista a Fabián Severo” (radiofônica). In: *Clásica 650 AM*. (El truco de la serpiente), 7 dic. 2015. Montevideo. Disponível em <http://www.radiouruguay.com.uy/innovaportal/v/79669/28/mecweb/fabian-severo-publico-viralata:-una-novela-fronteriza?3colid=14996>. Acesso em: 12 jan. 2017.

OLIVEIRA, G. M. *Relatório da IV Reunião Bilateral do PEIBF*. Buenos Aires: IPOL, 2006.

_____. *Relatório da III Reunião Bilateral do PEIBF*. Buenos Aires: IPOL, 2006.

OLIVERA, Davi Galeano. Soberanía cultural, identidad y lengua guaraní. In: IX Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2016, UNILA/UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nE_wD2ht0Dk. Acesso em 14 jan. 2018.

OLSSON, Fredrik. *Me voy pal Norte: La configuración del sujeto migrante indocumentado en ocho novelas hispanoamericanas actuales (1992-2009)*. Espanha: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Havana: ed. Ciencias Sociales, 1991.

PERLONGHER, Néstor. *Papeles Insumisos*. Edición de Adrián Cangi y Reynaldo Jiménez. Prólogo de Adrián Cangi. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2004.

PINTOS, Anibal Barrios. *Rivera: una historia diferente*. Tomo II. Montevideu: Ministerio de Educación y Cultura, 1990.

_____. Eliseo Salvador Porta (biografía). In: *Artigas - De los aborígenes al tiempo presente*. Tomo II. Montevideo; Ministerio de Educación y Cultura. 1989. Citado por José Salvador da Costa (compilador). Disponível em: <http://biografiaslca.blogspot.com.br/2011/08/eliseo-salvador-porta.html>. Acesso em 29 mai. 2016.

PIZARRO, Ana. *O sul e os trópicos*. Ensaios de cultura latino-americana. Niterói: EdUFF, 2006.

PLATERO, Soledad. Poemas en Portuñol. In: *Uy.press*. 10/06/2010. Disponível em: http://www.uypress.net/uc_9103_1.html. Acesso em: 12 dez. 2015.

PONTES, S & TAVARES, M. A Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA): um estudo da inclusão da diversidade epistemológica numa perspectiva não hegemônica. In: *Congreso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología, Innovación y Educación*. Buenos Aires, nov. 2014.

PORTO, Maria Bernadette; TORRES, Sonia. Literaturas migrantes. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org): *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: Ed.UFJF, Niterói: EDUFF, 2005.

PUCCI, Adriano Silva. *O estatuto da fronteira Brasil-Uruguai*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

QUIRING, Débora. Quien nace viralata nunca llega a pero de raza. In: *La Diaria*, de 13 de abril de 2016. Disponível em <http://ladiaria.com.uy/articulo/2016/4/quien-nace-viralata-nunca-llega-a-perro-de-raza/>. Acesso em 05 jun. 2016.

QUIRING, Débora & BOSCH, Mauricio. Gauchos da fronteira. In: *La diaria*. 18 jul. 2014. Disponível em: <https://ladiaria.com.uy/articulo/2014/7/gauchos-da-fronteira/>. Acesso em 02 nov. 2016.

RAMÍREZ, Axel. Educación y cultura chicana en Estados Unidos. In: *Reencuentro*. Ciudad de México, UNAN, 2003. Pp 7-22.

RANGEL, Carlos R. da R. A identidade regional fronteiriça nas poesias de Bisio e Simões. In: *MÉTIS: história e cultura*. Revista da Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/1124/766>. Acesso em 03 jan. 2015.

RECOBA, Diego. Segunda entrega de la serie de poesía uruguaya joven a cargo de Diego Recoba. In: *Eterna Cadencia Librería*. Disponível em: <http://eternacadencia.com.ar/blog/libreria/poesia/item/levemente-ondulado-ii.html>. Acesso em 02 abr. 2016.

RIUS, Marisa Belausteguigoitia. La frontera: una herida abierta que nos une. Un muro ancho que nos separa (Introducción). In: *Borderlands/ La frontera: la nueva mestiza*. 1ª edición en español. Trad. Norma Eliá Cantú. Programa Universitario de Estudios de Género: México, D.F, 2015.

RIVERA-SANCHÉZ, Liliana. Los trayectos internos y internacionales en la dinámica de formación de circuitos migratorios transnacionales. In: HERRERA & RAMÍREZ (Editores). *América Latina migrante: Estado, familia, identidades*. Quito, Ecuador: FLACSO Ecuador/ Ministerio de Cultura, 2008. p. 89 a 116

ROCCA, Pablo. El campo y la ciudad en la narrativa uruguaya (1920-1950). In: *Fragmentos*. N19, p. 07/28 Florianópolis/ jul - dez/ 2000. Disponível em: file:///D:/1.%20Doutorado/Narrativa%20uruguaya%20de%201920%20a%201950.pdf Acesso em 29 mai. 2016.

RONA, José Pedro. *El Dialecto "Fronterizo" del Norte del Uruguay*. Montevideo: Librería Adolfo Lunardi, 1965.

RONDÁN, Glenda. Sobre el ciclo Jodido Bushinshe. In: DA ROSA (Coord.) *Jodido Bushishe*, del hablar al ser (Proceso de postulación del Portuguol como Patrimonio Cultural Inmaterial). Montevideo: MEC/CENTROMECC, 2017.

SALGADO, Ana Claudia Peters. Medidas de bilingüidade: uma proposta. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras. PUC, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

SCHLEE, Aldyr García. O portuñol do coração de Fabián Severo (prefácio). In: SEVERO, Fabián. *Viento de nadie*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2013.

SEVERO, Fabián. *Noite nu Norte: Poemas en Portuguol*. 1ª Ed. Montevideo: Ediciones Del Rincón: 2010.

_____. *Noite nu Norte/ Noche en el norte: poesía de la frontera*. 2ª Ed. Montevideo: Rumbo Editorial, 2011. Versão bilíngüe: espanhol e portunhol.

_____. *Viento de nadie*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2013.

_____. *Viralata*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2015.

_____. Viralata un libro en portuñol dentro de la literatura uruguaya (entrevista radiofónica). In: *Radio Tamandaré*, 02 fev.2015. Disponível em <http://radiotabare.com.uy/2015/interior.php?noticias=18515>. Acesso em 15 mai. 2017.

_____. Leitura de poemas e declarações. In: *El Observador*, de 19 de setembro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rINk29JiAxE>. Acesso em: 12 dez. 2015.

_____. Portunholando. Discurso de Abertura do XVI Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol. São Carlos, 2015. In. Anais XVI Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol, São Carlos, 2017.

_____. Falar portunhol é tão natural quanto respirar (entrevista concedida a Yasmine Holanda Fiorini). In: *Diário Catarinense*, 13 out. 2016. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2016/10/falar-portunhol-e-tao-natural->

quanto-respirar-diz-poeta-uruguaio-fabian-severo-7772725.html. Acesso em: 18 dez. 2017.

SILVA, Elder. Quero ser daqui (resenha). Disponível em: <http://www.socioespectacular.com.uy/libros.htm>. Acesso em 12 dez. 2015.

SILVA & NUNES, Bruno Mendes da; Flaviana Gasparotti. *Fronteira e Interculturalidade: as contribuições do Programa Escolas Bilíngues de Fronteira (PEBF) para o ensino de Geografia*. Disponível em <<http://docplayer.com.br/19502195-Fronteira-e-interculturalidade-as-contribuicoes-do-programa-escolas-bilingues-de-fronteira-pebf-para-o-ensino-de-geografia.html>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

SIMÕES, O. M. *La sombra de los plátanos*. 2ª edição aumentada. Rivera: Carátula: Xilografía de Ñusta Simões, 1963.

_____. *Hojas Sueltas*. Rivera: Carátula, 1976. (Edição póstuma).

SOLTERO, José. De migrantes a inmigrantes en la zona metropolitana de Chicago y el anti-mexicanismo presente en Arizona. In: LECO at al (colaboradores). *Latin@/American images: transnational identities/ Imágenes latinas y latinoamericanas: identidades transnacionales*. Morelia, México: UNAM/UMSNH/IIIEE, 2014. Pp. 121 a 136.

SPECTOR-BITAN, Graciela. El exilio del lenguaje. Identidades e inmigración. In: VELÁZQUEZ, Teresa. *deSignis Fronteras*. 1ª Ed. Buenos Aires: La Crujía, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

STURZA, Eliana Rosa. *Línguas de fronteira e política de línguas: uma história das ideias linguísticas*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. UNICAMP, Campinas, SP, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000391067&fd=y>>. Acesso em: 28 dez. 2014.

_____. Espaço de Enunciação Fronteiriço e Processos Identitários. In: *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 83-96, set./dez. 2010.

TORANZA, Karina N. Enseñar portugués a hablantes fronterizos. In: Quinto foro de Lenguas ANEP. Montevideo: ANEP, 2013. Pp. 289- 296.

TORRES, Sonia. Desestabilizando o “discurso competente”: o discurso hegemônico e as culturas híbridas. In: *Gragoatá*, n. 1. Niterói: EDUFF, 1996. p. 179-190.

_____. *Nosotros in USA: literatura, etnografía e geografia de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

TRELLES, Paco. *Las sombras del Yagurón*: Relato de la vida, el amor y la amistad de un hombre de frontera. 1ª ed. Montevideo: Mastergraf, 2013.

TURNES, Antonio L. Eliseo Salvador Porta (1912-1972) – Recopilación y notas – 19 de agosto 2015. Disponível em <http://www.smu.org.uy/dpmc/hmed/historia/articulos/salvador-porta-1912-1972-.pdf>. Acesso em 04 jun. 2016.

VALENZUELA ARCE, José Manuel. *El color de las sombras: chicanos, identidad y racismo*. México: Plaza y Valdés S.A, 1998.

VELOSO, F. Raúl. A manera de prólogo. In: SIMÕES, O. M. *Hojas sueltas*. Rivera: Carátula, 1976. Pp. 5-7.

VILLANUEVA, Tito (compilador). *Chicanos: Antología histórica y literaria*. Fondo de Cultura Económica: México, 1980. Pp. 7 a 67.